UFMA em Imperatriz:
mais de quatro décadas de legado

VOLUME 2

Pesquisa, Extensão e Desenvolvimento Social



Organizadores

Lígia Regina Guimarães Clemente

Bruno Almeida dos Santos Barros

Leonardo Hunaldo dos Santos

1966 60 ANOS 2026 SEMPRE MAIS

EDUFMA

UFMA Universidade Federal do Maranhão SIBi SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

UFMA EM IMPERATRIZ:
MAIS DE QUATRO DÉCADAS DE LEGADO

Volume 2: Pesquisa, Extensão e Desenvolvimento Social

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Reitor Prof.Dr. Fernando Carvalho Silva
Vice-Reitor Prof. Dr. Leonardo Silva Soares

SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

Diretor Prof. Dr. César Augusto Castro

EDITORA DA UFMA

Coordenadora Irenilma Cadête Lima
Conselho Editorial
Profa. Dra. Andréa Katiane Ferreira Costa
Profa. Dra. Débora Batista Pinheiro Sousa
Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa
Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva
Profa. Dra Jussara Danielle Martins Aires
Profa. Dra. Karina Almeida de Sousa
Prof. Dr. Luís Henrique Serra
Prof. Dr. Luiz Eduardo Neves dos Santos
Profa. Dra. Luma Castro de Souza
Prof. Dr. Márcio José Celeri
Profa. Dra. Maria Áurea Lira Feitosa
Profa. Dra. Raimunda Ramos Marinho
Profa. Dra Rosângela Fernandes Lucena Batista
Bibliotecária Márcia Cristina da Cruz Pereira

Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0).

Lígia Regina Guimarães Clemente
Bruno Almeida dos Santos Barros
Leonardo Hunaldo dos Santos
(Organizadores)

UFMA EM IMPERATRIZ:
MAIS DE QUATRO DÉCADAS DE LEGADO

Volume 2: Pesquisa, Extensão e Desenvolvimento Social

São Luís

EDUFMA

2026

© EDUFMA, 2026.

Projeto Gráfico, diagramação e capa	Rubem Rodrigues Silva Junior
Revisão	Bruno Almeida dos Santos Barros
	Lígia Regina Guimarães Clemente
Imagem	Acervo da Universidade

UFMA em Imperatriz [recurso eletrônico]: mais de quatro décadas de legado: volume 2, pesquisa, extensão e desenvolvimento social / organização, Lígia Regina Guimarães Clemente, Bruno Almeida dos Santos Barros, Leonardo Hunaldo dos Santos. – São Luís: EDUFMA, 2026.

189 p. : il.

ISBN: 978-65-5363-620-0

1. Universidade Federal do Maranhão – História. 2. Universidade e sociedade. 3. Pesquisa – Maranhão. 4. Extensão universitária. 5. Desenvolvimento social. I. Clemente, Lígia Regina Guimarães. II. Barros, Bruno Almeida dos Santos. III. Santos, Leonardo Hunaldo dos. IV. Título.

CDD 378.81
CDU 378.4(812.1)

Ficha catalográfica elaborada pela Diretoria Integrada de Bibliotecas – DIB/UFMA
Bibliotecária: Alesandra Saraiva de Sousa – CRB 13/505

CRIADO NO BRASIL [2026]

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

| EDUFMA | EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
Av. dos Portugueses, 1966 | Vila Bacanga CEP: 65080-805
| São Luís | MA | Brasil
Telefone: (98) 3272-8157
www.edufma.ufma.br | edufma@ufma.br

COMISSÃO CIENTÍFICA

Alexandra Martins dos Santos Soares
Cláuberson Correa Carvalho
Diana Rocha da Silva
James Maxwell Fernandes Araujo
Maria Áurea Lira Feitosa
Sirlene Mota Pinheiro da Silva

NOTA DA COMISSÃO ORGANIZADORA DAS COMEMORAÇÕES DOS 60 ANOS DA BIBLIOTECA CENTRAL

Desde a fundação, em 1966, a Universidade Federal do Maranhão se sustenta no saber produzido e acumulado ao longo dos anos, fruto do trabalho de inúmeras pessoas que por seus corredores passaram e legaram sua vida. O correr do tempo, naturalmente, faz-nos olvidar a maioria dos nomes de modo que os livros se convertem, muitas das vezes, no único registro material entre nós, seja por terem a autoria da obra ou por terem deixado marcas de suas impressões em rabiscos e notas à margem nos livros da biblioteca.

Os livros, assim, são testemunhas da trajetória da Universidade e da sociedade maranhense. Marcam em suas páginas, sejam elas físicas ou digitais, o processo de desenvolvimento humano no âmbito dos aspectos científicos e sociais. Guardam a memória da construção da ciência no que se refere aos desafios, às inovações e contradições.

Haja vista isso, celebramos esse conjunto de publicações organizado pela Editora da Universidade Federal do Maranhão no contexto da efeméride dos 60 anos da UFMA e da Biblioteca Central, companheira inseparável na missão de formar pessoas alicerçadas no tripé do ensino, da pesquisa e extensão.

Os livros, como bem nos recorda o admirável poeta Mário Quintana, não possuem o poder de mudar o mundo, mas, sim, as pessoas que os leem. Que os leitores dessa coleção, portanto, ao mirar a memória e a produção científica, técnica, artística, cultural e educacional registradas nessas páginas, possam ser tocados pela leitura a fim de se tornar agentes das mudanças que necessitamos. Boa leitura!

Comissão Organizadora dos 60 anos da Biblioteca Central da Universidade Federal do Maranhão

DEDICATÓRIA

À memória daqueles que vieram antes e deixaram suas marcas nesta Universidade.

Aos que, no presente, continuam a construí-la, dia após dia.

E aos que virão, para que encontrem, no legado que recebem, inspiração para continuar a construir a obra que nunca se conclui.

AGRADECIMENTOS

Uma obra como esta não se faz a muitas mãos apenas no sentido figurado. Ela nasce do encontro de pessoas, histórias, saberes, experiências e diferentes formas de viver e construir a Universidade.

Agradecemos, em primeiro lugar, à Comissão Organizadora, pelo cuidado em cada etapa e pelo compromisso com a preservação e a valorização da memória institucional da UFMA em Imperatriz.

Aos autores e autoras, nosso agradecimento pela generosidade em compartilhar pesquisas, experiências, reflexões, memórias e conhecimentos que ampliam e enriquecem este registro.

Aos entrevistados e entrevistadas, agradecemos pela confiança e pela disponibilidade em compartilhar suas lembranças, histórias e vivências. Suas vozes dão vida a uma memória que não se encontra apenas nos documentos, mas também nas experiências de quem fez e faz a Universidade.

Estendemos nosso agradecimento a todos que fazem parte da UFMA - docentes, técnicos-administrativos, estudantes, gestores, egressos, colaboradores e tantos outros que, em diferentes tempos e lugares, contribuíram para construir a trajetória desta instituição.

A cada pessoa que ensinou, pesquisou, estudou, trabalhou, participou, sonhou, enfrentou desafios e ajudou a transformar a Universidade, deixamos nosso reconhecimento.

Este livro é, também, parte desse legado. Um registro construído no presente, a partir das marcas deixadas por tantas pessoas, para que outras possam conhecer o caminho percorrido e continuar a construir os caminhos que ainda virão.

A todos e todas que fazem parte dessa história, o nosso muito obrigado.

Comissão Organizadora

Lígia Regina Guimarães Clemente
Bruno Almeida dos Santos Barros
Leonardo Hunaldo dos Santos

“A Universidade é a casa onde se acolhe toda a nossa sede de saber e toda a nossa sede de melhorar.”

(Anísio Teixeira)

SUMÁRIO

Prefácio *13*

SEÇÃO I - CONSOLIDAÇÃO DA PESQUISA E DA PÓS-GRADUAÇÃO

1. Uma história de ciência, persistência e transformação: memórias da criação do PPGCM *19*

2. A construção de uma agenda sociológica amazônica a partir de Imperatriz: trajetória e contribuições do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFMA *25*

3. O fortalecimento da pós-graduação em Comunicação no contexto da Amazônia Legal: relato de experiência do PPGCOM/UFMA – Câmpus Imperatriz *38*

4. O mestrado profissional em educação na UFMA de Imperatriz: percurso histórico, contribuições e desafios enfrentados *46*

5. Memória institucional e produção do conhecimento: contribuições da primeira turma do mestrado em Educação da UFMA Imperatriz *53*

6. Os egressos da primeira turma do mestrado em educação da UFMA Imperatriz: impactos e legado após cinco anos *67*

7. Tecendo memórias e construindo ciência: a trajetória do programa de pós-graduação em saúde e tecnologia da UFMA *80*

8. Da persistência à consolidação: a implantação do polo RENASF da UFMA em Imperatriz e o fortalecimento da Pós-Graduação no Sul do Maranhão *88*

9. LAFIT e a consolidação da pesquisa clínica no Centro de Ciências de Imperatriz: relato de experiência sobre formação científica e produção do conhecimento em saúde *93*

10. História e memória da biblioteca da UFMA Câmpus Imperatriz CCIM *101*

11. Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências de Imperatriz/UFMA: trajetória de criação e fortalecimento institucional *108*

SEÇÃO II - UFMA E A SOCIEDADE: EXPERIÊNCIAS EXITOSAS NA HISTÓRIA DO CCIM

12. Conectando trajetórias, dialogando saberes: o impacto formativo e social do PET Conexões de Saberes na UFMA em Imperatriz *117*

13. Jornal Arrocha: um legado da UFMA para a memória, a extensão e a formação em Jornalismo em Imperatriz *125*

14. Relato de experiências no ensino da Psicologia: das transformações de si aos processos de internacionalização *134*

15. Brinquedoteca no CCIM: um espaço de formação de leitores *142*

16. Imperasus: entre a Universidade e a comunidade, a construção de um legado de extensão no curso de Enfermagem da UFMA Imperatriz.....***146***

17. Pelo interior, pela memória: relato de experiência sobre a produção de um livro-reportagem comemorativo aos 40 anos da UFMA em imperatriz.....***153***

SEÇÃO III - DEPOIMENTOS, VÍNCULOS E MEMÓRIA

18. Um resgate histórico do pioneiro da UFMA Imperatriz: José Rodrigues Lima ***160***

19. Da memória à história, um resgate sempre atual… ***162***

20. Reminiscências de uma egressa do Centro de Ciências de Imperatriz.....***167***

21. Minha história com a UFMA: Memórias que permanecem ***172***

22. Entre malotes e processos digitais: memórias de uma administradora da UFMA em Imperatriz.....***177***

23. Comunicação e Memória: o desafio de celebrar o passado ***181***

Posfácio.....***186***

PREFÁCIO

Há momentos em que a vida nos convida a parar. Parar para olhar o caminho percorrido, reconhecer aqueles que caminharam conosco e compreender quanto de nós mesmos existe na Universidade Federal do Maranhão que ajudamos a construir. Este livro é, certamente, um desses momentos. Ao ler cada um dos capítulos eu me emocionei várias vezes ao perceber que, sonhos, muitas vezes individuais, tornam o coletivo muito mais promissor.

Celebrar os 46 anos do Centro de Ciências de Imperatriz e os 60 anos da Universidade Federal do Maranhão é muito mais do que marcar duas datas no calendário. É celebrar uma história construída ao longo de gerações, feita de sonhos que se transformaram em projetos, de desafios enfrentados com persistência e de conquistas que hoje integram a memória de uma universidade profundamente vinculada ao seu território.

Para mim, essa celebração tem um significado ainda mais especial. Ao longo da minha trajetória na UFMA, aprendi que uma universidade não se constrói apenas com estruturas, documentos, cursos ou indicadores. Sua verdadeira dimensão está nas pessoas que lhe dão vida, que se doam diariamente para que a UFMA seja grande e nos legados que permanecem quando cada geração segue seu próprio caminho. Olhar para os 46 anos do Centro de Ciências de Imperatriz é reencontrar essa história e lembrar daqueles que chegaram quando havia muito por construir e acreditaram que era possível fazer ciência, formar profissionais e produzir conhecimento no interior do Maranhão. É reconhecer professores, técnicos, discentes, docentes, pesquisadores, gestores e tantos colaboradores que, cada um a seu modo, ajudaram a transformar uma presença institucional em um espaço de formação e produção científica com identidade própria.

Os capítulos desta obra revelam essa construção em suas muitas faces. A trajetória dos programas de pós-graduação em Ciência dos Materiais, Sociologia, Comunicação, Educação, Saúde e Tecnologia e Saúde da Família mostra o amadurecimento de uma universidade que passou a produzir conhecimento a partir das questões e singularidades de seu próprio território. As histórias de criação, enfrentamento de desafios, consolidação e abertura de novos caminhos nos inspiram e emocionam.

Neste percurso, a interiorização da UFMA ganha um significado que ultrapassa a expansão física da universidade. Interiorizar significou democratizar oportunidades, formar pesquisadores, criar redes e permitir que questões do Maranhão e da Amazônia sejam também questões da ciência produzida em Imperatriz. Conhecer a história do CCIM é afirmar que Imperatriz não é apenas lugar onde o conhecimento chega, mas também onde o conhecimento nasce. Essa perspectiva se torna particularmente evidente nas experiências compartilhadas no livro que revelam a construção de uma capacidade científica de laboratórios, que exige tempo, compromisso e trabalho coletivo. São conquistas que talvez pareçam naturais para quem chega hoje, mas que carregam o esforço daqueles que precisaram abrir os primeiros caminhos, batalhar por financiamentos, construir propostas, gerenciar projetos e consolidar, ano a ano, a

respeitabilidade científica de seus grupos de pesquisa.

Também por isso é tão significativo encontrar nesta obra as memórias da primeira turma do Mestrado em Educação e o percurso de seus egressos pois uma turma não termina com a entrega dos diplomas. Ela continua nas escolas, nas instituições, nas pesquisas, nas práticas profissionais e nas vidas que seus integrantes ajudam a transformar. O legado da UFMA está, muitas vezes, justamente naquilo que acontece depois que seus estudantes deixam seus corredores.

E há outros caminhos pelos quais a presença forte das pessoas que fazem a UFMA se manifestam. O PET Conexões de Saberes, o Jornal Arrocha, a Brinquedoteca do CCIm, o Comitê de Ética em Pesquisa e as experiências no ensino da Psicologia mostram uma universidade que se relaciona com a sociedade para além da sala de aula. Uma universidade que forma, pesquisa, comunica, acolhe e compartilha. As experiências são diferentes, mas unidas por um mesmo princípio de que o conhecimento ganha sentido quando encontra a vida.

Talvez seja essa a razão pela qual a memória ocupe um lugar tão importante neste livro. A memória não é apenas olhar para trás, mas é reconhecer as raízes que sustentam o presente e compreender que nenhuma conquista surgiu pronta. Cada programa criado, cada pesquisa realizada, cada estudante formado e cada projeto desenvolvido foi, um dia, apenas uma possibilidade, apenas um sonho. Registrar essas trajetórias é também prestar homenagem a quem tornou essas possibilidades realidade. Alguns estão presentes nas páginas desta obra. Outros aparecem nas lembranças daqueles que conviveram com eles. Há ainda os que já partiram, mas continuam inscritos na UFMA que ajudaram a construir. E assim, a memória vai vencendo o tempo e trazendo nos ensinando a construir o futuro.

O capítulo “Minha história com a UFMA: Memórias que permanecem” traduz, de maneira particularmente sensível, essa dimensão. A história as UFMA é o conjunto de das histórias daqueles que passaram por ela. Cada trajetória pessoal acrescenta uma perspectiva à memória coletiva e nos lembra que a UFMA pode ocupar um lugar profundo na vida de alguém. Talvez por isso, ao revisitar essa caminhada, eu pense menos nos marcos cronológicos e mais nos encontros. Nos discentes que chegaram cheios de expectativas; nos docentes que descobriram, junto com eles, novas perguntas; nos pesquisadores que enfrentaram as limitações próprias de quem constrói algo em um espaço ainda em consolidação; nos servidores que fizeram o cotidiano acontecer; nos colaboradores que tornaram nossos dias mais fáceis; nas amizades e parcerias que nasceram do trabalho e foram expandidos para as famílias, e nos sonhos que ganharam forma dentro da UFMA.

Ao celebrarmos 46 anos do CCIM e 60 anos da UFMA não estamos apenas olhando para o que foi realizado. Estamos recebendo um legado. Cabe às novas gerações preservar o que foi construído, questionar o que precisa ser transformado e abrir os caminhos que ainda não existem. A história não se encerra quando é registrada, ela se torna ponto de partida para aquilo que virá. É por isso que este livro não deve ser lido como um ponto final, ele é uma pausa para lembrar, agradecer e reconhecer.

E assim, continuamos formando, pesquisando, aproximando a UFMA da sociedade, acreditando que a educação pública é capaz de mudar destinos e que a ciência pode transformar territórios e lutando para que o que vivemos nestes anos de existência do CCIM se perpetuem e alcancem cada vez mais pessoas.

Espero que estas páginas sejam, para quem as lê, um lugar de reencontro. Que aqueles que participaram dessa trajetória possam reconhecer nelas parte de suas próprias histórias. Que os discentes de hoje percebam que caminham sobre caminhos abertos por muitas mãos. E que aqueles que ainda chegarão encontrem aqui não apenas um registro do passado, mas inspiração para construir o futuro.

E que venham muito mais anos para o CCIM, cada vez mais forte e capaz de mudar muitas vidas.

Flávia Raquel Fernandes do Nascimento
Pró-reitora da Agência de Inovação, Empreendedorismo, Pesquisa, Pós-Graduação e Internacionalização (AGEUFMA) da UFMA

APRESENTAÇÃO

Se o primeiro volume desta obra nos convida a percorrer os caminhos de implantação, interiorização e consolidação da Universidade Federal do Maranhão em Imperatriz, este segundo volume nos convida a olhar para aquilo que floresceu e se fortaleceu a partir dessa trajetória: a pesquisa, a pós-graduação, a extensão e as múltiplas formas pelas quais a Universidade passou a produzir conhecimento, transformar realidades e construir vínculos com a sociedade.

"UFMA em Imperatriz: mais de quatro décadas de legado – Volume 2: Pesquisa, Extensão e Desenvolvimento Social" é, assim, uma obra complementar ao primeiro volume, **Volume I: Memória Instituciuonal e Formação Acadêmica**. Prefaciado pela Pró-Reitora da Agência de Inovação, Empreendedorismo, Pesquisa, Pós-Graduação e Internacionalização da UFMA, Ana Flávia Nascimento, este volume contempla uma Universidade que, ao longo de sua história, ampliou seus espaços de produção científica, qualificou sua pós-graduação, fortaleceu sua atuação extensionista e consolidou sua presença social em Imperatriz e na região.

Assim como no primeiro volume, os trabalhos que integram esta publicação resultam de um processo de seleção e avaliação acadêmica. As propostas e os textos submetidos foram apreciados por uma Comissão Científica própria da publicação, instituída por meio de portaria, mediante avaliação por pares em sistema às cegas. Esse processo buscou assegurar critérios acadêmicos e editoriais na seleção dos trabalhos, preservando, ao mesmo tempo, a diversidade de abordagens, experiências e perspectivas que caracterizam a produção da Universidade em Imperatriz. O resultado é uma reunião de pesquisas, relatos, reflexões, experiências e memórias que revelam diferentes dimensões da atuação da UFMA e de sua relação com a sociedade. Este volume evidencia processos: a construção do conhecimento, a formação de pesquisadores, a circulação de saberes, o diálogo com diferentes setores sociais e as contribuições da Universidade para o desenvolvimento social da região.

A primeira seção, "**Consolidação da Pesquisa e da Pós-Graduação"**, percorre diferentes experiências de construção da ciência e da formação de pesquisadores no Câmpus de Imperatriz. Os textos recuperam memórias da criação e consolidação dos seis programas de pós-graduação, discutem suas trajetórias e contribuições e apresentam experiências relacionadas à produção do conhecimento, evidenciando também o desenvolvimento de uma agenda de pesquisa comprometida com as questões e os desafios da Amazônia Legal". Integram ainda essa seção relatos sobre a implantação de iniciativas e dispositivos que fortaleceram a pesquisa e a pós-graduação, como registros sobre a biblioteca e o Comitê de Ética em Pesquisa.

Na segunda seção, **"Experiências exitosas na história do CCIM"**, o olhar se volta para iniciativas que traduzem, de diferentes maneiras, o compromisso da Universidade com a formação e com a sociedade. São experiências vinculadas ao ensino, à extensão, à comunicação, à formação de leitores, à saúde, à internacionalização e à produção de conhecimentos e práticas que ultrapassam os limites físicos do Câmpus. São histórias de projetos e ações que mostram como a Universidade se faz também no encontro com seus públicos, nas parcerias construídas,

nos espaços de formação e nas transformações produzidas no cotidiano.

A terceira seção, **"Depoimentos, vínculos e memória"**, retoma a dimensão humana dessa trajetória. São vozes que lembram, interpretam e ressignificam experiências vividas na Universidade. Memórias de egressos, docentes, técnicos-administrativos e integrantes da comunidade acadêmica revelam afetos, desafios, aprendizagens e marcas deixadas pela UFMA em diferentes gerações. Nessa seção, a memória aparece não apenas como registro do que passou, mas como uma forma de compreender o presente e reconhecer os sujeitos que ajudaram a construir a instituição.

Ao reunir esses diferentes olhares, este volume reafirma que a história de uma universidade não se constrói apenas por seus edifícios, cursos, programas ou estruturas administrativas. Ela se constrói também pelas perguntas que seus pesquisadores formulam, pelos conhecimentos que produz, pelos projetos que desenvolve, pelas pessoas que forma e pelos vínculos que estabelece com a sociedade.

É essa Universidade viva, plural e em permanente construção que convidamos o leitor a conhecer nas páginas que seguem. Mais do que revisitar o passado, os textos aqui reunidos permitem perceber como as escolhas, iniciativas, pesquisas, projetos e experiências de diferentes gerações ajudaram a constituir o presente da UFMA em Imperatriz e lançaram caminhos para o futuro.

Boa leitura.

Comissão Organizadora

Lígia Regina Guimarães Clemente
Bruno Almeida dos Santos Barros
Leonardo Hunaldo dos Santos

SEÇÃO I



Imagem aérea da UFMA Unidade Bom Jesus. Fonte: acervo da Universidade (2023).

CONSOLIDAÇÃO DA PESQUISA E DA PÓS-GRADUAÇÃO

UMA HISTÓRIA DE CIÊNCIA, PERSISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO: MEMÓRIAS DA CRIAÇÃO DO PPGCM

Adenilson Oliveira dos Santos[1]

QUANDO UMA MALA CARREGAVA UM SONHO

Cheguei a Imperatriz em setembro de 2008, vindo de Campinas, com uma mala cheia de rotinas de simulação, técnicas de difração de raios X e a sensação de carregar um conhecimento que, ali, ainda não tinha onde pousar. Em Campinas, eu vinha de um ambiente científico consolidado; aqui, não havia laboratórios de pesquisa, difratômetro ou estrutura capaz de sustentar nossas atividades. Era um câmpus que ainda estava aprendendo a existir.

Eu e minha esposa, Lu, ingressamos na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) como doutores em Física e pesquisadores em Física Experimental. Diante da ausência de infraestrutura em Imperatriz, percebemos que precisaríamos construir praticamente do zero o ambiente científico que desejávamos. Naqueles primeiros meses, muitos questionavam nossa escolha de permanecer em um câmpus recém-criado, sem infraestrutura ou tradição em pesquisa, e até surgiram propostas de transferência para as capitais. Ainda assim, escolhemos permanecer e enfrentar o desafio, acreditando ser possível construir aqui um ambiente de pesquisa de excelência.

Enquanto viajávamos para Campinas e para o Laboratório Nacional de Luz Síncrotron(LNLS) para realizar nossos experimentos, buscávamos recursos para construir nossa própria infraestrutura. Em 2009, conseguimos aprovar projetos na Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP Novos Campi) e no Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (PRONEX/FAPEMA-CNPq). Lembro-me de quando o então diretor do câmpus, prof. Jefferson, perguntou se realmente acreditávamos que nosso grupo poderia competir em um edital daquela dimensão. Respondi que, se queríamos construir um ambiente de pesquisa de excelência, precisávamos agir como um grupo de excelência desde o primeiro dia. A proposta foi aprovada e possibilitou a aquisição do primeiro difratômetro de raios X, um marco na autonomia científica do câmpus.

Paralelamente, participamos intensamente do planejamento da infraestrutura financiada pela FINEP, desde a definição dos espaços até o projeto arquitetônico e a distribuição dos laboratórios do prédio que, anos depois, se tornaria a Unidade de Preparação e Caracterização de Materiais (UPCM). Naquele momento, havia apenas plantas, reuniões e expectativas. Hoje, reconheço que aqueles primeiros passos lançaram os alicerces físicos e científicos para tudo o que viria depois.

[1] Prof. Dr. da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Imperatriz (UFMA/CCIM). e-mail: adenilson.santos@ufma.br

O PRÉDIO QUE DEMOROU A EXISTIR

Lembro da poeira e de tudo o que veio antes dos equipamentos: projetos, editais, planilhas, pareceres e muitas reformulações. A aprovação do primeiro grande financiamento, pela Rede de Biocombustíveis, trouxe uma alegria imensa. Pouco depois, acompanhar a construção do prédio de laboratórios, tijolo por tijolo, transformou em realidade aquilo que até então existia apenas como promessa.

A conclusão do prédio não significava que ele estivesse preparado para receber equipamentos científicos de grande porte. O projeto original previa laboratórios para equipamentos de pequeno porte e não contemplava as exigências elétricas, de climatização, aterramento e segurança necessárias aos instrumentos mais sofisticados. Com a experiência adquirida na Universidade de Campinas (UNICAMP), minha esposa e eu realizamos os estudos e planejamos as adaptações necessárias. Ao longo dos anos, recursos de projetos permitiram adequar gradualmente a infraestrutura para receber o difratômetro de raios X e outros equipamentos. Foi um trabalho silencioso, mas essencial para transformar o prédio em uma estrutura capaz de sustentar pesquisa de excelência. Anos mais tarde, aquele espaço se transformaria na Unidade de Preparação e Caracterização de Materiais (UPCM), com cerca de 600 m² e nove laboratórios. Os equipamentos chegaram gradualmente, e cada nova aquisição representava uma conquista e a possibilidade de realizar nossas pesquisas em Imperatriz, sem a necessidade de transportar amostras para outros centros.

O difratômetro Empyrean, instalado em 2012, ocupa um lugar especial nessa memória. Lembro-me de vê-lo funcionar pela primeira vez no Laboratório de Difração de Raios X. Foi uma mistura de alívio, orgulho e, sobretudo, de autonomia. Depois de anos viajando para realizar medidas, finalmente podíamos fazer ciência em Imperatriz. Vieram outros equipamentos, como o Physical Property Measurement System (PPMS), espectrômetro Raman e Espectroscopia de Infravermelho por Transformada de Fourier (FTIR), mas o primeiro difratômetro permanece especial: funcionando em uma sala ainda com cheiro de tinta fresca, simbolizava, para mim, o momento em que a ciência começou a criar raízes em Imperatriz.

2013: QUANDO A REGIÃO TOCANTINA CONQUISTOU SEU PRIMEIRO MESTRADO

Antes mesmo de escrever a proposta do programa, passei alguns dias mergulhado nos documentos e nas informações disponíveis na Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES). Queria entender qual programa de pós-graduação faria mais sentido para uma região como a nossa. Não havia nenhuma experiência semelhante na Região Tocantina que pudesse servir de referência. Precisávamos começar praticamente do zero. Não bastava reproduzir um programa consolidado dos grandes centros; era necessário construir uma proposta que dialogasse com as competências já existentes na UFMA e, ao mesmo tempo, contribuísse

para o desenvolvimento científico e tecnológico do sul do Maranhão.

Depois de dias de leitura, análise e muitas conversas com colegas, ficou claro para mim que a Ciência dos Materiais reunia exatamente essas características. Sua natureza interdisciplinar permitia integrar pesquisadores de diferentes áreas e criar um ambiente de pesquisa capaz de crescer de forma consistente, em sintonia com as demandas e potencialidades da região. A ideia do programa começou a ganhar forma muito antes de ser colocada no papel: nasceu das leituras, das discussões e, sobretudo, da convicção de que era possível fazer ciência de excelência também no interior do Maranhão.

A visita da comissão de avaliação da CAPES, em 2013, ainda me desperta um misto de nervosismo e ternura. Foram dias de intenso trabalho, organizando documentos, preparando laboratórios e concluindo os últimos ajustes da Coordenação. Por trás de tudo isso, houve muita luta para conquistar o apoio necessário e garantir que os espaços destinados ao programa funcionassem adequadamente para a visita. O processo exigiu diálogo, persistência e trouxe algum desgaste à equipe, mas o compromisso com o projeto falou mais alto. Era como arrumar a casa para receber uma visita muito especial e, de certa forma, era exatamente isso: estávamos preparando o início de um projeto no qual acreditávamos profundamente.

Quando recebemos a notícia da aprovação do Programa de Pós-Graduação em Ciência dos Materiais (PPGCM), com nota 3, a nota inicial atribuída aos novos programas, a sensação foi indescritível. Naquele momento, porém, lembro-me de sair da sala sem saber com quem comemorar primeiro: com os colegas que haviam ajudado a construir aquele projeto desde os seus alicerces ou com os alunos que, sem saber, estavam prestes a se tornar os primeiros mestres formados ali. Naquele instante nascia o primeiro programa de pós-graduação stricto sensu da Região Tocantina, um marco que mudaria definitivamente o cenário da formação científica no sul do Maranhão e nas regiões vizinhas.

Com a aprovação veio um novo desafio: fazer o programa chegar às pessoas. Quando lançamos o primeiro edital de seleção, eu e alguns colegas percorremos a região no carro da própria universidade, visitando a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) e a Universidade Federal do Tocantins (UFT). Íamos apresentar o recém-criado programa, divulgar o processo seletivo, conversar com professores e buscar parcerias que fortalecessem aquela iniciativa. Eram viagens simples, feitas com poucos recursos, mas carregadas de entusiasmo.

Havia também uma preocupação silenciosa: será que conseguiríamos atrair candidatos? A resposta veio antes mesmo do início das aulas. No primeiro processo seletivo apareceram candidatos de Araguaína, de Marabá e, para nossa surpresa, quatro estudantes vindos de Quixadá, no interior do Ceará. Ainda hoje me lembro da impressão que aquilo causou. Um programa sem tradição, recém-aprovado, já era capaz de mobilizar pessoas dispostas a percorrer centenas de quilômetros em busca de uma oportunidade. Naquele momento percebi que não estávamos construindo apenas um curso para a UFMA ou para Imperatriz. Estávamos ajudando a criar um polo regional de formação científica, capaz de atender estudantes que, até então, precisavam

deixar suas cidades para buscar uma pós-graduação de qualidade.

Guardo também com carinho a memória da primeira defesa de dissertação, realizada em 2015. Foi a defesa do Geanso, dedicada ao estudo dos sais de L-histidina. Sentado naquela banca, percebi que não estava apenas avaliando um trabalho acadêmico; estava testemunhando a concretização de algo que, poucos anos antes, parecia distante demais para se tornar realidade. Ali era um estudante formado integralmente no interior do Maranhão, discutindo cristalografia com a mesma segurança e naturalidade de quem sempre teve acesso aos grandes centros de pesquisa do país. Naquele instante percebi que o objetivo nunca havia sido apenas construir laboratórios; era formar pessoas capazes de produzir ciência de excelência em qualquer lugar.

Aquela primeira turma já antecipava o que o programa se tornaria. Nos anos seguintes, estudantes de diferentes municípios do Maranhão e de estados vizinhos passaram a integrar o PPGCM, consolidando sua vocação como centro regional de formação em Ciência dos Materiais. Naquele dia, ninguém imaginava que aquela seria apenas a primeira de uma longa trajetória. Vieram outras defesas, depois dezenas e, hoje, centenas de dissertações e teses. Cada uma delas representa um pouco da ousadia coletiva, do esforço compartilhado e da convicção de que a ciência de excelência também pode florescer longe dos grandes centros, transformando vidas e criando novas oportunidades para toda uma região.

O DOUTORADO E UM ALUNO QUE ENTROU PARA A HISTÓRIA

A caminhada até o doutorado foi mais longa e exigiu ainda mais determinação. Ao reassumir a coordenação do programa, em 2017, tínhamos esse objetivo claro. A obtenção da nota 4 na avaliação da CAPES foi um reconhecimento importante e abriu caminho para o projeto de doutorado.

Naquela época, não eram poucos os que viam esse projeto com ceticismo. A ideia de implantar um doutorado em Ciência dos Materiais no interior do Maranhão parecia ousada demais para muitos. Havia quem considerasse difícil, fora dos grandes centros, reunir a infraestrutura experimental, a produção científica e o corpo docente exigidos pela CAPES para um programa dessa natureza. Ao longo daqueles anos ouvi esse tipo de ponderação mais de uma vez. Em vez de nos desanimar, esses questionamentos reforçaram nossa determinação. Cada laboratório, equipamento, publicação e pesquisador formado representava mais um passo para demonstrar que era possível construir excelência acadêmica também no interior.

Criar um doutorado em Ciência dos Materiais no interior do país exigia muito mais do que bons alunos e vontade de crescer. Era necessário reunir infraestrutura sofisticada, equipamentos de alto custo, laboratórios consolidados e um corpo docente com produção científica e reconhecimento nacional. Ao longo dos anos, construímos coletivamente essas condições. O maior desafio foi demonstrar que era possível estabelecer, no interior do Maranhão, um ambiente científico capaz de competir, em condições de igualdade, com programas consolidados dos grandes centros.

Após a obtenção da nota 4, iniciamos a elaboração da proposta de doutorado, que envolveu meses de planejamento, reuniões e a organização da documentação exigida pela CAPES. Em 2018, recebemos a aprovação e, em 2019, a primeira turma ingressou. Naquele momento, tive a sensação de que se fechava um ciclo iniciado silenciosamente em 2008, quando cheguei a Imperatriz e ainda precisava viajar para realizar experimentos, pois sequer havia um laboratório onde desenvolvê-los.

Talvez a lembrança mais marcante dessa trajetória seja a de 2022, quando João defendeu a primeira tese de doutorado do PPGCM. A banca, com a participação do professor Fernando, de Portugal, simbolizava a inserção internacional que o programa havia alcançado. Mais do que o fato de João estar entre os doutores mais jovens do Brasil, aquela conquista demonstrava que um estudante formado integralmente no interior do Maranhão podia produzir ciência de excelência e dialogar, em igualdade de condições, com pesquisadores de diferentes países.

Desde então, dezenas de teses foram defendidas, acompanhadas por outros marcos importantes, como a chegada dos primeiros bolsistas de pós-doutorado, as primeiras patentes com participação de discentes e os estágios internacionais em Portugal, Canadá, França e Irlanda. Essas experiências mostraram que estudantes formados em Imperatriz podiam dialogar em igualdade com pesquisadores de diferentes partes do mundo. Em 2023, recebemos a visita do professor Stanislav, do Canadá, e, em 2024, celebramos os dez anos do PPGCM com um workshop internacional. Ao ver aquela sala repleta de pesquisadores de diferentes países, era impossível não lembrar o campus quase vazio de 2008 e perceber a dimensão do caminho percorrido.

Em 2025, chegou uma notícia que guardarei para sempre: o PPGCM alcançara a nota 5 na avaliação da CAPES, acompanhado dos elogios da comissão à qualidade do relatório e à trajetória de crescimento do programa. Mais do que uma nota, aquele resultado representava a confirmação de quase duas décadas de trabalho coletivo. Para quem viveu essa história desde o início, foi impossível não lembrar do campus sem laboratórios de 2008. Entre aquele começo e a nota 5 estavam anos de persistência, projetos, equipamentos, laboratórios e, sobretudo, pessoas que acreditaram. A conquista simbolizava a confirmação de uma convicção que nos acompanhou desde o início: é possível fazer ciência de excelência no interior do Maranhão quando existem pessoas dispostas a construí-la.

O QUE FICA

O PPGCM consolidou-se como referência em Ciência dos Materiais, alcançou a nota 5 da CAPES, estruturou uma infraestrutura científica que parecia inimaginável em 2008 e formou mestres e doutores que hoje atuam em diferentes instituições. Mas, para mim, essas conquistas ganham significado nas memórias que as construíram: as viagens para realizar experimentos, as reuniões, os projetos, a chegada dos primeiros equipamentos e, sobretudo, a emoção de acompanhar cada estudante em sua defesa.

Hoje, quando vejo estudantes discutindo resultados de pesquisa ou encontro ex-orientandos atuando como professores, pesquisadores e profissionais, percebo que aquilo que trouxe comigo de Campinas em 2008, conhecimentos, experiências e sonhos, encontrou em Imperatriz um lugar para se transformar. O que antes cabia em uma mala tornou-se laboratórios, pesquisadores, mestres, doutores, colaborações internacionais e uma comunidade científica que continuará a crescer.

Talvez essa seja a principal memória que levo de quase duas décadas em Imperatriz. Não a de ter criado um programa de pós-graduação, porque essa nunca foi a obra de uma única pessoa. Ela pertence aos colegas que compartilharam esse sonho, aos gestores que acreditaram no projeto e, principalmente, aos estudantes que deram sentido a tudo isso. O PPGCM nasceu do trabalho coletivo e da convicção de que era possível fazer ciência de excelência no interior do Maranhão.

Mais do que demonstrar que é possível fazer ciência de excelência no interior do Maranhão, essa trajetória mostra que a qualidade da ciência não é determinada pelo lugar onde ela é produzida, mas pela competência, persistência e compromisso de quem decide construí-la.

A CONSTRUÇÃO DE UMA AGENDA SOCIOLÓGICA AMAZÔNICA A PARTIR DE IMPERATRIZ: TRAJETÓRIA E CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA DA UFMA

Wellington da Silva Conceição[1]
Karina Almeida de Sousa[2]

RESUMO

O presente capítulo analisa a trajetória institucional do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (PPGS/UFMA), destacando suas contribuições para a formação de pesquisadores, a produção do conhecimento sociológico e o fortalecimento da pós-graduação no interior do Maranhão, a partir do Centro de Ciências de Imperatriz. Aprovado pela CAPES em 2018 e iniciado em 2019, o Programa surge em um contexto marcado pela concentração histórica da pós-graduação em Sociologia nas regiões Sul e Sudeste, assumindo o desafio de produzir conhecimento situado sobre as dinâmicas sociais da Amazônia Oriental e contribuir para a interiorização da ciência e da formação pós-graduada. Com base na análise documental de relatórios institucionais, dados da avaliação quadrienal da CAPES e indicadores de formação e produção acadêmica, o capítulo reconstrói a história do Programa e seus principais marcos de desenvolvimento. Os resultados evidenciam a consolidação de uma agenda de pesquisa voltada a questões estratégicas da Amazônia Oriental, como desigualdades sociais, dinâmicas urbanas e rurais, relações étnico-raciais, educação, territorialidades, conflitos, populações tradicionais e políticas públicas.O Programa também ampliou sua inserção regional, nacional e internacional por meio de cooperações científicas, intercâmbios, eventos, publicações e projetos interinstitucionais, formando mestres que passaram a atuar em instituições de ensino superior, educação básica, órgãos públicos e redes de pesquisa. A obtenção da nota 5 na Avaliação Quadrienal 2021-2024 da CAPES evidencia sua consolidação acadêmica e sua relevância para a descentralização da produção científica. Conclui-se que o PPGS/UFMA desempenha papel estratégico na construção de uma Sociologia produzida a partir da Amazônia Oriental e na compreensão de seus desafios sociais, políticos, culturais e territoriais.

Palavras-chave: Pós-graduação em Sociologia; Amazônia Oriental; Interiorização do Ensino Superior; UFMA.

1 INTRODUÇÃO

A criação e consolidação do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade

[1] Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS-UERJ). Professor Associado I da Universidade Federal do Maranhão. Docente permanente no Programa de Pós Graduação em Sociologia (PPGS-UFMA) e do curso de Licenciatura em Ciências Humanas-Sociologia do Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM-UFMA). E-mail: wellington.sc@ufma.br

[2] Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (PPGS-UFSCAR). Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão. Docente permanente no Programa de Pós Graduação em Sociologia (PPGS-UFMA) e do curso de Licenciatura em Ciências Humanas-Sociologia do Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM-UFMA). ka.sousa@ufma.br.

Federal do Maranhão (PPGS/UFMA), sediado no Centro de Ciências de Imperatriz, constitui um acontecimento institucional que ultrapassa a história interna de um curso. Ela expressa, de modo particular, um processo mais amplo de interiorização da pós-graduação brasileira, de ampliação das condições de produção científica em regiões historicamente sub-representadas e de construção de agendas sociológicas vinculadas às dinâmicas sociais da Amazônia Oriental. Ao longo de poucos anos, o PPGS passou de uma proposta formulada por docentes de um câmpus no sudoeste do Maranhão à condição de programa nota 5 na avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), tornando-se referência regional na formação de mestres em Sociologia.

A trajetória do PPGS/UFMA permite compreender como a interiorização da pós-graduação não se limita à ampliação quantitativa da oferta de cursos *stricto sensu.* Trata-se, antes, de um processo de redistribuição das condições de produção do conhecimento científico, no qual instituições localizadas fora dos grandes centros urbanos[3], passam a formular problemas, agendas e interpretações próprias sobre a sociedade brasileira. Nesse sentido, a experiência do PPGS evidencia que a consolidação de programas de pós-graduação no interior do país não representa apenas a expansão territorial do Sistema Nacional de Pós-Graduação, mas a possibilidade de deslocar os lugares autorizados de enunciação da Sociologia brasileira.

Este capítulo argumenta que a trajetória do PPGS/UFMA pode ser compreendida a partir de duas dimensões articuladas. A primeira é institucional: o Programa resulta do amadurecimento do Centro de Ciências de Imperatriz, da consolidação da Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, da articulação entre docentes de diferentes câmpus e instituições e da crescente capacidade da UFMA de sustentar formação *stricto sensu* no interior do Maranhão. A segunda é intelectual: o PPGS consolidou, desde suas primeiras turmas, uma agenda de pesquisa que toma a Amazônia Oriental não apenas como localização geográfica ou campo empírico, mas como espaço de formulação de problemas sociológicos, atravessado por desigualdades, conflitos territoriais, processos urbanos e rurais, relações étnico-raciais, dinâmicas religiosas, políticas públicas, formas de trabalho, povos e comunidades tradicionais.

A experiência do PPGS/UFMA assume uma problemática mais ampla: a constituição de uma Sociologia produzida a partir de territórios amazônicos, em diálogo com sujeitos, conflitos e agendas que nem sempre ocuparam posição central nos repertórios clássicos da área. Essa perspectiva é fundamental para compreender que a interiorização da pós-graduação não corresponde apenas à criação de cursos em novas localidades, mas à ampliação das possibilidades de formulação teórica e empírica da própria Sociologia brasileira. É nesse sentido que a agenda do PPGS se distancia de uma abordagem meramente descritiva da região. Suas pesquisas não tomam a Amazônia apenas como localização geográfica, mas como problema sociológico, isto é, como espaço de produção de relações sociais, conflitos, identidades, institucionalidades,

[3] Almeida e Oliveira (2020) indicam que, em 2016, 62,3% dos programas estavam concentrados nas regiões Sul e Sudeste, reproduzindo um padrão mais amplo de desigualdade territorial da pós-graduação brasileira.

repertórios políticos e formas de conhecimento.

Do ponto de vista metodológico, o capítulo apoia-se em análise documental de relatórios institucionais, registros acadêmicos do Programa, dados da Plataforma Sucupira, informações produzidas nos processos de avaliação da CAPES e indicadores de formação, produção e inserção acadêmica. Esses documentos são mobilizados não como simples fontes administrativas, mas como registros de um processo de institucionalização, por meio dos quais é possível observar a construção de uma identidade acadêmica, a consolidação de práticas formativas e a afirmação de um lugar de produção sociológica situado no interior da Amazônia brasileira.

A estrutura do capítulo acompanha esse movimento. Na primeira seção, reconstrói-se o percurso que levou da criação da Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia à formulação da proposta do Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Na segunda, analisa-se o período de implantação do PPGS, marcado pela primeira turma, pela pandemia, pela construção de práticas institucionais e pela definição de sua identidade regional. Na terceira, discutem-se os contornos da agenda sociológica amazônica construída pelo Programa a partir de suas linhas, pesquisas, dissertações e projetos. Na quarta, examinam-se os processos de consolidação, avaliação, internacionalização e cooperação acadêmica. Por fim, a conclusão retoma os principais sentidos da trajetória do PPGS e aponta os desafios colocados pela obtenção da nota 5 e pela possibilidade de abertura do curso de Doutorado em Sociologia.

2 DO PROJETO À INSTITUCIONALIZAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA DA UFMA EM IMPERATRIZ

A vinculação do Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM) ao campo da Sociologia antecede em quase uma década a criação do PPGS. O curso de Licenciatura em Ciências Humanas com ênfase em Sociologia (LCH/Sociologia) iniciou suas atividades em 2010. Sua criação inscreve-se no contexto do processo de expansão e interiorização da Universidade, impulsionado pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), ao qual a UFMA aderiu por meio da Resolução nº 104-CONSUN, de 2007. Entre as diretrizes do programa, destacava-se a ampliação do acesso à educação superior pública, sobretudo mediante a criação de novos cursos e o aumento do número de vagas ofertadas. Diante da carência de docentes qualificados em diferentes áreas no interior do estado do Maranhão, priorizou-se a implantação de cursos de licenciatura.

Nesse cenário, o projeto pedagógico do curso foi elaborado por comissão instituída pela Pró-Reitoria de Ensino (PROEN), sendo sua criação formalizada pela Resolução nº 131-CONSUN, de maio de 2010. As atividades do PPGS tiveram início efetivo em setembro daquele mesmo ano, com o ingresso da primeira turma, tendo como proposta pedagógica a formação interdisciplinar de professores na grande área de Ciências Humanas, com ênfase na habilitação para o ensino de Sociologia na educação básica.

O corpo docente do curso reunia professores oriundos de diferentes áreas das Ciências Humanas — Educação, Geografia, História e Filosofia —, ainda que contasse com um contingente proporcionalmente maior de docentes da área de Sociologia, em razão da habilitação oferecida. O amadurecimento do curso, associado ao protagonismo crescente da cidade de Imperatriz no cenário político e econômico maranhense e à consolidação da trajetória acadêmica dos docentes envolvidos, apontava para a necessidade de novos avanços institucionais, entre os quais a criação de um programa de mestrado na grande área de Ciências Humanas. A criação, em 2013, do Programa de Pós-Graduação em Ciências dos Materiais da UFMA — primeiro mestrado instalado na cidade de Imperatriz — configurou-se como estímulo relevante à viabilidade de tal projeto.

O professor doutor Jesus Marmanillo Pereira, docente da área de Sociologia do curso de LCH, coordenou, em articulação com outros professores e professoras do CCIm, a elaboração de uma proposta para a Avaliação de Propostas para Cursos Novos (APCN), destinada à criação de um mestrado em Sociologia junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Um dos principais desafios enfrentados pelo grupo proponente consistiu em reunir um corpo docente que atendesse aos parâmetros de produtividade exigidos pela área e assegurasse, assim, a viabilidade da proposta. Uma vez que o quadro docente do curso de Ciências Humanas não perfazia o quantitativo necessário para tal empreendimento, foram incorporados, além de docentes de áreas afins vinculados à LCH, professores dos cursos de Jornalismo e Pedagogia do CCIm.

Foram igualmente incorporados à proposta docentes do Centro de Ciências Humanas de São Luís, vinculados ao Departamento de Ciências Sociais. Alguns deles já possuíam experiência prévia na pós-graduação como integrantes do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMA (PPGSOC/UFMA). Somava-se a esse grupo um docente do Centro de Bacabal, também da UFMA, além de um professor externo à instituição, então em exercício no curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Tocantins (UFT), no campus de Tocantinópolis, localizado a cerca de 100 quilômetros de Imperatriz. Constituía-se, assim, a equipe fundadora do PPGS, caracterizada, desde sua origem, pela pluralidade interdisciplinar, intercampi e interinstitucional.

Essa composição plural não deve ser compreendida apenas como solução administrativa para atender às exigências formais de uma proposta de curso novo. Ela expressa uma dinâmica própria de formação de campo em contextos institucionais marcados pela baixa densidade de programas stricto sensu, nos quais a criação de um novo programa depende da capacidade de articular trajetórias acadêmicas, experiências de pesquisa, inserções institucionais e formas diversas de produção científica. No caso do PPGS/UFMA, a reunião de docentes de diferentes cursos, campi e instituições tornou-se condição de possibilidade para a constituição de um espaço acadêmico voltado à formação pós-graduada em Sociologia no interior do Maranhão

Barreira, Côrtes e Lima (2018) destacam que, naquele período, a consolidação da Sociologia brasileira estava cada vez mais associada a um processo histórico de descentralização

e interiorização da pós-graduação, no qual programas situados fora do eixo tradicional de formação desempenharam papel decisivo na ampliação da produção científica nacional. O que acontecia em Imperatriz integrava, portanto, um movimento mais amplo do campo. A criação do PPGS, nesse contexto, não significava apenas a abertura de um novo curso, mas a possibilidade de produzir Sociologia[4] a partir de uma região marcada por fronteiras econômicas, territoriais, culturais e políticas.

A criação do Programa pode, portanto, ser lida como momento de institucionalização de um campo acadêmico em formação. Ao reunir docentes vinculados à Sociologia e a áreas afins, o PPGS produziu as condições para transformar iniciativas individuais de pesquisa em um projeto coletivo de formação, investigação e intervenção intelectual. Esse movimento evidencia que, em contextos periféricos em relação aos centros tradicionais da pós-graduação brasileira, a constituição de um programa não depende apenas do cumprimento de critérios burocráticos, mas da capacidade de produzir redes, reconhecer afinidades temáticas e consolidar uma identidade acadêmica compartilhada.

O funcionamento do Programa de Pós-Graduação em Sociologia foi aprovado pela CAPES em 5 de setembro de 2018, constituindo-se como o primeiro programa de pós-graduação na grande área de Ciências Humanas no interior do estado do Maranhão. Nos meses subsequentes, outros três programas foram aprovados para funcionamento na UFMA de Imperatriz — Comunicação, Educação, este na modalidade de mestrado profissional, e Saúde e Tecnologia —, somando-se à aprovação do doutorado em Ciências dos Materiais. Esse conjunto de aprovações evidenciava a consolidação de Imperatriz como importante polo de produção científica no estado, por meio da expansão da pós-graduação stricto sensu.

Novos passos foram então dados rumo à institucionalização plena do Programa. O professor Jesus Marmanillo foi eleito primeiro coordenador do PPGS, para o biênio 2018-2020, enquanto o CCIm disponibilizou infraestrutura mínima para seu funcionamento, incluindo sala de aula, espaço para a coordenação e designação de servidor técnico-administrativo para o exercício das funções de secretaria. Em outubro daquele ano, teve início o primeiro processo seletivo, que reuniu cerca de uma centena de candidatos inscritos. O número expressivo de candidaturas já indicava a existência de uma demanda reprimida por formação sociológica em nível de pós-graduação no interior do Maranhão e em sua área de influência regional.

3 DA PRIMEIRA AVALIAÇÃO À CONSOLIDAÇÃO DO PPGS (2019-2021)

O PPGS recebeu sua primeira turma de mestrandos em março de 2019, composta por 15 discentes. Docentes e discentes compartilhavam o entusiasmo de inaugurar uma nova etapa

[4] Até sua fundação, existiam apenas dois programas de Sociologia/Ciências Sociais em toda a Amazônia brasileira: o Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), vinculado à Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém, e o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGSOC/UFMA), em São Luís.

na história da pós-graduação no estado do Maranhão. Diante da novidade que representava, para todos os envolvidos, a experiência de conduzir um programa recém-criado, vivenciava-se um processo coletivo de aprendizagem institucional, no qual, por meio de acertos, ajustes e pactuações internas, o Programa foi construindo seu modo próprio de fazer pós-graduação, a partir das demandas e das especificidades de um curso sediado em uma cidade do interior da Amazônia brasileira.

No mesmo ano, o Programa ampliou seu corpo docente por meio de seu primeiro processo de credenciamento. Nessa etapa, novos professores vinculados ao curso de LCH, ao Centro da UFMA de São Bernardo e à Universidade Federal do Tocantins passaram a integrar o quadro do PPGS, reforçando seu corpo docente. Essa ampliação foi decisiva para a sustentação das atividades de ensino, orientação e pesquisa, mas também para o adensamento de uma identidade acadêmica que se constituía na articulação entre diferentes trajetórias institucionais, formações disciplinares e experiências de pesquisa.

Em 2020, o colegiado do Programa elegeu sua segunda coordenadora, a professora doutora Vanda Pantoja, em gestão que trouxe consigo uma inovação institucional: a criação do cargo de coordenador adjunto, ocupado pelo professor doutor Rogério de Carvalho Veras. Se o principal dilema da primeira gestão consistiu na institucionalização do curso, a segunda gestão enfrentou dois desafios centrais: de um lado, a construção de uma identidade própria para o PPGS, capaz de assegurar uma contribuição original ao debate sociológico nacional; de outro, o enfrentamento da pandemia de COVID-19, que impôs a suspensão das atividades presenciais apenas uma semana após o início das aulas da segunda turma.

Os efeitos da pandemia sobre as universidades e os programas de pós-graduação são amplamente conhecidos e não constituem o foco principal deste capítulo. Interessa destacar, contudo, que, em meio à suspensão das atividades presenciais, inaugurou-se uma prática institucional que se tornou marca do PPGS: os Diálogos Sociológicos. Trata-se de uma série de atividades realizadas bimestralmente e coordenadas por docentes e discentes do Programa. Inicialmente desenvolvidas em formato remoto e, posteriormente, também em formatos presencial ou híbrido, essas atividades promoveram o encontro entre pesquisadores do PPGS e de outras instituições brasileiras e estrangeiras, tendo como eixo de discussão temas relacionados às pesquisas em desenvolvimento no Programa. Os Diálogos Sociológicos constituíram, assim, espaço de circulação do conhecimento, formação acadêmica e interlocução com debates mais amplos da Sociologia contemporânea, além de contribuírem para a divulgação da produção científica do Programa por meio de seu acervo virtual no canal do PPGS no YouTube.

Quanto à construção da identidade do PPGS, o reconhecimento da Amazônia Oriental como espaço legítimo e estratégico de atuação constituiu um de seus marcos definidores. Situado no interior do Maranhão, em uma região de transição e fronteira entre o Norte e o Nordeste do país, o Programa passou a compreender que sua localização geográfica não representava uma limitação, mas precisamente o fundamento de sua contribuição ao debate sociológico. Essa percepção traduziu-se na captação de discentes provenientes não apenas do interior maranhense,

mas também do norte do Tocantins e do sul do Pará, configurando uma área de influência que extrapola os limites administrativos do estado e evidencia o papel do PPGS como referência regional na formação sociológica.

Essa compreensão amadureceu ao longo da trajetória do Programa e se expressou tanto na produção científica de docentes e discentes — voltada à investigação das dinâmicas sociais, políticas, culturais e territoriais amazônicas — quanto em sua inserção em redes interinstitucionais dedicadas ao tema. Ao assumir a Amazônia Oriental como principal horizonte de reflexão e atuação regional, o PPGS consolidou uma agenda de pesquisa comprometida com a compreensão dos problemas e desafios específicos dessa região a partir de seus próprios sujeitos, contextos e demandas. Como apontou Castro, a Amazônia precisa ser lida a contrapelo dos discursos que a reduzem ao verde ou às potencialidades econômicas direcionadas aos mercados, exigindo atenção à formação histórica da região, às identidades em trânsito, ao protagonismo dos grupos sociais e à dinâmica econômica nacional e internacional (Castro, 2012).

Ao incorporar povos indígenas, comunidades quilombolas, quebradeiras de coco babaçu, camponeses e demais comunidades tradicionais como protagonistas de suas pesquisas, o PPGS contribui para deslocar leituras que reduzem a Amazônia a espaço de recursos naturais ou de expansão de fronteiras econômicas. O que emerge, em suas dissertações, projetos e ações de extensão, é uma Amazônia constituída por conflitos, memórias, saberes, formas de uso comum, práticas culturais e experiências políticas que desafiam os modelos hegemônicos de desenvolvimento.

No período inicial, correspondente ao quadriênio 2017-2020, o PPGS obteve uma avaliação parcial relativa aos anos de 2019 e 2020, sendo contemplado com o conceito 3. A nota refletia o estágio ainda inicial de sua trajetória institucional, já que muitos indicadores próprios da avaliação da área de Sociologia não podiam ser mensurados em razão da inexistência, naquele momento, de egressos e dissertações defendidas. Ainda assim, a maioria dos pontos passíveis de avaliação situava o Programa entre os conceitos “Muito bom” e “Bom”, indicando que havia condições institucionais e acadêmicas favoráveis à sua consolidação.

O amadurecimento acadêmico do PPGS pode ser mensurado, sobretudo, pela realização de suas primeiras defesas de dissertação, ocorridas a partir de 2021. Esse primeiro conjunto de pesquisas já evidenciava o compromisso do Programa em produzir conhecimento sociológico voltado à compreensão dos dilemas e das especificidades da Amazônia Oriental, abordando temáticas como povos ciganos, quebradeiras de coco, povos indígenas, manifestações religiosas afro-brasileiras e afro-maranhenses, relações de gênero, práticas educativas, movimentos sociais, artesanato local e infância em contextos de vulnerabilidade social. Parte expressiva dessas pesquisas obteve desdobramentos em artigos científicos, capítulos de livro e obras autorais, demonstrando a capacidade precoce do Programa — e de seu corpo discente — de inserir sua produção no debate sociológico nacional a partir de problemáticas de recorte regional.

4 A CONSTRUÇÃO DE UMA AGENDA SOCIOLÓGICA AMAZÔNICA

A consolidação do PPGS não pode ser compreendida apenas pela sucessão de marcos administrativos, avaliações ou indicadores de desempenho. Sua especificidade reside também na construção de uma agenda sociológica amazônica, isto é, na capacidade de formular problemas de pesquisa a partir das experiências históricas, dos conflitos, das desigualdades e das formas de organização social presentes na Amazônia Oriental. Essa agenda não se restringe a estudos localizados regionalmente. Ela envolve a produção de interpretações sociológicas capazes de articular escalas locais, regionais, nacionais e transnacionais, considerando os modos pelos quais sujeitos, instituições, territórios e políticas se constituem em uma região marcada por fronteiras econômicas, migrações, disputas fundiárias, diversidade étnico-racial, expansão urbana e transformações ambientais.

A leitura da Amazônia Oriental como território de fronteira exige considerar que os conflitos sociais ali presentes não se explicam apenas pela expansão econômica, mas pelas formas historicamente desiguais de apropriação da natureza, da terra, da água e dos modos de vida. Essa perspectiva permite compreender por que temas como mineração, agronegócio, infraestrutura logística, trabalho, comunidades tradicionais e justiça ambiental atravessam a produção do PPGS, ou seja, eles não são objetos isolados, mas expressões de uma mesma problemática sociológica: a disputa por formas de ocupação, uso, representação e futuro dos territórios amazônicos.

As primeiras dissertações defendidas no Programa já revelavam esse horizonte. Ao tratar de povos ciganos, quebradeiras de coco, povos indígenas, manifestações religiosas afro-brasileiras e afro-maranhenses, relações de gênero, práticas educativas, movimentos sociais, artesanato local e infância em situação de vulnerabilidade, tais pesquisas deslocaram para o centro da análise sociológica sujeitos e experiências frequentemente situados à margem das narrativas nacionais sobre modernização, desenvolvimento e cidadania. Em vez de tomar a região como cenário, esses trabalhos a compreenderam como espaço de produção da vida social, onde se entrecruzam desigualdades, resistências, formas de pertencimento, disputas por reconhecimento e diferentes regimes de relação com o território.

A agenda construída pelo PPGS articula, portanto, duas dimensões. A primeira diz respeito à formação de pesquisadores capazes de dominar instrumentos teóricos e metodológicos da Sociologia para analisar fenômenos sociais complexos. A segunda refere-se ao compromisso com a produção de conhecimento socialmente situado, atento às demandas de grupos, comunidades e instituições que compõem a Amazônia Oriental. Essa articulação aparece tanto nas escolhas temáticas das dissertações quanto na organização dos grupos de pesquisa, nas atividades de extensão, nos eventos promovidos pelo Programa e nas redes de cooperação estabelecidas com instituições da região.

Essa orientação também se expressa na relação entre o PPGS e a Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia. A presença de um programa de pós-graduação em Sociologia no mesmo

campus em que se formam professores para a educação básica cria condições para circulação de repertórios teóricos, metodológicos e pedagógicos entre graduação, pós-graduação e escolas da região. Ao mesmo tempo, os projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos por docentes e discentes permitem que a formação sociológica dialogue com demandas públicas relacionadas à educação, direitos humanos, ações afirmativas, relações de gênero, desigualdades raciais, territorialidades e políticas públicas.

5 DA CONSOLIDAÇÃO À EXPANSÃO: AVALIAÇÃO, COOPERAÇÃO E REDES (2022-2026)

Em 2022, com a retomada das atividades presenciais e a reconstrução da convivência acadêmica para além das telas, um novo ânimo marcou a comunidade do PPGS. Nesse contexto, foi eleita uma nova coordenação, composta pelo professor doutor Wellington da Silva Conceição, como coordenador, e pela professora doutora Karina Almeida de Sousa, como coordenadora adjunta. A gestão foi posteriormente reconduzida para um segundo biênio, permanecendo à frente do Programa até 31 de julho de 2026.

Além dos desafios relacionados à continuidade do processo de consolidação da institucionalidade e da identidade do PPGS, a nova coordenação assumiu duas tarefas centrais: preparar o Programa para sua primeira avaliação quadrienal completa, referente ao período de 2021-2024, e construir um projeto de internacionalização capaz de envolver de forma mais ampla docentes e discentes. Essas duas frentes não devem ser compreendidas separadamente. A avaliação exigia a sistematização da trajetória do Programa, de seus resultados e de sua inserção; a internacionalização, por sua vez, demandava transformar redes, contatos e interlocuções acadêmicas em uma política mais orgânica de cooperação.

No processo de preparação para a avaliação, a coordenação esteve envolvida na participação em debates da área de Sociologia da CAPES e em interlocuções com coordenadores de programas de pós-graduação em Sociologia e Ciências Sociais do país, no contexto de definição e aprimoramento dos procedimentos avaliativos. Entre 2022 e 2024, foram realizadas reuniões na sede da CAPES, em Brasília, e em eventos da área realizados em Belém e São Paulo. A participação do PPGS nesse processo buscou contribuir para a construção de procedimentos avaliativos mais equitativos, capazes de considerar as diferentes condições e desafios enfrentados pelos programas de pós-graduação nas distintas regiões do país.

Além disso, a gestão atuou na identificação e no enfrentamento das fragilidades do Programa diante dos parâmetros de avaliação. A partir desse diagnóstico, foram empreendidas ações voltadas ao fortalecimento de dimensões consideradas sensíveis, como produção intelectual, integração de discentes a grupos de pesquisa, acompanhamento de egressos, inserção social, internacionalização e visibilidade. A elaboração do relatório de avaliação exigiu não apenas a organização de dados, mas a construção de uma narrativa capaz de apresentar a trajetória do Programa em sua especificidade. Nesse processo, a afirmação da identidade

regional do PPGS, de sua inserção na Amazônia Oriental e de sua contribuição para a produção sociológica a partir de Imperatriz foi elemento decisivo.

A internacionalização tornou-se uma dimensão relevante no reconhecimento dos programas de pós-graduação e, na trajetória do PPGS, passou a ser formulada como internacionalização situada. Isso significa compreender que a circulação internacional da produção acadêmica não deve afastar o Programa de sua agenda territorial, mas ampliar a capacidade de fazer circular, comparar e adensar os conhecimentos produzidos a partir da Amazônia Oriental. Nessa direção, a criação, em 2023, da Diretoria de Internacionalização vinculada ao Programa representou uma inflexão institucional importante.

A primeira ação dessa Diretoria foi a participação do professor Agustín Laó-Montes, da University of Massachusetts Amherst, em atividades junto ao Programa, incluindo formação, interlocução acadêmica e colaboração com pesquisas em desenvolvimento. Essas ações culminaram no início da elaboração de um termo de cooperação internacional com a Universidade de Massachusetts, prevendo projetos de pesquisa envolvendo docentes e discentes das instituições e possibilidades de intercâmbio. Mais do que uma atividade pontual, essa parceria indicou um caminho para articular internacionalização, teoria social, relações étnico-raciais, diáspora africana, movimentos sociais e produção de conhecimento a partir do Sul global.

Outra frente decisiva foi a participação do PPGS em rede contemplada pelo Edital nº 16/2023 do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias do Nascimento, da CAPES, em parceria com programas de pós-graduação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e da Universidade Federal do Pará (UFPA) e instituições estrangeiras[5]. No âmbito dessa iniciativa, um primeiro grupo composto por três discentes do mestrado realizou intercâmbio acadêmico na *Universidad Externado de Colombia*, em Bogotá, desenvolvendo atividades de formação, pesquisa e integração científica. Um segundo grupo, também composto por três mestrandos, dará continuidade às atividades na Colômbia a partir de setembro de 2026. Duas docentes do PPGS, Karina Sousa e Vanda Pantoja, realizaram missão acadêmica na mesma universidade em 2025, acompanhando as atividades dos estudantes e fortalecendo o intercâmbio científico e institucional por meio de reuniões de trabalho e diálogos com pesquisadores da instituição parceira.

Como desdobramento desse processo de inserção internacional, destaca-se que, em 2026, a professora Karina Sousa foi eleita presidente da Seção Amazônia da *Latin American Studies Association* (LASA) para um mandato de três anos. A eleição amplia a visibilidade do PPGS em redes globais de pesquisa dedicadas aos estudos latino-americanos e reforça a presença da Amazônia Oriental em espaços internacionais de debate acadêmico.

No plano regional, o PPGS tem atuado na consolidação de redes voltadas à produção

[5] Além da Universidad Externado de Colombia, compõe a rede de instituições do projeto a Georgia State University, localizada em Atlanta/EUA e a University of Birmingham, localizada na cidade de Birmingham, Inglaterra

de conhecimento sobre a Amazônia Oriental. Destaca-se a participação de docentes do Programa no Observatório da Amazônia Oriental (OAO), iniciativa interinstitucional que reúne pesquisadores da UFMA, Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) e Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), voltada à reflexão sobre dinâmicas sociais, ambientais, culturais, territoriais e políticas da região. O OAO organizou, em 2025, o I Encontro Internacional da Amazônia Oriental e, em 2026, sua segunda edição, com participação de docentes, discentes e egressos do PPGS na proposição de minicursos, grupos de trabalho e apresentação de pesquisas. Essa inserção regional evidencia que a construção da agenda amazônica do Programa não ocorre de modo isolado, mas em diálogo com instituições, redes e pesquisadores dedicados à compreensão crítica da região.

A aprovação, em 2025, do projeto "Saberes e tecnologias dos povos tradicionais pan-amazônicos frente aos desafios da crise ambiental", contemplado na Chamada Pública MCTI/CNPq nº 03/2025 — Pró-Amazônia, representa outro marco nesse processo de expansão. Coordenado por docentes do PPGS/UFMA, o projeto reúne pesquisadores da Universidade Federal do Maranhão, da Universidade do Estado de Mato Grosso, da Universidade Federal do Pará e da *Universidad Nacional de Colombia*, consolidando uma rede interinstitucional na Amazônia brasileira e uma rede internacional na Pan-Amazônia. Ao investigar saberes, práticas e tecnologias sociais de povos tradicionais diante da crise ambiental, o projeto articula formação discente, cooperação Sul-Sul, pesquisa de campo, internacionalização e produção de conhecimento voltada às questões socioambientais contemporâneas.

A aprovação do Pró-Amazônia qualifica a política de cooperação do PPGS porque demonstra capacidade de coordenação de redes de pesquisa de maior envergadura, envolvendo instituições nacionais e estrangeiras. Embora financiado por agência nacional, o projeto apresenta composição internacional e prevê atividades de pesquisa transnacionais, constituindo indicador relevante de internacionalização acadêmica vinculada à agenda territorial do Programa.

A cooperação do PPGS com outros programas de pós-graduação da própria UFMA e de outras instituições brasileiras também compõe essa trajetória. No âmbito da UFMA, destacam-se atividades conjuntas com o Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade e com o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, por meio de participação em bancas, elaboração de projetos, ações de extensão e articulações voltadas à inclusão social. A cooperação também se expande para instituições como UEMASUL, UEMA, UFPA, Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) e programas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por meio de bancas, grupos de pesquisa, supervisões de pós-doutoramento, atividades formativas e projetos interinstitucionais.

Nesse conjunto de ações, a trajetória do PPGS revela uma passagem importante: da cooperação como soma de iniciativas individuais para a cooperação como política acadêmica articulada à identidade do Programa. A internacionalização, a inserção regional e a colaboração interinstitucional tornam-se, assim, dimensões complementares de um mesmo projeto:

consolidar a Sociologia produzida a partir da Amazônia Oriental em diálogo com redes nacionais e internacionais de pesquisa.

6 CONCLUSÃO: UM PROGRAMA NOTA 5 E SEUS NOVOS DESAFIOS

A trajetória do PPGS/UFMA evidencia que a construção de um programa de pós-graduação no interior do Maranhão não pode ser compreendida apenas como ampliação da oferta de cursos stricto sensu. Trata-se de um processo de institucionalização científica que articula formação docente, produção de conhecimento, interiorização universitária, circulação acadêmica e compromisso com os desafios sociais de uma região historicamente marcada por desigualdades e por disputas em torno de seus territórios, sujeitos e projetos de futuro.

O processo de amadurecimento do PPGS foi reconhecido na Avaliação Quadrienal 2021-2024, quando o Programa elevou seu conceito de 3 para 5. O resultado expressa a qualidade acadêmica alcançada, mas também inaugura uma etapa mais exigente de sua trajetória. Manter a nota obtida, ampliar a produção qualificada, sustentar a inserção regional, adensar a internacionalização e avançar na proposta de criação do curso de Doutorado constituem desafios que exigem planejamento, continuidade institucional e fortalecimento das redes de pesquisa.

O principal legado do PPGS, contudo, não se resume ao indicador avaliativo. Sua contribuição está na afirmação de que é possível produzir Sociologia de alta qualidade a partir de Imperatriz, tomando a Amazônia Oriental como lugar de elaboração de problemas teóricos, metodológicos e empíricos. Ao formar mestres que atuam na educação básica, no ensino superior, em órgãos públicos, movimentos sociais e redes de pesquisa, o Programa contribui para a fixação de profissionais qualificados na região e para a ampliação das condições locais de interpretação e intervenção sobre a realidade social.

A agenda sociológica construída pelo PPGS reúne temas que expressam a complexidade da Amazônia Oriental: povos indígenas, comunidades quilombolas, quebradeiras de coco babaçu, povos ciganos, religiosidades afro-brasileiras e afro-maranhenses, relações de gênero, desigualdades raciais, educação, trabalho, cidades, juventudes, violência, políticas públicas, conflitos territoriais e transformações socioambientais. Essa diversidade temática não indica dispersão. Ao contrário, revela a tentativa de compreender uma região atravessada por múltiplas escalas de poder, por formas desiguais de desenvolvimento e por sujeitos coletivos que produzem conhecimentos, resistências e formas próprias de organização da vida social.

Os novos desafios do Programa decorrem justamente de sua consolidação. A obtenção da nota 5 amplia expectativas e responsabilidades: exige produção científica mais qualificada e melhor distribuída, expansão da internacionalização, fortalecimento do acompanhamento de egressos, consolidação da política de ações afirmativas, maior integração entre docentes, discentes e grupos de pesquisa, além da criação de condições institucionais para sustentar o futuro doutorado. Tais desafios, contudo, não anulam a trajetória construída. Antes, indicam que o PPGS alcançou uma etapa em que sua permanência e seu crescimento se tornam decisivos

para o fortalecimento da Sociologia na Amazônia Oriental.

Conclui-se que o PPGS/UFMA desempenha papel estratégico na descentralização do Sistema Nacional de Pós-Graduação e na construção de uma Sociologia produzida a partir de territórios amazônicos. Sua experiência demonstra que programas sediados fora dos grandes centros não apenas ampliam o acesso à formação pós-graduada, mas também renovam perguntas, objetos e perspectivas da própria Sociologia brasileira. A partir de Imperatriz, o PPGS contribui para afirmar a Amazônia Oriental como lugar de produção intelectual, de formação crítica e de elaboração de interpretações sociológicas indispensáveis para compreender os desafios sociais, políticos, culturais e ambientais do Brasil contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosemary de Oliveira; OLIVEIRA, Amurabi. A agenda de pesquisa sociológica no Brasil: o caso dos Programas de Pós-Graduação. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 51, n. 1, p. 13-48, mar./jun. 2020.

Barreira, I., Côrtes, S., & Lima, J. C. (2018). A sociologia fora do eixo: diversidades regionais e campo da pós-graduação no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia - RBS**, 6(13). https://doi.org/10.20336/rbs.259

CASTRO, E. Amazônia: sociedades, fronteiras e política. **Cadernos CRH**, v. 25, n. 64, p. 9-16, 2012.

O FORTALECIMENTO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO DA AMAZÔNIA LEGAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PPGCOM/UFMA – CÂMPUS IMPERATRIZ

Leila Lima de Sousa[1]
Thaisa Cristina Bueno[2]
Ricardo Costa Alvarenga[3]

RESUMO

Este relato de experiência apresenta e discute o percurso de implantação e consolidação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (PPGCOM/UFMA), sediado em Imperatriz, tomando essa trajetória como ponto de partida para refletir sobre os desafios de constituir e manter um programa de pós-graduação *stricto sensu* em Comunicação no interior da Amazônia Legal, particularmente na Região Interestadual Bico do Papagaio. O Programa resulta de um processo iniciado com a criação do curso de Jornalismo da UFMA em Imperatriz, em 2006, cuja trajetória de ensino, pesquisa e extensão contribuiu para a formação das condições acadêmicas e institucionais necessárias à implantação do mestrado. Aprovado em 2018 e com atividades iniciadas em 2019, o PPGCOM tornou-se o primeiro curso *stricto sensu* em Comunicação do Maranhão. O relato, construído a partir de documentos e registros institucionais referentes ao período de 2018 a 2026, recupera experiências relacionadas à estruturação acadêmica e administrativa, à formação discente, às ações afirmativas, à extensão, à inserção social, à autoavaliação e ao acompanhamento de egressos. Argumenta-se que a interiorização da pós-graduação não corresponde apenas à ampliação territorial da oferta de cursos, mas implica enfrentar desigualdades históricas de acesso, construir redes acadêmicas, garantir condições de permanência e produzir conhecimento situado a partir de territórios tradicionalmente periféricos nos circuitos nacionais de produção científica.

Palavras-chave: Pós-graduação; Comunicação; Interiorização; Amazônia Legal; Bico do Papagaio.

1 INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A trajetória do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (PPGCOM/UFMA), sediado em Imperatriz, está diretamente relacionada ao processo de interiorização da educação superior pública e à consolidação do campo da Comunicação no interior do Maranhão. Essa experiência resulta de um percurso institucional iniciado em 2006, com a criação do curso de Jornalismo da UFMA em Imperatriz.

[1] Doutora em Ciências da Comunicação/UNISINOS. Docente CCIM/UFMA. E-mail: sousa.leila@ufma.br

[2] Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora associada do Curso de Jornalismo da UFMA de Imperatriz e docente permanente do PPGCOM. E-mail: thaisa.bueno@ufma.br

[3] Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Docente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará e do PPGCOM da UFMA Imperatriz. E-mail: ricardo.alvarenga@unifesspa.edu.br

Desde o primeiro momento, essa dimensão territorial se expressou no próprio perfil dos estudantes que buscaram o Programa. O PPGCOM/UFMA não recebeu apenas alunos de Imperatriz. Já nas primeiras turmas, passaram pelo mestrado estudantes provenientes de diferentes municípios do entorno e de outras regiões, como Parauapebas, São Luís e Lago da Pedra, entre outras localidades. A diversidade também se manifestou nas trajetórias de formação dos ingressantes. Embora constituído como um Programa de Pós-Graduação em Comunicação, o curso recebeu estudantes com formações em diferentes áreas, não apenas da Comunicação, mas também das Artes, do Direito e das Letras, entre outras. Essa presença interdisciplinar evidencia tanto a abrangência territorial do Programa quanto seu papel na formação e na interiorização da educação em nível de pós-graduação.

Ao longo dos anos seguintes, a graduação contribuiu para a constituição de um ambiente acadêmico articulado em torno do ensino, da pesquisa e da extensão comunitária. A qualificação do corpo docente, o fortalecimento de grupos e projetos de pesquisa, as atividades de iniciação científica, os projetos extensionistas e a realização de eventos acadêmicos produziram condições para que se passasse a discutir a verticalização da formação em Comunicação no então câmpus de Imperatriz.

Aprovado em 2018 e com atividades iniciadas em 2019, o mestrado acadêmico em Comunicação representou não apenas a ampliação da formação oferecida pela UFMA em Imperatriz, mas também a constituição do primeiro curso *stricto sensu* em Comunicação do Maranhão. Sua implantação ocorreu em um território marcado por uma condição particular: Imperatriz encontra-se em uma região de intensa circulação entre Maranhão, Pará e Tocantins, integrando a Região Interestadual Bico do Papagaio e estabelecendo relações acadêmicas, profissionais, econômicas e culturais com diferentes municípios da Amazônia Legal.

É a partir dessa localização que este relato propõe ultrapassar uma descrição cronológica da história do Programa. Interessa discutir o que a experiência acumulada pelo PPGCOM/UFMA permite compreender sobre fazer pós-graduação em Comunicação no interior da Amazônia Legal.

Nesse sentido, parte-se do entendimento de que interiorizar a pós-graduação não significa simplesmente reproduzir, fora das capitais, estruturas acadêmicas já existentes nos grandes centros. A experiência envolve constituir corpo docente, criar e manter redes de pesquisa, garantir infraestrutura, captar recursos, estabelecer políticas de permanência, promover inclusão, ampliar a circulação científica e responder a demandas sociais e comunicacionais próprias do território em que o Programa está inserido.

Ao mesmo tempo, estar situado na Região Interestadual Bico do Papagaio possibilita produzir conhecimento a partir de um espaço historicamente pouco representado nos circuitos centrais da pós-graduação brasileira. O território deixa, assim, de aparecer somente como local de aplicação ou objeto de investigação e passa a ser compreendido como espaço de produção de ciência, teoria, métodos e interpretações sobre os fenômenos comunicacionais.

A tese que orienta este relato é, portanto, a de que a consolidação de um programa de

pós-graduação no interior da Amazônia Legal depende da construção simultânea de condições acadêmicas, institucionais, sociais e territoriais de permanência e desenvolvimento, ao mesmo tempo que pode contribuir para reduzir assimetrias históricas na produção e na circulação do conhecimento científico brasileiro.

Com base nessa perspectiva, o artigo recupera experiências vivenciadas entre 2018 e 2026, destacando os processos de implantação e institucionalização do PPGCOM, as políticas de inclusão, a inserção regional, as atividades de pesquisa e extensão, a autoavaliação e os desafios relacionados à consolidação e à verticalização da formação.

2 PERCURSO METODOLÓGICO DO RELATO

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de natureza descritivo-reflexiva, voltado à sistematização e à análise do processo de implantação e consolidação do PPGCOM/UFMA em Imperatriz. O recorte temporal compreende o período entre 2018, ano de aprovação do mestrado acadêmico em Comunicação, e 2026, momento em que o Programa já acumulava mais de um ciclo de experiência na pós-graduação e discutia projetos futuros como a tentativa de implantação do doutorado em comunicação.

O relato foi construído a partir da sistematização de documentos e registros institucionais produzidos ao longo da trajetória do Programa. Foram considerados editais de seleção, normas acadêmicas e administrativas, documentos de planejamento, relatórios e instrumentos de autoavaliação, informações de acompanhamento discente e de egressos, registros relativos às atividades de ensino, pesquisa e extensão, além de informações sistematizadas para o acompanhamento do Programa e para a Plataforma Sucupira.

A utilização desses registros não teve como finalidade realizar uma avaliação quantitativa do desempenho do PPGCOM, mas reconstruir acontecimentos e processos considerados significativos para compreender sua trajetória institucional. Dessa forma, foram selecionadas experiências relacionadas a cinco dimensões principais: implantação e institucionalização; formação e inclusão discente; pesquisa, extensão e inserção social; autoavaliação e planejamento; e desafios relacionados à continuidade e à expansão da formação.

A escolha dessas dimensões decorre do próprio objetivo do trabalho: compreender como a implantação de um programa de pós-graduação em Comunicação se materializa em um território localizado fora dos grandes centros acadêmicos brasileiros e quais aprendizagens, dificuldades e possibilidades emergem desse processo.

O relato assume, ainda, uma perspectiva situada. Os autores participaram diretamente de diferentes momentos da trajetória analisada, seja por meio da docência, da gestão, da orientação, de estágio pós-doutoral e depois do credenciamento como professor colaborador, de comissões acadêmicas e, ainda, das atividades de pesquisa e extensão do Programa. Essa condição oferece acesso privilegiado aos processos institucionais, mas também exige que a descrição da experiência seja acompanhada de um movimento reflexivo, buscando distinguir a

valorização institucional da análise dos limites, das tensões e dos aprendizados produzidos ao longo do percurso.

Por essa razão, não se pretende apresentar a experiência do PPGCOM/UFMA como modelo generalizável para outros programas, mas como uma experiência situada capaz de oferecer elementos para pensar os desafios da interiorização da pós-graduação, particularmente em regiões marcadas por desigualdades territoriais de acesso à formação avançada.

3 DA GRADUAÇÃO À PÓS-GRADUAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO CAMINHO NO INTERIOR DO MARANHÃO

A criação do mestrado acadêmico resultou de um processo coletivo de amadurecimento iniciado ainda no curso de Jornalismo da UFMA em Imperatriz. Reuniões acadêmicas, desenvolvimento de projetos de pesquisa, qualificação dos docentes, participação em eventos científicos, publicação em periódicos de referência, formação doutoral dos docentes do curso, fortalecimento dos grupos de pesquisa e diálogo com a gestão institucional acompanharam a elaboração da proposta.

Paralelamente, identificava-se uma demanda regional por formação avançada em Comunicação, em um contexto caracterizado pela concentração histórica da pós-graduação nas capitais e nos grandes centros urbanos.

A primeira seleção do PPGCOM evidenciou essa demanda. Foram oferecidas dez vagas e registradas 40 inscrições para a turma que iniciou as atividades em 2019. Muito além de um indicador numérico, a procura sinalizou a existência de pesquisadores e profissionais interessados em permanecer na região para realizar sua formação. Em 2026, foram 62 inscritos concorrendo às 10 vagas ofertadas, o que demonstra a continuidade da procura pela formação e o prestígio que o programa tem alcançado junto à comunidade da região do Bico do Papagaio.

Esse aspecto constitui um dos elementos centrais da experiência. Para estudantes que vivem no interior do Maranhão ou em municípios próximos dos estados do Pará e Tocantins, o ingresso em um curso de pós-graduação frequentemente esteve associado, historicamente, à necessidade de mudança para outras capitais ou regiões do país. A presença do Programa em Imperatriz altera parcialmente essa dinâmica e amplia as possibilidades de formação no próprio território.

Por outro lado, a implantação demonstrou que a interiorização não se encerra com a aprovação e o início de funcionamento de um curso. Os primeiros anos exigiram a criação de normas relativas a bolsas, qualificação, defesa, estágio de docência, credenciamento e recredenciamento docente e utilização de recursos financeiros, além da organização de procedimentos administrativos próprios de um programa recém-criado.

A experiência evidenciou, portanto, uma primeira aprendizagem: criar um curso e consolidar um programa são processos diferentes. A consolidação depende da institucionalização de práticas, da criação de uma cultura acadêmica própria e da construção permanente de condições para o desenvolvimento das atividades de docentes e estudantes.

4 O TERRITÓRIO COMO DIMENSÃO DA EXPERIÊNCIA ACADÊMICA

A localização do PPGCOM constitui uma dimensão central de sua identidade. Imperatriz ocupa posição estratégica na articulação entre Maranhão, Pará e Tocantins e integra uma região caracterizada por intensos fluxos populacionais, econômicos, culturais e comunicacionais.

A Região Interestadual Bico do Papagaio reúne municípios dos três estados e constitui um território atravessado por diferentes dinâmicas sociais, políticas, ambientais e econômicas. Trata-se também de uma região marcada pela presença de comunidades tradicionais, povos indígenas, populações quilombolas, movimentos sociais, organizações comunitárias e experiências culturais diversas.

Nesse contexto, um dos aprendizados produzidos pela experiência do Programa está relacionado à necessidade de reconhecer que a localização territorial interfere na própria produção do conhecimento. A presença de um programa de pós-graduação nesse espaço possibilita que questões comunicacionais relacionadas à Amazônia Legal sejam investigadas por pesquisadores que vivem, trabalham e estabelecem relações sociais nesse território. Isso modifica, potencialmente, tanto os objetos investigados quanto às perguntas formuladas e os repertórios teóricos e metodológicos mobilizados.

Essa perspectiva permite questionar uma concepção segundo a qual a Amazônia aparece prioritariamente como objeto de investigação de instituições localizadas em outras regiões. A experiência do PPGCOM evidencia a possibilidade de compreender a Amazônia Legal também como território produtor de ciência e de reflexão crítica sobre seus próprios processos comunicacionais.

Outro aspecto relevante da trajetória do Programa foi a ampliação progressiva das políticas de ações afirmativas. A partir de 2020, mecanismos de inclusão passaram a integrar os processos seletivos e foram ampliados nos anos seguintes. Em 2023 e 2024, até 50% das vagas passaram a ser reservadas para diferentes modalidades de ações afirmativas. No regimento interno para processos de distribuição de bolsas, por exemplo, são observados como critérios fundamentais as ações afirmativas relacionadas à raça, classe, gênero e maternidade. O que ressalta a luta por equidade desenvolvida nas ações do programa.

A experiência demonstra, entretanto, que democratizar o acesso à pós-graduação exige considerar uma dimensão que ultrapassa o ingresso. Permanência, acessibilidade, condições materiais de formação, acompanhamento da trajetória acadêmica e acolhimento passaram também a constituir questões relevantes para o planejamento do Programa.

Em regiões caracterizadas por grandes distâncias territoriais, desigualdades socioeconômicas e deslocamentos frequentes entre municípios, essas questões assumem características particulares. Assim, o desafio da inclusão envolve não apenas criar mecanismos de entrada, mas desenvolver estratégias que permitam aos estudantes concluir a formação.

Esse percurso contribuiu para que as discussões sobre inclusão, diversidade e permanência deixassem de ocupar uma posição periférica e passassem a integrar os processos

de planejamento e autoavaliação.

A consolidação do PPGCOM está também relacionada à aproximação entre a produção acadêmica e questões presentes na realidade regional. Projetos desenvolvidos por docentes e estudantes abordaram temas como comunicação e cidadania, desinformação, educação midiática, cultura, gênero, raça, divulgação científica, jornalismo local e comunitário, permanência estudantil e cultura digital.

Entre as experiências desenvolvidas no ambiente acadêmico do Programa encontram-se iniciativas de educação midiática e enfrentamento à desinformação, projetos de divulgação científica, ações voltadas às relações raciais e à cultura, produção radiofônica e iniciativas destinadas a contextos caracterizados pela baixa cobertura jornalística.

Essas experiências evidenciaram que a inserção social da pós-graduação não se restringe à realização eventual de atividades extensionistas. Quando articuladas à pesquisa e à formação discente, essas iniciativas permitem estabelecer relações mais permanentes entre universidade e sociedade e aproximar a produção de conhecimento das demandas presentes no território.

O Simpósio de Comunicação da Região Tocantina (SIMCOM) também constitui um espaço relevante nesse percurso. Realizado há quase duas décadas, e em formato nacional, o evento tem promovido a aproximação entre graduação, pós-graduação, pesquisadores, estudantes, profissionais e sociedade, contribuindo para a circulação das pesquisas e para a constituição de redes acadêmicas.

A experiência do PPGCOM também demonstra a importância da autoavaliação no processo de consolidação de um programa jovem. Desde os primeiros anos, mecanismos de escuta e acompanhamento foram utilizados para identificar dificuldades e subsidiar decisões acadêmicas e administrativas. Questionários, reuniões, acompanhamento de indicadores, avaliação docente, escuta discente e acompanhamento de egressos foram progressivamente incorporados à gestão.

Os resultados desses processos produziram mudanças concretas, entre elas adequações nos horários das disciplinas, reorganização da oferta de componentes curriculares, atualização de bibliografias, melhorias de infraestrutura e criação de atividades direcionadas ao aprimoramento dos projetos de pesquisa.

Um dos aprendizados desse percurso consiste na compreensão de que a autoavaliação só adquire relevância quando os dados produzidos retornam à comunidade acadêmica e se transformam em decisões. Assim, a avaliação interna deixou progressivamente de ser percebida apenas como demanda vinculada ao sistema nacional de avaliação e passou a funcionar como instrumento de planejamento institucional.

A trajetória dos egressos constitui um indicador dos resultados produzidos pelo PPGCOM. Mestres formados pelo Programa passaram a atuar em diferentes espaços profissionais e acadêmicos, enquanto parte deles ingressou posteriormente em cursos de doutorado em outras instituições brasileiras.

Esse movimento revela simultaneamente um resultado e uma limitação. A continuidade

dos estudos em programas de doutorado demonstra a capacidade da formação oferecida em preparar pesquisadores para níveis mais avançados da carreira acadêmica. Por outro lado, evidencia a ausência, no Maranhão, de oferta de doutorado acadêmico em Comunicação, fazendo com que aqueles interessados em prosseguir sua formação precisem novamente se deslocar para outros estados.

Esse aspecto permite compreender uma das principais contradições da interiorização. A abertura de um mestrado representa uma mudança importante na geografia da formação, mas a ausência de continuidade nos diferentes níveis pode reproduzir parcialmente o movimento de deslocamento de pesquisadores para os grandes centros.

A experiência acumulada entre 2018 e 2026 também evidencia outros desafios. Manter um programa de pós-graduação no interior exige construir e renovar redes acadêmicas, criar condições de circulação de docentes e discentes, acessar financiamento, fortalecer a infraestrutura, estabelecer estratégias de internacionalização compatíveis com a realidade institucional e garantir sustentabilidade acadêmica ao corpo docente.

Ao mesmo tempo, essa experiência demonstra que estar distante dos centros tradicionais de produção científica não significa ocupar necessariamente uma posição periférica do ponto de vista intelectual. Pelo contrário, a localização pode constituir uma perspectiva epistemológica produtiva quando permite formular questões conectadas às experiências, aos conflitos e às transformações do território.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do PPGCOM/UFMA mostra que interiorizar a pós-graduação vai além do deslocamento geográfico da oferta de um curso. Trata-se de construir uma comunidade acadêmica em um território historicamente marcado por menor presença da pós-graduação *stricto sensu*, criando condições para que estudantes e pesquisadores possam realizar sua formação sem necessariamente migrar dos territórios de origem.

Ao longo dessa trajetória, diferentes desafios estiveram presentes: institucionalizar o funcionamento de um Programa recém-criado, estruturar políticas acadêmicas, garantir infraestrutura e recursos, fortalecer redes científicas, ampliar ações afirmativas, enfrentar questões relacionadas à permanência e construir mecanismos de avaliação capazes de orientar o planejamento.

A experiência também revelou que a localização na Região Interestadual Bico do Papagaio não constitui apenas uma informação geográfica sobre o PPGCOM. Ela interfere na composição de seu público, nas questões investigadas, nas relações estabelecidas com a sociedade e nos desafios encontrados para sua consolidação. Nesse sentido, fazer pós-graduação em Comunicação no interior da Amazônia Legal implica lidar com desigualdades históricas do próprio Sistema Nacional de Pós-Graduação, mas também cria possibilidades de deslocar os lugares a partir dos quais o conhecimento científico é produzido.

Um dos principais aprendizados dessa trajetória está justamente na compreensão de que a interiorização precisa ser acompanhada de políticas de permanência, financiamento, inclusão, infraestrutura, circulação acadêmica e continuidade da formação. Caso contrário, corre-se o risco de ampliar formalmente a presença da pós-graduação sem transformar de maneira efetiva as assimetrias que estruturam o campo científico brasileiro.

Por outro lado, quando encontra condições de consolidação, a presença de programas fora dos grandes centros possibilita fortalecer comunidades de pesquisa, formar novos pesquisadores, ampliar a diversidade dos sujeitos que participam da pós-graduação e produzir conhecimentos conectados às particularidades dos territórios.

Assim, a experiência do PPGCOM/UFMA em Imperatriz permite defender que a interiorização da pós-graduação não deve ser compreendida apenas como política de expansão educacional, mas como estratégia de descentralização da produção científica. Ao formar pesquisadores e produzir conhecimento a partir de Imperatriz e da Região Interestadual Bico do Papagaio, o Programa participa de um movimento mais amplo de afirmação da Amazônia Legal não somente como território sobre o qual se produz conhecimento, mas como lugar a partir do qual se produz ciência, teoria e reflexão sobre a Comunicação.

REFERÊNCIAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. **Proposta de Curso Novo (APCN): Doutorado Acadêmico em Comunicação**. Proposta elaborada para submissão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Imperatriz: UFMA, 2026. Documento institucional não publicado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. **Registros qualitativos institucionais do PPGCOM/UFMA na Plataforma Sucupira: 2018-2025**. Imperatriz: UFMA, 2018-2025. Documentação institucional.

O MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO NA UFMA DE IMPERATRIZ: PERCURSO HISTÓRICO, CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS ENFRENTADOS

Jónata Ferreira de Moura[1]

RESUMO

O então Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED) foi aprovado pela Resolução n.º 1793/2018-CONSEPE/UFMA, de 30 novembro de 2018, e modificado pela Resolução n.º 1821/2019-CONSEPE/UFMA, de 21 de janeiro de 2019. Seu nome foi alterado pela Portaria Capes n.º 271, de 27 de agosto de 2024, passando a ser Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE), faz parte da grande área Ciências Humanas, área de avaliação é a Educação e possui duas linhas de pesquisas: 1. Linguagens, Práticas Pedagógicas e Tecnologias na Educação; 2. Pluriculturalidade, Interculturalidade e Práticas Educativas Interdisciplinares. O Programa oferece o curso de Mestrado Profissional em Educação e Práticas Educativas, que possui como característica maior aproximação com o mundo do trabalho, no âmbito da Educação, significando inserção nos espaços escolares e não escolares, promovendo problematização da prática pedagógica, integrando a pesquisa científica e o desenvolvimento de metodologias de ensino e construção de práticas interculturais e interdisciplinares. É o primeiro mestrado em Educação de uma instituição de ensino superior de todo o Sul e Sudeste do Maranhão, e já formou mais de 100 mestres e mestras ao longo dos seus sete anos de existência. Com um conjunto de docentes que pesquisam deste a educação escolar à não formal, passando pelas questões multiculturais e pluriculturais, têm contribuído, juntamente com seus orientandos, na construção de produtos educacionais que ajudar professores e profissionais das mais diversas áreas a lapidar sua prática educativa e/ou o desenvolvimento formativo de crianças, jovens ou adultos que precisam progredir cotidianamente. Contudo, ainda vivencia muitos desafios, deste a pouquíssima quantidade de bolsa para os estudantes, até os problemas de assimetrias regionais.

Palavras-chave: PPGEPE; Formação Docente; Educação.

1 INTRODUÇÃO

O presente ensaio trata da existência do Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE) na unidade prof. José Batista de Oliveira, do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão (CCIm/UFMA), que oferece o curso de Mestrado Profissional em Educação e Práticas Educativas.

Quando o Programa foi aprovado pela Resolução n.º 1793/2018-CONSEPE/UFMA, de 30 novembro de 2018 e modificado pela Resolução n.º 1821/2019-CONSEPE/UFMA, de 21 de janeiro de 2019, era chamado de Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED). Seu nome foi alterado pela Portaria Capes n.º 271, de 27 de agosto de 2024, passando a ser chamado de Programa de Pós-Graduação em Educação e

[1] Doutor em Educação. Docente CCIM/UFMA. E-mail: jf.moura@ufma.br

Práticas Educativas.

O foco deste texto é mostrar para os leitores o percurso histórico do PPGEPE, suas contribuições na formação e aperfeiçoamento de profissionais da educação e ainda, os desafios que tem enfrentado para manter uma formação de qualidade a nível de pós-graduação.

2 O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E PRÁTICAS EDUCATIVAS NOS 40 ANOS DA UFMA DE IMPERATRIZ

Ao longo dos mais de 40 anos de existência da UFMA em Imperatriz o campo da Educação foi assistido pelo curso de Pedagogia, formando milhares de jovens, senhoras e senhores para atuarem em escolas e também em espaços não escolares. Somente em 2019, um curso de mestrado em Educação é implantado. Na época, PPGFOPRED tinha, entre seus objetivos, promover uma integração com o campo de trabalho com inserção nos espaços escolares, promovendo uma ampla problematização da prática pedagógica, integrando a pesquisa científica e o desenvolvimento de metodologias de ensino e construção de práticas interculturais e interdisciplinares.

Como todos os Programas profissionais autorizados pela Capes, o PPGFOPRED nasce sem bolsas para os estudantes, mas com um desejo imenso de colaborar com a formação continuada dos profissionais da educação do Brasil, em especial, do Sul e Sudoeste do Maranhão. Na primeira seleção para ingresso tivemos um total de 300 inscritos para 15 vagas. De lá para cá, a quantidade de inscritos diminui, mesmo assim ainda é um número elevado de pessoas que buscam o mestrado para, dentre tantas coisas, realizar um sonho pessoal, pois antes do nosso mestrado profissional em Educação as opções para cursar um mestrado estava em São Luís, a capital do estado, ou fora do Maranhão, mas muitos profissionais não conseguiam licença para estudar e/ou deixar sua família e se dedicar integralmente a um curso de Pós-graduação em nível *stricto sensu*.

Na seleção de 2025 para ingresso de novos estudantes, tivemos 197 candidatos inscritos para 33 vagas. Em 2026, temos 188 inscritos para 28 vagas. Aumentamos o número de docentes credenciados no Programa, mas o número de candidatos continua alto, uma vez que as pessoas que moram e estudam na região de abrangência da UFMA de Imperatriz têm, a cada dia, compreendido o quanto é importante para sua formação profissional cursar um mestrado, e mais estudantes da graduação têm realizado pesquisas na iniciação científica e estabelecido laços com professores e estudantes de cursos de mestrado, isso tem incentivado os jovens e os profissionais a quererem cursar o mestrado em Educação, em especial o Mestrado Profissional em Educação e Práticas Educativas.

O Programa faz parte da grande área chamada Ciências Humanas, sua área de avaliação é a Educação e possui duas linhas de pesquisas: 1. Linguagens, Práticas Pedagógicas e Tecnologias na Educação; 2. Pluriculturalidade, Interculturalidade e Práticas Educativas Interdisciplinares.

A primeira tem como objetivo promover a formação docente com base em uma ampla

problematização sobre a formação inicial e continuada de docentes contemplando estudos sobre: profissão e a constituição da identidade docente; história, gestão e políticas públicas da educação básica; questões relativas à currículos, inclusão, cultura e sociedade; alfabetização e letramento; educação matemática e metodologias de ensino em história, geografia e ciências naturais; o estudo e a produção de propostas de ensino globalizadas e recursos didáticos adequados para o ensino de natureza interdisciplinar; estudo e uso de novas tecnologias favoráveis à inclusão digital de crianças e adultos em situação de vulnerabilidade social e pessoas com deficiência. Objetiva-se integrar pesquisa científica e intervenção na realidade escolar por meio da ressignificação das práticas pedagógicas e construção de práticas interdisciplinares.

A segunda linha visa a qualificação de profissionais da educação por meio de estudos e investigações voltadas para a compreensão de fenômenos que envolvem a educação contemporânea, com base na geração de saberes pluriculturais, interculturais e práticas interdisciplinares. A linha tem como eixo articulador os aspectos pluriculturais e interculturais relacionados às práticas educativas interdisciplinares, abrangendo os seguintes tópicos: povos tradicionais, história e saberes; artes populares e educação popular; movimentos sociais e protagonistas anônimos da história, estudos biográficos e autobiográficos, gêneros e sexualidades nos espaços formais e informais de educação, formação de professores e práticas educativas em Arte/Educação, teorias e metodologias do ensino de arte, Estudos Culturais e ensino de arte, Educação estética e teorias psicanalíticas.

No ano de 2022, estabelecemos um convênio com o Município de Alto Alegre do Pindaré/MA oferecendo duas turmas especiais para seus profissionais da Educação. Ofertamos 36 vagas e a previsão é de que em março de 2027 todos os mestrandos tenham defendido suas dissertações e conquistado o título de mestres em Educação.

Em agosto de 2024, o nome do Programa foi alterado para Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE), por meio da Portaria Capes n.º 271, de 27 de agosto de 2024. Desde então, o PPGEPE tem avançado qualitativamente e quantitativamente. Um dos primeiros marcos é a parceria com o Programa de Pós-Graduação em Saúde e Tecnologia da UFMA, na criação do projeto de extensão *Promoção da saúde com mulheres em situação de rua: construção de estratégias participativas em extensão universitária*, sua conquista e financiamento via Edital n.º 21/2025 Ageufma/Proec – Extensão na Pós-Graduação Proext-PG, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

O objetivo geral do projeto de extensão foi promover a saúde e a cidadania de mulheres em situação de rua por meio da construção participativa de estratégias de cuidado, autonomia e inclusão social, articulando ações interdisciplinares de extensão universitária que fortaleçam vínculos comunitários.

O projeto de extensão tem seu foco nas mulheres em situação de rua porque tal circunstância é marcada por múltiplas vulnerabilidades, incluindo dificuldades de acesso à saúde, à cidadania e às condições que favoreçam a autonomia. Considerando o compromisso da extensão universitária em articular ensino, pesquisa e ação social, o projeto visou promover

espaços de reflexão e cuidado com pessoas em situação de rua, utilizando metodologias participativas.

O público alvo são mulheres em situação de rua atendidas pelo Consultório da Rua e/ou institucionalizadas no município de Imperatriz (MA). Elas foram convidadas a participarem dos círculos de cultura e ações interdisciplinares de apoio indireto à saúde promovidas pela equipe de extensão, haja vista que, há a necessidade de ampliar a visibilidade e a escuta deste público, favorecendo o acesso a informações em saúde e cidadania, bem como a construção de vínculo e o protagonismo.

Outro marco importante para o PPGEPE aconteceu no final de 2024 e início de 2025, com a seleção da então mestranda, Leiane da Costa Leandro, para o programa *Caminhos Amefricanos: Programa de Intercâmbios Sul-Sul – edições Peru, Angola e República Dominicana*, via Edital n.° 4/2024 Capes. Leiane desenvolveu atividades acadêmicas na *Universidad Nacional Mayor de San Marcos*, em Lima/Peru, ampliando os horizontes de sua pesquisa e aprofundando o diálogo intercultural. Ela defendeu sua dissertação no dia 08 de dezembro de 2025.

O Programa *Caminhos Amefricanos: Programa de Intercâmbios Sul-Sul* é um programa de mobilidade internacional que promove o intercâmbio entre estudantes e pesquisadores do Peru, Angola e República Dominicana. O objetivo do Programa é estimular e promover a troca de conhecimentos, experiências e permitir a criação de políticas públicas que contribuam para o enfrentamento do racismo no Brasil, bem como para a valorização da História e Cultura Africana e da Diáspora Africana, no contexto da Educação das Relações Étnico-Raciais. O intercâmbio foi financiado pela CAPES e rendeu muitas aprendizagens para a hoje mestra, Leiane da Costa Leandro, que é natural do estado do Piauí e professora da rede pública municipal da cidade de Floriano (PI).

Como em todo mestrado profissional, nossos estudantes, além de escreverem uma dissertação, precisam produzir e desenvolver um produto educacional que pode ter diferentes formatos e necessita ser aplicado em um contexto real. O produto educacional deve ser elaborado com o intuito de responder a uma pergunta ou um problema oriundo do campo da prática profissional, podendo ser um artefato real ou virtual, ou ainda, um processo. No entendimento de Rizzatti *et al.* (2020, p. 05), o produto ou o processo educacional

> Deve apresentar, em sua descrição, as especificações técnicas, ser compartilhável, registrado em plataforma, apresentar aderência às linhas e aos projetos de pesquisa do PPG, apresentar potencial de replicabilidade por terceiros, além de ter sido desenvolvido e aplicado para fins de avaliação, prioritariamente, com o público-alvo a que se destina.

Desde as primeiras defesas até hoje já foram publicados mais de cem produtos educacionais[2], de diferentes formatos, deste caderno de apoio pedagógico, cartilhas, guias,

[2] Para conhecer os produtos construídos pelos nossos mestres e mestras, basta acessar o link: https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/documentos_stricto.jsf?lc=pt_BR&idPrograma=1458&idTipo=6

documentários, jogo de tabuleiro, curta-metragem até exposição artística. Os mestres constroem, com uso ou não da inteligência artificial, e muitas vezes empregam o material no seu ambiente de trabalho, pois alguns, ao finalizarem o mestrado, são convidados a assumir o setor de formação continuada nas secretárias de educação na rede de ensino onde trabalham, assim, fazem uso do produto educacional que produziram, na tentativa de ajudar a rede de ensino a avançar e conquistar melhores índices educacionais.

O PPGEPE é composto por docentes[3] do curso de Pedagogia e Licenciatura em Ciências Humanas e Enfermagem, do CCIm, do Centro de Ciências de Codó (CCCO), do Centro de Ciências de Pinheiro (CCPi) e de São Luís. Além disso, temos professores externos de universidades parceiras, como Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) e Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Docentes que muito têm contribuído para o crescimento da pesquisa no Programa e na formação de novos pesquisadores.

Os diversos grupos de pesquisa[4] ajudam na formação dos mestrandos. Muitos deles passam a conhecer e participar de um grupo de estudos e pesquisas pela primeira vez ao ingressarem no curso de mestrado e assim, iniciam uma nova jornada de estudos e compartilhamento das dúvidas, de suas investigações e também da participação de eventos científicos.

E por lembrar de eventos científicos, o PPGEPE tem o cuidado de realizar um evento anual para que seus mestrandos e mestrandas possam socializar e discutir suas pesquisas. É o nosso colóquio[5]. O evento é realizado por docentes e discentes, reafirmando a importância do fortalecimento da produção científica local e regional, consolidando-se, assim, como espaço qualificado de debate, reflexão e construção de saberes comprometidos com as demandas sociais e educacionais da região. A cada ano é elegida uma temática para nortear o colóquio, orientando todo o evento, o qual encontra-se na sua sexta edição, e a cada ano vem crescendo a tal ponto que hoje tornou-se um evento regional, conquistando financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (Fapema), através de editais de apoio à realização de eventos científicos, tecnológicos e/ou de inovação. É publicado um caderno de programação e resumos, além dos anais e de um livro eletrônico, provenientes dos trabalhos apresentados no evento.

Os diversos problemas provenientes de assimetrias regionais têm impactado no desenvolvimento do Programa. O pouco financiamento para as pesquisas, para a participação dos docentes e discentes em eventos científicos nacionais e internacionais, e ainda, a falta de ajuda para os discentes permanecerem no curso, pois não contamos com bolsas da Capes e nem do CNPq, só temos três bolsas da Fapema, pois, como uma agência de financiamento estadual não faz distinção entre programa acadêmico e profissional.

---

[3] Para conhecer os docentes, basta acessar o link: https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/equipe_stricto.jsf?lc=pt_BR&idPrograma=1458

[4] Para conhecer os grupos de pesquisa, basta acessar o link: https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/secao_extra_stricto.jsf?lc=pt_BR&idPrograma=1458&extra=322334340

[5] Para conhecer as edições do colóquio, basta acessar o link: https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/secao_extra_stricto.jsf?lc=pt_BR&idPrograma=1458&extra=328640920

Nossos estudantes de graduação precisavam migrar para grandes centros para cursar uma pós-graduação, gerando evasão local de talentos. Com os muitos Programas que a UFMA em Imperatriz passou a ter nos seus 40 anos de existência, o acesso a cursos de mestrado e doutorado tem sido menos trabalhoso, especialmente, em relação ao deslocamento e a possibilidade de escolhas. Mesmo assim, temos consciência que a maior parte dos recursos financeiros estão concentrados nas regiões Sul e Sudeste, enquanto as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste possuem menos ofertas de bolsas e incentivos financeiros para a realização de pesquisas.

Essas assimetrias regionais e tantas outras dificultam o trabalho dos pesquisadores regionais, a produção do conhecimento que poderia impactar o desenvolvimento local e regional, e ainda, a formação de novos cientistas que poderiam permanecer em suas regiões de origens ajudando no desenvolvimento social, financeiro, cultural e educacional das regiões menos assistidas pelas agências de fomentos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio o objetivo foi mostrar para os leitores o percurso histórico do PPGEPE, suas contribuições na formação e aperfeiçoamento de profissionais da educação e ainda, os desafios que tem enfrentado para manter uma formação de qualidade a nível de pós-graduação.

É perceptível o quanto o curso de Mestrado Profissional em Educação e Práticas Educativas tem ajudado na formação e qualificação de novos pesquisadores, e ainda, na melhoria da prática docente nas mais diversas redes de ensino. Este feito vem acompanhado de desafios, problemáticas e esperança no aumento do financiamento para a pesquisa brasileira, oportunidades de intercâmbio para nossos estudantes e ainda, recebimento de estudantes de outras nacionalidades para intercambiar conosco.

Nos mais de 40 anos da UFMA em Imperatriz, o PPGEPE assume seu compromisso de formação de qualidade, agregando à universidade conquistas, avanços e o diálogo com a comunidade em geral, mas, especialmente com os professores e as professoras das redes de ensino de toda a região Sul e Sudeste do Maranhão.

REFERÊNCIAS

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Portaria Capes n.º 271**, de 27 de agosto de 2024. Estabelece mudança de nomenclatura de Programas e Cursos de pós-graduação stricto sensu. Link: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-capes-n-271-de-27-de-agosto-de-2024-581147326

RIZZATTI, Ivanise Maria; MENDONÇA, Andrea Pereira; MATTOS, Francisco; RÔCAS, Giselle; SILVA, Marcos André B Vaz; CAVALCANTI, Ricardo Jorge de S; OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues. Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. **ACTIO: docência em ciências**, Curitiba, v. 5, n.º 2, p. 1-17, maio/ago. 2020. DOI: 10.3895/actio.v5n2.12657

UFMA. **Resolução n.º 1793/2018-CONSEPE/UFMA**, de 30 novembro de 2018. Aprova

o projeto do Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração: formação de professores e práticas pedagógicas, em nível de mestrado profissional e seu regimento interno. São Luís. 2018.

UFMA. **Resolução n.º 1821/2019-CONSEPE/UFMA**, de 21 de janeiro de 2019. Retifica o título do Programa de Mestrado Profissional, objetivo da resolução n.º 1793-CONSEP-2018. São Luís. 2019.

MEMÓRIA INSTITUCIONAL E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: CONTRIBUIÇÕES DA PRIMEIRA TURMA DO MESTRADO EM EDUCAÇÃO DA UFMA IMPERATRIZ

Gardênia de Almeida Bezerra [1]
Francisco de Assis Carvalho de Almada [2]

RESUMO

Este artigo objetiva analisar a produção acadêmica das dissertações da primeira turma do Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED) da Universidade Federal do Maranhão, câmpus Imperatriz – atualmente denominado Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE) –, visando compreender as trajetórias de pesquisa, temas prioritários e contribuições para o desenvolvimento educacional da Região Tocantina. O estudo inscreve-se no campo dos Estados do Conhecimento e realiza a Análise de Conteúdo dos resumos, palavras-chave, referenciais teóricos, metodologias e produtos educacionais, e contribui para o resgate da memória institucional, materializando-se na sistematização do conhecimento produzido pela turma pioneira. A relevância da pesquisa ancora-se no contexto das comemorações dos 60 anos da Universidade Federal do Maranhão e dos 46 anos da UFMA em Imperatriz, oferecendo uma análise da produção científica do primeiro mestrado em educação ofertado no interior do Estado. O recorte temporal vai de 2019 a 2021, período de desenvolvimento das pesquisas, e o *corpus* documental é composto pelas vinte dissertações defendidas pelos alunos aprovados no processo seletivo de 2019. Os resultados revelam variedade temática, concentrando-se em seis grandes eixos: gestão escolar, políticas educacionais e financiamento; formação docente, identidade e saberes profissionais; educação do campo, movimentos sociais e pedagogia da alternância; educação inclusiva, diversidade e acessibilidade; gênero, feminismo e educação; e ensino de história, geografia e memória local. Predominam abordagens qualitativas, com ênfase em pesquisa documental, análise de conteúdo e história oral, e observa-se forte influência do pensamento freireano.

Palavras-chave: Memória institucional; Estado do conhecimento; Dissertações; Mestrado em educação; Pós-graduação.

1 INTRODUÇÃO

A Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em 2026, celebra seis décadas de existência, enquanto sua presença em Imperatriz completa mais de quatro décadas de atuação na Região Tocantina. Esse percurso histórico é marcado por transformações estruturais, expansão de cursos e a consolidação de programas de pós-graduação que têm impactado significativamente o desenvolvimento científico, econômico e social do sul do Maranhão. Nesse contexto, a criação do Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED)

[1] Mestra em Formação Docente em Práticas Educativas - UFMA. Egressa do PPGFOPRED/UFMA e Acadêmica de Pedagogia - UFMA. E-mail: gardeniaeumaflor@gmail.com.

[2] Doutor em Educação - UNESP. Professor Adjunto III e da UFMA e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas - PPGEPE/UFMA. E-mail: francisco.almada@ufma.br.

– atualmente denominado Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE)[3] –, aprovado pela Resolução nº 1.793-CONSEPE e, posteriormente retificado pela Resolução nº 1.821CONSEPE (UFMA, 2018; 2019), representa um marco na história educacional da região.

A primeira turma do mestrado, ingressante em 2019, foi composta por vinte alunos distribuídos em duas linhas de pesquisa: "Linguagens, Práticas Pedagógicas e Tecnologias na Educação" e "Pluriculturalidade, Interculturalidade e Práticas Educativas Interdisciplinares". Este estudo propõe-se a analisar a produção acadêmica desses vinte pesquisadores, buscando compreender as trajetórias de pesquisa, temas prioritários, referenciais teóricos e metodologias adotados, bem como os produtos educacionais gerados, evidenciando suas contribuições para o desenvolvimento educacional da Região Tocantina.

A relevância desta pesquisa ancora-se no contexto das comemorações dos 60 anos da UFMA e dos 40 anos da UFMA em Imperatriz, conforme proposta da chamada interna para submissão de capítulos do livro "UFMA em Imperatriz: mais de quatro décadas de legado" (UFMA, 2026). Insere-se no campo dos Estudos do Conhecimento (Romanowski; Ens, 2006), tendo como *corpus* documental as dissertações da primeira turma, os Currículos Lattes dos egressos e documentos institucionais. Para análise das dissertações, foram adotados os procedimentos de Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2016), considerando os resumos, palavras-chave, referenciais teóricos, metodologias, resultados e produtos educacionais.

Os estudos sobre memória institucional, segundo discutido por Le Goff (1990) e Pollak (1992), constituem-se como importantes instrumentos para a compreensão da trajetória de instituições e seus impactos na sociedade. A produção acadêmica de um programa de pós-graduação representa não apenas a formação de pesquisadores, mas também a construção de conhecimento que reflete e responde às demandas do contexto social, político e educacional no qual está inserido (Nóvoa, 1992; Pimenta, 1998; Tardif, 2014).

O recorte temporal vai de 2019 a 2021, e corresponde ao período de desenvolvimento das pesquisas da primeira turma, desde o ingresso até as defesas das dissertações. O *corpus* documental é composto pelas vinte dissertações defendidas pelos alunos aprovados no processo seletivo de 2019, disponíveis no repositório institucional da UFMA.

Este artigo estrutura-se em cinco seções, a partir desta introdução. Na segunda seção, apresenta-se a fundamentação teórica, abordando conceitos de memória institucional, estado do conhecimento e produção acadêmica. Na terceira seção, descrevem-se os procedimentos metodológicos adotados. Na quarta seção, são discutidos os resultados da análise. Por fim, na quinta seção, as considerações finais destacam as contribuições da pesquisa para a memória institucional da UFMA em Imperatriz.

[3] O Programa teve seu nome alterado pela Portaria Capes nº 271, de 27 de agosto de 2024, passando a ser denominado Programa de Pós-graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE).

2 MEMÓRIA INSTITUCIONAL E PRODUÇÃO ACADÊMICA

A memória institucional constitui-se como um campo de estudo que investiga os processos de construção, preservação e significação das trajetórias de instituições. Conforme Le Goff (1990), a memória é um elemento fundamental para a constituição da identidade de grupos e instituições, sendo simultaneamente um processo de seleção e esquecimento. Pollak (1992) amplia essa compreensão ao destacar que a memória institucional é marcada por disputas de narrativas e pela construção de versões legitimadas sobre o passado.

No contexto acadêmico, a produção de conhecimento representa uma das principais expressões da memória institucional. Os programas de pós-graduação, por meio de suas pesquisas, dissertações e teses, constroem um patrimônio científico que reflete as trajetórias de formação e as contribuições para o desenvolvimento de áreas do conhecimento (Candau, 2002). A sistematização dessa produção, em especial de turmas pioneiras, oferece elementos para a compreensão dos percursos formativos e respostas institucionais às demandas sociais.

Nóvoa (1992) e Pimenta (1998) destacam que a formação de professores e a produção de conhecimento sobre educação são processos interligados, nos quais a pesquisa acadêmica atua como mediadora entre a teoria e a prática educativa. Os programas de pós-graduação em educação, especialmente na modalidade profissional, cumprem o papel de qualificar profissionais para atuação na educação básica, ao passo que produzem conhecimento que pode subsidiar políticas e práticas educacionais (Frigotto, 1998; Tardif, 2014).

2.1 A UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO EM IMPERATRIZ: TRAJETÓRIA E EXPANSÃO

A presença da UFMA em Imperatriz remonta à década de 1980, com a criação do câmpus universitário, atualmente denominado Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM). Ao longo dessas mais de quatro décadas, a instituição expandiu a oferta de cursos de graduação e, mais recentemente, de pós-graduação *stricto sensu*. O PPGFOPRED, conforme estabelecido pela Resolução nº 1.793-CONSEPE (UFMA, 2018), foi concebido como um programa de mestrado profissional voltado para formação de docentes com atuação na Educação Básica, tanto no ensino quanto na área de formação de formadores, graduados em Licenciaturas e/ou Bacharelados com interesse no desenvolvimento de pesquisa na área de Educação Básica.

O Programa, conforme seu Regimento Interno, tem como objetivo precípuo "[...] a formação de profissionais que possam desenvolver saberes, competências e habilidades específicas na área de Educação Básica, levando em conta a incorporação e atualização permanentes dos avanços da ciência e das tecnologias" (UFMA, 2018, Art. 3º). Essa proposta alinha-se à tendência nacional de fortalecimento da pós-graduação profissional em educação, que busca articular a produção de conhecimento com a intervenção na realidade educacional.

2.2 ESTADO DO CONHECIMENTO E ANÁLISE DE PRODUÇÕES ACADÊMICAS

A pesquisa do tipo Estado do Conhecimento constitui-se como uma metodologia que visa mapear e analisar a produção acadêmica em determinada área, identificando temas, abordagens teóricas, metodologias e tendências (Romanowski; Ens, 2006). Esse tipo de estudo é fundamental para compreender o desenvolvimento de campos científicos, bem como para identificar lacunas e perspectivas de pesquisa.

Morosini e Fernandes (2014) destacam que os estudos de Estado do Conhecimento em educação consolidam-se como importantes instrumentos de balanço da produção acadêmica, especialmente em relação a dissertações e teses, permitindo identificar como os programas de pós-graduação respondem às demandas sociais e contribuem para o avanço do conhecimento.

A Análise de Conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016), constitui-se como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção dessas mensagens.

Os estudos sobre formação docente, identidade profissional e saberes da docência desenvolvidos por Nóvoa (1992), Pimenta (1998; 2004), Tardif (2014) e Schön (1992), fornecem importantes referenciais para a análise de pesquisas na área de educação. Esses autores destacam a importância da reflexão sobre a prática, da construção da identidade profissional e do reconhecimento dos saberes docentes como elementos centrais para a formação de professores e para a produção de conhecimento em educação.

3 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como Estado do Conhecimento e tem como finalidade "mapear e discutir a produção acadêmica sobre um tema, possibilitando a identificação de tendências, recorrências e lacunas" (Romanowski; Ens, 2006, p. 39). Esta modalidade de pesquisa é particularmente adequada para estudos que buscam compreender a produção de conhecimento em programas de pós-graduação, especialmente tratando-se de turmas pioneiras.

Quanto aos objetivos, a pesquisa classifica-se como exploratória e descritiva (Gil, 2002). Exploratória porque visa proporcionar maior familiaridade com o problema, constituindo hipóteses e aprimorando ideias acerca da produção acadêmica da primeira turma. Descritiva porque o principal objetivo é a descrição das características da produção científica, estabelecendo relações entre as variáveis identificadas (temas, referenciais, metodologias).

3.1 *CORPUS* DA PESQUISA

O *corpus* documental da pesquisa é composto por: a) Vinte dissertações defendidas pelos alunos da primeira turma do PPGFOPRED (atual PPGEPE), aprovados no processo seletivo

de 2019 e que defenderam seus trabalhos no período de 2020 a 2021. A escolha desse recorte temporal justifica-se por compreender o ciclo completo da primeira turma, desde o ingresso até a conclusão dos trabalhos; b) Currículos Lattes dos vinte egressos, disponíveis na Plataforma Lattes do CNPq, que permitem identificar trajetórias de formação, produção acadêmica e atuação profissional e c) Documentos institucionais: Regimento Interno do Programa (UFMA, 2018), Resoluções de criação e alteração (UFMA, 2018; 2019).

3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada em três etapas: 1. Identificação e localização das dissertações: levantamento no repositório institucional da UFMA, para localização das vinte dissertações. Foram coletados também os currículos Lattes dos egressos, acessados por meio da Plataforma Lattes do CNPq. 2. Leitura e fichamento: Realizou-se a leitura das dissertações, com atenção especial aos seguintes elementos: resumo, palavras-chave, introdução (com ênfase na contextualização e justificativa), referenciais teóricos, metodologia, resultados e considerações finais. 3. Análise dos dados: Os dados coletados foram submetidos à Análise de Conteúdo, conforme procedimentos sistematizados por Bardin (2016), envolvendo as fases de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

3.3 CATEGORIAS DE ANÁLISE

As categorias de análise foram definidas a partir da leitura flutuante dos materiais, considerando os objetivos da pesquisa. Foram estabelecidas seis categorias temáticas principais, que emergiram da análise dos resumos e palavras-chave das dissertações:

1. Gestão escolar, políticas educacionais e financiamento: trabalhos que abordam temas como gestão democrática, políticas públicas educacionais, financiamento da educação, conselhos escolares e legislação educacional.

2. Formação docente, identidade e saberes profissionais: pesquisas que investigam a formação inicial e continuada de professores, construção da identidade profissional, saberes docentes e profissionalização.

3. Educação do campo, movimentos sociais e pedagogia da alternância: estudos sobre educação do campo, escolas famílias agrícolas, movimentos sociais do campo, pedagogia da alternância e comunidades tradicionais.

4. Educação inclusiva, diversidade e acessibilidade: trabalhos sobre educação especial, inclusão escolar, diversidade cultural, relações étnico-raciais e acessibilidade.

5. Gênero, feminismo e educação: pesquisas que abordam questões de gênero, feminismo, mulheres na educação, relações de gênero no espaço escolar e sexualidade.

6. Ensino de história, geografia e memória local: estudos sobre ensino de história, geografia, memória local, identidade cultural e patrimônio histórico-educacional.

Além disso, foram estabelecidas categorias para análise metodológica: Abordagem: qualitativa, quantitativa ou mista; Tipo de pesquisa: documental, bibliográfica, estudo de caso, pesquisa-ação, etc.; Procedimentos de coleta de dados: análise documental, observação, entrevistas, questionários, etc.; Referenciais teóricos: autores e teorias mais citados.

3.4 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Para a coleta e sistematização dos dados, foram utilizados os seguintes instrumentos: 1. Ficha de registro de dissertação: instrumento elaborado sistematizar as informações de cada dissertação, contendo os seguintes campos: Identificação (autor, orientador, título, ano, linha de pesquisa); Tema e problema de pesquisa; Objetivos (geral e específicos); Referenciais teóricos; Metodologia; Principais resultados; Produtos educacionais gerados; Palavras-chave. 2. Quadro de categorização temática: instrumento para agrupar as dissertações segundo as categorias temáticas estabelecidas, permitindo análise de frequência e distribuição dos temas. 3. Planilha de análise metodológica: instrumento para sistematizar informações sobre abordagens, tipos de pesquisa e procedimentos metodológicos adotados.

3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A análise dos dados foi realizada por meio da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), seguindo as seguintes etapas: 1. Análise das categorias temáticas: identificação e classificação dos temas presentes nos resumos, palavras-chave e referências teóricas das dissertações. 2. Análise de frequência: contabilização da ocorrência das categorias temáticas, dos referenciais teóricos e dos procedimentos metodológicos. 3. Análise de conteúdo dos currículos Lattes: sistematização de informações sobre trajetórias acadêmicas e profissionais dos egressos. 4. Análise inferencial: interpretação dos resultados à luz do referencial teórico.

4 CARACTERIZAÇÃO GERAL DA PRODUÇÃO ACADÊMICA

A análise das dissertações da primeira turma do PPGFOPRED/PPGEPE revelou uma variedade na produção acadêmica, que reflete tanto as demandas educacionais da Região Tocantina do Maranhão quanto às tendências da pesquisa em educação no Brasil.

Observa-se que na linha Linguagens, Práticas Pedagógicas e Tecnologias na Educação os temas estão relacionados à ênfase do programa na formação de professores para a educação básica, com foco em aspectos didático-pedagógicos e metodológicos.

Os trabalhos vinculados à linha Pluriculturalidade, Interculturalidade e Práticas Educativas Interdisciplinares, abordam temas como educação do campo, diversidade cultural, relações étnico-raciais e educação popular, refletindo a diversidade sociocultural da região.

4.1 EIXOS TEMÁTICOS DAS PESQUISAS

A análise dos resumos e palavras-chave permitiu identificar seis grandes eixos temáticos, conforme apresenta o Tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição das dissertações por eixo temático

Eixo Temático	Quantidade	Percentual
Formação docente, identidade e saberes profissionais	5	25%
Gestão escolar, políticas educacionais e financiamento	4	20%
Educação do campo, movimentos sociais e pedagogia da alternância	4	20%
Educação inclusiva, diversidade e acessibilidade	3	15%
Ensino de história, geografia e memória local	2	10%
Gênero, feminismo e educação	2	10%
Total	**20**	**100%**

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2026).

Observa-se que o eixo "Formação docente, identidade e saberes profissionais" concentra o maior número de pesquisas (25%), evidenciando a centralidade da formação de professores nas preocupações do programa. Esse resultado alinha-se com os objetivos do mestrado profissional, voltado para a qualificação de docentes da educação básica. Os trabalhos desse eixo abordam temas como identidade profissional do professor, saberes docentes, professor reflexivo, formação continuada e profissionalização docente (Pimenta, 1998; Nóvoa, 1992; Tardif, 2014; Schön, 1992).

Os eixos "Gestão escolar, políticas educacionais e financiamento" e "Educação do campo, movimentos sociais e pedagogia da alternância" aparecem com o mesmo percentual (20% cada), indicando a relevância dessas temáticas para a região. No primeiro, destacam-se pesquisas sobre gestão democrática, financiamento da educação, conselhos escolares e políticas públicas educacionais (Frigotto, 1998; Candau, 2002). No segundo, os trabalhos abordam a educação do campo, pedagogia da alternância, movimentos sociais e comunidades tradicionais, temas particularmente relevantes para a região, devido à forte presença de assentamentos e comunidades rurais (Arroyo, 2012; Caldart, 2004; Freire, 1987).

Os eixos "Educação inclusiva, diversidade e acessibilidade" (15%), "Gênero, feminismo e educação" (10%) e "Ensino de história, geografia e memória local" (10%) aparecem em menor proporção, mas indicam a presença de pesquisas voltadas para questões de diversidade, inclusão e identidade cultural. Esses trabalhos dialogam com as discussões contemporâneas sobre educação inclusiva (Mantoan, 2003), relações de gênero na educação (Louro, 1997), e ensino de história e memória local (Fonseca, 2009; Bittencourt, 2008).

4.2. REFERENCIAIS TEÓRICOS

A análise das referências teóricas citadas nas dissertações revelou uma forte influência do pensamento freireano, com Paulo Freire sendo o autor mais citado (presente em 85% dos trabalhos). Essa presença expressiva evidencia a apropriação da pedagogia freireana como referencial para a compreensão da educação como prática de liberdade, conscientização e transformação social (Freire, 1987; 1996). Conceitos de autonomia, diálogo, problematização, conscientização e educação bancária são recorrentemente mobilizados nas pesquisas.

Outros autores de destaque: António Nóvoa (presente em 45% das dissertações): citado principalmente nos trabalhos sobre formação de professores, identidade profissional e desenvolvimento profissional (Nóvoa, 1992; 2017); Maurice Tardif (40%): referenciado nos estudos sobre saberes docentes e formação profissional (Tardif, 2014; Tardif; Nunez Moscoso, 2018); Selma Garrido Pimenta (35%): presente nas pesquisas sobre identidade docente, saberes pedagógicos e formação de professores (Pimenta, 1998; 2004); Donald Schön (30%): referenciado nos estudos sobre professor reflexivo e epistemologia da prática (Schön, 1992; 2000); Edgar Morin (25%): citado em trabalhos que abordam a complexidade, os sete saberes necessários à educação e o pensamento complexo (Morin, 2000).

Observa-se também a presença de autores que discutem educação do campo (Arroyo, Caldart, Molina), políticas educacionais (Azevedo, Saviani), e gênero (Louro, Scott). Além desses, outros referenciais teóricos incluem: Bourdieu, Demo, Gatti, Perrenoud, entre outros.

4.3 ABORDAGENS METODOLÓGICAS

A análise metodológica revelou o predomínio de abordagens qualitativas, presente em 85% das dissertações (17 trabalhos). Apenas 10% (2 trabalhos) utilizaram abordagens mistas (qualitativas e quantitativas) e 5% (1 trabalho) adotou abordagem quantitativa.

Tabela 2 - Abordagens metodológicas adotadas

Abordagem	Quantidade	Percentual
Qualitativa	17	85%
Mista (Qualitativa/Quantitativa)	2	10%
Quantitativa	1	5%
Total	**20**	**100%**

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2026).

Entre os tipos de pesquisa, destacam-se: Pesquisa documental: 35% das dissertações (7 trabalhos), analisando documentos oficiais, legislação, planos de gestão, projetos políticos pedagógicos, etc.; Estudo de caso: 25% (5 trabalhos), investigando realidades escolares

específicas, como escolas, programas ou comunidades; Pesquisa-ação/Pesquisa colaborativa: 20% (4 trabalhos), com envolvimento dos pesquisadores em processos de intervenção e transformação da realidade educacional; Pesquisa bibliográfica: 10% (2 trabalhos), com ênfase na revisão e sistematização da literatura sobre o tema e Pesquisa de campo/*Survey*: 10% (2 trabalhos), com coleta de dados por meio de questionários e entrevistas.

Os procedimentos de coleta de dados mais frequentes foram: Entrevistas (80% dos trabalhos); Análise documental (70%); Observação (45%); Questionários (35%); Grupos focais (20%). Esses resultados indicam o predomínio de pesquisas que buscam compreender a realidade educacional em profundidade, com ênfase na análise de documentos e na escuta dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

4.4 ANÁLISE DOS PRODUTOS EDUCACIONAIS

Conforme o Regimento Interno do programa, os mestrados profissionais devem gerar produtos educacionais que materializem a intervenção proposta pela pesquisa. A análise revelou os tipos de produtos educacionais elaborados, conforme detalhado no Tabela 3.

Tabela 3 - Tipos de produtos educacionais

Tipo de Produto	Quantidade	Percentual
Cadernos de Apoio/Orientação, Cartilhas Educativas/Pedagógicas, *E-books* e Livros Digitais	10	50%
Propostas Formativas e Planos de Intervenção Pedagógica	2	10%
Podcasts, Vídeos Educativos e Documentários	3	15%
Sites Educacionais/Informativos	3	15%
Materiais Didático-Pedagógicos	1	5%
Mídias Sociais	1	5%
Total	**20**	**100%**

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa (2026).

A diversificação dos produtos educacionais evidencia o compromisso da primeira turma do PPGFOPRED/PPGEPE com a produção de conhecimento que transcende os muros acadêmicos, materializando-se em ferramentas práticas e acessíveis alinhadas às demandas da educação básica e da Região Tocantina.

Observa-se que os Cadernos de Apoio/Orientação, Cartilhas, E-books e Livros Digitais (50%) constituem a categoria mais expressiva, refletindo a preocupação com a instrumentalização da prática docente e a produção de materiais de fácil acesso e aplicação direta no cotidiano escolar. Esses produtos abordam temáticas como alfabetização, inclusão de estudantes com transtornos de leitura, educação em direitos humanos, combate ao *bullying*,

valorização das quebradeiras de coco babaçu, educação do campo, pedagogia da alternância, místicas populares e história do magistério local.

A presença de Sites Educacionais/Informativos (15%) e *Podcasts*, Vídeos e Documentários (15%) revela a incorporação de linguagens e tecnologias contemporâneas no fazer pedagógico, ampliando o alcance e a capilaridade dos produtos para além do ambiente escolar. As Mídias Sociais (5%), representada por um perfil no Instagram (já desativado), cumpriu a função de divulgação científica e constituição de acervo histórico de imagens.

Os Materiais Didático-Pedagógicos (5%) e as Propostas Formativas e Planos de Intervenção (10%) completam o quadro, evidenciando a diversidade de estratégias adotadas para atender às diferentes necessidades e realidades educacionais da região.

Em síntese, os produtos educacionais da primeira turma do PPGFOPRED/PPGEPE demonstram alinhamento com as demandas locais. A utilização de linguagem clara e formatos diversos para atingir diferentes públicos, expressa preocupação com a acessibilidade e a incorporação de tecnologias digitais e mídias contemporâneas promovem a inovação pedagógica. Os produtos voltados para a superação de desigualdades e para a valorização de sujeitos e comunidades historicamente marginalizadas corroboram o compromisso do programa com a transformação social.

4.5 ANÁLISE DOS CURRÍCULOS LATTES DOS EGRESSOS

A análise dos currículos Lattes dos egressos da primeira turma revelou informações importantes sobre suas trajetórias profissionais e acadêmicas após a conclusão do mestrado. No tocante à atuação profissional, 90% dos egressos atuam na educação básica, sendo 65% em redes municipais e 25% em redes estaduais; 10% atuam no ensino superior, em instituições públicas e privadas; A maioria (70%) atua em escolas públicas da Região Tocantina, indicando o impacto local da formação.

Acerca da produção acadêmica pós-mestrado, 55% dos egressos publicaram artigos em periódicos científicos ou capítulos de livros após a conclusão do mestrado; 35% apresentaram trabalhos em eventos científicos; 20% deram continuidade à pesquisa, ingressando em programas de doutorado. Observa-se a tendência de publicações em coautoria com os orientadores, indicando a continuidade da produção colaborativa.

Em relação à participação em eventos e grupos de pesquisa: 65% dos egressos participam de grupos de pesquisa e 45% participaram ou participam de eventos científicos relacionados à educação nos últimos cinco anos.

Esses dados indicam que o mestrado contribuiu para a inserção dos egressos em redes de pesquisa e para o desenvolvimento de suas trajetórias acadêmicas, além de sua atuação profissional na educação básica. A continuidade da produção acadêmica após o mestrado, ainda que em proporções variadas, sugere que o programa cumpriu seu papel de formação de **pesquisadores, bem como de qualificação de profissionais para a educação básica.**

4.6 CONTRIBUIÇÕES PARA A REGIÃO TOCANTINA

A análise dos resultados e considerações finais das dissertações permite identificar as contribuições das pesquisas para a Região Tocantina. No que se refere à formação de professores, as pesquisas sobre formação docente, identidade e saberes profissionais contribuíram para a compreensão dos processos de formação inicial e continuada de professores na região, apontando desafios e possibilidades para a qualificação da docência. Os produtos educacionais gerados constituem materiais que podem ser utilizados em processos de formação.

As pesquisas sobre gestão escolar e políticas educacionais ofereceram diagnósticos sobre a realidade da gestão democrática na região, identificando limites e potencialidades para a participação da comunidade na gestão das escolas. As propostas de intervenção elaboradas podem subsidiar práticas de gestão mais participativas.

No tocante à educação do campo, as pesquisas contribuíram para a valorização das experiências de educação desenvolvidas em comunidades rurais/ tradicionais e assentamentos. Os estudos sobre a pedagogia da alternância em Escolas Famílias Agrícolas evidenciam a relevância dessa proposta para a formação de jovens do campo.

As investigações sobre educação inclusiva, relações étnico-raciais e gênero contribuíram para a compreensão dos desafios e possibilidades da promoção da diversidade nas escolas da região, oferecendo elementos para a implementação de políticas de educação inclusiva e para a formação de professores para a diversidade.

Da mesma forma, as pesquisas sobre ensino de história e memória local contribuíram para a valorização da história e cultura da Região Tocantina, propondo abordagens para o ensino de história que consideram a realidade local e a construção da identidade dos sujeitos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar a produção acadêmica da primeira turma do Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED/PPGEPE) da UFMA Imperatriz, evidenciando suas contribuições para o desenvolvimento educacional da Região Tocantina e para a construção da memória institucional da universidade.

A análise das vinte dissertações revelou uma produção diversificada, que reflete tanto as demandas educacionais da região quanto às tendências da pesquisa em educação no Brasil. Os seis eixos temáticos identificados – formação docente, gestão escolar, educação do campo, educação inclusiva, gênero e ensino de história – abrangem questões centrais para a educação na região, demonstrando a relevância das pesquisas desenvolvidas.

A forte influência do pensamento freireano, presente na maioria dos trabalhos, evidencia a apropriação da pedagogia crítica como referencial para a compreensão da educação como prática de liberdade e transformação social. A presença de autores como Nóvoa, Tardif, Pimenta e Schön indica o diálogo com a produção contemporânea sobre formação docente, identidade

profissional e professor reflexivo.

O predomínio de abordagens qualitativas, com ênfase em pesquisa documental, estudo de caso e pesquisa-ação, revela a preocupação com a compreensão aprofundada da realidade educacional, especialmente aquela vivenciada na Região Tocantina. A geração de produtos educacionais por 85% das dissertações demonstra o compromisso do programa com a intervenção na realidade educacional, característica dos mestrados profissionais.

A análise dos currículos Lattes dos egressos indica que o mestrado contribuiu para sua inserção em redes de pesquisa e para a continuidade de suas trajetórias acadêmicas, além de sua atuação profissional na educação básica. O fato de 90% dos egressos atuarem na educação básica, majoritariamente em escolas públicas da região, prova o impacto local da formação.

Esta pesquisa, ao sistematizar a produção acadêmica da turma pioneira do PPGFOPRED/PPGEPE, contribui para a construção da memória institucional da UFMA em Imperatriz, oferecendo elementos para a compreensão da trajetória do programa e de sua contribuição para o desenvolvimento educacional da região. O estudo reafirma a importância dos mestrados profissionais em educação para a qualificação de professores e para a produção de conhecimento que responda às demandas concretas da educação básica.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Em conformidade com o Referencial para o Uso Ético e Transparente de Ferramentas de Inteligência Artificial em Produções Acadêmicas e Científicas do Ministério da Educação (MEC), os autores declaram o uso de ferramentas de Inteligência Artificial (IA) como suporte, especificamente, para revisão, organização da literatura, identificação de padrões e sugestão de categorias temáticas nas dissertações analisadas.

Foram empregados os recursos Gemini 3.1 Pro e Gemini 3.8 Flash (Google DeepMind), como apoio técnico-operacional tendo sido submetida a criterioso processo de verificação, validação e supervisão humana, não assumindo, em nenhuma etapa, a função de substituta da reflexão crítica, discernimento acadêmico ou produção intelectual dos autores.

Ressaltamos que a análise, interpretação dos dados, inferências e conclusões apresentadas, são de inteira responsabilidade dos pesquisadores. Reiteramos, desse modo, nosso compromisso com os princípios da integridade científica, da transparência metodológica e da adoção ética de tecnologias digitais no âmbito da pesquisa educacional, em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo MEC para o desenvolvimento e o uso responsáveis da IA.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história:** fundamentos e métodos. 2. ed. São Paulo:

Cortez, 2008.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do movimento sem-terra**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. A formação do educador: uma perspectiva multidimensional. *In*: CANDAU, Vera Maria Ferrão (Org.). **Formação do educador**: uma perspectiva multidimensional. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 49-55.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação profissional e desenvolvimento. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (Orgs.). **Educação profissional e desenvolvimento**. Brasília: INEP, 1998. p. 39-62.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, 2014. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/porescrito/article/view/18875/12399. Acesso em: 17 ago. 2026.

NÓVOA, António. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, out./dez. 2017.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1998. p. 15-34.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor-pesquisador: mitos e possibilidades. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2004. p. 17-47.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941/1080. Acesso em: 17 ago. 2026.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez.

2006. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/24176. Acesso em: 17 ago. 2026.

SCHÖN, Donald A. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: NÓVOA, António (Org.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 77-91.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TARDIF, Maurice; NUNEZ MOSCOSO, Javier. A noção de "profissional reflexivo" na educação: atualidade, usos e limites. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 48, n. 168, p. 388-411, abr./jun. 2018. Disponível em: https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/5271/pdf. Acesso em: 17 ago. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Resolução nº 1.793-CONSEPE, de 30 de novembro de 2018**. Aprova o Projeto do Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração: formação de professores e práticas pedagógicas, nível de mestrado profissional e seu Regimento Interno. São Luís, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Resolução nº 1.821-CONSEPE, de 21 de janeiro de 2019**. Retifica o título do Programa de Mestrado Profissional, objeto da Resolução nº 1.793-CONSEPE-2018. São Luís, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Chamada interna para submissão de capítulos**: "UFMA em Imperatriz: mais de quatro décadas de legado". Imperatriz: CCIM, 2026.

OS EGRESSOS DA PRIMEIRA TURMA DO MESTRADO EM EDUCAÇÃO DA UFMA IMPERATRIZ: IMPACTOS E LEGADO APÓS CINCO ANOS

Antonirene Rodrigues de Assis Silva [1]
Gardênia de Almeida Bezerra[2]
Karla Bianca Freitas de Souza Monteiro[3]

RESUMO

Este estudo analisa a inserção profissional, a continuidade acadêmica e o desenvolvimento da carreira dos egressos da primeira turma do Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED) – atualmente denominado Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE) –, do Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), cinco anos após a conclusão do mestrado. A pesquisa investiga a trajetória dos vinte ingressantes da turma selecionada em 2019, distribuídos entre as linhas de pesquisa "Linguagens, Práticas Pedagógicas e Tecnologias na Educação" e "Pluriculturalidade, Interculturalidade e Práticas Educativas Interdisciplinares". A investigação insere-se no contexto das comemorações dos 60 anos da UFMA e dos 46 anos do campus de Imperatriz, contribuindo para a preservação da memória institucional e para a avaliação dos resultados da política de interiorização da pós-graduação *stricto sensu* no estado. Adota-se abordagem metodológica mista, articulando procedimentos quantitativos e qualitativos, com pesquisa documental, bibliométrica e aplicação de questionário. Os resultados apontam que o mestrado tem contribuído significativamente para a qualificação profissional, o fortalecimento da produção científica, a formação de pesquisadores e o desenvolvimento educacional da Região Tocantina, evidenciando o papel da UFMA na consolidação da pós-graduação no interior do Maranhão.

Palavras-chave: Egressos; Pós-graduação; Memória institucional; Região Tocantina; Formação docente.

1 INTRODUÇÃO

A formação *stricto sensu* no Brasil tem se consolidado como um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa e da qualificação profissional no campo educacional. Conforme a Portaria CAPES nº 271/2024, a pós-graduação brasileira passa por constantes processos de atualização e reestruturação, visando acompanhar as demandas contemporâneas da sociedade e do mercado de trabalho.

Nesse contexto, o Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas

[1] Mestra em Formação Docente em Práticas Educativas - UFMA. Egressa PPGFOPRED/CCIM/UFMA. E-mail: antonirenes@gmail.com.

[2] Mestra em Formação Docente em Práticas Educativas - UFMA. Egressa PPGFOPRED/CCIM/UFMA e Acadêmica de Pedagogia. Egressa PPGFOPRED/CCIM/UFMA. E-mail: gardeniaeumaflor@gmail.com.

[3] Doutora em Educação - UFC. Professora Associada do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas - PPGEPE/UFMA. E-mail: karla.bianca@ufma.br.

Educativas (PPGFOPRED)[4] da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Câmpus Imperatriz, emerge em 2019 como uma iniciativa pioneira na Região Tocantina, formando sua primeira turma de mestres em 2021. A criação deste Programa representou um marco significativo para a educação na região sul do Maranhão, historicamente marcada por lacunas na oferta de formação *stricto sensu*.

Segundo Arroyo (2012), a presença de novos sujeitos no cenário educacional demanda outras pedagogias e outras formas de compreender o processo educativo. O Programa, ao formar sua primeira turma, atendeu essa demanda ao qualificar profissionais que, até então, tinham acesso limitado a programas de pós-graduação *stricto sensu*.

A compreensão dos fenômenos educacionais e das trajetórias de formação docente pode ser enriquecida pela articulação com a teoria sociológica de Bourdieu, especialmente às noções de *capital cultural* e *capital social*. Bourdieu (2007) argumenta que o sistema educacional atua como um mecanismo de reprodução e legitimação das desigualdades sociais, ao mesmo tempo em que pode se constituir como espaço de transformação quando os agentes sociais, dotados de determinados capitais, mobilizam estratégias de distinção e ascensão.

Nesse sentido, o mestrado pode ser compreendido como um dispositivo de acumulação de capital cultural institucionalizado, que confere aos seus portadores maior legitimidade no campo educacional e possibilita novas posições na estrutura social. No que diz respeito à categoria profissional as pesquisas produzidas se articulam com as demandas sociais com investigações aplicadas à soluções de problemas e estão voltadas para a formação de profissionais de alto nível.

A relevância deste estudo justifica-se, primeiramente, porque permite compreender o impacto de um programa de mestrado na formação de professores de uma região periférica em relação aos grandes centros acadêmicos do país. Em segundo lugar, porque possibilita analisar como a formação *stricto sensu* contribui para o desenvolvimento profissional e pessoal dos egressos, bem como para a transformação das práticas educativas em seus contextos de atuação. Por fim, porque oferece subsídios para o aprimoramento do próprio programa e para a formulação de políticas públicas de formação de professores na região.

A criação do PPGFOPRED na Região Tocantina representa uma alteração na estrutura do campo educacional local, ampliando as possibilidades de aquisição de capital cultural e, consequentemente, de mobilidade social para os agentes que dele participam. Como destaca Bourdieu (1996), a escola e as instituições de formação superior são espaços privilegiados de consagração e legitimação, nos quais se definem as fronteiras entre os que "possuem" e os que "não possuem" determinados saberes e títulos.

Diante desse cenário, este capítulo tem como objetivo analisar o impacto e o legado da primeira turma do Mestrado em Formação Docente em Práticas Educativas da UFMA, câmpus Imperatriz, considerando a trajetória acadêmica e profissional dos egressos, as contribuições para a educação regional e os desafios enfrentados ao longo do processo formativo. Para tanto,

[4] O Programa teve seu nome alterado pela Portaria Capes nº 271, de 27 de agosto de 2024, passando a ser denominado Programa de Pós-graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE).

organiza-se em seções que abordam o contexto de criação do programa, o perfil dos egressos, os impactos da formação em suas trajetórias profissionais, as contribuições para a pesquisa e a prática educativa na região, além das perspectivas futuras.

2 A CRIAÇÃO DO PROGRAMA E IMPLANTAÇÃO DA PRIMEIRA TURMA

Conforme aponta Freire (1996), a educação é um processo que deve estar enraizado na realidade concreta dos sujeitos, considerando suas condições históricas, sociais e culturais. Nesse sentido, a criação do PPGFOPRED representou uma resposta concreta às necessidades formativas de uma região que, apesar de sua importância econômica e demográfica, permanecia à margem dos grandes polos acadêmicos do país.

A Região Tocantina, onde se insere a cidade de Imperatriz, apresenta historicamente um *déficit* significativo em termos de oferta de pós-graduação *stricto sensu*. A UFMA, por meio do Câmpus Imperatriz, assumiu o protagonismo na oferta desse tipo de formação na região, criando programas de pós-graduação nas áreas de engenharia, comunicação e saúde.

Especialmente em 2019, nasce o Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas (PPGFOPRED), aprovado pela Resolução CONSEPE 1.793/2018; posteriormente renomeado para Educação e Práticas Educativas (PPGEPE), conforme determina a Portaria CAPES nº 271/2024. Esta mudança de nomenclatura reflete não apenas uma atualização administrativa, mas uma ampliação do escopo do programa, que passou a abarcar de forma mais abrangente as diferentes dimensões da pesquisa educacional.

A primeira turma do mestrado, iniciada em 2019 e concluída em 2021, foi composta por 20 acadêmicos, oriundos de diferentes áreas e de diversas cidades do Maranhão e estados vizinhos. Esta diversidade geográfica e profissional foi fundamental para a construção de um ambiente acadêmico rico em experiências e perspectivas, conforme evidenciado pelos dados.

O Programa foi estruturado em duas linhas de pesquisa, que orientam as pesquisas desenvolvidas pelos mestrandos: Linha 1: “Linguagens, Práticas Pedagógicas e Tecnologias na Educação” e Linha 2: “Pluriculturalidade, Interculturalidade e Práticas Educativas Interdisciplinares”. Essas linhas de pesquisa refletem a preocupação do programa com as questões contemporâneas da educação, contemplando as inovações tecnológicas e as dimensões culturais e interculturais dos processos educativos.

A presença dessas linhas de pesquisa está alinhada às reflexões de Arroyo (2012), que destaca a necessidade de reconhecer os novos sujeitos que chegam às escolas e universidades, trazendo outras experiências, outros saberes e demandas. Ao investigar temas como práticas pedagógicas, linguagens, tecnologias e interculturalidade, os mestrandos puderam aprofundar sua compreensão sobre a complexidade dos processos educativos contemporâneos, contribuindo para a produção de conhecimento relevante para a realidade regional.

A estrutura curricular do programa contemplou disciplinas obrigatórias e optativas, além de atividades de pesquisa e extensão, proporcionando uma formação ampla e interdisciplinar.

Os egressos da primeira turma tiveram a oportunidade de desenvolver pesquisas sobre temas diversos, como alfabetização e letramento, educação em direitos humanos, história e memória, *bullying*, cultura popular, gestão escolar democrática, formação de professores, identidade docente, educação do campo, assistência estudantil, congregações religiosas e educação, conselho escolar, educação popular, extrativismo, mística na educação, feminização do magistério, dificuldade de aprendizagem, educação inclusiva e metodologias de ensino, dentre outros.

A primeira turma do PPGFOPRED enfrentou um desafio inesperado: a pandemia de COVID-19, que teve início em 2020 e impôs profundas transformações nas atividades acadêmicas em todo o mundo. As aulas presenciais foram suspensas e o Programa precisou se adaptar ao ensino remoto emergencial, o que exigiu não apenas adequações tecnológicas, mas também uma reorganização pedagógica e um esforço adicional dos docentes e discentes.

Conforme destacam os relatos dos egressos, o período pandêmico trouxe dificuldades significativas, como a necessidade de conciliar os estudos com o trabalho remoto, o cuidado com filhos e familiares, e as limitações de acesso a recursos tecnológicos. No entanto, esses desafios também foram acompanhados por aprendizados importantes, como a capacidade de adaptação, o desenvolvimento de competências digitais e a resiliência frente às adversidades.

A experiência vivida durante a pandemia reforça a importância de uma formação docente que considere as condições concretas de vida dos sujeitos, conforme proposto por Freire (1996) em sua Pedagogia da Autonomia. O autor enfatiza a necessidade de os educadores reconhecerem-se como seres inacabados, condicionados, mas não determinados, capazes de superar os obstáculos que se apresentam em seu caminho.

3 METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo foi estruturada para compreender os impactos e o legado da primeira turma do Mestrado em Formação Docente em Práticas Educativas da UFMA/ Imperatriz, considerando as trajetórias acadêmica e profissional dos egressos, contribuições para a educação regional e desafios enfrentados durante o processo formativo.

3.1 ABORDAGEM E NATUREZA DA PESQUISA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa e quantitativa (mista), buscando compreender a complexidade do fenômeno investigado a partir das percepções, experiências e trajetórias dos sujeitos, ao mesmo tempo em que utilizou dados quantitativos para mapear e caracterizar o perfil dos egressos e mensurar os impactos da formação. Conforme Creswell e Creswell (2017), a pesquisa de métodos mistos combina abordagens para proporcionar uma compreensão mais completa do problema de pesquisa.

Quanto à natureza, a pesquisa é aplicada, pois busca gerar conhecimentos que possam ser utilizados para a solução de problemas práticos relacionados à formação de professores e ao

desenvolvimento de programas de pós-graduação na região, caracterizando-se também como exploratória e descritiva (Gil, 2019).

3.2 UNIVERSO, AMOSTRA

O universo da pesquisa é composto pelos 20 egressos da primeira turma do PPGFOPRED, que concluíram o mestrado em 2021. Desse total, 16 responderam ao questionário de pesquisa, representando uma taxa de resposta de 80%, considerada satisfatória para estudos na área de educação. A participação foi voluntária, e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme normas éticas estabelecidas pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta pesquisas com seres humanos.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Foram utilizados três instrumentos principais: questionário, análise documental e análise bibliométrica. O questionário (*Google Forms*) foi organizado em quatro seções: Perfil do egresso; Vida escolar precedente ao mestrado; Histórico de vida acadêmica a partir do mestrado e Impacto do mestrado e o *link* enviado por meio de aplicativo de mensagens.

A análise documental compreendeu a análise de documentos oficiais do programa e dos currículos Lattes dos egressos. Como destacam Cellard (2012) e Gil (2019), a análise documental é uma técnica valiosa na pesquisa qualitativa, pois permite acessar informações que não seriam obtidas por outros meios, ao mesmo tempo em que oferece uma visão longitudinal dos fenômenos estudados.

A análise bibliométrica foi utilizada para mapear a produção científica dos egressos. Conforme Aria e Cuccurullo (2017), a bibliometria é a ferramenta metodológica que permite mapear, quantificar e sistematizar a produção científica em áreas complexas e dinâmicas, identificando tendências, detectando lacunas e avaliando a distribuição do conhecimento.

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A coleta de dados foi realizada entre junho e agosto de 2026. Os dados quantitativos foram analisados utilizando técnicas de estatística descritiva. Os dados qualitativos foram analisados utilizando a técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016). Foi realizada a triangulação dos dados para garantir a validade e a confiabilidade dos resultados (Denzin, 2017). A análise bibliométrica foi realizada com o auxílio de ferramentas de inteligência artificial para sistematização dos dados.

4 PERFIL DOS EGRESSOS DA PRIMEIRA TURMA

A análise dos dados referentes aos vinte egressos revela um perfil acadêmico e profissional diversificado. No que tange à formação inicial, observa-se a presença de graduados em diferentes áreas do conhecimento, tais como Direito, Serviço Social, Contabilidade e licenciaturas nas áreas de História, Geografia, Letras e Sociologia, com predominância da Pedagogia, que concentra oito dos egressos. Além da caracterização da formação de base, foram analisadas características sociodemográficas, experiências profissionais, motivações para ingresso, desafios e aprendizados obtidos durante o mestrado.

Dos egressos que responderam ao questionário de pesquisa, observa-se uma distribuição equilibrada quanto ao gênero, com predominância feminina (79,3%), o que reflete a feminização histórica do magistério no Brasil. A faixa etária predominante é de 41 a 50 anos (34,0%), seguida por 31 a 40 anos (28,6%), indicando que a maioria dos egressos já possuía experiência profissional significativa antes de ingressar no mestrado.

Em relação à formação acadêmica prévia, os dados evidenciam que 90,1% dos egressos já possuíam pós-graduação *lato sensu* (especialização) antes de ingressar no mestrado, o que demonstra o alto nível de qualificação do grupo. A maioria atuava na educação básica, tanto na rede pública (municipal e estadual) quanto na rede privada, com experiência em diferentes níveis de ensino, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior.

Os egressos são provenientes de diferentes municípios do Maranhão, como Imperatriz, Açailândia, Bacabal, Balsas, Carolina, João Lisboa, a capital São Luís e até mesmo outros estados, como Tocantins, evidenciando a abrangência regional do programa. Essa diversidade geográfica contribuiu para a troca de experiências entre os pares, enriquecendo o processo formativo e ampliando as possibilidades de pesquisa sobre diferentes realidades educacionais.

As motivações para ingressar no mestrado são múltiplas e revelam diferentes dimensões de suas trajetórias profissionais e pessoais. De acordo com os dados coletados, os principais fatores motivadores foram: a busca por qualificação profissional e aprofundamento teórico, o desejo de contribuir para a melhoria da educação na região, a possibilidade de ascensão profissional e salarial, e o interesse pela pesquisa acadêmica.

Estas motivações estão alinhadas com o que Freire (1996) denomina "curiosidade epistemológica", ou seja, a busca por um conhecimento mais rigoroso e aprofundado sobre a realidade educacional. O autor destaca que a curiosidade, enquanto inquietação indagadora, é parte integrante do fenômeno vital e fundamental para o processo de conhecimento.

Para muitos egressos, a impossibilidade de cursar um mestrado em outras regiões do país, devido às distâncias geográficas, família e custos envolvidos, tornou o PPGFOPRED uma oportunidade única de formação *stricto sensu*. Nesse sentido, a criação do programa na Região Tocantina representou uma grande conquista para a democratização do acesso à pós-graduação, permitindo que profissionais que antes não teriam condições de se deslocar para grandes centros acadêmicos pudessem realizar seus estudos.

A trajetória dos egressos no mestrado foi marcada por diversos desafios, mas também por importantes aprendizados. Entre os principais desafios, destacam-se: a conciliação entre os estudos e as atividades profissionais, a necessidade de adaptação ao ensino remoto durante a pandemia, as dificuldades de acesso a fontes de pesquisa e bibliografia especializada, e a pressão para a produção acadêmica em um curto espaço de tempo.

No entanto, esses desafios foram acompanhados por aprendizados fundamentais para o desenvolvimento profissional e pessoal dos egressos. Conforme evidenciado pelos relatos coletados, o mestrado proporcionou a ampliação do repertório teórico e metodológico, o desenvolvimento da capacidade de pesquisa e análise crítica, a melhoria da escrita acadêmica, o fortalecimento da rede de contatos profissionais e uma maior compreensão sobre a complexidade dos processos educativos.

A experiência formativa vivenciada confirma as reflexões de Freire (1996) sobre a importância da reflexão crítica sobre a prática. O autor destaca que é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O mestrado, ao estimular a reflexão crítica, contribuiu para que os egressos se tornassem profissionais mais conscientes de seu papel e mais comprometidos com a transformação da realidade educacional.

5 IMPACTOS NA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL DOS EGRESSOS

A análise dos dados coletados junto aos egressos evidencia impactos significativos do mestrado em suas trajetórias profissionais. Um dos principais refere-se ao desenvolvimento de competências relacionadas à pesquisa e à produção acadêmica. Conforme os resultados, o mestrado possibilitou aprender a realizar pesquisa, produzir textos acadêmicos com mais rigor e segurança e compreender a importância da formação continuada para o exercício docente.

Esta ampliação de competências alinha-se ao pensamento de Freire (1996) sobre os saberes necessários à prática educativa; ele destaca que ensinar exige pesquisa, rigorosidade metódica, criticidade, estética e ética. Desse modo, os egressos tornaram-se profissionais mais preparados para enfrentar os desafios da educação contemporânea.

A aquisição de competências relacionadas à pesquisa tem sido particularmente relevante para os egressos, muitos dos quais passaram a orientar trabalhos de conclusão de curso (TCC), coordenar grupos de estudo e pesquisa e participar de eventos científicos. Essa atuação, além de contribuir para sua própria formação continuada, também estabelece uma cultura de pesquisa em suas instituições.

Outro impacto significativo do mestrado refere-se à ascensão profissional e à melhoria salarial dos egressos. De acordo com os dados coletados, 100% dos egressos estão atuando na área da educação, sendo que a maioria (71,4%) está na educação básica, 14,3% no ensino superior e 14,3% atuam em ambos os níveis. Quanto ao rendimento mensal, 43,8% dos egressos recebem entre 6 e 10 salários mínimos, 25% recebem entre 10 e 20 salários mínimos, e 31,2% recebem entre 3 e 6 salários mínimos.

Esta melhoria salarial está relacionada tanto à progressão na carreira docente, pois muitas redes de ensino valorizam a titulação *stricto sensu*, quanto à possibilidade de atuar no Ensino Superior, onde a titulação é um requisito fundamental. Nesse sentido, o mestrado não apenas qualificou os egressos profissionalmente, mas também contribuiu para sua valorização econômica.

Esses resultados corroboram as análises de Arroyo (2012), que destaca a importância de reconhecer os professores como sujeitos de conhecimento e de valorização profissional. O autor ressalta que a formação docente não pode ser dissociada das condições de trabalho e da valorização social da profissão, aspectos que o mestrado contribuiu para fortalecer.

Os egressos também relatam mudanças significativas em suas práticas pedagógicas como resultado da formação recebida no mestrado. Essas mudanças incluem maior consciência sobre a importância da relação teoria-prática, adoção de metodologias mais participativas e dialógicas, maior sensibilidade às questões de diversidade e inclusão e visão mais crítica sobre os processos educativos.

Um dos aspectos mais destacados pelos egressos refere-se à compreensão da docência como uma prática que exige reflexão constante e compromisso com a transformação social. Conforme aponta Freire (1996), a prática docente é uma prática ética, que envolve opções políticas e compromisso com a autonomia dos educandos. O mestrado, ao estimular essa reflexão, contribuiu para que os egressos se tornassem professores mais conscientes de seu papel e mais comprometidos com uma educação emancipatória.

As mudanças nas práticas pedagógicas refletem também na forma como os egressos passaram a compreender o processo de ensino e aprendizagem. Muitos relatam que passaram a valorizar mais os saberes dos educandos, a adotar uma postura mais dialógica em sala de aula e a buscar maior integração entre os conteúdos curriculares e a realidade dos estudantes.

6 CONTRIBUIÇÕES PARA A PESQUISA E A PRÁTICA EDUCATIVA NA REGIÃO

Os dados apontam que os egressos da primeira turma do PPGFOPRED têm contribuído para a produção científica e a disseminação do conhecimento na Região Tocantina. De acordo com os dados coletados, 68,8% dos egressos realizaram publicações acerca dos resultados de suas dissertações ou de outros trabalhos associados ao mestrado. Esses trabalhos incluem artigos em periódicos (68,8%), capítulos de livros (37,5%), trabalhos completos em anais de congressos (31,3%) e livros (12,5%).

Este volume de produção científica é particularmente relevante quando se considera o contexto regional, onde a pesquisa educacional ainda é incipiente se comparada aos grandes centros acadêmicos do país. As publicações abordam temas centrais para a educação na região, como alfabetização e letramento, educação em direitos humanos, história e memória, *bullying*, cultura popular, gestão escolar democrática, formação de professores, identidade docente, educação do campo, assistência estudantil, congregações religiosas e educação, conselho escolar, educação popular, extrativismo, mística na educação, feminização do magistério, dificuldade de aprendizagem, educação inclusiva e metodologias de ensino, dentre outros.

A disseminação do conhecimento produzido no mestrado tem ocorrido não apenas por meio de publicações acadêmicas, mas também através da participação dos egressos em eventos científicos, como congressos, conferências, colóquios e seminários, que tem contribuído para a visibilidade da pesquisa educacional produzida na região, bem como para a troca de experiências com pesquisadores de outras instituições.

As contribuições do mestrado também podem ser sentidas nas instituições de ensino onde os egressos atuam. A presença de professores com titulação *stricto sensu* tem contribuído para a qualificação do quadro docente, o desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão e a melhoria da qualidade do ensino.

Conforme relato dos egressos, o mestrado possibilitou a criação de grupos de estudo e pesquisa, o desenvolvimento de projetos de intervenção pedagógica, a orientação de trabalhos de conclusão de curso e a participação em processos de gestão escolar mais democráticos e participativos. Essas ações têm contribuído para a transformação das práticas educativas em suas instituições, tornando-as mais alinhadas com as demandas contemporâneas da educação.

O impacto institucional do mestrado está em consonância com a perspectiva de Arroyo (2012), que destaca a importância de os educadores assumirem-se como sujeitos de conhecimento e de transformação da realidade educacional. O autor ressalta que a formação docente não pode ser reduzida à mera aquisição de técnicas, mas deve envolver uma compreensão crítica da realidade e um compromisso com sua transformação.

6.1 FORTALECIMENTO DA PESQUISA EDUCACIONAL NA REGIÃO

A criação do PPGFOPRED e a formação de sua primeira turma representam um marco para o fortalecimento da pesquisa educacional na região. Antes do programa, os professores se deslocavam para a capital São Luís, Belém (PA), Araguaína (TO), dentre outras cidades ou regiões distantes para buscar a formação *stricto sensu*. Isso tornava difícil o acesso para muitos profissionais, seja pela dificuldade de conciliar o estudo com o trabalho seja por questões financeiras.

Com o mestrado, estabeleceu-se um núcleo de pesquisadores na região, que vem produzindo conhecimento para a realidade educacional do Maranhão e de outros estados. Dessa forma, nota-se o impacto do Programa através de suas pesquisas, tornando a pós-graduação acessível aos professores da rede pública municipal, estadual e rede privada.

As dissertações produzidas pela primeira turma abordaram temas como alfabetização e letramento, educação em direitos humanos, história e memória, *bullying*, cultura popular, gestão escolar democrática, formação de professores, identidade docente, educação do campo, assistência estudantil, congregações religiosas e educação, conselho escolar, educação popular, extrativismo, mística na educação, feminização do magistério, dificuldade de aprendizagem, educação inclusiva e metodologias de ensino, dentre outros.

O fortalecimento da pesquisa educacional na região tem implicações importantes para a formulação de políticas públicas, a melhoria da qualidade do ensino e a valorização

dos profissionais da educação. Ao produzir conhecimento contextualizado, os pesquisadores formados pelo Programa contribuem para uma compreensão mais aprofundada dos desafios e potencialidades da educação, oferecendo subsídios para a tomada de decisões.

6.2 MOBILIDADE SOCIAL NO CAMPO EDUCACIONAL

O sistema educacional atua como um mecanismo de reprodução social, mas também pode se constituir como espaço de mobilidade social quando os agentes, dotados de determinados capitais, mobilizam estratégias de distinção e ascensão (Bourdieu, 1996; 2007). O mestrado profissional, nessa perspectiva, pode ser compreendido como uma estratégia de acumulação de capital cultural que confere aos seus portadores maior legitimidade no campo educacional e possibilita novas posições na estrutura social.

Os dados gerados evidenciam essa mobilidade social, uma vez que os egressos do mestrado, em sua maioria, experimentaram ascensão profissional e melhoria salarial, além de maior reconhecimento em suas instituições de atuação. Essa mobilidade, no entanto, não se limita à dimensão econômica, mas também se manifesta na ampliação do *capital social*, entendido como o conjunto de relações sociais que podem ser mobilizadas para a obtenção de recursos e posições (Bourdieu, 2007).

Não obstante a isso, o mestrado proporcionou aos egressos a ampliação de sua rede de contatos profissionais, incluindo docentes, pesquisadores e outros profissionais da educação, o que tem contribuído para inserção em novos espaços e participação em projetos colaborativos.

7 DESAFIOS E PERSPECTIVAS FUTURAS

Apesar dos avanços e conquistas, os egressos da primeira turma do PPGFOPRED ainda enfrentam diversos desafios em suas trajetórias profissionais. Dentre eles, destacam-se a falta de incentivo financeiro à pesquisa, a dificuldade de conciliação entre as atividades profissionais e acadêmicas, as limitações de acesso a recursos e infraestrutura para pesquisa e a resistência institucional a práticas pedagógicas inovadoras.

Esses desafios são particularmente significativos quando se considera o contexto da educação pública na região, marcado por limitações de recursos, altas demandas de trabalho, e, muitas vezes, por uma cultura institucional resistente a mudanças. Conforme aponta Freire (1996), o educador progressista precisa estar convencido de que a mudança é possível, mesmo diante dos obstáculos, e deve lutar por ela.

Outro desafio enfrentado pelos egressos refere-se à continuidade dos estudos em nível de doutorado. Embora 31,3% deles já tenham ingressado em programas de doutorado (em andamento) e 12,5% já tenham concluído ou estejam em fase de conclusão, a maioria ainda não teve acesso a essa oportunidade, devido às limitações de oferta de vagas na região e às dificuldades de deslocamento para outros centros acadêmicos.

Apesar dos desafios, as perspectivas de continuidade dos estudos são promissoras. A maioria dos egressos manifesta interesse em dar continuidade à sua formação acadêmica, seja por meio do doutorado, seja por meio de outras atividades de formação continuada. Este interesse reflete não apenas o desejo de aprofundamento teórico e metodológico, mas também a compreensão da importância da formação permanente para o exercício da docência.

Freire (1996) assinala que a inconclusão do ser humano é a raiz da educação, que se faz um processo permanente. Os egressos, conscientes de sua inconclusão, inserem-se no movimento permanente de busca que caracteriza a educação como prática humana.

Além do doutorado, os egressos buscam outras formas de continuidade de seus estudos, como participação em grupos de pesquisa, produção de novos trabalhos acadêmicos e a realização de cursos de extensão e aperfeiçoamento. Essas atividades contribuem para a manutenção do vínculo com o programa e atualização constante de seus conhecimentos.

O PPGFOPRED tem um papel fundamental no desenvolvimento regional, ao formar profissionais qualificados para atuar na educação e na pesquisa. A presença do programa na região contribui para a democratização do acesso à pós-graduação, a produção de conhecimento contextualizado, a qualificação do quadro docente das instituições de ensino, e o fortalecimento da pesquisa educacional.

O Programa também contribui para a criação de uma rede de pesquisadores na região, que pode atuar de forma articulada na identificação e solução de problemas educacionais. Essa rede tem o potencial de influenciar a formulação de políticas públicas, a melhoria da qualidade do ensino e a valorização dos profissionais da educação.

Para que o Programa continue cumprindo seu papel no desenvolvimento regional, é necessário garantir sua sustentabilidade e seu fortalecimento. Isso envolve a ampliação do corpo docente e da infraestrutura, a criação de programas de doutorado, a consolidação de parcerias com outras instituições e a ampliação do diálogo com a comunidade escolar e a sociedade em geral.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das produções científicas da primeira turma do Mestrado em Formação Docente e Práticas Educativas da UFMA Imperatriz revela impactos significativos e um legado importante para a educação na Região Tocantina. Os egressos, ao longo de sua trajetória, desenvolveram competências de pesquisa e docência, contribuíram para a produção de conhecimento contextualizado e vêm atuando como agentes de transformação em suas instituições de ensino.

A experiência da primeira turma confirma a importância da formação *stricto sensu* para a qualificação profissional e para o desenvolvimento da pesquisa educacional em regiões historicamente desassistidas. Ao formar 20 mestres, o Programa qualificou profissionais para docência e pesquisa, e criou bases para o fortalecimento de uma cultura de pesquisa na região.

Os impactos do mestrado na trajetória profissional dos egressos são evidentes, o desenvolvimento de competências de pesquisa, a ascensão profissional e melhoria salarial,

a transformação das práticas pedagógicas e a contribuição para a produção científica e a disseminação do conhecimento. Esses impactos se refletem não apenas na vida profissional dos egressos, mas também nas instituições de ensino onde atuam e na comunidade em geral.

A pesquisa realizada junto aos egressos também evidencia os desafios enfrentados ao longo do processo formativo e na trajetória profissional após o mestrado. Dentre eles podemos mencionar a necessidade de conciliar os estudos com o trabalho, as limitações de acesso a recursos para pesquisa e a falta de incentivo à continuidade dos estudos. No entanto, a superação das dificuldades tem contribuído para o crescimento profissional e pessoal dos egressos, fortalecendo sua resiliência e seu compromisso com a educação.

Diante dos resultados obtidos, algumas demandas podem ser formuladas para o fortalecimento do Programa, como o fortalecimento das parcerias com outras instituições de ensino e pesquisa, para ampliar as possibilidades de intercâmbio e cooperação acadêmica; a criação de mecanismos de acompanhamento dos egressos, para avaliar o impacto do Programa em suas trajetórias profissionais e subsidiar o aprimoramento do currículo e das práticas formativas; e a criação do nível de doutorado, para que os egressos possam dar continuidade a seus estudos na região.

Embora o objeto desse estudo tenha como foco o legado da primeira turma, vale destacar o avanço do Programa com o convênio estabelecido com a Prefeitura Municipal de Alto Alegre do Pindaré (MA), levando a Pós-Graduação *stricto sensu* para professores da rede municipal e a participação de discentes em programa de internacionalização.

Por fim, é importante ressaltar que a implantação do PPGFOPRED representou uma conquista significativa para a educação na Região Tocantina e que sua primeira turma deixou um legado importante para a pesquisa educacional e para a formação de professores. O desafio atual é consolidar esse legado, fortalecendo o Programa e ampliando seu impacto na pesquisa educacional da região.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Declaramos que o presente artigo científico intitulado “Os egressos da primeira turma do Mestrado em Educação da UFMA Imperatriz: impactos e legado após cinco anos” foi desenvolvido com o apoio de ferramentas de Inteligência Artificial (IA), empregadas de acordo com os princípios do uso responsável e ético estabelecidos pelo Referencial para Desenvolvimento e Uso Responsáveis de Inteligência Artificial na Educação (MEC, 2024).

As ferramentas de IA foram utilizadas exclusivamente como recursos de apoio e instrumento complementar à análise crítica, ao julgamento acadêmico e à autoria intelectual das pesquisadoras. Especificamente, foram empregados os recursos: Gemini 3.1 Pro e Gemini 3.8 Flash (Google DeepMind), utilizados para auxiliar na sistematização dos dados coletados, na análise bibliométrica e tradução de textos em língua estrangeira, sempre sob supervisão humana direta e com validação crítica de todas as informações produzidas.

Ressaltamos que todas as informações, dados, análises, interpretações e conclusões

apresentadas neste trabalho são de inteira responsabilidade das autoras, tendo sido submetidas a rigoroso processo de verificação, validação e supervisão humana. O uso da IA não substituiu a reflexão crítica, julgamento acadêmico ou produção intelectual das pesquisadoras, atuando apenas como ferramenta de apoio técnico e operacional.

Reafirmamos nosso compromisso com a integridade acadêmica, transparência no uso de tecnologias e observância das diretrizes éticas estabelecidas pelo Ministério da Educação para o desenvolvimento e uso responsáveis de Inteligência Artificial na pesquisa educacional.

REFERÊNCIAS

ARIA, M.; CUCCURULLO, C. **bibliometrix**: An R-tool for comprehensive science mapping analysis. Journal of Informetrics, v. 11, n. 4, p. 959-975, 2017.

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Portaria CAPES nº 271, de 27 de agosto de 2024**. Estabelece mudança de nomenclatura de Programas e Cursos de pós-graduação stricto sensu. Brasília, DF, 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Gestão da Informação, Inovação e Avaliação de Políticas Educacionais. **Referencial para Desenvolvimento e Uso Responsáveis de Inteligência Artificial na Educação**. Brasília, DF: MEC, 2024.

CELLARD, A. A análise documental. *In*: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 295-316.

CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

DENZIN, N. K. **Investigação qualitativa crítica**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Resolução nº 1793-CONSEPE, de 30 de novembro de 2018**. Aprova o Projeto do Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração: formação de professores e práticas pedagógicas, nível de mestrado profissional e seu Regimento Interno. São Luís, 2018. Disponível em: https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/documentos_stricto.jsf?lc=pt_BR&idPrograma=1458&idTipo=2. Acesso em: 31 ago, 2026.

TECENDO MEMÓRIAS E CONSTRUINDO CIÊNCIA: A TRAJETÓRIA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE E TECNOLOGIA DA UFMA

Adriana Gomes Nogueira Ferreira[1]
Aramys Silva Reis[2]
Queli Cristina Fidelis[3]

1 APRESENTAÇÃO

O Programa de Pós-Graduação em Saúde e Tecnologia (PPGST), com sede no Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM), teve início em 2019 com sua primeira turma de mestrado acadêmico. Desde o início, o PPGST apresentou forte compromisso com a pesquisa, a inovação e a qualificação profissional na região, com foco nas áreas da saúde, tecnologia e afins, o que culminou em premiações de dissertações. Logo em sua primeira avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no quadriênio 2017-2020, o PPGST alcançou a nota 4. Em 2023 o programa submeteu a proposta do curso de doutorado junto à CAPES, a qual foi aprovada e teve sua primeira turma em setembro de 2025. Nesse mesmo ano, o PPGST recebeu a nota 5, pela avaliação quadrienal 2021-2024, reforçando a qualidade das pesquisas e formação profissional de excelência desenvolvida pelo programa.

2 BASTIDORES DA CRIAÇÃO DO PPGST E SUA TRAJETÓRIA

2.1 ANTECEDENTES E CONSTRUÇÃO DA PROPOSTA (2013–2017)

Durante muitos anos, o sudoeste do Maranhão permaneceu à margem dos principais centros de produção científica e tecnológica do estado. O primeiro programa de mestrado implantado nessa região foi o Programa de Pós-Graduação em Ciência dos Materiais, da área de Materiais da CAPES, que iniciou suas atividades em 2013.

Sensíveis a essa realidade, em 2014, docentes dos cursos de Enfermagem, Engenharia de Alimentos, Ciências Naturais e Medicina da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), juntamente com professores da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) e do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), começaram a se reunir periodicamente para discutir a criação de um curso de pós-graduação *stricto sensu* que atendesse à crescente demanda por formação qualificada nas áreas da saúde, ciências biológicas, ciências naturais e tecnologia.

[1] Doutora. Docente do PPGST/CCIM e do Curso de Enfermagem/CCIM. E-mail: adriana.nogueira@ufma.br
[2] Doutor. Docente do PPGST/CCIM e do Curso de Medicina/CCIM. E-mail: aramys.reis@ufma.br
[3] Doutora. Docente do PPGST/CCIM e do Curso de Ciência e do Tecnologia/CCBL. E-mail: qc.fidelis@ufma.br

Nas primeiras reuniões, ainda não havia uma definição clara sobre o perfil acadêmico do futuro curso. Uma das tarefas iniciais consistiu em reunir docentes com produção científica consistente, experiência em pesquisa e capacidade para desenvolver projetos interdisciplinares. Alguns desses pesquisadores já mantinham colaborações entre si, embora suas atividades estivessem predominantemente organizadas segundo suas áreas disciplinares de origem. A construção do Programa exigiu, portanto, a definição de objetivos comuns capazes de integrar diferentes formações, trajetórias acadêmicas e linhas de investigação.

Ao longo desse processo, foram discutidas diferentes possibilidades de denominação para o curso, entre elas "Ciência, Saúde e Tecnologia", "Saúde e Biotecnologia" e "Saúde e Ciências Naturais". A escolha do nome representou um desafio importante, pois deveria expressar a identidade do futuro Programa e, ao mesmo tempo, contemplar a diversidade das formações, dos temas de pesquisa e dos interesses científicos do grupo. Após sucessivas discussões e reformulações, a denominação "Saúde e Tecnologia" foi considerada a mais abrangente e adequada à proposta interdisciplinar em construção.

Nesse percurso, o grupo contou com a contribuição do Prof. Dr. Lívio Martins, do Departamento de Patologia da UFMA, no câmpus de São Luís, e do Prof. Dr. Adenilson Oliveira dos Santos, PPGCM/CCIM, que colaboraram com a estruturação inicial da proposta. A partir das discussões realizadas, foi elaborada uma versão preliminar do projeto, posteriormente submetida à análise do Programa de Qualidade da Pós-Graduação da UFMA (PROQUALI, atualmente vinculado à AGEUFMA). A proposta foi avaliada pela Prof.ª Dr.ª Flávia Raquel Fernandes do Nascimento, que recomendou modificações em sua organização acadêmica, incluindo ajustes na composição inicial do corpo docente. Em decorrência desse processo de revisão, alguns professores que haviam contribuído para as primeiras discussões não integraram a proposta posteriormente submetida à CAPES. Suas contribuições, contudo, fizeram parte das discussões e subsidiaram a elaboração da proposta. Entre eles estavam docentes da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), a saber: Adriana Crispim de Freitas, Francisca Aline Arrais Sampaio Santos, Janaina Miranda Bezerra, Luecya Alves de Carvalho Silva, Michelli Érica Souza Ferreira e Virlane Kelly Lima Hunaldo; do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Ana Angélica Mathias Macedo; e da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), Francisco Eduardo Aragão Catunda Júnior.

2.2 APROVAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DO MESTRADO (2017–2019)

Após aproximadamente três anos de reuniões, articulações institucionais e sucessivas reformulações, a proposta do curso de mestrado em Saúde e Tecnologia foi concluída, aprovada em 21/01/2019 pela Resolução 1820 do CONSEPE/UFMA e formalmente apresentada à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Cadastrada como Proposta de Curso Novo – APCN nº 780/2017, a iniciativa foi submetida à Área de Avaliação Interdisciplinar, na modalidade acadêmica e em nível de mestrado, tendo como instituição

proponente a Universidade Federal do Maranhão.

A APCN apresentou a organização acadêmica, a matriz curricular, a área de concentração e as linhas de pesquisa do futuro Programa, além da infraestrutura disponível no então Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia (CCSST) da UFMA. Também foram demonstrados a experiência científica do corpo docente, os projetos de pesquisa em andamento e as redes de cooperação mantidas com instituições brasileiras e estrangeiras.

A elaboração e a submissão da proposta foram coordenadas pela Prof.ª Dr.ª Adriana Gomes Nogueira Ferreira. Naquele período, a UFMA tinha como reitora a Prof.ª Dr.ª Nair Portela Silva Coutinho e como vice-reitor o Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva. A Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação era dirigida pelo Prof. Dr. Allan Kardec Duailibe Barros Filho.

A proposta foi aprovada na 181ª Reunião do Conselho Técnico-Científico da Educação Superior da CAPES (CTC-ES), realizada de 28 a 30 de novembro de 2018, em Brasília. O resultado foi divulgado em 6 de dezembro daquele ano, com a recomendação do curso pela Área Interdisciplinar e situação "Aprovado", habilitando a UFMA a iniciar sua implantação (Brasil, 2018).

A aprovação representou um marco para a interiorização da pós-graduação no Maranhão. O curso foi concebido para atender a uma região de influência superior a 600 quilômetros, abrangendo municípios do sul e do sudoeste maranhenses, além de áreas do norte do Tocantins e do sudeste do Pará. A proposta estimava alcançar uma população superior a dois milhões de habitantes e uma demanda anual de aproximadamente 800 egressos de cursos relacionados às Ciências Naturais, à Saúde e à Tecnologia.

Para a implantação do PPGST, a proposta reuniu 15 docentes permanentes de diferentes áreas de formação: Dra. Adriana Gomes Nogueira Ferreira, Dra. Ana Cristina Pereira de Jesus Costa, Dra. Ana Lúcia Fernandes Pereira, Dr. Aramys Silva dos Reis, Dra. Floriacy Stabnow Santos, Dra. Ismália Cassandra Costa Maia Dias, Dr. Leonardo Hunaldo dos Santos, Dra. Lívia Maia Pascoal, Dr. Marcelino Santos Neto, Dra. Márcia Cristina Gonçalves Maciel, Dra. Maria Aparecida Alves de Oliveira Serra, Dr. Paulo Roberto da Silva Ribeiro, Dra. Queli Cristina Fidelis, Dr. Richard Pereira Dutra e Dra. Virgínia Kelly Gonçalves Abreu.

Embora apresentassem formações distintas, muitos desses docentes já desenvolviam trabalhos em colaboração. Essas parcerias foram ampliadas após a implantação do curso e contribuíram para o fortalecimento de sua identidade interdisciplinar.

As atividades acadêmicas tiveram início oficialmente em abril de 2019, com uma primeira turma composta por 15 mestrandos: Fabrícia Silvana Sarmento dos Santos, Gislane Romano Mendonça, Guilherme Martins Gomes Fontoura, Laise Sousa Siqueira, Lívia Fernanda Siqueira Santos, Lorrany Fontenele Nascimento, Marcos Marinho de Sousa Júnior, Maria Simone Pereira Maciel Mignoni, Paula Gabrielle Gomes Cândido, Rafaela Cristina Araújo Gomes, Raidanes Barros Barroso, Victor Pereira Lima, Wanderson Barros Rodrigues, Wanderson Lopes dos Santos Freitas e Wherveson de Araújo Ramos.

A turma reunia profissionais formados em Biomedicina, Educação Física, Enfermagem, Engenharia de Alimentos, Farmácia, Licenciatura em Ciências Naturais – Biologia e Medicina,

evidenciando, desde o início, o caráter interdisciplinar do curso.

O reconhecimento oficial do mestrado foi posteriormente formalizado pela Portaria MEC nº 479, de 13 de maio de 2020, publicada no *Diário Oficial da União* em 15 de maio de 2020, com fundamento no Parecer CNE/CES nº 653/2019 (Brasil, 2020).

2.3 O PPGST DURANTE A PANDEMIA (2020–2021)

Em março de 2020, em decorrência da pandemia de COVID-19, as atividades presenciais da UFMA foram suspensas ou restringidas, em conformidade com as orientações institucionais e sanitárias. Diante desse cenário, o PPGST reorganizou suas atividades acadêmicas e administrativas para assegurar a continuidade do curso e proteger a comunidade acadêmica.

As disciplinas, reuniões de orientação, seminários e bancas passaram a ser realizadas por meio de plataformas digitais. Os processos administrativos, as reuniões do colegiado e o atendimento aos discentes também foram adaptados ao formato remoto. Pesquisas dependentes de atividades laboratoriais ou de coleta presencial foram temporariamente interrompidas ou tiveram seus cronogramas reformulados. Posteriormente, os projetos considerados essenciais foram retomados gradualmente, mediante autorização institucional e adoção de protocolos de biossegurança.

O Programa manteve os processos seletivos, as orientações e a produção científica. A ampliação das bancas por videoconferência também favoreceu a participação de pesquisadores externos de diferentes instituições e regiões do país, fortalecendo as redes de colaboração acadêmica.

Como estratégia de formação e divulgação científica, foi promovido o **Café com Ciência, do PPGST**. A primeira edição ocorreu gratuitamente e de forma on-line, entre 6 e 10 de julho de 2020, com o tema "Saúde, Tecnologia e Inovação na Era Digital". O evento reuniu 87 participantes e pesquisadores de instituições nacionais e internacionais.

A segunda edição foi realizada de 11 a 13 de agosto de 2021, também em formato on-line, com o tema "A ciência e os desafios para saúde e tecnologia em novos tempos". O evento contou com 190 inscritos e deu continuidade às ações de integração acadêmica durante o período de distanciamento social.

Apesar das limitações impostas pela emergência sanitária, os 15 integrantes da primeira turma defenderam suas dissertações em 2021. A formação integral desse grupo constituiu um dos principais marcos da fase inicial do PPGST e demonstrou a capacidade de adaptação do Programa diante de um contexto excepcional.

2.4 CONSOLIDAÇÃO ACADÊMICA, CIENTÍFICA E SOCIAL (2022–2023)

Em 2022, a terceira edição do Café com Ciência foi realizada em conjunto com o I Congresso Nacional de Saúde e Tecnologia (CONAST), sob o tema "Resiliência e criatividade dos pesquisadores em novos tempos". Em formato híbrido, o evento simbolizou a retomada

gradual das atividades científicas presenciais após o período mais crítico da pandemia, preservando as possibilidades de participação remota incorporadas nos anos anteriores.

No mesmo ano, o PPGST recebeu o resultado de sua primeira Avaliação Quadrienal da CAPES, referente ao período de 2017 a 2020. Como as atividades do mestrado haviam começado em abril de 2019, foram considerados apenas dois anos efetivos de funcionamento, um deles marcado pelas restrições da pandemia.

A produção conjunta entre docentes permanentes alcançou Índice de Coautoria (IndCoAut) de 0,963, classificado como "Muito Bom". O Índice de Produção (IndProd), de 1,961, recebeu conceito "Bom", enquanto o indicador de produção em periódicos dos estratos superiores (IndProsEstSup), de 1,361, foi classificado como "Muito Bom".

A participação discente também foi reconhecida. O Índice de Autoria Discente e de Egressos (IndAutDisEg), de 0,533, e o indicador de Participação Discente e de Egressos (PartDisEg), de 0,502, receberam conceito "Bom". O Índice de Produção Discente e de Egressos (IndProdDisEg), de 0,430, foi classificado como "Muito Bom".

Como resultado do conjunto de indicadores, o PPGST recebeu nota 4 em sua primeira Avaliação Quadrienal. A conquista foi especialmente significativa por ter ocorrido durante a fase de implantação do Programa e em meio às limitações impostas pela pandemia.

Os resultados foram deliberados pelo CTC-ES durante sua 215ª reunião realizada entre 1º a 5 de agosto de 2022 (Brasil, 2022). Seu reconhecimento foi posteriormente formalizado pela Portaria MEC nº 398, de 29 de maio de 2025, publicada no *Diário Oficial da União* em 2 de junho de 2025, com fundamento no Parecer CNE/CES nº 176/2025 (Brasil, 2025).

A produção científica e tecnológica do Programa também alcançou reconhecimento externo. No Prêmio FAPEMA 2022, o PPGST foi contemplado em duas categorias. A patente "Kombucha das folhas e dos caules de vinagreira ou joão-gomes e seu processo de obtenção", derivada da dissertação de Gislane Romano Mendonça, sob orientação de Ana Lúcia Fernandes Pereira, recebeu o prêmio na categoria Inovação Tecnológica.

A dissertação "Aspectos Clínico-Epidemiológicos e Distribuição Espacial da Coinfecção Tuberculose/HIV em Município do Nordeste Brasileiro", desenvolvida por Lívia Fernanda Siqueira Santos, sob orientação de Marcelino Santos Neto, foi premiada na categoria Ciências da Saúde.

Outro produto de impacto foi o livro *Guia Prático para Acompanhamento da Criança que Nasceu Pré-Termo na Atenção Básica: Validação de Conteúdo*, de autoria de Paula Gabrielle Gomes Cândido, Daniel Coutinho dos Santos, Floriacy Stabnow Santos e Adriana Gomes Nogueira Ferreira. Financiado pelo Edital FAPEMA nº 017/2021, o material foi lançado em junho de 2023 e distribuído gratuitamente aos profissionais de saúde de Imperatriz. Um novo lançamento ocorreu durante a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia da FAPEMA, em 2023.

2.5 CRIAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DO DOUTORADO (2023–2025)

A obtenção da nota 4 forneceu bases para que o PPGST avançasse na criação do doutorado.

Em novembro de 2023, foi submetida à CAPES a APCN nº 627/2023, sob a coordenação da Prof.ª Dr.ª Queli Cristina Fidelis. A elaboração da proposta contou com expressiva contribuição dos professores Aramys Silva dos Reis e Adriana Gomes Nogueira Ferreira.

Durante a tramitação da proposta, a UFMA tinha como reitor o Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva, como vice-reitor o Prof. Dr. Leonardo Silva Soares e como pró-reitora da AGEUFMA a Prof.ª Dr.ª Flávia Raquel Fernandes do Nascimento.

Dos 15 docentes que integraram a proposta inicial do mestrado, 14 participaram da elaboração da APCN do doutorado, em decorrência de uma alteração na composição do corpo docente do Programa. A proposta foi, portanto, composta por 14 docentes permanentes.

Após parecer favorável da Área Interdisciplinar, a criação do doutorado foi aprovada na 231ª Reunião Ordinária do CTC-ES, realizada de 26 a 30 de agosto de 2024. A ficha de recomendação foi publicada em 19 de setembro do mesmo ano.

O reconhecimento formal ocorreu por meio da Portaria MEC nº 213, de 20 de março de 2025, publicada no *Diário Oficial da União* em 21 de março de 2025, com fundamento no Parecer CNE/CES nº 177/2025.

Em 18 de setembro de 2025, o PPGST recebeu sua primeira turma de doutorado, composta por seis discentes: Fernanda Faria Costa, Hidário Lima da Silva, Lorrany Fontenele Nascimento, Paula dos Santos Brito, Renata Pereira Almeida e Wesley Melo da Silva. Com o ingresso da turma, o Programa passou a atuar na formação de pesquisadores nos níveis de mestrado e doutorado.

2.6 OBTENÇÃO DA NOTA 5 (2025–2026)

No âmbito da Avaliação Quadrienal 2021–2024, a nota 5 do PPGST foi deliberada durante a 240ª Reunião Ordinária do CTC-ES, realizada de 1º a 5 de dezembro de 2025.

O resultado preliminar foi divulgado em 12 de janeiro de 2026 e confirmado no resultado final publicado pela CAPES em 27 de maio de 2026. Com a elevação da nota 4 para 5, o PPGST alcançou um novo patamar de consolidação na Área Interdisciplinar e fortaleceu sua atuação na formação de mestres e doutores no interior do Maranhão.

3 IMPACTO NA REGIÃO TOCANTINA DO MARANHÃO

O PPGST foi criado para receber profissionais com diferentes formações e de várias regiões do Brasil. Reforçando seu caráter interdisciplinar e sua importância regional, nesses sete anos de atuação, o programa já recebeu, em processos seletivos, inscrições de candidatos do Pará, Tocantins, Piauí, Ceará e Goiás, além da capital do Maranhão, São Luís.

Apesar de ser um programa jovem, o PPGST já formou 64 mestres em sete anos, publicou mais de 500 artigos, além de patentes depositadas e concedidas, livros, capítulos de livros e pareceres técnicos. Nos últimos anos, o programa conseguiu elevado quantitativo de

recursos dos principais órgãos de fomento do país, os quais permitiram equipar seus laboratórios e impulsionar suas pesquisas.

Os resultados alcançados pelo programa comprovam sua relevância no contexto regional do oeste maranhense e para o Centro de Ciências de Imperatriz, da Universidade Federal do Maranhão.

4 AVANÇOS E DESAFIOS NA CONSOLIDAÇÃO DO PPGST

A primeira gestão do PPGST (2019–2023), coordenada pela Prof.ª Dr.ª Adriana Gomes Nogueira Ferreira, com o Prof. Dr. Aramys Silva dos Reis, como coordenador adjunto, foi marcada pela implantação e consolidação do mestrado. Entre os principais avanços, destacaram-se a obtenção da nota 4 na primeira Avaliação Quadrienal da CAPES, a integração do corpo docente, o envolvimento dos discentes, a ampliação da captação de recursos e a criação do Café com Ciência e do CONAST. A pandemia de COVID-19 e as limitações relacionadas às bolsas e à infraestrutura estiveram entre os principais desafios enfrentados.

Na segunda gestão (2023–2025), coordenada pela Prof.ª Dr.ª Queli Cristina Fidelis, com a Prof.ª Dr.ª Adriana Gomes Nogueira Ferreira como coordenadora adjunta, destacaram-se a realização do II CONAST, a elaboração e aprovação da proposta do doutorado e o fortalecimento dos indicadores acadêmicos que contribuíram para a elevação do conceito do Programa para 5 na Avaliação Quadrienal 2021–2024.

A gestão atual (2025–2027), coordenada pelo Prof. Dr. Aramys Silva dos Reis, com o Prof. Dr. Richard Pereira Dutra como coordenador adjunto, tem como prioridades a consolidação do doutorado, iniciada com a implantação da primeira turma, a atualização das normativas, a modernização dos processos administrativos e o fortalecimento da comunicação institucional. Busca-se, ainda, promover o crescimento qualitativo da produção científica e tecnológica, com ênfase na inserção internacional e na melhoria contínua dos indicadores do Programa.

Ao revisitar essa trajetória, percebe-se que cada etapa do PPGST contribuiu para ampliar sua capacidade de formar profissionais e pesquisadores, produzir conhecimento e responder às necessidades de saúde da região. Os avanços alcançados constituem uma base importante, mas não encerram o processo de consolidação do Programa. Permanecem desafios relacionados à qualificação e sustentabilidade da produção científica, à ampliação da inserção social, ao fortalecimento das redes de colaboração e à inovação na formação em saúde. É nesse movimento entre a memória do percurso realizado e os desafios que se apresentam que se projetam os próximos caminhos do PPGST.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Ata da 181ª Reunião Ordinária do Conselho Técnico-Científico da Educação Superior**, realizada de 28 a 30 de novembro de 2018. Brasília, DF: CAPES, 2018. Disponível em: https://www.gov.

br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/documentos/conselho-tecnico-cientifico-da-educacao-superior/atas-ctc-es/ata-181.pdf. Acesso em: 9 set. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 479, de 13 de maio de 2020**. Reconhece os cursos de pós-graduação *stricto sensu* recomendados pelo Conselho Técnico-Científico da Educação Superior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ed. 92, p. 29, 15 maio 2020. Disponível em: https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-479-de-13-de-maio-de-2020-256961729. Acesso em: 9 set. 2026.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Avaliação Quadrienal 2017–2020**. Brasília, DF: CAPES, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/avaliacao-quadrienal/avaliacao-quadrienal-2017-2020. Acesso em: 9 set. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria MEC nº 398, de 29 de maio de 2025**. Reconhece os programas de pós-graduação *stricto sensu* em decorrência da Avaliação Quadrienal de 2021 (2017–2020). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ed. 102, p. 41, 2 jun. 2025. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-mec-n-398-de-29-de-maio-de-2025-633396773. Acesso em: 9 set. 2026.

DA PERSISTÊNCIA À CONSOLIDAÇÃO: A IMPLANTAÇÃO DO POLO RENASF DA UFMA EM IMPERATRIZ E O FORTALECIMENTO DA PÓS-GRADUAÇÃO NO SUL DO MARANHÃO

Janaina Miranda Bezerra[1]
Marcelino Santos Neto[2]
Isaura Leticia Tavares Palmeira Rolim[3]

1 INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

Desde a década de 1980, a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) vem consolidando sua trajetória de ensino, pesquisa e extensão em Imperatriz, contribuindo de forma significativa para a formação de profissionais e para o desenvolvimento científico e social da região. Esse processo culminou no fortalecimento do atual Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM), que passou a reunir diferentes áreas do conhecimento e ampliar a presença da Universidade no sudoeste do Maranhão.

Com a expansão dos cursos de graduação, especialmente na área da saúde, e o avanço das atividades de pesquisa e pós-graduação na Unidade Bom Jesus, a UFMA reafirmou seu compromisso com a produção de conhecimento e com a formação qualificada de profissionais, pesquisadores e docentes. Esse movimento também favoreceu a criação e consolidação de programas de pós-graduação voltados às necessidades regionais, fortalecendo a integração entre ensino, pesquisa, extensão e inovação. Nesse contexto de expansão e consolidação institucional, a pós-graduação assume papel estratégico na qualificação de profissionais e na produção de conhecimentos capazes de responder aos desafios sociais e às demandas do território, especialmente no campo da saúde.

É nesse cenário de constante crescimento institucional e de fortalecimento da formação em saúde que se insere a Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família (RENASF), criada em 2009 a partir da articulação entre instituições de ensino, pesquisa, gestão e serviços de saúde. A Rede surgiu com o propósito de fortalecer a formação profissional, a produção de conhecimentos e a integração entre educação, atenção, gestão e pesquisa, especialmente no campo da Saúde da Família e da Atenção Primária à Saúde (APS)/Vigilância em Saúde (VS). Sua trajetória esteve fortemente vinculada à experiência acumulada no Nordeste, particularmente no Ceará, na implantação da Estratégia Saúde da Família e na formação de profissionais para atuação no Sistema Único de Saúde (SUS).

Como uma de suas principais iniciativas, a RENASF estruturou o Programa de Pós-

[1] Doutorado. Docente CCIM/UFMA. E-mail: janaina.mb@ufma.br
[2] Doutorado. Docente CCIM/UFMA. E-mail: marcelino.santos@ufma.br
[3] Doutorado. Docente CCBS/UFMA. E-mail: leticia.isaura@ufma.br

Graduação em Saúde da Família (PPGSF), de modalidade profissional, presencial e organizado em rede, com oferta do Mestrado Profissional em Saúde da Família (MPSF) e, posteriormente, do Doutorado Profissional em Saúde da Família (DPSF). Atualmente, o PPGSF/RENASF está presente em seis estados do Nordeste, por meio de 11 Instituições de Ensino Superior nucleadoras: no Ceará, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz Ceará), Universidade Regional do Cariri (URCA), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB); na Paraíba, Universidade Federal da Paraíba (UFPB); no Rio Grande do Norte, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); no Maranhão, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), nos campi São Luís e Imperatriz; no Piauí, Universidade Federal do Piauí (UFPI); e, em Alagoas, Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL). O Programa é sediado na Fiocruz(CE) sob a coordenação geral do Prof. Dr. Roberto Wagner Júnior Freire de Freitas e vice-coordenadora geral, Profa. Dra. Sharmênia de Araújo Soares Nuto.

O Programa tem como finalidade promover formação profissional stricto sensu de excelência no campo da Saúde Coletiva, articulada ao processo de trabalho no SUS, com ênfase na Estratégia Saúde da Família (ESF) e na APS/VS. Para isso, integra formação, pesquisa, produção de conhecimento científico e tecnológico e inovação, buscando contribuir para a transformação dos processos de trabalho e para a melhoria das condições de saúde nos territórios.

Essa proposta é sustentada por princípios como ética, aprendizagem significativa e crítica, raciocínio científico, inovação, colaboração interprofissional, cooperação interinstitucional, integração ensino-serviço-comunidade, diversidade, equidade, justiça social, sustentabilidade, responsabilidade social e gestão participativa. Dessa forma, a RENASF e o PPGSF consolidam uma experiência de formação em rede que aproxima universidade, serviços e territórios, valorizando as especificidades e vulnerabilidades regionais e fortalecendo a capacidade dos profissionais do SUS de produzir respostas qualificadas aos desafios da APS.

2 O RESGATE DAS VIVÊNCIAS E DOS BASTIDORES

A UFMA exerce papel fundamental na interiorização do ensino superior e da pós-graduação no Maranhão. Em Imperatriz, referência regional em saúde, educação e desenvolvimento, a expansão dos cursos da saúde, o fortalecimento da pesquisa, da infraestrutura e dos programas de pós-graduação ampliaram a capacidade de formação e a integração com os serviços do SUS. Apesar desses avanços, persistia uma lacuna na formação stricto sensu voltada à Estratégia Saúde da Família, o que exigia o deslocamento de profissionais para outros centros.

Nesse contexto, amadureceu a proposta de implantação de um Polo do PPGSF/RENASF no Câmpus Imperatriz, com o objetivo de aproximar a formação acadêmica das necessidades

dos serviços, fortalecer a produção científica em APS e ampliar a qualificação dos profissionais do SUS. Sua implantação resultou de um processo de articulação entre docentes do Câmpus, a nucleadora da UFMA em São Luís e a RENASF, fruto do amadurecimento acadêmico e da capacidade institucional de responder às demandas da Região Tocantina.

O primeiro movimento ocorreu em 2022, com a publicação do Edital "Chamada às propostas de Adesão nº 01/2022 RENASF/FIOCRUZ", que estimulou a criação de novas nucleadoras do PPGSF/RENASF. Diante das demandas regionais e do amadurecimento acadêmico do Câmpus Imperatriz, as professoras Janaina Miranda Bezerra, Adriana Gomes Nogueira Ferreira, Maria Neyrian de Fátima Fernandes e Yara Nayá Lopes de Andrade, com apoio da nucleadora da UFMA em São Luís e da AGEUFMA, elaboraram proposta para implantação da Rede em Imperatriz. O projeto destacou o papel estratégico da cidade na saúde regional, a necessidade de qualificação dos profissionais da APS e a capacidade acadêmica e estrutural da UFMA, além de sua integração com os serviços do SUS por meio do Contrato Organizativo de Ação Pública Ensino-Saúde (COAPES).

Embora reconhecida pelo mérito acadêmico e relevância regional, a proposta não atingiu a pontuação mínima exigida, especialmente nos critérios de produção científica e técnica. O resultado, contudo, contribuiu para identificar fragilidades e potencialidades, orientando o fortalecimento do corpo docente, a ampliação da produção científica e a intensificação da articulação com a RENASF em São Luís.

Esse movimento ganhou novo impulso em 2023, quando, com apoio da professora Isaura Letícia Tavares Palmeira Rolim e da nucleadora da UFMA em São Luís, foi definida a implantação de um Polo da RENASF em Imperatriz, vinculado administrativamente à nucleadora da capital. A iniciativa marcou uma expansão inédita do PPGSF/RENASF para fora da sede das nucleadoras. Por meio da Chamada Interna nº 01/2023, foram credenciados 11 docentes: Adriana Nogueira Gomes Ferreira, Ana Cristina Pereira de Jesus Costa, Francisca Aline Arrais Sampaio Santos, Iolanda Graepp Fontoura, Ismalia Cassandra Costa Maia Dias, Janaina Miranda Bezerra, Livia Maia Pascoal, Marcelino Santos Neto, Maria Aparecida Alves de Oliveira Serra, Maria Neyrian de Fatima Fernandes e Yara Naya Lopes de Andrade.

Em 2024, ocorreu o primeiro processo seletivo para o Mestrado Profissional em Saúde da Família no CCIM/UFMA. Dos 10 aprovados, nove permaneceram na turma, composta por profissionais de Imperatriz, Açailândia, Senador La Rocque, Montes Altos e São Miguel do Tocantins (TO), sendo dois médicos, seis enfermeiros e um fisioterapeuta. A iniciativa consolidou a pós-graduação profissional em Saúde da Família no interior e reafirmou o alcance regional e multiprofissional do Programa.

A aula inaugural, realizada em 11 de abril daquele ano, simultaneamente nos demais polos da Rede, simbolizou o início de uma nova etapa para a pós-graduação da UFMA em Imperatriz. Sob a coordenação da professora Rejane Christine de Sousa Queiroz, o Programa contava com a subcoordenação em São Luís, sob a responsabilidade da professora Isaura Letícia Tavares Palmeira Rolim, e com a subcoordenação em Imperatriz, exercida pelo professor

Marcelino Santos Neto. Essa configuração representou um marco na organização institucional do Programa, ao estabelecer uma estrutura de gestão que possibilitou a representação e a articulação entre os dois polos da Universidade. Iniciava-se, assim, uma experiência acadêmica exitosa, marcada pelo compromisso com a formação de profissionais capazes de produzir conhecimento, desenvolver produtos técnicos e tecnológicos e contribuir para o aprimoramento das práticas e dos serviços de Atenção Primária à Saúde (APS), considerando as necessidades e especificidades dos territórios.

No biênio 2024–2026, a gestão da RENASF/UFMA passou a ser conduzida pela professora Isaura Letícia Tavares Palmeira Rolim, na coordenação, tendo como subcoordenadores o professor Marcelino Santos Neto, no Polo de Imperatriz, e a professora Elisângela Milhomem dos Santos, no Polo de São Luís. Essa composição assegurou a continuidade da gestão compartilhada entre os dois polos e acompanhou um período significativo de expansão e consolidação acadêmica do Programa no Maranhão. Para o biênio 2026–2028, a professora Isaura Letícia Tavares Palmeira Rolim permaneceu na coordenação e o professor Marcelino Santos Neto na subcoordenação do Polo de Imperatriz, enquanto a professora Dorlene Maria Cardoso de Aquino assumiu a subcoordenação do Polo de São Luís. A nova composição deu continuidade ao modelo de gestão integrada entre os polos, fortalecendo a articulação institucional e o processo de interiorização da pós-graduação em Saúde da Família no estado.

Ao final de 2025, as primeiras dissertações defendidas evidenciaram o potencial do Polo de Imperatriz para produzir conhecimentos voltados aos desafios concretos dos serviços de saúde da região. Na sequência, os editais para ingresso em 2026.1 ampliaram a oferta para 16 vagas no Mestrado e 8 no Doutorado Profissional, viabilizando a primeira turma de doutorado em Imperatriz e consolidando a expansão da pós-graduação em Saúde da Família no interior do Maranhão.

Previamente aos editais, foram credenciados cinco novos docentes: Arlane Silva Carvalho Chaves, Francisca Jacinta Feitoza de Oliveira, Francisco Mayron Morais Soares, Michelli Erica Souza Ferreira e Roberta de Araújo e Silva. A ampliação do corpo docente acompanhou o crescimento do Polo e fortaleceu sua capacidade de ensino, pesquisa e produção técnica e tecnológica em APS e VS.

Outro destaque do PPGSF/RENASF é a formação permanente dos docentes e a atualização colaborativa dos materiais didáticos, promovidas pelo Núcleo de Apoio Pedagógico. Essa dinâmica fortalece a integração da Rede, atualiza conteúdos e estratégias e preserva uma identidade pedagógica comum, considerando as especificidades territoriais.

A proposta pedagógica do Programa fundamenta-se na andragogia, na aprendizagem significativa, na formação por competências e no uso de metodologias ativas, valorizando as experiências dos profissionais e o protagonismo discente. Para isso, utiliza distintas estratégias pedagógicas, adequadas aos objetivos de aprendizagem e às especificidades dos territórios, aproximando formação, trabalho e realidade do SUS e mantendo o Programa integrado e alinhado aos desafios da APS e VS.

3 O LEGADO E O IMPACTO NA REGIÃO TOCANTINA

A implantação e consolidação do PPGSF/RENASF em Imperatriz representam um marco na interiorização da pós-graduação da UFMA, ampliando o acesso ao MPSF e ao DPFS para profissionais da Região Tocantina, representados pelos estados do Maranhão, Pará e Tocantins. Seu impacto ultrapassa a formação acadêmica, ao articular ensino, pesquisa e trabalho em saúde, transformando experiências dos serviços em conhecimento e produtos técnicos e tecnológicos voltados às necessidades dos territórios e do SUS. Nesse processo, Imperatriz fortalece-se como polo regional de formação e produção de conhecimento em APS/VS.

Atualmente, o Programa encontra-se em pleno funcionamento nos polos de São Luís e Imperatriz, consolidando a RENASF/UFMA como uma Rede fortalecida e integrada, com turmas de Mestrado e Doutorado Profissional em Saúde da Família. Sua atuação é sustentada por um corpo docente qualificado e comprometido, composto por 16 professores em cada polo, que contribuem para a formação de profissionais, a produção e disseminação do conhecimento científico e o desenvolvimento de produtos técnicos e tecnológicos voltados às necessidades da Atenção Primária à Saúde. A articulação entre os dois polos reafirma o caráter colaborativo e integrador da Rede e amplia sua capacidade de atuação nos diferentes territórios do Maranhão.

Essa trajetória integra os mais de 40 anos de presença da UFMA em Imperatriz e resulta de uma construção coletiva que reúne docentes, técnicos, estudantes, gestores e instituições parceiras. A consolidação do Programa reafirma o compromisso da Universidade com a interiorização do ensino, da pesquisa, da extensão e da pós-graduação, contribui para o desenvolvimento científico, social e da saúde na Região Tocantina e fortalece a capacidade do território de produzir conhecimento e respostas às suas próprias necessidades.

LAFIT E A CONSOLIDAÇÃO DA PESQUISA CLÍNICA NO CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE FORMAÇÃO CIENTÍFICA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM SAÚDE

Michelli Erica Souza Ferreira[1]
Aramys Silva dos Reis[2]
Luecya Alves de Carvalho Silva[3]

RESUMO

O fortalecimento da pesquisa constitui um dos pilares fundamentais das universidades públicas, contribuindo para a formação de profissionais comprometidos com a produção do conhecimento e com a transformação da realidade social. Criado em 27 de março de 2018, o Laboratório de Fisiopatologia e Investigação Terapêutica (LaFIT), vinculado ao Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão (CCIM/UFMA), foi estruturado para atuar em duas vertentes complementares: a pesquisa experimental e a pesquisa clínica. Este relato de experiência tem como objetivo descrever o processo de consolidação da pesquisa clínica no laboratório, destacando sua contribuição para a formação científica, a produção do conhecimento e a integração entre universidade e serviços de saúde. Ao longo dessa trajetória, o LaFIT contribuiu para a implantação e o fortalecimento de linhas de pesquisa nas áreas de hanseníase, diabetes mellitus, farmacologia clínica, biomarcadores e vigilância epidemiológica. O desenvolvimento dessas atividades favoreceu o estabelecimento de parcerias com serviços de saúde, laboratórios de referência e instituições de pesquisa. Paralelamente, o laboratório consolidou-se como um espaço permanente de formação acadêmica, contribuindo para a orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso, projetos de Iniciação Científica e na pós-graduação, além de estimular a participação discente em eventos científicos e na produção de artigos e outros produtos técnico-científicos. A experiência evidencia a importância da pesquisa clínica para o desenvolvimento científico do CCIM e para o fortalecimento da produção do conhecimento em saúde.

Palavras-chave: Pesquisa clínica; Formação científica; LaFIT; Formação acadêmica.

1 INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A universidade pública, ao integrar ensino, pesquisa e extensão, cria condições para que professores e estudantes participem da produção de novos conhecimentos e contribuam para a compreensão e o enfrentamento de problemas relevantes para a sociedade. No campo da saúde, essa integração adquire importância particular, uma vez que as necessidades identificadas nos serviços e na população podem originar questões científicas capazes de aproximar a investigação acadêmica da realidade assistencial. Essa perspectiva assumiu especial relevância no curso de

[1] Doutora em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários. Docente do Curso de Medicina. E-mail: michelli.ferreira@ufma.br

[2] Doutorado em Ciência. Docente do Curso de Medicina. E-mail: aramys.reis@ufma.br

[3] Doutorado em Biotecnologia. Docente do Curso de Medicina. E-mail: luecya.carvalho@ufma.br

Medicina da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM), autorizado em 2013 e iniciado as atividades efetivamente no ano de 2014, em um contexto de expansão da formação médica e da necessidade de ampliar a disponibilidade de médicos no sul do Maranhão. Tratava-se de um curso ainda recente, que, paralelamente à consolidação de suas atividades de ensino, começava a construir espaços destinados ao desenvolvimento da pesquisa e à formação científica de seus estudantes.

Foi nesse cenário de construção e amadurecimento acadêmico que surgiu a proposta que resultaria, em 2018, na criação do Laboratório de Fisiopatologia e Investigação Terapêutica (LaFIT), no CCIM da UFMA. Primeiro laboratório de pesquisa do curso de Medicina, o LaFIT representou um marco na consolidação da investigação científica no curso, ao proporcionar um espaço institucional destinado ao desenvolvimento de projetos e à inserção de estudantes em atividades de pesquisa. Sua idealização resultou da atuação conjunta dos professores Dr. Aramys Silva dos Reis, Dra. Michelli Erica Souza Ferreira e Dra. Luecya Alves de Carvalho Silva, docentes da área da saúde com experiências anteriores em investigação científica e que compartilhavam o interesse pelo ensino e pela formação de novos pesquisadores. Mais do que constituir uma estrutura física e laboratorial, havia entre os docentes a compreensão de que a formação médica deveria proporcionar aos estudantes oportunidades concretas de formular perguntas científicas, desenvolver projetos, executar metodologias, interpretar resultados e comunicar o conhecimento produzido.

A criação do LaFIT, em 27 de março de 2018, representou, portanto, a institucionalização de um percurso que já vinha sendo construído anteriormente por meio de projetos de pesquisa, extensão e orientação discente. Concomitantemente à implantação do laboratório, foi criado o Grupo de Pesquisa Fisiopatologia e Medicina Investigativa, fortalecendo a organização das linhas de investigação e reunindo pesquisadores e estudantes em torno de interesses científicos comuns. O laboratório passou a constituir um espaço voltado à integração das atividades científicas no curso de Medicina, possibilitando reunir professores e estudantes com diferentes experiências e interesses em torno de um objetivo comum: promover a formação científica e produzir conhecimento aplicável aos problemas de saúde.

Desde sua concepção, o laboratório foi estruturado em duas vertentes complementares: pesquisa experimental e pesquisa clínica. A pesquisa experimental passou a ser desenvolvida principalmente pelo Dr. Aramys Silva dos Reis e pela Dra. Luecya Alves de Carvalho Silva, abrangendo estudos em células, análise farmacológica, investigação de produtos naturais e análise de mecanismos biológicos. Paralelamente, a pesquisa clínica, desenvolvida especialmente pela Dra. Michelli Erica Souza Ferreira e pela Dra. Luecya Alves de Carvalho Silva, direcionou parte das atividades para investigações envolvendo seres humanos, dados clínicos, fisiopatologia de doenças, epidemiologia e problemas de saúde relevantes para a população.

Assim, embora com abordagens metodológicas distintas, pesquisa experimental e clínica foram construídas no LaFIT como dimensões complementares. De um lado, a investigação de mecanismos biológicos, moléculas e modelos experimentais; de outro, o estudo dos processos

de saúde e doença diretamente em indivíduos, grupos populacionais e serviços de saúde. Essa complementaridade favoreceu o desenvolvimento de diferentes projetos e permitiu aos estudantes compreender que a produção do conhecimento em saúde ocorre em um percurso que pode se iniciar na bancada experimental, avançar para estudos clínicos e epidemiológicos e, posteriormente, retornar à sociedade na forma de conhecimento, inovação, cuidado e melhoria dos serviços.

No âmbito da pesquisa clínica, a trajetória construída no LaFIT promoveu uma aproximação progressiva com pacientes, Unidades Básicas de Saúde (UBS), serviços hospitalares e setores de vigilância epidemiológica. As experiências científicas previamente acumuladas pelas pesquisadoras responsáveis por essa vertente favoreceram a implantação de diferentes linhas de investigação, inicialmente relacionadas às doenças crônicas e infecciosas e, posteriormente, ampliadas para estudos clínico-laboratoriais, epidemiológicos, avaliação de biomarcadores e desenvolvimento de tecnologias aplicadas à saúde. Essa diversidade possibilitou incorporar diferentes delineamentos e metodologias, ao mesmo tempo em que ampliou as oportunidades de participação de estudantes de graduação e, mais recentemente, de pós-graduação.

Dessa maneira, o presente relato tem como objetivo descrever a trajetória de implantação e consolidação da pesquisa clínica no LaFIT, destacando sua contribuição à formação de estudantes de graduação e pós-graduação, à produção científica, ao estabelecimento de parcerias e ao fortalecimento da pesquisa no Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão.

2 METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

A experiência relatada compreende o processo de desenvolvimento das atividades científicas que sucederam a criação do LaFIT, considerando especialmente a trajetória da pesquisa clínica realizada no Centro de Ciências de Imperatriz. Trata-se, portanto, de um relato descritivo-analítico fundamentado na experiência dos docentes envolvidos, nos projetos desenvolvidos e nos produtos acadêmicos resultantes dessa trajetória.

Nesse contexto, é importante compreender o que é uma pesquisa clínica, esta envolve investigações em saúde realizadas com pessoas, materiais biológicos de origem humana ou dados relacionados a indivíduos e populações (National Institutes of Health, 2025). Metodologicamente, pode envolver estudos observacionais, nos quais não há intervenção pelo pesquisador, como os delineamentos transversal, caso-controle e de coorte, e estudos intervencionais ou ensaios clínicos, nos quais os participantes são submetidos a intervenções para avaliação de seus efeitos sobre desfechos em saúde (World Health Organization, 2020). A primeira metodologia insere-se na trajetória do LaFIT, que reúne estudos clínico-laboratoriais, epidemiológicos, pesquisas com prontuários e bancos de dados, investigação de biomarcadores e estudos relacionados aos serviços de saúde.

O LaFIT foi implementado concomitantemente à organização do Grupo de Pesquisa Fisiopatologia e Medicina Investigativa, constituindo uma estratégia para estruturar e dar continuidade às atividades científicas desenvolvidas no laboratório. A criação do grupo possibilitou reunir docentes e estudantes em torno de linhas de investigação relacionadas aos mecanismos fisiopatológicos das doenças e à pesquisa em saúde, favorecendo o desenvolvimento de projetos articulados e a formação de estudantes em diferentes etapas do percurso acadêmico.

Mesmo antes da formalização do laboratório, os docentes envolvidos em sua criação desenvolviam projetos que integravam estudantes de Medicina a atividades de investigação científica. Nesse período, diferentes experiências permitiram identificar a necessidade de um espaço institucional capaz de reunir infraestrutura, professores, estudantes e linhas de pesquisa. A criação do laboratório não representou, dessa forma, o ponto inicial da pesquisa, mas um marco na organização e consolidação de iniciativas que já vinham sendo desenvolvidas.

A atividade envolvendo pacientes com doenças crônicas é um exemplo dessa trajetória anterior. O projeto de acompanhamento clínico-laboratorial de pacientes diabéticos atendidos pelo Programa Hiperdia/e-SUS de Imperatriz, desenvolvido desde 2014, propôs avaliar características clínicas e laboratoriais de pacientes acompanhados em Unidade Básica de Saúde, além de desenvolver atividades educativas sobre adesão ao tratamento, alimentação, estilo de vida, insulinoterapia e prevenção de complicações. Essa experiência permitiu a inserção de diversos estudantes de Medicina no acompanhamento clínico-laboratorial dos participantes.

Na mesma linha, foram conduzidos estudos relacionados à adesão terapêutica e ao autocuidado no diabetes mellitus, bem como à adesão ao tratamento de pacientes hipertensos acompanhados pelo Programa Hiperdia. Entre 2016 e 2019, foi realizado projeto específico sobre o perfil de adesão de pacientes hipertensos de uma Unidade Básica de Saúde de Imperatriz, enquanto estudos sobre autocuidado e anuência à terapêutica de pacientes diabéticos ampliaram a investigação sobre as dimensões comportamentais e clínicas das doenças crônicas.

Esses projetos demonstram uma característica que se tornaria marcante na pesquisa clínica vinculada ao LaFIT: a proximidade com os serviços de saúde e a utilização de problemas observados na prática assistencial como ponto de partida para a investigação científica.

Outra linha importante para a consolidação da pesquisa clínica foi constituída pelos estudos sobre hanseníase, uma doença de elevada importância epidemiológica no Maranhão e particularmente relevante para a realidade regional. Entre os projetos desenvolvidos destacou-se o Monitoramento do estresse oxidativo de pacientes com hanseníase. O projeto envolveu acompanhamento de pacientes, coleta de amostras biológicas e avaliação de marcadores relacionados à defesa antioxidante, peroxidação lipídica e oxidação da hemoglobina, contando com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

A participação discente nesse projeto possibilitou a formação de estudantes em diferentes subprojetos de Iniciação Científica, como avaliação da peroxidação lipídica, monitoramento da defesa antioxidante e determinação de metemoglobina em pacientes com hanseníase. Assim,

um único projeto estruturante possibilitou a elaboração de diferentes perguntas científicas, proporcionando a vários estudantes a experiência de desenvolver planos de trabalho próprios, mas vinculados a uma linha de investigação comum.

Paralelamente, os projetos em diabetes mellitus também evoluíram da caracterização clínica e da adesão terapêutica para investigações de mecanismos bioquímicos associados à doença. Um dos estudos clínicos avaliou o estado redox e a oxidação da hemoglobina em pacientes com diabetes mellitus tipo 2, utilizando delineamento observacional do tipo caso-controle e comparando pacientes recém-diagnosticados com indivíduos saudáveis. Foram avaliados parâmetros como capacidade antioxidante, peroxidação lipídica, óxido nítrico, deficiência de glicose-6-fosfato desidrogenase, corpúsculos de Heinz e metemoglobina.

A diversidade das pesquisas desenvolvidas contribuiu para que o laboratório passasse a incorporar diferentes delineamentos de investigação. Projetos envolvendo fibromialgia, por exemplo, utilizaram estudos clínicos observacionais caso-controle com pacientes e indivíduos sem a condição, relacionando aspectos clínicos e marcadores laboratoriais de estresse oxidativo. Em outros momentos, estudos epidemiológicos passaram a utilizar sistemas de informação e registros clínicos para investigar a distribuição das doenças e suas características na população.

Na hanseníase, essa trajetória conduziu progressivamente da investigação de alterações bioquímicas para estudos clínicos e epidemiológicos mais abrangentes. Foram realizados trabalhos sobre perfil clínico e epidemiológico dos pacientes, incidência em menores de 15 anos, comprometimento neurológico, qualidade de vida, avaliação sorológica anti-PGL-I e investigação de biomarcadores associados ao dano neural. A continuidade dessa linha é observada nas atuais orientações relacionadas à análise das neuropatias hansênicas e à padronização e validação do ensaio anti-PGL-I.

Além disso, novas investigações passaram a avaliar o fator de crescimento nervoso (NGF) e características clínicas de pacientes e contatos de pessoas com hanseníase em projeto financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), demonstrando a ampliação da linha para o estudo de potenciais marcadores relacionados ao comprometimento neural. Essa evolução revela uma característica importante da trajetória científica: resultados e questionamentos originados em um projeto passaram a gerar novas perguntas, novas metodologias e novas oportunidades de formação.

A vertente epidemiológica também se fortaleceu por meio da participação em projetos multicêntricos. Entre 2019 e 2022, houve participação em projeto de pesquisa operacional e treinamento em serviço voltado para áreas hiperendêmicas de hanseníase no Maranhão e no Pará, reunindo pesquisadores de diferentes instituições e ampliando a inserção do grupo em redes colaborativas.

Mais recentemente, essa trajetória passou a incorporar ciência de dados e desenvolvimento tecnológico, com a proposta de criação de *dashboards* para auxiliar a gestão municipal da hanseníase. O projeto utiliza informações clínicas, epidemiológicas e geoespaciais para organizar indicadores e produzir ferramenta interativa de apoio à vigilância e à tomada de

decisão. Esse avanço representa uma ampliação do conceito inicial de investigação clínica, uma vez que os dados produzidos e sistematizados passam a ser utilizados não somente para compreender a doença, mas também para desenvolver produtos capazes de apoiar os serviços de saúde.

3 RESULTADOS OBTIDOS, IMPACTO E APRENDIZADOS

Um dos principais resultados da trajetória construída no LaFIT foi a consolidação da pesquisa clínica como espaço permanente de formação científica para os estudantes de graduação e pós-graduação. Ao longo dos anos, diferentes projetos possibilitaram a inserção de discentes em investigações envolvendo pacientes, dados clínicos, amostras biológicas, prontuários e sistemas de informação em saúde, particularmente nas áreas de diabetes mellitus, hipertensão arterial, hanseníase, epidemiologia, biomarcadores e vigilância em saúde.

A produção acadêmica acumulada na vertente clínica evidencia a dimensão dessa atividade formativa. Considerando a produção desde a criação do LaFIT até agosto de 2026 (Figura 1), estão 54 produções acadêmicas concluídas e 12 em andamento. Esses números abrangem diferentes momentos das trajetórias acadêmicas na pesquisa clínica e demonstram a experiência acumulada em formação científica e ajudam a compreender o ambiente de orientação que sustentou a consolidação da pesquisa clínica no LaFIT.

Figura 1 - Trajetória da pesquisa clínica no LaFIT



Fonte: Elaborada pelos autores (2026).

Outro impacto relevante foi o fortalecimento da integração entre a universidade e os serviços de saúde, uma vez que o desenvolvimento das pesquisas clínicas aproximou o LaFIT das Unidades Básicas de Saúde, hospitais, serviços de referência e setores de vigilância epidemiológica. Essa articulação possibilitou investigar problemas concretos da população regional, por meio de estudos envolvendo pessoas com diabetes, hipertensão e hanseníase, além da análise de dados provenientes de serviços de endocrinologia.

Ao longo dessa trajetória, as parcerias ultrapassaram o âmbito municipal, com a participação em projetos multicêntricos e a cooperação com outros laboratórios e instituições, ampliando as possibilidades metodológicas, o intercâmbio científico e a inserção dos estudantes em redes de investigação. Dessa forma, o LaFIT consolidou-se como um espaço de articulação entre formação acadêmica, serviços de saúde e colaboração científica interinstitucional.

A consolidação da pesquisa clínica no LaFIT também foi acompanhada por desafios inerentes aos estudos envolvendo seres humanos, como planejamento metodológico, observância das normas éticas, articulação com serviços parceiros, recrutamento e acompanhamento dos participantes, padronização da coleta de dados e de amostra biológica, além de continuidade dos estudantes envolvidos.

Nesse percurso, compreendeu-se que a consolidação de uma linha de pesquisa depende não apenas da realização de projetos isolados, mas da continuidade das investigações, na qual resultados geram novas perguntas, metodologias são aprimoradas e aplicadas em novos estudos, estudantes compartilham experiências entre diferentes etapas de formação e parcerias são progressivamente fortalecidas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Registrar a trajetória do LaFIT significa recuperar parte da história da construção da pesquisa no CCIM/UFMA. Sua criação resultou da convergência entre professores que compartilhavam o interesse pelo ensino e pela investigação científica e compreenderam que a formação universitária poderia ser ampliada pela participação ativa dos estudantes na produção do conhecimento.

A coexistência das vertentes experimental e clínica permitiu construir um ambiente de investigação diversificado. Enquanto a pesquisa experimental possibilitou explorar mecanismos biológicos, produtos naturais e abordagens pré-clínicas, a pesquisa clínica aproximou o laboratório dos pacientes, das comunidades e dos serviços de saúde. Essas duas dimensões contribuíram para que o LaFIT se transformasse em um espaço de formação científica e colaboração entre docentes e estudantes.

No campo clínico, a trajetória iniciada com estudos relacionados ao acompanhamento de pacientes diabéticos e à investigação de alterações bioquímicas em diferentes doenças foi progressivamente ampliada para projetos epidemiológicos, avaliação de biomarcadores, investigação do dano neural na hanseníase e, mais recentemente, aplicação de tecnologias

digitais à vigilância em saúde.

Tal percurso evidencia que o maior legado da experiência não se restringe ao número de projetos executados ou de produtos publicados. Seu principal resultado reside na formação de estudantes que vivenciaram a pesquisa ainda durante a graduação, aprenderam a transformar problemas em perguntas científicas e participaram da geração e comunicação do conhecimento. A continuidade dessas experiências na pós-graduação representa uma nova etapa desse processo e amplia as possibilidades de consolidação da pesquisa no Centro de Ciências de Imperatriz.

Ao longo dos anos, a formação de estudantes, o desenvolvimento das pesquisas e a divulgação dos resultados passaram a compor uma história coletiva, construída com a participação de docentes, discentes, profissionais dos serviços de saúde, instituições parceiras e, sobretudo, dos participantes das pesquisas, cuja contribuição foi essencial para a produção do conhecimento.

Em uma obra destinada a registrar mais de quatro décadas do legado da Universidade Federal do Maranhão em Imperatriz, a trajetória do LaFIT representa, portanto, uma parte da história mais recente desse processo. Uma história construída a partir da convicção de que ensinar e pesquisar não constituem atividades separadas, mas dimensões complementares da universidade. Preservar essa memória permite reconhecer o caminho percorrido e, ao mesmo tempo, reafirmar o compromisso de continuar formando pesquisadores, construindo parcerias e produzindo conhecimento capaz de dialogar com as necessidades da população da Região Tocantina e do Maranhão.

REFERÊNCIAS

NATIONAL INSTITUTES OF HEALTH. **The basics: NIH clinical research trials and you.** Bethesda: National Institutes of Health, 2025.

NATIONAL INSTITUTE ON AGING. **NIA glossary of clinical research terms**. Bethesda: National Institutes of Health, 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Clinical trials**. Geneva: World Health Organization, 2020.

HISTÓRIA E MEMÓRIA DA BIBLIOTECA DA UFMA CÂMPUS IMPERATRIZ CCIM

Alesandra Saraiva de Sousa[1]
Maria Stela Martins Veloso[2]
Suzane Sheila Rabelo da Silva[3]

RESUMO

Este relato apresenta a trajetória das Bibliotecas do, Centro de Ciências de Imperatriz (CCIm) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), de sua infraestrutura e gestão de pessoal. O objetivo deste texto é documentar e resgatar a trajetória histórica e a memória institucional das Bibliotecas do CCIm. Os principais pontos que destacam a importância deste relato são: documentação histórica: registra a evolução física da biblioteca, desde suas instalações pioneiras em 1984 até a construção do prédio atual. Documenta sucessões movimentações de pessoas bibliotecárias, como remoções para São Luís, contratações temporárias e a chegada de novos servidores via concurso público ao longo das décadas. O relato apresenta as ações das bibliotecas quanto aos serviços prestados à comunidade acadêmica, bem como projetos para assistência à sociedade a qual está inserida. O relato preserva a memória física da instituição, o que é essencial para compreender o desenvolvimento patrimonial da UFMA no município de Imperatriz.

Palavras-chave: História da Biblioteca; Memória; UFMA; Imperatriz.

1 INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A trajetória das Bibliotecas do Campus da UFMA em Imperatriz, Centro de Ciências de Imperatriz (CCIm), é marcada por uma evolução contínua tanto em infraestrutura quanto em gestão de pessoal. Antes de sua instalação definitiva, a biblioteca ocupou três endereços provisórios: próximo à Delegacia de Polícia Civil, no Serviço Social da Indústria (SESI) e no Colégio Graça Aranha. Antes de o CCIm encontrar seu lugar em 1980 no prédio da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), no qual foram iniciadas as primeiras turmas dos cursos de Direito e Padagogia. O objetivo deste texto é documentar e resgatar a trajetória histórica e a memória institucional das Bibliotecas do CCIm. Ele busca registrar a evolução física da biblioteca, desde suas origens em 1984 e suas sucessivas mudanças de endereço, bem como o histórico de gestão das bibliotecas por bibliotecários que atuaram nas unidades ao longo dos anos. A relevância deste texto reside na preservação da memória institucional e histórica das Bibliotecas do CCIm. Ele é fundamental para registrar a trajetória de desenvolvimento do espaço acadêmico e administrativo da universidade. Os principais pontos que destacam

[1] Mestre em Administração. Bibliotecária-documentalista CCIM/UFMA. E-mail: alesandra.saraiva@ufma.br

[2] Mestre em Administração. Bibliotecária-documentalista aposentada SIBi/UFMA

[3] Especialista em Gestão de Documentos e Informação. Bibliotecária-documentalista CCIM/UFMA. E-mail: suzane.rabelo@ufma.br

a importância deste relato são: documentação histórica; gestão de memória profissional e contextualização acadêmica. A documentação histórica registra a evolução física da biblioteca, desde suas instalações pioneiras em 1984 até a construção do prédio atual, servindo como uma linha do tempo das mudanças de endereço e infraestrutura. No que se refere a gestão de memória profissional, compila o histórico de gestão e a cronologia dos bibliotecários que atuaram no câmpus, sendo um registro essencial para entender a sucessão administrativa e as movimentações de pessoal ao longo de décadas. Quanto a contextualização acadêmica, vincula o crescimento da biblioteca ao desenvolvimento do próprio câmpus, mencionando o início dos cursos de Direito e Padagogia e a gestão de reitores, o que ajuda a entender o impacto dessas decisões na vida acadêmica local. O texto estabelece uma linha do tempo detalhada das Bibliotecas do CCIm, abrangendo o período de 1984 até 2026. O escopo do conteúdo organiza-se em dois pilares principais: Trajetória infraestrutural: o relato mapeia a evolução física da biblioteca, desde suas instalações provisórias em diferentes endereços na cidade passando pela ocupação da pequena sala no prédio da FUNAI em 1984, até a construção e inauguração do prédio próprio em 1999, sob a gestão do reitor Othon de Carvalho Bastos. Gestão de capital humano é relatado de modo que consolida um registro administrativo das bibliotecárias que atuaram no CCIm, e documenta sucessões e movimentações de pessoas bibliotecárias, como remoções para São Luís, contratações temporárias e a chegada de novos servidores via concurso público ao longo das décadas. O relato preserva a memória física da instituição, explicando como a biblioteca deixou de ocupar espaços improvisados para ter sua estrutura atual, o que é essencial para compreender o desenvolvimento patrimonial da UFMA no município de Imperatriz.

2 TRAJETÓRIA INFRA ESTRUTURAL E DE CAPITAL HUMANO

A Biblioteca do Câmpus de Imperatriz, que funciona no Centro da cidade de Imperatriz, teve início no ano de 1984, no entanto anteriormente a essa data, funcionou em outros três endereços. Primeiramente próximo ao prédio da Delegacia de Polícia Civil, à Rua Souza Lima, em seguida funcionou no prédio do SESI de Imperatriz, à Rua Aquiles Lisboa. O terceiro endereço foi o Colégio Graça Aranha, à Rua Simplício Moreira. Finalmente em 1980 com a destinação do prédio da FUNAI à UFMA, também à Rua Simplício Moreira, foram iniciadas as primeiras turmas dos cursos de Direito e Padagogia, sendo que a biblioteca só teve início em 1984 funcionando em uma pequena sala. A biblioteca funcionou nas dependências do Câmpus atual, em três locais distintos: primeiramente em uma pequena sala de aula adaptada. Em 1997, mudou para um espaço maior que o anterior. Em 1999, a biblioteca mudou-se novamente, pois foi concluída a construção do seu prédio atual — um local amplo e com espaço para expansão. O prédio atual da biblioteca foi construído e inaugurado na gestão do Professor Dr. Othon de Carvalho Bastos, reitor de 1996 a 2000 e de 2000 a 2003.

A bibliotecária a qual assumiu a biblioteca foi a senhora Raimunda Cortez Moreira Dourado, que era servidora da UEMA em Imperatriz. Nessa época ficou à disposição da

UFMA. Em 1993, houve concurso público para o cargo de bibliotecário-documentalista, sendo assim, em 1994, foi designada a bibliotecária Maria Raimunda Vieira dos Santos para assumir a gestão da biblioteca do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia (CCSST), atualmente denominado Centro de Ciências de Imperatriz (CCIm). Raimunda Vieira, no entanto, não se adaptou à cidade e tão logo, solicitou sua remoção para o Câmpus de São Luís em 1995. Para assumir a vaga deixada por Raimunda Vieira, o diretor do Câmpus na época, o Sr. Agenor Dourado contratou por tempo determinado a senhora Rosângela Cortez Moreira, bibliotecária que trabalhou alguns meses, até a chegada de outra bibliotecária oriunda do concurso público.

No ano de 1996, foi enviada à Imperatriz a bibliotecária Maria Stela Martins Veloso que exerceu suas atividades no Câmpus no período de fevereiro de 1996 a outubro de 2004, quando solicitou remoção para o Câmpus de São Luís. No início do ano de 2005, foi designada para substituir a bibliotecária Maria Stela Martins Veloso, a senhora Darcy de Carvalho Cantanhede que ficaria até a chegada de uma nova bibliotecária oriunda de novo concurso público.

Em 2007, a bibliotecária Regina França Cutrim assumiu a gestão da Biblioteca, mas em 2009 permutou com a bibliotecária Sheila de Sousa Monteiro, que veio de São Luís para Imperatriz, essa gerenciou a biblioteca do CCIm até 2013, sendo Função Gratificada nesse período, e posteriormente foi removida para São Luís. Houve um novo concurso em 2009 para atender a demanda do Câmpus que seria inaugurado no Bairro Bom Jesus, para funcionamento dos cursos de Enfermagem e Engenharia de Alimentos. No concurso de 2009, Nádia Lusiane Silva Pereira foi admitida como bibliotecária da Unidade Prof. José Batista, a qual exerceu a Função Gratificada de Coordenadora da Biblioteca de maio de 2013 à agosto de 2014, e em 2016, foi removida para São Luís, por motivos de saúde.

Em julho de 2010, a bibliotecária Alesandra Saraiva de Sousa, oriunda do concurso de 2009, foi admitida e na Biblioteca do CCIm, a qual ainda comportava o acervo dos cursos de Enfermagem, Engenharia de Alimentos, Licenciatura em Ciências Naturais, mas em 2013 o acervo desses curso foi transferido para a Biblioteca do Câmpus no Bairro Bom Jesus, inaugurando assim a biblioteca na Unidade Unidade Bom Jesus. A bibliotecária Alesandra Saraiva de Sousa foi gerenciar a Biblioteca do Câmpus Bom Jesus, na qual está atualmente e exerceu a Função Gratificada de agosto de 2014 a dezembro 2019, coordenando e gerenciando pessoas das duas bibliotecas: Unidade Prof. José Batista e Unidade Bom Jesus. Houve um novo concurso em 2012 e a bibliotecária Jousiane Leite Lima atuou na Biblioteca da Unidade Prof. José Batista, mas em outubro de 2015 foi removida para São Luís por motivos de saúde, e Marla de Sousa Rosa Bertolla, que foi admitida em 2012 em Grajaú, veio removida de Grajaú para Imperatriz e atuou na Biblioteca da Unidade Bom Jesus de 2012 a 2015, depois foi atuar na Biblioteca da Unidade Prof. José Batista, na qual está atualmente. Suzane Sheila Rabelo da Silva foi admitida em outubro de 2016 na Biblioteca da Unidade Bom Jesus, através de concurso público.

Em 2017, Vivian Oliveira da Silva começou a atuar na Biblioteca da Unidade Prof. José Batista, e em maio de 2026 e foi removida para o Campus de São Luís, por motivos de saúde.

Em 2026, oriunda de concurso público, a Bibliotecária Ione da Conceição dos Santos Mendes foi admitida passando a atuar na Biblioteca da Unidade Prof. José Batista, e Suzane Sheila Rabelo da Silva começou a atuar na Unidade Prof. José Batista também, tendo em vista que Marla de Sousa Rosa Bertolla afastou-se para cursar mestrado.

3 EVOLUÇÃO E APRIMORAMENTO DOS SERVIÇOS OFERECIDOS PELA BIBLIOTECA SETORIAL DO CCIM

As ações das Bibliotecas do CCIm, no decorrer desses anos, contribuíram para o ensino, pesquisa e extensão, através da gestão da informação, catalogação do acervo, orientações de normalizações de trabalhos acadêmicos, empréstimos e devoluções de livros, visita guiada, capacitação aos usuários quanto aos recursos informacionais das bibliotecas da UFMA, bem como ambientes de apoio à pesquisa, como: cabines de estudo em grupo, cabines de estudo individual, terminal de consulta ao acervo e acesso à internet oferecidos à comunidade acadêmica.

Os empréstimos e devoluções de livros eram realizados de forma manual, com anotações em carteirinhas de papel e a busca de livros por autor, por título e por assunto eram realizadas por meio de fichas em catálogos físicos. “Em 1993, a comunidade acadêmica presenciou a reativação do Sistema Automatizado da Biblioteca Central (SAB), que tornou viável a pesquisa, por meio de diversos terminais, do acervo disponível nas bibliotecas mantidas pela Universidade Federal do Maranhão” (Sistema Integrado de Bibliotecas, 2026).

> A eo Integrado de Bibliotecas (NIB), tendo evoluído à medida em que procura compatibipartir de 2004, as bibliotecas da UFMA são denominadas oficialmente como Núcllizar sua organização à política de modernização da Universidade. O Núcleo Integrado de Bibliotecas (NIB) contava, além da Biblioteca Central, com dezessete setoriais, localizadas no próprio Campus do Bacanga, no centro de São Luís e nos municípios de Bacabal, Balsas, Chapadinha, Codó, Grajaú Imperatriz, Pinheiro e São Bernardo (Sistema Integrado de Bibliotecas, 2026).

Em outubro de 2012**,** com o objetivo de dinamizar os serviços oferecidos, o NIB, contando com o suporte técnico do Núcleo de Tecnologia da Informação (NTI), implantou um novo sistema de circulação de materiais informacionais. O mesmo concentra diversas atividades, como empréstimo, devolução, renovação, consulta ao acervo, reserva, declaração de quitação, entre outros.

A mudança foi significativa, já que o sistema pode ser acessado via internet, por meio do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), trazendo ao usuário maior rapidez e comodidade em vários aspectos, a exemplo dos serviços de reserva de materiais ou de renovação de empréstimos.

Em 15 de junho de 2020, por meio da Resolução Nº 226 – CONSAD, atualiza-se a estrutura organizacional e o correspondente organograma da Universidade Federal do Maranhão.

Com a extinção, criação e reorganização das Unidades Administrativas da UFMA, o Núcleo Integrado de Bibliotecas (NIB) passou a ser chamado de Diretoria Integrada de Bibliotecas (DIB). Em junho de 2024, a Diretoria Integrada de Bibliotecas (DIB) passou a ser chamada Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBi) modificando a estrutura organizacional de unidades administrativas da Universidade Federal do Maranhão.

O SIBi disponibiliza diversos recursos informacionais digitais e virtuais como: Repositório Institucional; Portal de Periódicos UFMA, Biblioteca Digital com Teses e Dissertações, Plataforma Target gedweb, Base de Dados vLex (informação jurídica inteligente) e Biblioteca Virtual Pearson, esta assinada em 2024.

É importante ressaltar que, em fevereiro de 2011, foi criada a primeira rede social virtual, no Facebook, da Biblioteca do CCSST, Biblioteca CCSST UFMA, com o objetivo de interagir com os usuários e divulgar as reservas de livros. Quando um livro era devolvido e ficava disponível para empréstimo para o usuário que o reservou, era realizada uma postagem direcionada com a imagem do livro reservado. Foram também divulgadas outras informações como: horário de funcionamento; eventos; novas aquisições; novos serviços e sites relevantes para os cursos de graduação. Na época, havia 8 (oito) cursos: Ciências Contábeis, Comunicação Social (Jornalismo), Direito, Engenharia de Alimentos, Enfermagem, Pedagogia e as Licenciaturas em Ciências Humanas e Ciências Naturais. Nesse período, foi realizada uma pesquisa sobre a gestão da informação na rede social virtual da biblioteca.

Segundo Tarapanoff (2006, p.22 *apud* Cavalcante; Valentim, 2010, p.247), a gestão da informação tem como principal objetivo identificar e potencializar os recursos informacionais de uma organização, de forma a proporcionar-lhe maior capacidade de se adaptar às mudanças ambientais. Sob o argumento da referida autora, ela consiste em um processo contínuo composto de seis etapas distintas e inter relacionadas, ―composta por identificação de necessidades informacionais; sua aquisição; armazenagem; desenvolvimento de produtos e serviços; distribuição e uso efetivos.

A gestão da informação na rede social virtual trouxe adequações às mudanças de comportamento dos usuários da biblioteca. Nessa nova perspectiva, os usuários, antes vistos como componentes exógenos da gestão dos serviços, agora contribuem com a biblioteca na criação de conhecimento, no processo de inovação e, assim, tornam-se um elemento participativo na gestão da biblioteca.

A Biblioteca ainda realizou projetos de assistência à sociedade como: "Projeto Natal com leitura" e "Projeto Parada Literária". Em dezembro de 2010, a ação social 'Natal com Leitura' organizada pelas bibliotecárias, técnicos-administrativos e bolsistas da biblioteca setorial do Centro de Ciências de Imperatriz, foi realizada na Unidade Prof. José Batista, com crianças atendidas pela instituição Casa da Criança, que cuida de menores em situação de risco.

Todo o ambiente, antes cheio de mesas, cadeiras para estudo e leitura, foi decorado com balões e personagens infantis. Diversas atividades foram desenvolvidas com os pequenos e envolveu todos que trabalham nas bibliotecas setoriais do CCIm. As crianças foram divididas

em três grupos e os voluntários leram histórias infantis, passearam pelos corredores de livros da biblioteca, houve apresentação de teatro de fantoches, desenho para colorir, modelagem, brincadeiras de roda, dança, ao final foi servido um lanche e entregue um kit contendo livros e material escolar para cada criança.

O Projeto Parada Literária foi implantado no ano de 2017 com iniciativa das Bibliotecas do CCIm, do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), com o objetivo de possibilitar o acesso à leitura de forma mais prática e sem nenhum custo.

Com o lema "Quem lê nunca perde seu tempo", a Parada Literária estimulou a leitura por meio do empréstimo de livros que ficavam à disposição da sociedade de Imperatriz. O projeto consistiu na alocação de um armário de aço no Terminal de Integração de Transporte Público Urbano, onde foram disponibilizados livros para auto empréstimo, aberto durante o horário de funcionamento no terminal situado no centro da cidade. As pessoas que passavam pelo Terminal de Integração poderiam pegar um livro de sua preferência e lê-lo enquanto esperam o ônibus, podendo levá-lo para casa para continuar a leitura, se preferir. A devolução poderia ser imediata ou quando o passageiro transitasse novamente pelo local, tudo sem precisar do auxílio de um servidor.

O resultado desse projeto foi apresentado no VI Congresso Nacional de Educação (CONEDU) com o título: A função social da biblioteca na formação de leitores: uma experiência literária em Imperatriz-MA. O projeto teve duração de um ano e meio, encerrando suas atividades em 23 de agosto de 2018. Embora não tenha tido continuidade, o projeto possibilitou levar a biblioteca para fora do espaço convencional, oportunizando o acesso à leitura e buscando privilegiar o leitor através da promoção da leitura, disponibilizando um acervo de livros variados, sem custo, para as pessoas que circulam no terminal de ônibus.

Nesse sentido, faz-se necessário ampliar as ações das bibliotecas, no sentido de contribuir para inserção de todos na vida social e política e consequentemente para o exercício pleno da democracia, contribuindo para a cidadania, esse é, ou deve ser, o desejo das bibliotecas e de todo bibliotecário (Castrillón, 2011).

O projeto buscou assim promover o contato das pessoas com os livros e o conhecimento neles contidos, como parcela de contribuição para o acesso à cultura letrada, que deve ser um direito de todos que integram a sociedade, independente da classe social que ocupam, oportunizando, através da leitura, a possibilidade de uma construção de uma visão crítica da realidade social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Registrar a trajetória da Biblioteca do Centro de Ciências de Imperatriz (CCIm) representa muito mais do que apenas reunir informações sobre os espaços ocupados, as transformações na infraestrutura, os bibliotecários que já atuaram e os que ainda atuam, os serviços oferecidos e as

ações desenvolvidas junto à comunidade acadêmica e à sociedade. Significa preservar parte da história da Universidade Federal do Maranhão na Região Tocantina do Maranhão, reconhecendo as pessoas e sua trajetória profissional, os desafios, as conquistas e as transformações que contribuíram para a consolidação da instituição ao longo dos anos.

Esse registro também constitui importante instrumento para salvaguardar a memória coletiva da Universidade, permitindo que experiências construídas no cotidiano institucional não se percam com o passar do tempo.

Nesse sentido, conhecer e registrar a história das Bibliotecas do CCIm é também valorizar sua contribuição para a comunidade acadêmica e para o desenvolvimento da UFMA na Região Tocantina do Maranhão, fortalecendo a identidade institucional e possibilitando que essa trajetória seja conhecida e reconhecida pelas atuais e futuras gerações.

REFERÊNCIAS

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e escrever**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (UFMA). **Biblioteca setorial do CCSST realiza ação social com a campanha Natal com leitura.** Portal UFMA, 12 dez. 2014. Disponível em: https://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=44470. Acesso em: 6 set. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO (UFMA). **Projeto Parada Literária celebra um ano de atividade em Imperatriz e é revitalizado.** Portal UFMA, 12 mar. 2018. Disponível em: https://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=51427. Acesso em: 6 set. 2026.

SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECA (SIBi). Histórico. Disponível em: https://portalpadrao.ufma.br/sibi/sobre/historico. Acesso em: 1 set. 2026.

VALENTIM, M. org. **Gestão, mediação e uso da informação** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 390 p. ISBN 978-85-7983-117-1. Available from SciELO Books .

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ/UFMA: TRAJETÓRIA DE CRIAÇÃO E FORTALECIMENTO INSTITUCIONAL

Michelli Erica Souza Ferreira[1]
Ismália Cassandra Costa Maia Dias[2]
Floriacy Stabnow Santos[3]

RESUMO

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é uma instância colegiada multidisciplinar responsável pela avaliação e acompanhamento de pesquisas envolvendo seres humanos, assegurando a proteção dos participantes e a observância dos princípios éticos. Este relato descreve o processo de criação, implantação, credenciamento e renovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão (CEP/CCIM-UFMA), contribuindo para o resgate de sua memória institucional. A iniciativa surgiu diante da expansão do CCIM, do fortalecimento da iniciação científica e da implantação de pós-graduação, o que promovia uma alta demanda na apreciação ética dos projetos submetidos à Plataforma Brasil, que, à época, eram avaliados exclusivamente pelo CEP sediado em São Luís. Assim, a Direção do Centro instituiu em 2017 uma comissão composta por docentes dos cursos de graduação para elaborar o regimento interno e conduzir a implantação do Comitê, liderados pela professora Floriacy Stabnow Santos. Após sucessivas reuniões, o regimento foi aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) em 2019. O processo foi marcado por desafios administrativos relacionados ao credenciamento, superados após esclarecimentos da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), que reconheceu a importância da expansão do Sistema CEP/CONEP. Atualmente, o CEP/CCIM é composto por 24 membros e encontra-se em processo de renovação de seu credenciamento junto à Instância Nacional de Ética em Pesquisa (INAEP). Sua implantação fortaleceu a pesquisa científica no sul do Maranhão, ampliando a capacidade local de avaliação ética, reduzindo o tempo de tramitação dos projetos e contribuindo para a formação de pesquisadores e o desenvolvimento científico, tecnológico e social da região.

Palavras-chave: Ética; Comitê de Ética em Pesquisa; Participante da Pesquisa; Pesquisa com Seres Humanos.

1 INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A pesquisa envolvendo seres humanos constitui uma atividade fundamental para a produção do conhecimento científico e para o desenvolvimento de práticas, tecnologias e políticas capazes de responder às necessidades da sociedade. Entretanto, por envolver

[1] Doutora em Biologia de Agentes Infecciosos e Parasitários; Docente do Curso de Medicina do CCIM/UFMA E-mail: michelli.ferreiira@ufma.br

[2] Doutora em Ciências Marinhas Tropicais; Docente do Curso de Enfermagem do CCIM/UFMA. E-mail: ismalia.dias@ufma.br

[3] Doutora em Saúde Pública. Docente aposentada do Curso de Enfermagem do CCIM/UFMA. E-mail: floriacys@gmail.com

direta ou indiretamente indivíduos, grupos, comunidades, informações pessoais ou materiais biológicos humanos, sua realização deve estar fundamentada no respeito à dignidade, à autonomia, aos direitos, à segurança e ao bem-estar dos participantes. No Brasil, a avaliação ética dessas pesquisas foi historicamente estruturada pelo Sistema CEP/CONEP e, mais recentemente, passou a integrar o Sistema Nacional de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (SINEP), instituído pela Lei Federal nº 14.874, de 28 de maio de 2024 (Brasil, 2024).

A Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde define os Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) como colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública e de caráter consultivo, deliberativo e educativo, instituídos para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir para que a pesquisa seja desenvolvida dentro de padrões éticos (Brasil, 2012). Essa concepção evidencia que o CEP não constitui apenas uma instância administrativa destinada à aprovação de protocolos, mas um espaço institucional de reflexão ética, proteção dos participantes e orientação dos pesquisadores.

Atualmente, o SINEP é constituído pela Instância Nacional de Ética em Pesquisa (INAEP) e pelos Comitês de Ética em Pesquisa responsáveis pela análise ética dos protocolos de pesquisa nas instituições (Brasil, 2026a).

No âmbito da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), o fortalecimento das atividades acadêmicas e científicas desenvolvidas no Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM) evidenciou, ao longo dos anos, a necessidade de uma estrutura de avaliação ética mais próxima dos pesquisadores do sul do Maranhão. A expansão dos cursos de graduação e pós-graduação, associada ao aumento de trabalhos de conclusão de curso, projetos de iniciação científica e pesquisas desenvolvidas por docentes e discentes, ampliou progressivamente a demanda por submissão de protocolos envolvendo seres humanos.

Os pesquisadores vinculados ao Centro dependiam da apreciação ética realizada pelo CEP localizado em São Luís. Nesse período, os intervalos entre a submissão dos protocolos e a conclusão de sua apreciação ética eram longos, podendo o processo se estender de seis meses a aproximadamente um ano. Tal condição repercutia diretamente no planejamento das pesquisas, especialmente em projetos vinculados a calendários acadêmicos, trabalhos de conclusão de curso, programas de iniciação científica e pós-graduação. A necessidade de ampliar a capacidade institucional de avaliação ética e aproximá-la da comunidade acadêmica de Imperatriz tornou-se, portanto, uma demanda concreta do Centro.

Diante desse contexto, iniciou-se um movimento institucional em direção à criação de um Comitê de Ética em Pesquisa próprio no Centro de Ciências de Imperatriz. A trajetória compreendeu diferentes etapas, desde a mobilização inicial e elaboração do regimento, passando pela tramitação administrativa na Universidade, constituição do colegiado e processo de credenciamento, até o início efetivo das atividades de avaliação ética e posterior consolidação do CEP/CCIM.

A evolução e o amadurecimento dessa instância colegiada são evidenciados pela consolidação de suas atividades ao longo dos anos, conduzindo o CEP/CCIM a uma nova etapa de sua trajetória institucional, com o processo de renovação do credenciamento. Realizado periodicamente, esse processo representa não apenas o cumprimento de uma exigência normativa, mas também um importante marco de continuidade e fortalecimento do Comitê, reafirmando seu compromisso com a avaliação ética das pesquisas e, sobretudo, com a proteção dos participantes.

Diante desse contexto, o presente relato tem como objetivo descrever o processo de criação, implantação, credenciamento e consolidação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão, resgatando sua trajetória histórica e analisando sua contribuição para o fortalecimento institucional da pesquisa envolvendo seres humanos no sul do Maranhão.

2 METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Este relato aborda a trajetória institucional de criação e consolidação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências de Imperatriz da Universidade Federal do Maranhão (CEP/CCIM-UFMA), contemplando os principais acontecimentos que marcaram sua implantação, seu credenciamento e o desenvolvimento de suas atividades. Caracteriza-se como um relato descritivo-analítico, construído a partir da experiência dos docentes envolvidos nesse percurso, de documentos institucionais e normativos e dos registros das atividades desenvolvidas pelo Comitê ao longo dos anos.

A iniciativa para a criação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências de Imperatriz surgiu da própria realidade vivenciada pelos docentes e pesquisadores do Centro. A distância geográfica entre Imperatriz e a capital São Luís e a concentração da análise ética em estruturas localizadas na capital tornavam mais complexa a tramitação dos protocolos de pesquisas desenvolvidas no interior do estado. Mais do que uma questão de deslocamento físico, tratava-se da necessidade de criar uma estrutura institucional que acompanhasse o crescimento científico do CCIM e estivesse inserida na realidade acadêmica e social da Região Tocantina do Maranhão.

Nesse contexto, o movimento para implantação de um Comitê de Ética em Pesquisa no CCIM foi liderado pela Profa. Dra. Floriacy Stabnow Santos, que teve papel fundamental na mobilização institucional e na condução das primeiras etapas necessárias à criação do Comitê. Em 2017, a Direção do Centro constituiu uma comissão formada por docentes dos cursos de graduação, com a finalidade de iniciar o processo de implantação de um CEP no campus. Sob essa liderança, foram conduzidas discussões acerca dos requisitos necessários à constituição e ao funcionamento de um Comitê de Ética em Pesquisa, bem como iniciada a construção da proposta de Regimento Interno que orientaria sua organização institucional.

Essa etapa exigiu sucessivas reuniões, estudo das normas éticas vigentes e articulação

entre docentes de diferentes áreas de formação, em consonância com a natureza interdisciplinar que caracteriza os Comitês de Ética em Pesquisa. Esse percurso demandou articulação institucional e continuidade do trabalho da comissão responsável pela implantação.

A formalização do Comitê ocorreu com a publicação da Resolução nº 2.191-CONSEPE, de 23 de abril de 2021, que criou o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos no Centro de Ciências de Imperatriz, conforme atualmente registrado na página institucional da UFMA, o CEP/CCIM (Universidade Federal do Maranhão, 2021).

O Regimento estabeleceu como atribuição do CEP/CCIM a avaliação ética de pesquisas abrangendo iniciação científica, trabalhos de conclusão de cursos de graduação, pesquisas de pós-graduação *lato* e *stricto sensu* e outros projetos enquadrados como pesquisas envolvendo seres humanos, tanto do CCIM como de outras instituições da região. Também incorporou entre suas atribuições a valorização e o incentivo à capacitação inicial e à formação continuada de seus membros, reconhecendo que a qualidade da análise ética depende da atualização permanente do colegiado (Universidade Federal do Maranhão, 2021).

A publicação da resolução representou um marco para o CCIM. Entretanto, a criação institucional não significava que o Comitê estivesse imediatamente autorizado a receber e avaliar protocolos. Era necessário cumprir os requisitos estabelecidos para o credenciamento e alcançar o reconhecimento formal da instância nacional responsável pelo sistema de ética em pesquisa. Foram necessários novos encaminhamentos administrativos, organização documental, adequações e interlocução com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Durante esse processo, surgiram dificuldades relacionadas aos procedimentos necessários para credenciamento de um novo Comitê, demandando esclarecimentos e comunicação entre a instituição e a CONEP. A experiência permitiu compreender que a constituição de uma estrutura de avaliação ética não se limita à decisão administrativa de uma universidade, mas exige o atendimento a requisitos destinados a garantir independência, interdisciplinaridade, representação social, infraestrutura de funcionamento e capacitação de seus membros. Estes não recebem compensação financeira pelas atividades desenvolvidas no Comitê, sendo as horas dedicadas ao CEP incluídas no Plano Individual Docente (PID).

Os membros do Comitê precisaram realizar capacitações específicas, na modalidade on-line, ofertadas e certificadas por instituições reconhecidas, como requisito para o exercício de suas atividades no colegiado. Além disso, a instituição precisou assegurar condições estruturais para o funcionamento do CEP, incluindo espaço físico próprio e apoio técnico-administrativo. Entre as atribuições desse profissional estão a recepção e conferência documental, o acompanhamento das reuniões, a elaboração de atas e outros documentos, bem como o suporte às atividades administrativas necessárias ao funcionamento do Comitê.

O processo alcançou um marco decisivo em 28 de abril de 2023, quando o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências de Imperatriz obteve seu registro junto à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, sob o nº 309 (Universidade Federal do Maranhão, 2026a).

Pouco antes, em 29 de março de 2023, a Universidade Federal do Maranhão publicou a Portaria nº 330/2023/FUMA/OEC/REITORIA/GR, designando formalmente os integrantes que constituiriam o CEP/CCIM. A primeira composição contou com docentes titulares e suplentes de diferentes formações, tendo a Profa. Dra. Floriacy Stabnow Santos como coordenadora e a Profa. Dra. Michelli Erica Souza Ferreira como vice-coordenadora.

Além dos docentes da UFMA, a composição contemplou representantes dos participantes de pesquisa (RPP) provenientes do Conselho Municipal de Saúde de Imperatriz, do Clube das Mães de Imperatriz e do Centro de Cultura Negra Negro Cosme. Essa participação social constitui elemento fundamental da avaliação ética, ao inserir no colegiado perspectivas que extrapolam o ambiente acadêmico e aproximam as decisões dos interesses e valores daqueles que potencialmente participam das pesquisas. Esta participação é respaldada pela Lei nº 14.874/2024, que estabelece a participação do RPP no CEP (Brasil, 2024).

A trajetória do CEP/CCIM também foi marcada por alterações em sua composição. A renovação de membros constitui processo natural em um colegiado dessa natureza e, ao mesmo tempo, impõe o desafio de garantir continuidade às atividades e transferir conhecimentos acumulados aos novos integrantes.

A composição mais recente, formalizada pela Portaria nº 198/2026/FUMA/OEC/REITORIA/GR, apresenta a Profa. Dra. Michelli Erica Souza Ferreira como coordenadora titular e a Profa. Dra. Ismália Cassandra Costa Maia Dias como coordenadora adjunta. A portaria mantém a estrutura de membros titulares e suplentes oriundos dos colegiados do Centro e RPPs indicados por entidades da sociedade. A própria evolução entre a composição de 2023 e a atual demonstra a continuidade institucional do Comitê (Universidade Federal do Maranhão, 2026a).

Atualmente, o CEP/CCIM encontra-se em processo de renovação de seu credenciamento junto à Instância Nacional de Ética em Pesquisa (INAEP), configurando um novo marco em sua trajetória institucional e reafirmando a continuidade de sua atuação na proteção dos participantes e na avaliação ética das pesquisas desenvolvidas no âmbito do Centro de Ciências de Imperatriz. Essa etapa envolve a atualização das informações institucionais, da composição do colegiado, da documentação normativa e dos registros referentes ao funcionamento do Comitê, além da demonstração da continuidade de suas atividades e do cumprimento das exigências éticas e administrativas aplicáveis (Brasil, 2026b).

3 RESULTADOS OBTIDOS, IMPACTO E APRENDIZADOS

A consolidação do CEP/CCIM pode ser observada não apenas pelo estabelecimento de suas rotinas, mas também pelo volume de atividades desenvolvidas. Os dados institucionais disponíveis no portal do Comitê apontam que de janeiro a dezembro de 2025, foi emitida uma média de 21,58 pareceres por mês (Universidade Federal do Maranhão, 2026b).

Esse quantitativo evidencia a existência de demanda permanente por avaliação ética no Centro e Região Tocantina do Maranhão e reforça a pertinência da decisão institucional tomada

anos antes de implantar um Comitê em Imperatriz. Os resultados assumem especial relevância quando considerados à luz do cenário que motivou sua criação, no qual os pesquisadores locais dependiam de uma estrutura distante geograficamente e enfrentavam maior dificuldade para tramitação de seus projetos de pesquisa.

A criação do CEP/CCIM deve ser compreendida no contexto mais amplo do processo de fortalecimento científico da Universidade Federal do Maranhão em Imperatriz. A existência de uma estrutura local dedicada à avaliação ética acompanha o amadurecimento das atividades de pesquisa desenvolvidas no Centro e demonstra a necessidade de infraestrutura institucional compatível com a expansão da produção científica.

Entre suas contribuições, destaca-se a ampliação da capacidade local para avaliação de pesquisas envolvendo seres humanos. O pesquisador passou a contar com uma estrutura inserida no próprio Centro, capaz de compreender a realidade institucional e regional sem perder a independência necessária à análise ética.

A implantação do Comitê também ampliou as oportunidades de formação em ética em pesquisa. Docentes, estudantes de graduação e pós-graduação e demais pesquisadores que submetem seus protocolos são progressivamente inseridos em uma cultura de planejamento ético da investigação. Questões como respeito à autonomia, consentimento, confidencialidade, vulnerabilidade e relação risco-benefício passam a ser consideradas desde a construção dos projetos e não somente no momento de sua submissão.

Outro aspecto relevante refere-se à presença dos RPPs, o que reafirma que a análise ética não pertence exclusivamente aos especialistas ou à comunidade acadêmica.

A continuidade das atividades do CEP/CCIM e o percurso construído desde seu credenciamento conduziram o Comitê a uma nova etapa de sua trajetória institucional: a renovação do credenciamento. Esse processo representa não apenas o atendimento aos requisitos estabelecidos pelo SINEP, mas também reflete a consolidação da atuação do colegiado e a manutenção de condições adequadas para o exercício de suas atribuições.

Cada discussão, reunião e processo analisado contribuiu para ampliar a compreensão sobre a responsabilidade compartilhada na proteção dos participantes e sobre a necessidade de conciliar o desenvolvimento científico com o respeito à dignidade, à autonomia e aos direitos das pessoas.

A convivência com profissionais de diferentes áreas e com representantes da sociedade também evidenciou a importância do diálogo e da pluralidade de perspectivas na construção das decisões éticas. Ao longo desse percurso, participar de um Comitê de Ética em Pesquisa é também fazer parte de um processo permanente de aprendizagem, reflexão e formação, no qual cada experiência reforça o compromisso individual e coletivo com uma ciência tecnicamente qualificada, socialmente responsável e eticamente comprometida.

Assim, o impacto da implantação do CEP/CCIM ultrapassa o número de protocolos avaliados ou pareceres emitidos. A experiência contribuiu para a criação de uma cultura institucional na qual a produção do conhecimento científico está associada à responsabilidade

ética e ao compromisso com a dignidade daqueles que tornam a pesquisa possível, ou seja, os participantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resgate da trajetória de criação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências de Imperatriz demonstra que sua implantação foi resultado de um processo coletivo, progressivo e marcado pela identificação de uma necessidade concreta da comunidade acadêmica. A iniciativa surgida em 2017 percorreu diferentes etapas de mobilização, elaboração normativa, articulação institucional e credenciamento, alcançando a criação formal do Comitê em 2021 e seu registro junto à CONEP em 28 de abril de 2023.

O período posterior ao credenciamento foi marcado pela estruturação das rotinas, formação do colegiado, início das análises e progressiva consolidação do CEP/CCIM como uma instância de referência para a pesquisa envolvendo seres humanos no Centro de Ciências de Imperatriz. O expressivo número de pareceres emitidos desde o início de suas atividades reforçou que havia uma demanda institucional que justificava sua implantação.

Todavia, a principal contribuição do CEP não deve ser medida exclusivamente pela quantidade ou velocidade dos pareceres emitidos. Sua relevância reside fundamentalmente na proteção dos participantes, no fortalecimento da responsabilidade ética dos pesquisadores, na qualificação dos protocolos e na criação de espaços permanentes de reflexão sobre as implicações da produção científica envolvendo seres humanos.

Ao longo dessa trajetória, também se tornou evidente que a consolidação de um Comitê depende de continuidade institucional, renovação responsável de seus membros, capacitação permanente, participação social, suporte administrativo e preservação de sua independência decisória. A experiência acumulada evidencia que o funcionamento de um CEP constitui uma construção contínua e coletiva.

Nesse percurso, o atual processo de renovação do credenciamento representa mais um marco na trajetória do CEP/CCIM, sinalizando a continuidade e o fortalecimento de sua atuação institucional.

Registrar essa experiência assume especial importância para a preservação da memória institucional da Universidade Federal do Maranhão em Imperatriz. A criação do CEP/CCIM representa mais que a implantação de uma estrutura administrativa; constitui um marco no amadurecimento científico do Centro e na ampliação das condições necessárias para o desenvolvimento responsável da pesquisa na Região Tocantina do Maranhão.

Nesse sentido, a trajetória iniciada a partir das dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores locais transformou-se em uma experiência institucional capaz de fortalecer a pesquisa, a formação acadêmica e a proteção dos participantes. Ao consolidar uma instância própria para reflexão e avaliação ética, o Centro de Ciências de Imperatriz reafirma que o avanço científico deve estar indissociavelmente vinculado ao respeito à dignidade humana e à responsabilidade social da Universidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde, 2012. Disponível em: https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/acesso-a-informacao/atos-normativos/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf. Acesso em: 1 set. 2026.

BRASIL. **Lei nº 14.874, de 28 de maio de 2024**. Dispõe sobre a pesquisa com seres humanos e institui o Sistema Nacional de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Brasília, DF: Presidência da República, 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/l14874.htm. Acesso em: 1 set. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Instância Nacional de Ética em Pesquisa – INAEP**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2026a. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/orgaos-colegiados/inaep. Acesso em: 1 set. 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Resolução nº 2.191-CONSEPE, de 23 de abril de 2021**. Dispõe sobre a criação e o funcionamento do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro de Ciências de Imperatriz. São Luís: UFMA, 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Portaria nº 330/2023/FUMA/OEC/REITORIA/GR, de 29 de março de 2023**. Designa membros para constituírem o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências de Imperatriz. São Luís: UFMA, 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Portaria nº 198/2026/FUMA/OEC/REITORIA/GR, de 16 de janeiro de 2026**. Designa os membros do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências de Imperatriz. São Luís: UFMA, 2026.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Sobre o CEP/CCIM**. Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro de Ciências de Imperatriz. Imperatriz: UFMA, 2026a. Disponível em: https://portalpadrao.ufma.br/cep-ccim. Acesso em: 1 set. 2026.
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. **Relatórios CEP/CCIM**. Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro de Ciências de Imperatriz. Imperatriz: UFMA, 2026b. Disponível em: https://portalpadrao.ufma.br/cep-ccim/relatorios_CEP. Acesso em: 1 set. 2026.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde. Departamento de Ciência e Tecnologia.** Nota Técnica nº 1/2026-DECIT/SCTIE/MS: orientações acerca da tramitação de protocolos de pesquisa com seres humanos, da definição de competências no âmbito do Sistema Nacional de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da análise ética de protocolos com o Ministério da Saúde como instituição proponente, da prorrogação excepcional do credenciamento dos Comitês de Ética em Pesquisa e dos procedimentos aplicáveis a biobancos. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 13 jan. 2026b. Disponível em: Nota Técnica nº 1/2026-DECIT/SCTIE/MS – Ministério da Saúde. Acesso em: 2 set. 2026.

SEÇÃO II



Brinquedoteca na Unidade Prof. José Batista. Fonte: acervo da Universidade (2026).

UFMA E A SOCIEDADE: EXPERIÊNCIAS EXITOSAS NA HISTÓRIA DO CCIM

CONECTANDO TRAJETÓRIAS, DIALOGANDO SABERES: O IMPACTO FORMATIVO E SOCIAL DO PET CONEXÕES DE SABERES NA UFMA EM IMPERATRIZ

Adriana Crispim de Freitas[1]
Gabriel Martins Felix[2]
Brenda Letícia de Sousa Pessoa[3]

RESUMO

O presente relato de experiência tem por objetivo resgatar e analisar a trajetória histórica e o impacto formativo e social do Programa de Educação Tutorial (PET) Conexões de Saberes da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Câmpus Imperatriz, no período de 2010 a 2026. A relevância desta abordagem reside na celebração dos mais de 40 anos de consolidação da UFMA na Região Tocantina do Maranhão e na celebração dos 60 anos da instituição, destacando o papel do programa na articulação entre ensino, pesquisa e extensão, na aproximação entre universidade e comunidade e na formação acadêmica dos estudantes. O relato foi construído a partir da sistematização das atividades desenvolvidas pelo grupo ao longo do período e da análise de depoimentos de egressos. Para a recuperação das memórias dos participantes, foram convidados 26 egressos, dos quais nove responderam voluntariamente a uma questão aberta sobre o impacto da vivência no PET em suas trajetórias. Os depoimentos foram organizados em tabela, submetidos à leitura integral e analisados a partir da identificação e agrupamento de palavras, expressões e ideias recorrentes. Os resultados evidenciam convergências relacionadas à formação humana, interdisciplinaridade, responsabilidade social, aproximação com as comunidades, desenvolvimento acadêmico e profissional. As experiências relatadas demonstram que o PET ultrapassa a dimensão complementar da formação universitária, constituindo-se como espaço de diálogo entre saberes, participação social e profissionais comprometidos com a realidade. O registro contribui, ainda, para a preservação da memória institucional da UFMA e do Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes de Imperatriz.

Palavras-chave: Educação Tutorial; Extensão universitária; Conexões de Saberes.

1 INTRODUÇÃO

A celebração dos 60 anos de fundação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e das mais de quatro décadas de consolidação de sua presença na cidade de Imperatriz constitui uma oportunidade para revisitar experiências que contribuíram para a construção da trajetória acadêmica e social da instituição na Região Tocantina do Maranhão. Nesse contexto, o Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM) representa um espaço de produção e troca de conhecimentos, formação profissional e desenvolvimento de ações voltadas às demandas sociais da região.

Entre as experiências construídas nesse percurso, destaca-se o Programa de Educação

[1] Doutora em Engenharia Química. Docente CCIM/UFMA). E-mail: adriana.crispim@ufma.br
[2] Graduando em Engenharia de alimentos. Discente/CCIM/UFMA). E-mail: gabriel.mf@discente.ufma.br
[3] Mestra em Engenharia Química. Discente UFSJ-CAP. E-mail: brendapessoa060@gmail.com

Tutorial (PET) Conexões de Saberes, projeto de criação do primeiro grupo do programa pelo Ministério da Educação no Câmpus de Imperatriz em 2010 (Brasil, 2010). Desde sua criação, o grupo desenvolveu atividades articuladas ao ensino, à pesquisa e à extensão, envolvendo estudantes de diferentes cursos e promovendo experiências da universidade com a comunidade. E contou com a tutoria de professores que contribuíram significativamente para sua consolidação e desenvolvimento do grupo. Ao longo de sua trajetória, o grupo teve como tutores os professores Paulo Roberto, Maria Aparecida e Adriana Crispim. Atualmente, a tutoria é exercida pelo professor doutor Douglas Moraes, egresso do curso de Enfermagem do Centro de Ciências de Imperatriz e petiano egresso do grupo Conexões de Saberes de Imperatriz, evidenciando a continuidade da formação proporcionada pelo PET e a contribuição de seus egressos para a própria trajetória do programa.

O PET Conexões de Saberes foi constituído com uma perspectiva de aproximação entre a universidade e diferentes grupos sociais, especialmente estudantes oriundos de contextos populares e comunidades que historicamente possuem menor acesso aos espaços de produção acadêmica. Ao longo de sua trajetória, o grupo desenvolveu atividades em escolas, comunidades rurais, serviços públicos, associações comunitárias, instituições de assistência social e outros espaços do território de Imperatriz e da Região Tocantina do Maranhão. Essa trajetória encontra-se registrada tanto nas atividades desenvolvidas quanto nas memórias dos petianos egressos que participaram e/ou participam do programa.

A trajetória do PET Conexões de Saberes de Imperatriz não é apenas um conjunto de atividades acadêmicas, mas como uma experiência formativa construída na relação entre estudantes, universidade e diferentes comunidades. Ao longo de dezesseis anos, o grupo passou por diferentes contextos históricos e sociais, incluindo mudanças nos cursos de graduação, transformações nas demandas das comunidades, a pandemia da Covid-19 e a necessidade de adaptação das ações presenciais para ambientes virtuais.

Dessa forma, o presente relato tem como objetivo resgatar e sistematizar a trajetória do PET Conexões de Saberes de Imperatriz entre 2010 e 2026 e analisar suas contribuições para a formação dos estudantes bolsistas, voluntários e colaboradores do grupo.

2 CAMINHOS PERCORRIDOS

Este relato caracteriza-se como uma experiência de natureza descritivo-analítica, construída coletivamente a partir da sistematização da trajetória do PET Conexões de Saberes de Imperatriz, da recuperação das principais atividades desenvolvidas e da análise das memórias de egressos do programa.

A reconstrução da trajetória histórica foi organizada considerando diferentes períodos de atuação do grupo, buscando relacionar as ações desenvolvidas aos contextos acadêmicos e sociais nos quais foram realizadas.

No período, entre 2010 e 2015, destacaram-se atividades de extensão em escola básica

de Imperatriz e pesquisas relacionadas à saúde pública e aos resíduos sólidos locais.

Entre 2016 e 2019, o grupo ampliou sua atuação junto a populações em situação de vulnerabilidade social, desenvolvendo atividades com pessoas em situação de rua, em parceria com o Centro POP e o Consultório na Rua, além de ações de musicoterapia com crianças assistidas pelo Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Infanto-Juvenil. Nesse período, também foram desenvolvidas pesquisas relacionadas à reintegração trabalhista de pessoas vivendo com HIV e práticas integrativas no Sistema Único de Saúde (SUS). Em 2017, o grupo participou da organização do III Encontro Maranhense dos Grupos PET (MARAPET), realizado em Imperatriz.

Entre 2020 e 2022, as atividades foram profundamente impactadas pela pandemia da Covid-19. As ações inicialmente planejadas para o formato presencial foram adaptadas para ambientes virtuais, resultando na produção de *podcasts*, realização de simpósio virtual e adaptação de pesquisas. Nesse contexto, diante do agravamento das desigualdades educacionais, o grupo, em 2020, aprovou o projeto de extensão Cursinho Social ENEM PET ITZ, que inicialmente atendeu 121 estudantes da rede pública por meio de acompanhamento tutorial remoto.

Com o retorno gradual das atividades presenciais, o grupo retomou ações junto à agricultura familiar e às mulheres quebradeiras de coco babaçu. Em 2022, o projeto "Comunidades Rurais na Região Tocantina" desenvolveu atividades relacionadas às Boas Práticas de Fabricação e análises microbiológicas de polpas de frutas no Assentamento Barro Branco e do mesocarpo do coco babaçu junto às quebradeiras de coco em São Miguel do Tocantins. Também foram desenvolvidas ações relacionadas às condições de trabalho e saúde dos trabalhadores da limpeza pública de Imperatriz.

No período de 2023 a 2026, destacaram-se a continuidade do cursinho social, as estratégias de enfrentamento à evasão acadêmica, como o "Construindo Pontes" e o "Apadrinhamento Conectando Saberes", atividades relacionadas à independência funcional de idosos nas Unidades Básicas de Saúde e o projeto "Mulheres Reciclando Futuros", desenvolvido em parceria com a Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Imperatriz (ASCAMARI). Também foram desenvolvidas pesquisas relacionadas à acessibilidade urbana, alimentação inclusiva e atendimento em saúde de pessoas surdas.

Além da sistematização das atividades, foram coletados depoimentos de egressos para compreender como a experiência no PET foi percebida pelos próprios participantes e quais marcaram suas trajetórias. Para essa etapa, 26 egressos foram convidados por meio do grupo de uma rede social que reúne egressos e atuais bolsistas do PET Conexões de Saberes. O convite ocorreu em setembro de 2026, no contexto da construção do relato. Dos 26 convidados, nove participaram voluntariamente. O critério de participação foi a adesão voluntária ao convite, sendo considerados todos os egressos que encaminharam seus depoimentos.

Foi utilizada uma questão aberta direcionada à identificação do impacto da experiência do PET nas trajetórias acadêmica, profissional e de vida dos participantes: "Qual foi o maior impacto que a vivência no PET Conexões de Saberes (no Ensino, na Pesquisa, na Extensão ou

na Formação Humana) deixou na sua trajetória acadêmica, profissional e de vida?"

Para a análise dos depoimentos[4], inicialmente foi realizada a leitura integral dos depoimentos. Em seguida, os relatos foram organizados em tabela contendo identificação, curso, período de participação no PET, atuação atual e depoimento. Posteriormente, foram identificadas palavras, expressões, frases e conceitos recorrentes, que foram agrupados por aproximação temática.

Esse procedimento permitiu identificar convergências entre diferentes gerações de participantes, possibilitando a construção de uma síntese dos principais impactos atribuídos à experiência no PET.

3 TRAJETÓRIA, ATIVIDADES E IMPACTOS FORMATIVOS

As atividades desenvolvidas ao longo dos anos não se restringiram a uma única área de conhecimento ou a um único público, abrangendo estudantes da educação básica, universitários, idosos, pessoas em situação de rua, trabalhadores, agricultores familiares, mulheres quebradeiras de coco babaçu, catadores de materiais recicláveis e outros grupos sociais.

Essa diversidade constitui uma das características mais significativas do programa. A interdisciplinaridade não ocorreu apenas pela presença de estudantes de diferentes cursos, mas também pelo contato com problemas que exigiam diferentes perspectivas para sua compreensão.

O depoimento de Emanuela Duarte, estudante de Medicina, evidencia essa dimensão ao destacar que a experiência no PET possibilitou compreender que o conhecimento não é construído apenas na sala de aula ou no laboratório, mas também no encontro com diferentes pessoas, áreas e realidades. Para a participante, a interdisciplinaridade ampliou sua compreensão sobre questões que ultrapassam a perspectiva da sua área de estudo e profissional.

Essa característica é relevante porque permite compreender a interdisciplinaridade como uma prática formativa e não apenas como uma organização do grupo. A convivência com estudantes

[4] Os depoimentos apresentados neste relato foram concedidos voluntariamente por egressos e participantes do PET Conexões de Saberes da UFMA – Câmpus Imperatriz, mediante autorização para utilização de seus relatos. Participaram: Aline Santana Figueredo, egressa de Enfermagem, integrante do PET no período de 2014 a 2019, atualmente enfermeira, doutora em Ciências da Saúde e professora do curso de Enfermagem da UFMA; Regilson Furtado Borges, egresso de Comunicação/Jornalismo, integrante do PET de 2015 a 2017, atualmente Coordenador de Marketing da Universidade Ceuma – Imperatriz; Thamyres Martins, egressa de Enfermagem, integrante do PET de 2013 a 2018, atualmente enfermeira e professora universitária; Marcelo Leite Viana, egresso de Enfermagem, integrante do PET de 2018 a 2022, atualmente enfermeiro da Estratégia de Saúde da Família da Prefeitura de Imperatriz; Brenda Letícia de Sousa Pessoa, egressa de Engenharia de Alimentos, integrante do PET de 2020 a 2023, atualmente mestranda em Engenharia Química; Marcos Henryk Oliveira Rodrigues, egresso de Enfermagem, integrante do PET de 2022 a 2026, atualmente enfermeiro e integrante da eMulti da Secretaria Municipal de Saúde de Imperatriz; Kaleb Melo dos Santos, egresso de Engenharia de Alimentos, integrante do PET de agosto de 2023 a março de 2026, atualmente técnico de qualidade; Gabriel Martins Felix, egresso de Engenharia de Alimentos, integrante do PET de junho de 2023 a agosto de 2025; e Emanuela Vercezi Duarte, estudante de Medicina, integrante do PET desde 2023. Os depoimentos foram coletados em setembro de 2026, mediante uma questão aberta sobre o principal impacto do PET em suas trajetórias acadêmica, profissional e pessoal. Adriana Crispim de Freitas, tutora egressa, integrante do grupo de 2014 - 2026.

de diferentes áreas amplia as possibilidades de interpretação dos problemas sociais e favorece o desenvolvimento de competências relacionadas ao diálogo, à escuta e ao trabalho coletivo.

A experiência também teve impacto direto na formação acadêmica. Aline Figueredo destaca que foi por meio do PET que vivenciou ensino, pesquisa e extensão e que, ainda no início da graduação, descobriu seu interesse pela pesquisa e pela docência em uma instituição pública. Ao mesmo tempo, relaciona essa formação acadêmica à dimensão humana, especialmente à maneira de olhar para outras pessoas e realidades sociais.

Brenda Letícia de Sousa Pessoa também relaciona sua experiência à formação acadêmica e profissional. Sua participação durante a pandemia envolveu atividades de escrita acadêmica, leitura coletiva e produção científica. Posteriormente, a atuação no Cursinho Preparatório para o ENEM proporcionou experiências de ensino ainda durante a graduação, exigindo planejamento, comunicação, seleção de conteúdos e adaptação da linguagem para diferentes públicos.

A experiência do cursinho apresenta, nesse sentido, uma dupla dimensão formativa: ao mesmo tempo em que buscava contribuir para a preparação de estudantes da rede pública para o acesso ao ensino superior, também constituía espaço de aprendizagem para os próprios petianos. Com o retorno das atividades presenciais, o projeto fortaleceu ainda mais sua dimensão extensionista e a compreensão do compromisso social da universidade pública com a democratização do acesso ao ensino superior.

4 UNIVERSIDADE E COMUNIDADE: DIÁLOGO E TROCA DE SABERES

Um dos termos mais recorrentes nos depoimentos é a transformação da compreensão dos participantes sobre a relação entre universidade e sociedade.

Gabriel Felix relata que os projetos de extensão possibilitaram contato com diferentes grupos sociais, incluindo pessoas em situação de vulnerabilidade. Sua experiência na Casa do Idoso Feliz permitiu conhecer situações relacionadas à falta de oportunidades, apoio familiar e dificuldades de acesso às ferramentas digitais. A partir desse contato, o participante relata ter modificado sua percepção sobre o papel dos acadêmicos e sobre a necessidade de realizar uma devolutiva social dos conhecimentos adquiridos na universidade.

Essa percepção também aparece no depoimento de Regilson Borges, que destaca a possibilidade de compreender de forma mais próxima o papel da universidade pública diante das demandas da sociedade. O participante relaciona essa experiência à construção de uma visão mais humana das questões sociais e ao sentimento de pertencimento à universidade, especialmente enquanto estudante de origem popular.

A experiência com as mulheres quebradeiras de coco babaçu apresenta outra dimensão dessa relação. Brenda relata que o contato com essa comunidade modificou sua compreensão sobre a própria extensão universitária, ao perceber que as comunidades não devem ser consideradas apenas destinatárias dos conhecimentos produzidos na universidade. As experiências, práticas e conhecimentos das quebradeiras de coco também constituíram fonte de aprendizagem para os estudantes.

As experiências do PET Conexões de Saberes demonstram que a extensão pode constituir um espaço de troca, a universidade compartilha conhecimentos e recursos, mas também aprende com as comunidades, suas experiências, práticas, necessidades e formas de organização.

5 IMPACTO NA FORMAÇÃO HUMANA E PROFISSIONAL

A análise dos depoimentos evidencia que os impactos atribuídos ao PET ultrapassam a dimensão estritamente acadêmica. Os participantes mencionam, de diferentes formas, o desenvolvimento de empatia, responsabilidade, autonomia, liderança, capacidade de diálogo, trabalho em equipe, pensamento crítico, escuta e sensibilidade diante das diferentes realidades sociais.

Kaleb Santos destaca que a convivência interdisciplinar e o contato com diferentes comunidades ampliaram sua visão de mundo e permitiram compreender o conhecimento acadêmico como instrumento a serviço da sociedade.

Marcos Henryk Rodrigues, considera a experiência no PET um dos maiores marcos de sua trajetória. Para ele, a vivência integrada de ensino, pesquisa e extensão contribuiu para desenvolver compromisso social, trabalho em equipe, liderança, responsabilidade, escuta e humanidade, elementos que continuam presentes em sua prática profissional.

Marcelo Viana também estabelece relação direta entre a experiência no PET e sua atuação profissional na Atenção Primária à Saúde. O participante destaca que o contato com diferentes pessoas, territórios e formas de pensar contribuiu para o desenvolvimento de um senso crítico e político que permanece em sua prática profissional, especialmente na atenção ao território, na escuta e na compreensão das necessidades das pessoas.

Thamyres Martins, identifica no PET uma experiência decisiva para sua formação como pesquisadora e docente. Proporcionando contato com pesquisa envolvendo seres humanos, integração entre ensino, pesquisa e extensão, aproximação com a comunidade e desenvolvimento de autonomia e pensamento crítico.

Esses depoimentos permitem compreender que o impacto formativo do PET não se encerra no período de participação no programa. As experiências são ressignificadas posteriormente e incorporadas às práticas profissionais e às concepções dos egressos sobre sua responsabilidade social.

6 TECENDO MEMÓRIAS: ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS DOS EGRESSOS

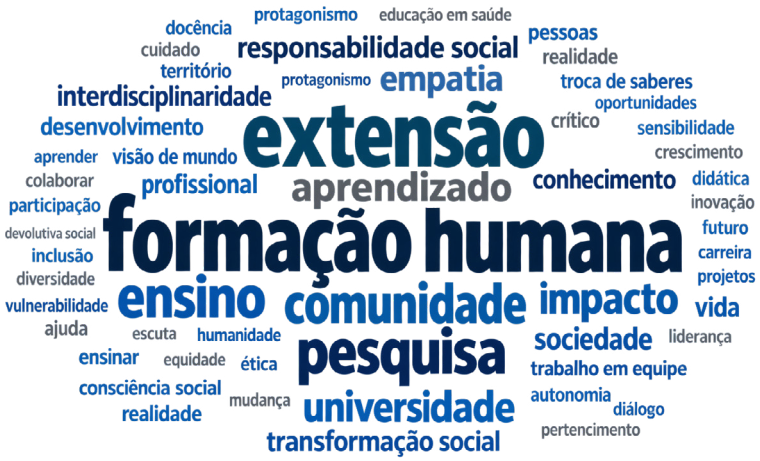
A sistematização dos depoimentos permitiu identificar termos recorrentes relacionados aos impactos da experiência no PET. Essa convergência é visualmente representada na Figura 1, elaborada a partir das palavras e expressões recorrentes nos depoimentos.

A predominância de termos como “formação, extensão, ensino, pesquisa, comunidade, universidade, aprendizagem, impacto, responsabilidade social, empatia e transformação social”

evidencia que as memórias dos participantes não se concentram exclusivamente nas atividades realizadas. Elas se relacionam principalmente às transformações provocadas por essas experiências.

Nesse sentido, a nuvem de palavras funciona como síntese visual de uma narrativa coletiva: o PET é lembrado como espaço de "aprendizagem, convivência, compromisso social e transformação pessoal e profissional".

Figura 1 – Nuvem de palavras das memórias e sentimentos dos egressos do PET Conexões de Saberes[5]



Fonte: Dados da coleta de depoimentos realizada pelos petianos egressos do grupo, em 2026.

7 IMPACTO SOCIAL E RELAÇÃO COM AS COMUNIDADES

A trajetória do PET Conexões de Saberes de Imperatriz apresenta um conjunto de ações de aproximação com diferentes comunidades e grupos sociais. Entre elas estão as atividades em escolas, ações com pessoas em situação de rua, crianças atendidas pelo CAPS Infanto-Juvenil, idosos, agricultores familiares, mulheres quebradeiras de coco babaçu, trabalhadores da limpeza pública, estudantes da rede pública e catadoras de materiais recicláveis.

Entre as experiências desenvolvidas, algumas merecem destaque pela articulação entre formação acadêmica e demandas concretas.

O Cursinho Social ENEM PET ITZ, iniciado durante a pandemia, constitui um exemplo de ação voltada à democratização do acesso ao ensino superior. O projeto surgiu em um momento de agravamento das desigualdades educacionais e inicialmente atendeu 121 estudantes da rede pública por meio de acompanhamento remoto. Posteriormente, passou pelos formatos híbrido e presencial.

As ações junto às quebradeiras de coco babaçu constituem extensão, formação profissional e pesquisa. Foram realizadas atividades relacionadas às boas práticas de fabricação, aproveitamento de produtos e subprodutos do babaçu e análises microbiológicas do mesocarpo do babaçu e frutas.

No âmbito da parceria com a Ascamari, o projeto "Mulheres Reciclando Futuros"

[5] Fonte: Dados da coleta de depoimentos realizada pelos autores, em 2026.

articulou oficinas de saúde da trabalhadora, atividades lúdico-pedagógicas e ações de saúde bucal para os filhos das catadoras.

Essas experiências revelam uma característica importante do PET: as ações desenvolvidas não se restringiram a uma única dimensão do tripé acadêmico. A trajetória do grupo evidencia que a interdisciplinaridade pode funcionar como estratégia para compreender fenômenos complexos e construir respostas articuladas às necessidades das comunidades. Ao mesmo tempo, a experiência demonstra que a formação universitária pode ser enriquecida quando os estudantes entram em contato com contextos que não podem ser plenamente compreendidos apenas na sala de aula.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reconstrução da trajetória do PET Conexões de Saberes da UFMA em Imperatriz, no período de 2010 a 2026, evidencia uma experiência marcada pela articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Ao longo desse percurso, o grupo desenvolveu ações voltadas a diferentes públicos e territórios, acompanhando transformações sociais, acadêmicas e institucionais da Região Tocantina do Maranhão.

As experiências vivenciadas pelos petianos durante a graduação permanecem presentes nas trajetórias profissionais de egressos que hoje atuam na docência, na pesquisa, na saúde, na indústria e em outras áreas. Em diferentes depoimentos, os participantes relacionam diretamente as experiências do PET às formas como atualmente compreendem o trabalho, o território, as pessoas e sua responsabilidade profissional.

Outro aspecto identificado é a transformação da própria compreensão sobre a relação entre universidade e comunidade. Os depoimentos demonstram que as experiências extensionistas possibilitaram aos estudantes compreender que as comunidades não devem ser vistas apenas como receptoras do conhecimento produzido na universidade. Ao contrário, seus conhecimentos, experiências e formas de organização também constituem fontes importantes para a formação universitária.

Nesse sentido, registrar essa trajetória contribui para preservar uma parte da memória coletiva da UFMA na Região Tocantina do Maranhão e para reconhecer o papel desempenhado pelo PET Conexões de Saberes na formação de diferentes gerações de estudantes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Manual do Programa de Educação Tutorial (PET)**. Brasília: MEC/SESu, 2020.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Edital nº 9, de 30 de julho de 2010: Programa de Educação Tutorial – PET 2010 – MEC/SESu/SECAD. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 2 ago. 2010. Seção 3, p. 41-42.

JORNAL ARROCHA: UM LEGADO DA UFMA PARA A MEMÓRIA, A EXTENSÃO E A FORMAÇÃO EM JORNALISMO EM IMPERATRIZ

Alexandre Zarate Maciel[1]
Marco Antônio Gehlen[2]
Marcus Túlio Borowiski Lavarda[3]

RESUMO

Criado em 2010 no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Câmpus Imperatriz, o Jornal Arrocha consolidou-se como experiência laboratorial de caráter interdisciplinar, articulando produção textual para jornalismo impresso, fotojornalismo e planejamento gráfico e editorial em torno de edições temáticas dedicadas a Imperatriz e à Região Tocantina do Maranhão. Este relato objetiva registrar essa trajetória como parte da memória acadêmica e institucional da UFMA, destacando a formação prática dos estudantes, a integração entre componentes curriculares e a constituição, ao longo de 16 anos e 52 edições, de um acervo jornalístico sobre transformações sociais, culturais, econômicas e urbanas da região. O texto resulta da sistematização da experiência dos três docentes fundadores sobre os processos de produção, os aprendizados e o legado do projeto. A experiência evidencia que a continuidade de um jornal-laboratório pode ultrapassar sua finalidade pedagógica original: além de proporcionar vivência de pauta, apuração, fotografia, edição e diagramação, o Arrocha reuniu histórias de vida, imagens e vozes da comunidade, convertendo-se em registro da memória regional. A atual implantação do Jornal Arrocha Digital (Jornal Arrocha, [s. d.]) amplia essa perspectiva ao organizar o acervo e favorecer sua circulação pública, reforçando a integração entre formação jornalística, extensão universitária e preservação da memória.

Palavras-chave: Jornal Arrocha; Jornalismo laboratorial; Extensão universitária; Memória institucional; UFMA.

1 INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

O Jornal Arrocha nasceu em 2010, no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em Imperatriz, em um momento de consolidação das atividades laboratoriais da graduação. Desde o início, sua proposta diferenciou-se pela produção de edições temáticas e pela articulação de três frentes de formação: reportagem e texto jornalístico, fotografia e fotojornalismo e planejamento gráfico e editorial. A realização de um único jornal a partir do trabalho de três turmas distintas exigiu planejamento conjunto entre docentes e estudantes e transformou o periódico em espaço permanente de experimentação das rotinas de produção jornalística.

[1] Doutor. Docente do Curso de Jornalismo do Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM/UFMA). E-mail: alexandre.maciel@ufma.br .

[2] Doutor. Docente do Curso de Jornalismo do Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM/UFMA). E-mail: marco.gehlen@ufma.br .

[3] Doutor. Docente do Curso de Jornalismo do Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM/UFMA). E-mail: marcus.tulio@ufma.br .

Em 16 anos, foram produzidas 52 edições, com temas relacionados à história, cultura, educação, meio ambiente, economia, movimentos sociais, patrimônio, direitos humanos e cotidiano de Imperatriz e da Região Tocantina do Maranhão. A escolha por edições temáticas favoreceu o aprofundamento das pautas e a busca por personagens e fontes diretamente vinculados às realidades abordadas. Ao longo desse percurso, consolidou-se uma orientação editorial marcada pela valorização das histórias de vida, das pessoas comuns e de grupos nem sempre priorizados pela cobertura jornalística cotidiana.

A longevidade do projeto acrescentou uma dimensão que não estava plenamente visível em seus primeiros anos. Quando observadas em conjunto, as edições passaram a constituir um acervo sobre transformações de Imperatriz. Reportagens, fotografias, depoimentos, personagens e dados produzidos em diferentes momentos permitem revisitar problemas urbanos, manifestações culturais, modos de vida e mudanças econômicas e sociais. Desse modo, um produto concebido inicialmente para a formação laboratorial passou também a desempenhar função documental e memorial.

O objetivo deste relato é sistematizar essa experiência, evidenciando três dimensões que se tornaram centrais na trajetória do Arrocha: a interdisciplinaridade como método de produção e aprendizagem; a formação profissional e humanizada proporcionada aos estudantes; e a constituição de um patrimônio jornalístico memorial sobre Imperatriz e a Região Tocantina do Maranhão. O texto também registra o movimento atual de ampliação da dimensão extensionista do periódico por meio do Jornal Arrocha Digital (Jornal Arrocha, [s. d.]), voltado à organização, preservação e circulação pública de seu acervo.

2 METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

A experiência foi construída a partir da integração de componentes curriculares responsáveis por etapas complementares da produção jornalística. Em diferentes semestres, turmas de Jornalismo Impresso, Fotojornalismo e Laboratório de Planejamento Gráfico e Editorial (denominado no passado como Laboratório de Programação Visual) - ou componentes equivalentes na organização curricular vigente - trabalharam de maneira articulada para produzir uma mesma edição. O processo começava pela discussão do tema central, uma vez que o jornal é temático, e pelo planejamento das pautas derivadas do assunto principal. A partir daí, estudantes realizavam pesquisa, definição e contato com fontes, entrevistas, apuração em campo e redação das reportagens. Paralelamente, as equipes de fotografia acompanhavam as pautas e desenvolviam registros e ensaios, enquanto a etapa gráfico-editorial organizava visualmente textos, imagens, títulos, legendas e demais elementos da edição.

Esse modo de produção exigia sincronização entre turmas e professores. O trabalho de uma disciplina dependia do avanço das demais: a fotografia precisava dialogar com a reportagem; a diagramação dependia da edição dos textos e da seleção das imagens; e o fechamento do jornal demandava revisão coletiva ou em parceria com outros professores de disciplinas de produção textual e/ou redação jornalística. Nos primeiros anos, essa integração gerou situações lembradas

pelos docentes como experiências formativas particularmente intensas, incluindo períodos de fechamento em laboratório que avançavam pelo fim da tarde e pela noite. O esforço adicional dos professores era acompanhado por uma experiência pouco comum aos estudantes: produzir, em disciplinas diferentes, partes de um mesmo produto jornalístico destinado à circulação.

Nas primeiras edições, a efetiva impressão do jornal reforçou essa vivência. Professores e estudantes receberam os exemplares, participaram do processo de dobrá-los e encartá-los e, posteriormente, realizaram a distribuição em praças e ruas de Imperatriz. O momento é recordado por dois dos docentes fundadores como um marco da trajetória inicial. A atividade sintetizava o ciclo de produção: a pauta discutida na universidade transformava-se em reportagem, fotografia, página diagramada, jornal impresso e, finalmente, produto entregue diretamente à população.

A sistematização apresentada neste relato apoia-se na memória dos três docentes fundadores, os professores doutores Alexandre Zarate Maciel, Marco Antônio Gehlen e Marcus Túlio Borowiski Lavarda, e em sua experiência continuada com o jornal, além do conjunto de edições e registros institucionais disponíveis. Para a elaboração do texto, os professores responderam às mesmas três questões abertas, centradas nas experiências mais marcantes, na contribuição do Arrocha para a comunidade e para a memória regional e no legado e futuro do projeto. As respostas foram tratadas qualitativamente, buscando recorrências e especificidades. Dessa leitura emergiram quatro eixos: interdisciplinaridade e fazer coletivo; formação pela prática; memória social e documental; e extensão, circulação e futuro digital.

3 JORNAL ARROCHA: TRAJETÓRIA, TEMAS E CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA JORNALÍSTICA

A trajetória do Jornal Arrocha acompanha parte significativa da própria história do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão em Imperatriz. Idealizado no final de 2009, o periódico teve sua primeira edição gestada no primeiro semestre de 2010 e publicada em agosto daquele ano. Desde a origem, sua proposta diferenciava-se do modelo convencional de jornal-laboratório organizado em editorias fixas. A opção foi pela produção de edições temáticas, nas quais um assunto central relacionado principalmente a Imperatriz e à Região Tocantina do Maranhão é desenvolvido por meio de diferentes pautas e desdobramentos temáticos, formando um conjunto articulado de reportagens, fotografias e recursos gráficos.

Essa característica tornou-se uma das marcas editoriais do Arrocha. A cada semestre, a definição do tema funciona como ponto de partida para o trabalho interdisciplinar. A partir dele, os estudantes identificam diferentes recortes e perspectivas, realizam a apuração, selecionam fontes, produzem as reportagens e desenvolvem a cobertura fotojornalística, enquanto o material é posteriormente organizado graficamente para constituir uma publicação coerente. Desde as primeiras experiências, o projeto articula componentes curriculares relacionados ao jornalismo impresso, ao fotojornalismo e ao planejamento gráfico e editorial, fazendo com que diferentes turmas participem da elaboração de um único produto jornalístico.

Nas primeiras edições, essa experiência ultrapassava a própria produção acadêmica por meio da circulação física do periódico. Os exemplares impressos eram preparados com a participação de professores e estudantes e posteriormente distribuídos em espaços públicos de Imperatriz. A experiência da produção material e da distribuição nas ruas permanece entre as lembranças dos docentes fundadores, evidenciando que, desde sua origem, havia a preocupação de fazer com que o jornal produzido na Universidade alcançasse leitores para além do ambiente acadêmico.

Com as limitações financeiras para manutenção da impressão, o Arrocha passou a circular prioritariamente em formato digital, sem que isso interrompesse sua periodicidade ou sua função laboratorial. Essa capacidade de permanência mostrou-se particularmente significativa durante a pandemia de Covid-19. Mesmo diante da suspensão das atividades presenciais e da impossibilidade de utilização regular dos laboratórios, novas edições foram produzidas remotamente, com entrevistas realizadas a distância e, em determinadas situações, fotografias fornecidas pelas próprias fontes. A continuidade do jornal nesse período demonstrou sua capacidade de adaptação às transformações tecnológicas e às condições excepcionais de produção jornalística. A própria UFMA registra que o periódico continuou sendo publicado digitalmente durante a pandemia.

A continuidade da publicação também modificou progressivamente o significado de seu acervo. Se cada edição nasceu inicialmente como resultado de uma experiência laboratorial de determinado conjunto de estudantes, a reunião das 52 edições produzidas desde 2010 permite outra leitura. Os temas abordados formam uma documentação jornalística sobre diferentes momentos da história recente de Imperatriz e da Região Tocantina do Maranhão. Cultura, meio ambiente, transformações urbanas, movimentos sociais, religiosidade, educação, diversidade, modos de vida, personagens, grupos sociais e diferentes problemas da cidade foram registrados a partir das perspectivas das pessoas que vivenciaram essas realidades.

A dimensão temática dessa trajetória pode ser observada na sequência das edições apresentadas no Quadro 1. Quando analisados em conjunto, os temas revelam tanto a diversidade das experiências sociais registradas.

Quadro 1 – Edições do Jornal Arrocha, temas e datas de publicação

Edição 01	Agosto de 2010	Imperatriz e as Águas.
Edição 02	Outubro de 2010	Reflexões Urbanas.
Edição 03	Dezembro de 2010	Música prova sua Diversidade em Imperatriz.
Edição 04	Maio de 2011	Imperatriz das Múltiplas Religiões.
Edição 05	Julho de 2011	Hábitos, rotina. Vícios, descontrole.
Edição 06	Julho de 2011	Universo em Expansão.
Edição 07	Setembro de 2011	Imperatriz: Personagens do Cotidiano.
Edição 08	Outubro de 2011	Sexualidade Revelada.
Edição 09	Novembro de 2011	Imperatriz: Múltiplas Culturas.
Edição 10	Março de 2012	Esportes para uma Vida Melhor.
Edição 11	Abril de 2012	Mídia em Pauta.
Edição 12	Maio de 2012	Rumos da Educação.
Edição 13	Outubro de 2012	Mercadinho: Cores, Sabores e Personagens.
Edição 14	Outubro de 2012	Lições de Vida no Lar São Francisco.
Edição 15	Outubro de 2012	Crianças e Jovens: Ensaios do Futuro.
Edição 16	Outubro de 2012	Enquanto a Cidade Dorme.
Edição 17	Janeiro de 2013	Calçadão.

Edição 18	Fevereiro de 2013	Transportes.
Edição 19	Março de 2013	Mulheres.
Edição 20	Março de 2013	Vida de Artista.
Edição 21	Agosto de 2013	Bairros.
Edição 22	Setembro de 2013	Política.
Edição 23	Dezembro de 2013	Mundo Especial.
Edição 24	Dezembro de 2013	Saúde Pública.
Edição 25	Janeiro de 2015	Histórias da Maternidade.
Edição 26	Julho de 2015	Sabores de Imperatriz.
Edição 27	Abril de 2016	Meio Ambiente em Alerta.
Edição 28	Setembro de 2016	Patrimônios de Imperatriz.
Edição 29	Novembro de 2016	Artes de Imperatriz.
Edição 30	Dezembro de 2017	Rio Tocantins Agoniza.
Edição 31	Janeiro de 2018	Tecnologia: Desafios e Facilidades.
Edição 32	Fevereiro de 2018	Esportes Radicais.
Edição 33	Março de 2018	O melhor e o pior de Imperatriz.
Edição 34	Julho de 2018	Desemprego.
Edição 35	Dezembro de 2018	Às Margens.
Edição 36	Dezembro de 2018	Ontem e Hoje.
Edição 37	Dezembro de 2018	Ruas.
Edição 38	Julho de 2019	Movimentos Sociais.
Edição 39	Julho de 2019	Cidades que foram Imperatriz.
Edição 40	Dezembro de 2019	Imperatriz que eu quero.
Edição 41	Dezembro de 2020	Tempo de Pandemia.
Edição 42	Maio de 2021	Mundo Virtual.
Edição 43	Setembro de 2021	LGBTQIA+.
Edição 44	Fevereiro de 2022	Gerações.
Edição 45	Dezembro de 2022	Escritores no Maranhão.
Edição 46	Julho de 2023	Tradições Juninas.
Edição 47	Dezembro de 2023	Moda em Imperatriz.
Edição 48	Setembro de 2024	Eleições Movimentam Imperatriz.
Edição 49	Dezembro de 2024	Ações Populares Transformam Imperatriz.
Edição 50	Setembro de 2025	Arrocha 15 anos.
Edição 51	Dezembro de 2025	Mudanças Climáticas.
Edição 52	Junho de 2026	Microempreendedor Individual em Imperatriz.

Fonte: Elaborado pelos autores com base no acervo do Jornal Arrocha (2026).

A leitura cronológica dessa relação permite perceber que o caráter temático não representou apenas uma escolha de formato editorial. Ao retornar continuamente à cidade e à região em busca de novas pautas, personagens e problemáticas, sucessivas gerações de estudantes produziram registros de diferentes momentos históricos. Desse modo, a permanência de uma metodologia pedagógica acabou gerando um resultado não previsto integralmente em sua origem: um acervo jornalístico longitudinal sobre Imperatriz, construído a partir do olhar de estudantes e professores da UFMA e, sobretudo, das vozes dos sujeitos retratados nas reportagens.

3.1 RECONHECIMENTO ACADÊMICO E PREMIAÇÕES

O reconhecimento acadêmico do Jornal Arrocha também se expressa nas premiações obtidas na Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação (Expocom), vinculada ao Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, promovido pela Intercom. O periódico conquistou cinco títulos de melhor jornal-laboratório do Nordeste: em 2016, com a edição *Meio ambiente em alerta*; em 2020, com o conjunto *Movimentos sociais*, *Cidades que*

foram Imperatriz e *Imperatriz que eu quero*; em 2023, com as edições *Gerações* e *Escritores do Maranhão*; em 2024; e em 2025, com as edições *Eleições Movimentam Imperatriz* e *Ações Populares Transformam Imperatriz*.

As premiações representam um reconhecimento externo da experiência desenvolvida no Câmpus de Imperatriz e, principalmente, do trabalho coletivo realizado por sucessivas gerações de estudantes e professores. Mais do que resultados competitivos isolados, esses reconhecimentos evidenciam a permanência de uma proposta pedagógica capaz de atravessar diferentes turmas, mudanças docentes com participações alternadas de muitos professores no projeto, transformações tecnológicas e contextos sociais sem abandonar características que acompanham o Arrocha desde sua criação.

.

4 RESULTADOS OBTIDOS, IMPACTO E APRENDIZADOS

4.1 INTERDISCIPLINARIDADE E FORMAÇÃO PELA PRÁTICA

A principal convergência entre os relatos docentes está na compreensão de que o Arrocha ultrapassou a condição de exercício isolado de uma disciplina. A integração entre texto, fotografia e projeto gráfico produziu uma dinâmica próxima à de uma redação, com dependência entre etapas, cumprimento de prazos, tomada de decisões editoriais e necessidade de resolver problemas concretos de produção. Para os estudantes, a experiência permitiu vivenciar o percurso da pauta ao produto final; para os professores, exigiu acompanhamento articulado e um trabalho de orientação que frequentemente ultrapassava os limites formais de cada componente curricular.

Gehlen (2026, informação verbal)[4] associa suas lembranças mais marcantes justamente ao fazer coletivo: o fechamento das primeiras edições, os períodos prolongados de trabalho em laboratório e a distribuição do jornal com os estudantes. Lavarda (2026, informação verbal)[5], a partir do Fotojornalismo, destaca como característica singular a reunião de três disciplinas em torno de uma mesma publicação e ressalta o esforço docente necessário para que as etapas se articulem. Maciel (2026, informação verbal)[6], por sua vez, recupera o fechamento da primeira edição como momento fundador e chama atenção para a capacidade do projeto de atravessar diferentes gerações, tecnologias e circunstâncias sem abandonar sua identidade editorial.

A formação profissional aparece, portanto, não apenas como domínio técnico, mas como experiência de responsabilidade sobre um produto público. Lavarda (2026, informação verbal) identifica o jornal como um primeiro portfólio dos estudantes: repórteres, fotógrafos e diagramadores passam a ter um trabalho publicado e enfrentam dificuldades semelhantes às encontradas no exercício profissional, desde a definição de pauta e escolha das fontes até

[4] Depoimento de Marco Antônio Gehlen, concedido aos autores em 26 ago. 2026.

[5] Depoimento de Marcus Túlio Borowiski Lavarda, concedido aos autores em 26 ago. 2026.

[6] Depoimento de Alexandre Zarate Maciel, concedido aos autores em 26 ago. 2026.

a cobertura, apuração, edição e fechamento. Gehlen (2026, informação verbal) acrescenta uma dimensão de pertencimento: antigos estudantes permanecem no expediente das edições e reconhecem o jornal como parte de sua trajetória acadêmica.

4.2 DAS EDIÇÕES TEMÁTICAS À CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA DA CIDADE

O segundo resultado identificado é a transformação gradual do conjunto de edições em acervo histórico. Gehlen (2026, informação verbal) observa que essa condição se constituiu de maneira quase espontânea: ao produzir sucessivamente jornais sobre diferentes temas, personagens e problemas, o Arrocha passou a reunir um banco de histórias, depoimentos e retratos de épocas distintas. O significado do acervo tornou-se mais evidente retrospectivamente, quando as dezenas de edições puderam ser observadas como um conjunto produzido de forma continuada por mais de quinze anos.

Maciel apresenta interpretação semelhante ao comparar a leitura sequencial das edições à leitura de um livro sobre Imperatriz. Dados e estatísticas podem se alterar com o tempo, mas as histórias permanecem como testemunhos das mudanças sociais, econômicas, culturais e políticas da cidade. "A presença de fluxos migratórios, transformações econômicas, práticas culturais e conflitos urbanos em diferentes números permite perceber o jornal como uma narrativa fragmentada, porém cumulativa, da cidade contemporânea" (Maciel, 2026, informação verbal).

Lavarda amplia essa dimensão ao destacar o patrimônio fotográfico. "Além das imagens efetivamente publicadas, o processo de produção gerou milhares de fotografias realizadas por estudantes em reportagens e ensaios. Parte desse material permanece no laboratório de fotografia, enquanto outra parte se dispersou ao longo dos anos em dispositivos, drives e serviços de armazenamento" (Lavarda, 2026, informação verbal). A constatação evidencia simultaneamente a riqueza e a fragilidade do patrimônio documental construído pelo projeto e reforça a necessidade de políticas de organização e preservação.

4.3 EXTENSÃO, CIRCULAÇÃO E O NOVO CICLO DIGITAL

Os depoimentos também revelaram um limite histórico: a circulação do conteúdo nem sempre acompanhou a qualidade e a continuidade da produção. As primeiras edições impressas chegaram diretamente às ruas, mas as dificuldades financeiras levaram à predominância da circulação digital em PDF. Embora esse formato tenha assegurado a continuidade do jornal, reduziu possibilidades de descoberta, pesquisa e acesso sistemático ao conteúdo acumulado. O paradoxo tornou-se mais evidente à medida que o valor documental do acervo cresceu.

Essa constatação fundamenta a fase atual do projeto. O Jornal Arrocha Digital propõe reunir as edições em ambiente próprio, disponibilizar os exemplares em PDF e publicar conteúdos em formato web, permitindo melhor organização, indexação e recuperação das reportagens. A iniciativa busca fazer com que um patrimônio construído dentro da universidade retorne de

maneira mais ampla à sociedade. Nessa perspectiva, a digitalização não é compreendida apenas como mudança de suporte, mas como estratégia de circulação, preservação e extensão.

Maciel (2026, informação verbal) identifica especialmente o potencial de utilização do acervo nas escolas e de construção de uma relação mais participativa com bairros e comunidades, inclusive com sugestões de pautas e abordagens. Gehlen (2026, informação verbal) associa o futuro à organização de um banco de histórias e vozes da comunidade acessível ao público. Lavarda (2026, informação verbal) aponta a necessidade de uma presença digital mais dinâmica, sem descartar a importância simbólica e formativa de futuras experiências impressas, e defende que outras disciplinas e docentes possam se incorporar ao projeto.

Em suma, os depoimentos dos professores fundadores do Jornal Arrocha possibilitam sintetizar cinco eixos analíticos da trajetória do periódico, conforme Quadro 2, que segue:

Quadro 2 – Eixos analíticos da trajetória do Jornal Arrocha para os fundadores

Eixo / Professor	Alexandre Zarate Maciel	Marco Antônio Gehlen	Marcus Túlio Borowiski Lavarda
1. Interdisciplinaridade e fazer coletivo	Presente	Muito forte	Muito forte
2. Formação pela prática	Formação do olhar humanizado	Redação real e produção coletiva	Portfólio e experiência profissional
3. Memória de Imperatriz	Retrato das transformações da cidade	Banco de histórias e depoimentos	Documento histórico e acervo fotográfico
4. Permanência do Arrocha	Continuidade inclusive na pandemia	15+ anos formando memória	Longevidade e regularidade
5. Futuro/extensão	Comunidade, escolas e participação	Organização e acesso digital	Digitalização, preservação e novas produções

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos depoimentos coletados para o estudo (2026).

Além dos eixos, há quatro consensos relevantes entre os professores fundadores:

a) O Arrocha é mais do que um produto de disciplina;
b) A interdisciplinaridade é constitutiva do projeto;
c) O tempo transformou o jornal em memória; e
d) A continuidade e digitalização aparecem como próximo ciclo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória do Jornal Arrocha demonstra como uma experiência de ensino pode adquirir novos sentidos quando consegue permanecer no tempo. O projeto nasceu da necessidade de oferecer aos estudantes uma prática integrada de produção jornalística e consolidou um método de trabalho no qual reportagem, fotografia e planejamento gráfico se encontram em um produto comum. A regularidade das edições, a passagem de sucessivas turmas e professores e a adaptação a diferentes contextos transformaram essa prática em parte da própria história do curso de Jornalismo da UFMA em Imperatriz.

Os depoimentos dos três professores fundadores evidenciam uma convergência

fundamental: o principal legado do Arrocha se encontra simultaneamente na formação e na memória. Para quem participou de sua produção, o jornal representou experiência concreta de pauta, apuração, entrevista, fotografia, edição, diagramação, trabalho em equipe e responsabilidade editorial. Para a universidade e para a cidade, as 52 edições constituem um acervo de histórias, imagens e vozes que registra aspectos de Imperatriz e da Região Tocantina do Maranhão ao longo de 16 anos.

A preservação desse percurso possui, portanto, valor institucional. Registrar a experiência significa salvaguardar não apenas a história de um produto laboratorial, mas uma prática pedagógica compartilhada por gerações e uma forma de presença da universidade na sociedade. O Arrocha documenta parte da trajetória do Câmpus de Imperatriz ao mesmo tempo em que interpreta a cidade que o cerca, estabelecendo uma relação em que memória universitária e memória social se alimentam de forma mútua.

O novo ciclo digital amplia as possibilidades desse legado. Ao organizar o acervo, facilitar a consulta às edições e ampliar a circulação das reportagens, o projeto pode transformar uma memória acumulada em memória efetivamente acessível e utilizada. O desafio para os próximos anos será conciliar preservação, atualização tecnológica e participação comunitária, mantendo o princípio que atravessou a trajetória do jornal desde suas primeiras edições: formar jornalistas por meio do contato com a realidade e devolver à sociedade, em forma de narrativa jornalística, parte das histórias que ela própria compartilhou com a universidade.

REFERÊNCIAS

JORNAL ARROCHA. **Jornal Arrocha.** Imperatriz, MA: Universidade Federal do Maranhão, Curso de Jornalismo, [s. d.]. Disponível em: jornalarrocha.com.br. Acesso em: 26 ago. 2026.

FONTES ORAIS

GEHLEN, Marco Antônio. **Entrevista sobre a trajetória, a formação, a memória e o legado do Jornal Arrocha.** Entrevista concedida para a elaboração do relato de experiência Jornal Arrocha: um legado da UFMA para a memória, a extensão e a formação em Jornalismo em Imperatriz. Imperatriz, MA, 26 ago. 2026.

LAVARDA, Marcus Túlio Borowiski. **Entrevista sobre a trajetória, a formação, a memória e o legado do Jornal Arrocha.** Entrevista concedida para a elaboração do relato de experiência Jornal Arrocha: um legado da UFMA para a memória, a extensão e a formação em Jornalismo em Imperatriz. Imperatriz, MA, 26 ago. 2026.

MACIEL, Alexandre Zarate. **Entrevista sobre a trajetória, a formação, a memória e o legado do Jornal Arrocha.** Entrevista concedida para a elaboração do relato de experiência Jornal Arrocha: um legado da UFMA para a memória, a extensão e a formação em Jornalismo em Imperatriz. Imperatriz, MA, 26 ago. 2026.

RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO ENSINO DA PSICOLOGIA: DAS TRANSFORMAÇÕES DE SI AOS PROCESSOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Fabio José Cardias Gomes[1]

RESUMO

O objetivo deste relato é registrar, apresentar, descrever e analisar algumas importantes experiências no ensino, na pesquisa e na extensão na área da Psicologia, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no Centro de Ciências de Imperatriz (CCIm), desde 2010 até o presente. A relevância da temática se dá ao valorizar, sensibilizar e ampliar a importância da prática docente como fonte de transformações de si, bem como relacionar como a tal conquista profissional se expressa como compromisso social ao reverberar em dimensões locais, regionais, nacionais e internacionais. Relatei sobre a importância das diversas contribuições que foram trazidas no âmbito de uma Psicologia popular no início, entre os anos 2010 e 2016, da Etnopsicologia do Etnoesporte junto aos Territórios Tenetehar e Timbira, de 2016 até 2025, e uma Psicologia Junguiana com perspectivas de estudos tocantinos, de cerrado e amazônicos, com ênfase em 2026 até o presente. Assim, contribuo com esse texto ao registrar algumas realizações importantes, pessoais e coletivas, que compõem parte da história da Psicologia imperatrizense, de forma efetiva e afetiva, que como memoráveis contribuições acadêmicas também ajudam a compor o legado e a própria memória institucional do CCIm/UFMA, já com mais de quatro décadas de legado para a sociedade da região e do estado.

Palavras-chave: Psicologia; Docência; Pessoal-profissional; Internacionalização.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste relato é registrar, apresentar, descrever e analisar algumas das minhas significativas experiências no ensino, na pesquisa e na extensão de disciplinas em salas de aula, no campo etnográfico indígena e no ambiente acadêmico onde na área da Psicologia estou performando desde a Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de de Imperatriz (CCIm), de 2010 até o presente. A relevância da temática se dá ao valorizar, sensibilizar e ampliar a importância da prática docente-pesquisadora como fonte de transformações de si, bem como relacionar como fracassos e conquistas pessoais-profissionais se expressam no compromisso social ao reverberar frutos colhidos deste trabalho em dimensões locais, regionais, nacionais e internacionais.

Entretanto, o escopo do conteúdo pretendido foi primeiro mostrar como a experiência concreta de tornar-se *psicólogo-docente-pesquisador* é um aprendizado de fluxo contínuo, um processo muitas vezes lento de desenvolvimento, dolorido e alegre ao mesmo tempo, cheio de desafios, ou seja, de uma jornada de altos e baixos, entre a burocracia do serviço público federal e a capacidade de liberdade de criação em cursos de graduação, de pós-graduação e em grupos de pesquisas. Assim,

[1] Psicólogo (CRP 22/01133) e Doutor em Educação pela USP (2008-2012). Professor-Associado no curso de graduação em Enfermagem e docente-permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE-CCIm/UFMA).
E-mail: fabio.cardias@ufma.br

relaciono o amadurecimento *pessoal-profissional* com a segunda pretensão deste relato, descrever a importância das diversas contribuições que foram trazidas no âmbito de uma Psicologia popular no início, junto com coletivos de cultura de Imperatriz, com comunidades indígenas e negras e formação junguiana tendo objetos de estudos, pesquisas e pacientes de contexto regional, como por exemplo: 1) os trabalhos realizados com a Trupe de Habilidades Circense (THC), entre os anos 2010 e 2016, e depois 2) a contribuição para com o tema da Etnopsicologia do Etnoesporte junto aos estudos indigenistas nos Territórios Tupi-Guajajara e Jê-Timbira, de 2016 a 2025, e 3) uma formação e prática da Psicologia Analítica Junguiana com perspectivas de estudos em territórios e populações tocantinas, sejam do cerrado ou de contextos amazônicos, de 2026 até o presente.

Dentre outras diversas ações que possibilitaram relevantes contribuições à Psicologia imperatrizense e da Região Tocantina do Maranhão, a partir das realizações feitas desde a UFMA, Câmpus Imperatriz, destaco como exemplo a presença do professor libanês Dr. *Antoine Abi Aad*, em 2015 e 2017, da professora japonesa Noriko em parceria do Consulado Geral do Japão de Belém, em 2016, da contribuição do professor Igor de Almeida, da Universidade de Kyoto, em 2018-2020, do convite especial do Ministério do Esporte (Brasília) ao I Seminário de Lutas e Artes Marciais, no Centro Olímpico do Rio de Janeiro, em 2018, da minha participação como vice-presidente da Sociedade Mundial de Etnoesporte, a convite do professor *Alexey Kylasov*, junto à Universidade de Surgut e nos Jogos Siberianos nos Territórios dos povos *Kansyie-Mansyie*, na Sibéria (Rússia), também em 2018, e as recentes conquistas do *Prêmio Virgínia Bicudo-Psicologia Brasileira Antirracista*, pelo Conselho Federal de Psicologia, em Brasília, em 2024, e minha nomeação para compor a Comissão *Ad Hoc* de Jogos e Esportes Tradicionais da UNESCO-Paris, em parceria com o professor *Pére Lavega* da Universidade de Leida-Espanha e outros colegas acadêmicos, desde 2025.

Assim, desenvolvo abaixo o registro e reflexões de alguns marcantes feitos pessoais e coletivos, destacando minha trajetória acadêmica e meu itinerário de transformação, que podem compor, entretanto, pequena contribuição à história da Psicologia imperatrizense, e em especial com parte singela da própria memória institucional do CCIm/UFMA, câmpus esse que já atinge sua fase madura de mais de quatro décadas de construção de um legado significativo para a sociedade da região e do estado.

Importa dizer ao leitor atento que este relato está estruturado em cinco (06) partes, sendo: 1) *Introdução*, 2) *Migração, adaptação e a busca de uma psicologia popular (2010-2016)*, 3) *Nos territórios etnoeducacionais: os etnosaberes (2016-2025)*, 4) *Jung no cerrado e na amazônia e internacionalização (2026-Presente)* e 5) *Considerações finais*, bem como 06) *Referências* ao final. Cabe ressaltar que me utilizo de leituras que enfatizam o aprender por experiência como visto em Jorge Larrosa Bondía (2017), a leitura do mundo e a aprendizagem significativa como em Paulo Freire (1987) e Carl Rogers (1972) e o desenvolvimento da personalidade ou o processo de individuação (diferenciação da pessoa) como em Carl Gustav Jung (2013), dentre outros autores que comungam da perspectiva de uma antropologia da pessoa.

2 MIGRAÇÃO, ADAPTAÇÃO E A BUSCA DE UMA PSICOLOGIA POPULAR (2010-2016)

Como já dito acima, este relato de experiências traz alguns feitos do ensino de Psicologia na UFMA, Câmpus Imperatriz, desde 2010. Já são 16 anos de experiências como professor de Psicologia nesta ilustre instituição federal de ensino superior, especialmente no curso de graduação em enfermagem e mais recente no de pós-graduação (mestrado) em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE-CCIm/UFMA). Assim, creio ter passado tempo suficiente para refletir sobre a minha práxis psicológica como docente nesta área do conhecimento, e a minha experiência no sentido que Bondía (2017) compreende o que é experiência:

> A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada aconteça.Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (Bondía, 2017, p.21).

Das experiências que me passam, me acontecem e me tocam, a de ser imigrante em Imperatriz é uma condição inicial de reflexão dessas experiências no CCIm/UFMA. Tendo saído de uma grande São Paulo, onde residia e realizava doutorado na Universidade de São Paulo (USP-Butantan, 2008-2012), e chegado em setembro de 2010 por aqui, observo que muitos colegas professores também se encontram nessa condição: a de imigrante. Trazemos na bagagem o sentimento de realização profissional, ao ingressarmos na fase da carreira no magistério superior, bem como esperanças de realizarmos um bom trabalho, darmos nossa contribuição à instituição e na área de ensino e pesquisa que escolhemos. Mas o sofrimento do processo de aculturação também se faz presente, longe de casa, em uma nova casa, novas relações de trabalho e pessoais, alimentação diferente, clima diferente e acessos culturais com novas linguagens, nos remete a um estresse de aculturação. Alguns colegas não se adaptam e partem, outros permanecem, constituem família, redes sociais e se desenvolvem profissional de destaque na região.

O encontro com a Trupe de Habilidades Circense (THC), e os trabalhos realizados entre os anos 2010 e 2016, foram importantes nessa trajetória inicial no CCIm/UFMA. Como atividades de extensão em conjunto com a THC, trouxemos o professor libanês Dr. *Antoine Abi Aad*, em 2015 e 2017, com apoio do Centro de Cultura Negra-Negro Cosme, e a professora japonesa *Noriko*, em parceria do Consulado Geral do Japão de Belém, ambos apresentaram trabalhos relacionados com a nossa proposta de uma Psicologia popular e de arte-educação no projeto *Liber-arte: Psicologia Intercultural e Arte-Libertária*, coordenado por mim. Junto com o THC e a Fundação de Apoio a Faculdade de Educação da USP (FAFE-USP) realizamos a oficina *Explorando jogos étnicos e multiculturais*, dentro do *Workshop: A cultura lúdica e a formação brincante*, juntamente com a capoeira, com a vinda do mestre de capoeira Luiz Cardoso do Nascimento, o Pinguim, também sediado na USP-Núcleo de Artes Afro-brasileiras. Realizamos atividades de extensão em aldeias

e quilombos maranhenses, por diversas vezes entre 2010 e 2016.

O assassinato brutal do líder da THC no bairro da Caema, em 2017, nos deixou órfãos e lançados em um luto sem fim. *Francisco Admael de Sousa Bonfim*, o Tico Malabares, ou Tico Natureza, foi um grande ativista da cultura popular de Imperatriz, desde o movimento cultural *Ocuparte*, que ocupava espaços públicos abandonados da cidade, bem como semáforos e festas. Palhaço, artesão e malabarista, foi também um dos pioneiros do movimento do skate nos finais dos anos de 1980 e início da década de 1990. Junto com Leonardo Pires, Cleiton Viana, Guilherme Ferreira, Luciano Monteiro, Raimundo Silva, Daniel Sena, Elvis Neves e Adriano Santos, que compunham a THC, que se tornou referência artística importante na região tocantina. Como sujeitos destas experiências de encontro, construção, elaboração e luto, no sentido que dá Bondía, nós nos ajudamos a nos constituir como sujeitos de abertura ao novo, onde havia o lugar dos acontecimentos do trabalho planejado, mas também do acaso e da improvisação, e tal como sujeitos de abertura à paixão, nos víamos como sujeitos *ex-postos*, ou sujeitos atravessados por uma sensibilidade pessoal e coletiva das experiências da THC imperatrizense, que coincide com o ponto de vista da experiência posto por Bondía (2017):

> Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a "o-posição" (nossa maneira de o-pormos), nem a "imposição" (nossa maneira de im-pormos), nem a "proposição" (nossa maneira de pro-pormos), mas a "ex-posição", nossa maneira de "ex-pormos", com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco (Bondía, 2017, p.25.).

E, assim foi a fase THC, de 2010 a 2016, o encontro com diversas pessoas quilombolas, indígenas, campesinos do MST, operários e crianças da periferia de Imperatriz. A exposição vulnerável e arriscada que me propus, de pensar, estudar e construir uma Psicologia popular em Imperatriz, sediada também na minha atividade docente no CCIm/UFMA. Assim, portanto, dedico essa secção ao saudoso Tico Malabares (Imagem 1).

Imagem 1 – Ação popular da THC, Caema-Imperatriz (2015)



Fonte: Foto autorizada de Daniel Sena (jornalista, fotógrafo e colaborador THC, 2015).

3 NOS TERRITÓRIOS ETNOEDUCACIONAIS: OS ETNOSABERES (2016-2025)

Poderíamos enumerar diversos resultados concretos colhidos a partir da experiência THC, sejam as flores, os frutos e os espinhos, e os aprendizados gerados para os participantes, dentre eles a consolidação de um trabalho em Psicologia popular tecida desde o CCIm/UFMA. Dessas experiências visitamos e nos aproximamos de diversas comunidades campesinas, quilombolas e indígenas da região, da etnia Tenetehar (Guajajara) e do tronco linguístico Timbira Oriental (Krikatí, Gavião, Apinajé, Canela, Kraô, Gaviões do Pará, etc.).

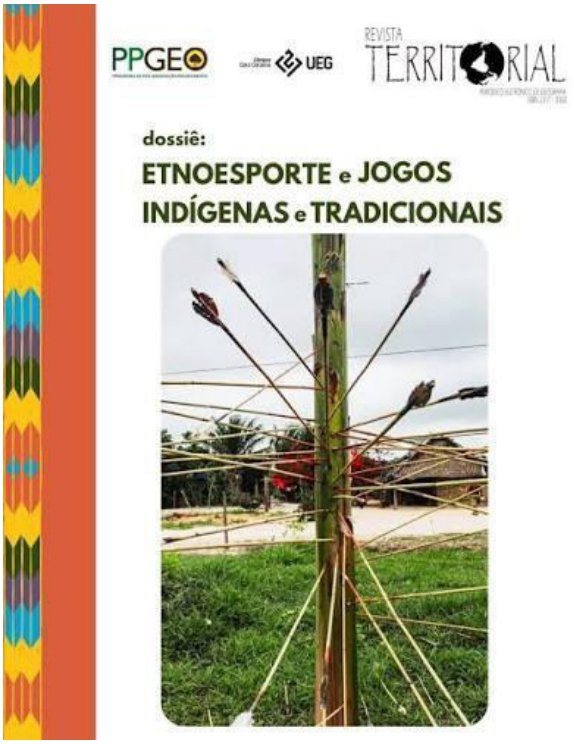
Essa experiência psicológica-antropológica (etnografias) transformou minha pessoa e práxis profissional, Tendo crescido no centro de duas megalópoles, primeira infância em Belém do Pará e segunda infância e adolescência em São Paulo, o campo se mostrou uma nova realidade social complexa e diversa, seja o MST, os quilombos ou as aldeias. O estudo aprofundado me levou a conceitos novos como o de Territórios Educacionais, Etnosaberes, Etnopsicologia e Etnoesporte. Relacionados com a Psicologia e Educação, a Clínica e o Esporte e Saúde, o compromisso social com essas áreas exigem a formação ética e política também. A observação *in loco* da corrida de tora, o jogo de petecas de milho, o futebol indígena (etnofutebol), o corpo-território me levaram a pesquisadores nacionais e internacionais da área.

Contribuí com os pesquisadores internacionais Dr. José Ronaldo Mendonça Fassheber e Dr. Alexey Kylasov. O primeiro defendeu a sua tese de doutorado em 2006, na UNICAMP, intitulada *"Etno-Desporto Indígena: contribuições da Antropologia Social a partir da Experiência entre os Kaingang"*, sistematizou essa vertente teórica no Brasil, e o segundo a tese "*Sport as a social and cultural phenomenon of the globalization epoch*" em 2011, na Academia Estadual de Cultura Eslava (Moscou), desenvolveu o conceito de *Ethnosport* a partir da Antropologia Cultural, para o estudo das instituições modernas de jogos tradicionais. Ambos não se conheciam até 2012, desenvolviam o conceito de etno-desporto indígena e *ethnosport* concomitantemente, mas em diferentes regiões geográficas e com diferenças conceituais. Eu tive a singela oportunidade de possibilitar um diálogo entre ambos, pessoal e teoricamente, momento interrompido pelo falecimento precoce do saudoso *Zé Fassheber* em 07 de outubro de 2023, em Paranaguá, Paraná, outro luto importante na minha trajetória acadêmica, itinerário de formação e jornada pessoal.

Com Fassheber publicamos trabalhos em conjunto em eventos acadêmicos nacionais e internacionais, sonhamos o dossiê Etnoesporte, que publiquei após sua morte e em sua homenagem, como publicação especial, em 2025, na Revista Territorial, de qualis A4 (Universidade Estadual de Goiás – UEG, Gomes *et al*., 2025). Com Kylasov, eu já havia visitado a Rússia, Moscou e Sibéria a seu convite e como pesquisador na área, em 2018, em plena Copa da Fifa 2018, como observador dos Jogos Indígenas Siberianos e na Universidade Estadual de Surgut (Sibéria). Em 2024, recebi em Brasília, do Conselho Federal de Psicologia (CFP), o *Prêmio-Profissional Virgínia Bicudo: Práticas para uma Psicologia Antirracista*, com artigo premiado na categoria: Experiências individuais, no Eixo Orientador: Raças e Identidade

Étnico-Racial, com o título: "*Relatos de experiências em Psicologia e relações raciais no sudeste maranhense: e o etnoesporte.*", ponto de destaque na minha carreira no CCIm/UFMA.

Imagem 2 – Foto de Capa do dossiê realizado com José Fassheber (1963-2023) *post-mortem* 2025



Fonte: https://ludopedio.org.br/biblioteca/ (domínio público).

4 JUNG NO CERRADO E NA AMAZÔNIA E INTERNACIONALIZAÇÃO (2026-PRESENTE)

Até o presente, todas as vivências em campo etnográfico me geraram experiências transformadoras, no sentido dado por Bondía, com a constante leitura de mundo, de acordo com Paulo Freire (1987) e com aprendizagem significativa como enfatiza Rogers (1972), especialmente relacionando a Psicologia com a compreensão da pessoa e suas experiências sensíveis, seja no esporte urbano, no etnoesporte no campo ou na educação de sensibilidades nas aldeias, quilombos e cidades, se diferenciando como sujeito do conhecimento, que constrói sua autonomia e emancipação.

Em especial, construímos uma Psicologia, e aqui incluo os demais colegas Psicólogos da região, comprometidos socialmente com contextos como o nosso de Imperatriz, ou seja, um local geográfico-cultural caracterizado pela zona de transição de encontro de dois ecossistemas: o cerrado Tocantino e a floresta Amazônica, um *ecótono*, e também região de fronteira entre três estados: Maranhão, Pará e Tocantins. Assim, a Psicologia Junguiana (Jung,2013) me orienta a compreender as produções simbólicas, mitológicas e imaginárias da nossa região. Com base na minha formação acadêmica, desde a graduação na Universidade Federal do Pará (UFPA), e mais recente a formação de analista junguiano, me debruço sobre o rico material simbólico-político

pouco investigado do cerrado-amazônico maranhense e paraense, tendo escrito e publicado títulos como, exemplo: *O feminino nas mitologias amazônidas: boiúna e a Grande-Mãe***.**

No aspecto internacionalização das pesquisas que realizo, destaco a minha participação em grupos consolidados como o do russo Alexey Kylasov, com visitas técnicas internacionais, a vice-presidência da Associação Mundial de Etnoesporte entre 2018-2025, sendo mais recente a parceria com o Dr. Pere Lavega, da Universidade de Leida, na Espanha, para compormos a Comissão *Ad hoc* de Jogos e Esportes Tradicionais da UNESCO-Paris, com o resultado final que sairá em setembro de 2026. Produções que considera os binômios *ciência-técnica* (metodologia científica) e *teoria-prática* (práxis ética e estética), como em Bondía (2017) e Freire (1987), a Psicologia se faz como ciência e práxis profissional. Porém, meus esforços se concentram em não perder de vista uma Psicologia que enfatize o terceir binômio: *experiência-sentido de vida*, ponto forte das Humanidades para a tecitura de uma antropologia da vida e da pessoa humana, na via da palavra escrita e oral.

Imagem 3 – Capa livro Jung e o feminino contemporâneo (2025)



Fonte: arquivo dos organizadores (domínio público).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma muito breve, relatei a experiência com o ensino e produções em Psicologia, no CCIM. Exemplifiquei algumas práticas profissionais que me levaram a uma transformação pessoal significativa, de amadurecimento da personalidade, e que refletem a minha prática do ensino, pesquisa e extensão, no CCIm/UFMA, desde 2010 até o presente. Bondía, Freire, Rogers, Jung, Fassheber, Kylasov, dentre outros, são autores que me guiaram nas reflexões, enfatizando a experiência que dá significado e sentido à vida.

Conquistas pessoais-profissionais e coletivas reverberam uma Psicologia popular desde o início da carreira docente no CCIm/UFMA. Contribuições no campo da etnopsicologia e do etnoesporte me desafiam na maturação do pesquisador, bem como o desenvolvimento da

Psicologia Junguiana clínica e na educação de sensibilidades na região tocantina, no ecótono fronteiriço do cerrado-amazônico. Que tais memoráveis contribuições acadêmicas pessoais que trouxe acima possam vir a contribuir como pequena parte do grande legado institucional do próprio CCIm/UFMA

Processos de amadurecimento pessoal, colaborações coletivas e de internacionalizações foram realizados, bem como os dos demais colegas nativos ou migrantes que como eu aqui chegaram, se adaptaram e se desenvolveram. O brilho esforçado das graduações e das pós-graduações do CCIm/UFMA ganham reconhecimento da sociedade, e em especial no Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas, onde colaboro com a Psicologia da Educação, ressoam *experiências-sentido* e *educações-sensíveis* entre docentes, ingressos e egressos. Como na música *Lá Onde Moro* de Zeca Tocantins, seguimos sonhando na rede olhando o rio como botos pescadores-pesquisadores:

> Lá onde moro tem rio passando
> No terreiro tem boto pescando o dia inteiro
> E as águas convidam pra banhar
> Um peixe assando de longe a gente sente o cheiro
> Os barcos passando faz banzeiro
> Tem rede pra gente balançar…

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DO ESPORTE. **I Seminário Lutas e Artes Marciais: dimensões educacionais e formação humana**. Rio de Janeiro. Formato 3 Gráfica e Editora, 2018.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002/2017.

GOMES, Fabio José Cardias (org.). Dossiê: Etnoesporte e Jogos Indígenas e Tradicionais. **Revista Territorial**. Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2025.

KYLASOV, Alexey. **Ethnosport. The End of Decline**. In: Sport: Kultur, Veranderung / Sport: Culture, Change. Published by LIT Verlag, 2015.

FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. **Etno-Desporto Indígena**: a Antropologia Social e o campo entre os Kaingang. 1ª. ed. Brasília: Ministério do Esporte, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
JUNG, C. G. **O Desenvolvimento da personalidade.** Círculo do livro: São Paulo, 2013.
ROGERS, C. R. **Liberdade para aprender**. 2. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1972.

Dedico este relato aos professores do CCIm/UFMA que partiram cedo, em especial a Profa. Dra. Maria da Penha Nunes da Rocha (1957-2020, Jornalismo) e o prof Dr. Alexandre Batista Penido (1969-2025, Enfermagem).

BRINQUEDOTECA NO CCIM: UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE LEITORES

Maria Tereza Bom-Fim Pereira[1]

RESUMO

Em 2015, apresentei um projeto de extensão, regularmente cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), intitulado "Sexta básica: livros, brinquedos e brincadeiras". Um plano de trabalho foi elaborado prevendo dois encontros semanais às manhãs e tardes de sextas-feiras, na Brinquedoteca do Centro de Ciências de Imperatriz (CCIm). Duas turmas de Jardim II da Escola Municipal de Educação Infantil Juracy Athayde Conceição, compareceram à Unidade Prof. José Batista acompanhadas das professoras das classes. Eram situações reais da profissão nas quais graduandos de Pedagogia teriam apoio e atuariam sob a minha orientação. E assim ocorreu durante todo o segundo semestre de 2015. A referida proposta teve como principal objetivo desenvolver atividades diversificadas e integradoras com as crianças, utilizando a literatura infantil por meio de diversas linguagens: a oral, a corporal, o desenho, a escrita, os jogos e as brincadeiras. A literatura aborda assuntos contrastantes de nossa vida: a saúde e a doença; o bem e o mal; perdas e ganhos etc. Para a criança, os contos re(a)presentam fragmentos da vida em sociedade, do ambiente imediato ou longínquo, de situações reais ou imaginadas e/ou da própria fantasia. Através da leitura de textos literários, desejamos saber como se desenvolve na criança o entendimento de situações reais de perdas sofridas por ela, ou seja: algum objeto, brinquedo etc. Para a criança, os textos lidos e as histórias vividas se articulam? Elas conseguirão contar histórias inspiradas nos textos lidos e/ou baseadas nas suas histórias de vida? É possível perceber avanços nas diferentes formas de manifestação pela criança (oralizando, escrevendo, desenhando etc.)? Iniciativas dessa natureza reavivam e fortalecem o nosso compromisso social, que prima por uma educação pública de qualidade e inclusiva.

Palavras-chave: Brinquedoteca; Literatura infantojuvenil; Extensão; Universidade; Comunidade.

O LIVRO-DE-IMAGEM: UM FOCO ABERTO PARA O MUNDO

Inspirada na obra *O livro-de-imagem: um (pre)texto para contar histórias*[2], que foi o meu trabalho de mestrado, com primeira edição publicada no ano 2000, me serviu de inspiração para desenvolver essa proposta de trabalho. Com base na Semiótica, pretendi, por meio desta proposta de extensão, refletir, analisar e realizar diversas situações integradoras com uma prática educativa respaldada no núcleo da teoria de Vygotsky. Tomando como base a Semiótica, chamei de texto uma sequência de imagens que se tornou um pré-texto e um pretexto para contar histórias.

[1] Doutora em Educação (UFC), Professora Titular lotada no Curso de Pedagogia (UFMA/CCIm), desde 1998. E-mail: maria.tereza@ufma.br.

[2] **O livro-de-imagem: um (pre)texto para contar histórias** (4ª edição), Estampa Editora, 2019, Imperatriz (MA).

A proposta foi elaborada levando em consideração a seguinte estruturação: 1ª diretriz – a leitura como interação social – este é o momento da conversa, geralmente em roda, as crianças são estimuladas a dizer o que pensam, sentem e compreendem sobre o tema. É importante acrescentar que eu me sentia mais confortável fazendo pergunta diretamente a cada criança, dizendo o seu nome. Isto é bom para que as outras crianças, exercitem a escuta e saibam aguardar a sua vez de falar.

A 2ª diretriz – a leitura para a comunicação corporal e expressão gestual – esse é um momento em que a história se transforma em brincadeira, um momento propício para desenvolver diversas habilidades corporais em relação ao tempo do acontecimento (presente, passado, futuro) e no espaço (onde) e ainda noções de movimento – rápido, lento. Cada jogo e/ou brincadeira tinha de 'ornar' com o sentido da história.

A 3ª diretriz – a leitura que amplia os limites conceituais e de informação – caracteriza-se como um momento de expressão espontânea, no qual a criança reconta a história ao seu modo e de acordo com as orientações e estímulos recebidos. E a 4ª diretriz – a leitura como busca de sentido, de autocompreensão – Essa etapa do trabalho consiste em fornecer elementos, ou seja, propiciar condições para que a criança consiga relacione suas histórias de vida com as histórias lidas e/ou ouvidas.

Posso citar diversos recursos utilizados, de forma bem planejada, para cada encontro com as crianças. Cantigas bem conhecidas para elas, tais como: O cravo e a rosa; a barata diz que tem; cadê o toucinho que estava aqui; fui no Itororó. Diversos livros-de-imagem foram também utilizados, o que foi uma grande novidade (até para os adultos): Que planeta é esse?; História de Amor; Nas Asas do Aviãozinho (os três são de autoria de Regina Coeli Rennó). A Minhoca Valente, Corre-corre (ambos de Avelino Guedes). Diversas brincadeiras com o corpo foram realizadas com o intuito de exercitar os sentidos. Jogos verbais, para desenvolver o raciocínio, a expressividade oral, ou através de desenhos e na escrita da palavra. Vale enfatizar que as atividades eram pensadas sob diversas formas de linguagem: oral, escrita, desenhada, por meio de movimentos corporais, tudo de modo a facilitar a construção do sentido pela criança.

As crianças participantes pertenciam à classe de Jardim II, ou seja, elas estavam vivendo um processo de alfabetização. Sendo assim, a música, o jogo, a brincadeira eram sempre o mote para iniciar, dar continuidade e/ou encerrar um encontro.

DA LEITURA DOS LIVROS-DE-IMAGEM À LEITURA DA PALAVRA...

Aproximando-nos do desfecho deste relato, faz-se necessário reiterar que a concepção de leitura a que nos referimos ao longo desta experiência, é a leitura que extrapola a decifração do código linguístico. O ato de compreender o texto imagético (não verbal), o que começa antes da primeira página do livro e o transcende, indo além da última página. Um relatório foi feito após cada encontro semanal, como ponto de apoio não só para o redimensionamento das atividades, como também para oportunizar uma constante reflexão sobre a prática educativa.

Convém salientar que esta experiência que acabo de relatar ocorreu no período de agosto a dezembro de 2015. No ano seguinte, solicitei afastamento para o pós-doutorado. Mais de uma década se passou, hoje eu não encontro mais em meus materiais de trabalho, algum registro fotográfico e/ou escrito. No entanto, posso assegurar que essa vivência me inspirou a escritura de, pelo menos, dois artigos[3].

Lembro-me de que outras atividades foram realizadas em datas especiais, como uma no Dia da Criança, em que usamos o espaço ao ar livre, na Unidade Centro. Na época, este espaço era o estacionamento. Crianças de escolas vizinhas vieram participar.

Iniciativas assim são necessárias para o engrandecimento de nosso potencial cultural, artístico e educacional em nossa comunidade. Nessa perspectiva, cresce no coletivo - o individual, não o individualismo. Cresce a comunidade, ao confiar na educação superior como lugar de saber, cultura e envolvimento, gerando desenvolvimento.

Das atividades realizadas ao longo do semestre, foi possível perceber:

- As crianças demonstravam estar bem adaptadas ao espaço da brinquedoteca e de todo o câmpus;
- Elas participavam de maneira espontânea, sem precisar tanto da colaboração das professoras;
- O(a)s estudantes de Pedagogia (participantes) manifestavam grande interesse pelo que estava acontecendo;
- As professoras das classes (participantes), gradativamente iam se 'soltando', expressando seus saberes e/ou dúvidas, possivelmente, sentindo-se acolhidas, respeitadas e, quem sabe, cientes de que 'o bom professor é aquele que nunca para de aprender';
- A importância do planejamento e do relatório, para o redimensionamento de atividades que viriam a ser realizadas.

DA HISTÓRIA VIVIDA, O QUE PERMANECE VÍVIDO...

Esta experiência foi contada à luz de minhas lembranças, baseada no que continua vivo aqui dentro. Foi assim que eu fiz:pus-me a pensar, a ler meus escritos, 'a puxar pela memória', a retomar um tempo longínquo, e eu quase senti como se tivesse sido 'ontem', a instalação da brinquedoteca na Unidade Prof. José Batista (CCIm). Essa viagem ao passado, me permitiu avaliar o presente e vislumbrar um futuro mais condizente. Quero dizer que, mais do que recursos tecnológicos, precisamos investir no potencial humano, acreditar mais nos saberes experienciais, enxergar no ofício de ensinar, seu valor artesanal.

Esta experiência, como tantas outras, vem confirmar que a educação se faz no entrelaçamento de muitas vozes, de múltiplos saberes. E para que isto funcione, é preciso

[3] "Reinventando a Roda – da brincadeira à consciência", "A leitura nos dá asas"; são dois, dos quatro artigos que compõem a obra: Asas da Imaginação – Leituras sobre a criança que lê. A segunda edição é de 2022.

estabelecer um diálogo profícuo entre a universidade e a comunidade e, consequentemente, fortalecer vínculos, respeitar as diferenças, construir conhecimentos que transformem realidades.

Estamos vivendo um momento de celebração de mais de quatro décadas de trabalho oferecido à comunidade imperatrizense e região tocantina. Não nos desviemos de nossa missão: formar profissionais, cidadãos capazes de caminhar juntos.

IMPERASUS: ENTRE A UNIVERSIDADE E A COMUNIDADE, A CONSTRUÇÃO DE UM LEGADO DE EXTENSÃO NO CURSO DE ENFERMAGEM DA UFMA IMPERATRIZ

Richardson Lima Sousa[1]
Marcela de Oliveira Feitosa[2]
Francisca Jacinta Feitoza de Oliveira[3]

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo central resgatar, sistematizar e registrar a trajetória de criação, institucionalização e desenvolvimento do projeto "IMPERASUS: Extensão na Atenção Primária", vinculado ao Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de Imperatriz (CCim). A relevância da temática alicerça-se no contexto de comemoração do sexagenário da instituição e na política de curricularização da extensão universitária, instituída pela Resolução nº 2.503-CONSEPE/2022, que tornou obrigatória a destinação de 10% da carga horária acadêmica para ações extensionistas. O estudo justifica-se pela necessidade de evidenciar como a inserção de graduandos nos territórios do Sistema Único de Saúde (SUS) atua como um potente indutor de boas práticas profissionais e consolida uma visão crítico-política na formação em saúde. O escopo metodológico consiste em um relato de experiência descritivo-analítico e qualitativo, abrangendo o período letivo de 2025.1 a 2026.1, detalhando o percurso de uma equipe de três docentes e 36 discentes voluntários. A primeira fase envolveu o planejamento pedagógico e a elaboração de tecnologias educacionais adaptadas (folders, infográficos e simulações clínicas) com linguagem acessível. A segunda etapa englobou a execução de intervenções na Atenção Primária à Saúde (APS) por meio de parcerias com Unidades Básicas de Saúde (UBS), escolas, Fundação da Criança e do Adolescente (FUNAC) e o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). As ações englobaram demandas do calendário epidemiológico, incluindo rastreio de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), imunização, controle de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNTs) e saúde ocupacional. Os resultados evidenciaram que o uso de metodologias ativas resultou em uma maior integração entre os extensionistas e comunidades. Academicamente, o projeto propiciou o amadurecimento do raciocínio clínico-epidemiológico dos estudantes e fomentou a produção científica, resultando na submissão de dados empíricos em congressos nacionais, estaduais e locais. Conclui-se que a iniciativa atua de forma decisiva na consolidação das competências clínicas e gerenciais do enfermeiro na APS. A experiência demonstra que a extensão universitária revitaliza a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, democratiza o saber científico e reafirma o legado da UFMA como agente de transformação social na Região Tocantina do Maranhão.

Palavras-chave: Universidade; Extensão; Enfermagem; Atenção primária à saúde; Promoção da saúde.

[1] Graduando em Enfermagem pela Universidade Federal do Maranhão. E-mail: richardson.lima@discente.ufma.br

[2] Doutora em Ciências da Saúde, Docente do curso de Enfermagem (CCim/UFMA). E-mail: marcela.feitosa@ufma.br

[3] Doutora em Ciências da Saúde, Docente do curso de Enfermagem (CCim/UFMA). E-mail: fjf.oliveira@ufma.br

1 INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A curricularização da extensão na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) representa um marco histórico e pedagógico, institucionalizado pela Resolução nº 2.503-CONSEPE, de 1º de abril de 2022, que tornou obrigatória a destinação de no mínimo 10% da carga horária dos cursos de graduação para ações extensionistas (UFMA, 2022).É respaldado nessa reestruturação curricular e no compromisso social do Centro de Ciências de Imperatriz (CCim) que se insere o projeto "IMPERASUS: Extensão na Atenção Primária (IEAP)", idealizado em 2025 por docentes e discentes do curso de Enfermagem da UFMA.

A Atenção Primária à Saúde (APS), de acordo com a Política Nacional de Atenção Básica (PNAB), atua como coordenadora da assistência e ordenadora da Rede de Atenção à Saúde (RAS) (Brasil, 2017). Nesse nível de atenção, o enfermeiro desempenha um papel multifacetado, englobando assistência clínica, educação em saúde e gerenciamento das Unidades Básicas de Saúde (UBS) (Almeida; Lopes, 2019). A literatura aponta, ainda, que a autonomia profissional do enfermeiro na APS está diretamente relacionada à sua qualificação técnica e à adoção de práticas baseadas em evidências científicas (Báfica *et al.*, 2021; Pires; Lucena; Mantesso, 2022).

Todavia, a atuação prática requer aprimoramento constante, evidenciando a necessidade de aproximar os acadêmicos das realidades territoriais para a consolidação de uma visão crítico-política robusta (Alvarenga *et al.*, 2021). Nesse cenário, os projetos de extensão universitária atuam como verdadeiros indutores de boas práticas profissionais e gerenciais, permitindo que a formação em enfermagem supere o modelo estritamente biomédico e abrace a complexidade dos determinantes sociais em saúde (Thumé *et al*., 2018).

A partir desse diagnóstico, o IMPERASUS foi concebido com o objetivo central de suprir lacunas metodológicas no ensino, proporcionando aos estudantes de enfermagem da UFMA a compreensão aprofundada dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) e também sobre a atuação do enfermeiro na Atenção Primária à Saúde. O projeto foi devidamente submetido e aprovado institucionalmente sob o código PJ056-2025 no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), com vigência de execução para o período de 18/08/2025 a 01/10/2026.

A coordenação coube à Profa. Dra. Marcela de Oliveira Feitosa, com a vice-coordenação da Profa. Dra. Francisca Jacinta Feitoza de Oliveira, Colaboração da Profa. Dra. Renata de Cassia Coelho Pires e do coordenador discente Richardson Lima Sousa, congregando uma equipe de 36 discentes voluntários, todos vinculados ao curso de enfermagem e carga horária semanal de 14 horas, distribuída em frentes de ensino, pesquisa e extensão. Dessa forma, este relato visa registrar analiticamente as estratégias de implantação e os impactos multidimensionais dessa iniciativa, preservando a memória institucional do campus em seu marco comemorativo de sessenta anos de história e mais de quatro décadas de legado na Região Tocantina do Maranhão.

2 METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O presente estudo caracteriza-se como um relato de experiência de natureza descritivo-analítica, com abordagem qualitativa, fundamentado na vivência prática, observação e execução do projeto de extensão IMPERASUS. A fim de atender ao rigor processual, a narrativa metodológica delineia a sequência de acontecimentos desde a aprovação institucional até a inserção comunitária, detalhando os caminhos pedagógicos adotados no câmpus do Centro de Ciências de Imperatriz (CCim/UFMA).

A tramitação e estruturação do projeto obedeceram às diretrizes da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC). Os sujeitos envolvidos na concepção e operacionalização compuseram uma equipe executora liderada por três docentes (coordenação, vice-coordenação e colaboração) e 36 discentes voluntários do curso de graduação em Enfermagem. No que tange aos caminhos metodológicos adotados, o planejamento das atividades extensionistas foi estruturado em seis frentes de trabalho interdependentes (levantamento bibliográfico, planejamento de atividades, produção de material educativo, ações educativas, avaliação de efetividade e orientação científica). A execução foi conduzida em duas grandes etapas complementares: a fase de planejamento interno e produção didática; e a fase de intervenção de campo.

A primeira etapa (Produção de Material Educativo e Planejamento) concentrou-se no câmpus universitário e envolveu reuniões semanais da equipe para a revisão bibliográfica rigorosa acerca dos protocolos da APS e das necessidades sanitárias regionais. As ferramentas adotadas nesta fase consistiram na definição pedagógica do público-alvo, formulação de objetivos e criação de roteiros instrucionais. O processo incluiu o design e diagramação de ferramentas visuais, como folders, banners, infográficos, desenhados para traduzir termos técnicos complexos em uma linguagem fluida, acessível e objetiva, visando atender a populações de diferentes perfis sociodemográficos.

A segunda etapa (Intervenção na APS e Execução em Campo) consistiu na transposição e aplicação do conhecimento para as Unidades Básicas de Saúde, escolas da rede pública de Imperatriz. A seleção dos cenários de prática foi conduzida mediante pactuação com os gestores locais, análise epidemiológica da demanda territorial e viabilidade de espaço físico. Para a execução das intervenções, adotaram-se ferramentas metodológicas baseadas no aprendizado ativo: dinâmicas interativas, rodas de conversa horizontais, palestras dialogadas e oficinas práticas de verificação de parâmetros clínicos.

A sequência de acontecimentos foi continuamente monitorada por meio de reuniões periódicas entre a coordenação e os discentes, aplicando-se métodos de avaliação formativa e observação direta para validar o impacto das ações preventivas e assegurar o aperfeiçoamento contínuo das abordagens comunitárias.

3 RESULTADOS OBTIDOS, IMPACTO E APRENDIZADOS

A execução estruturada do IMPERASUS revelou impactos profundos, atuando na transformação da percepção clínica dos acadêmicos e no fortalecimento orgânico da relação intersetorial entre a universidade e os serviços do SUS. A inserção da equipe executora nos cenários reais do município de Imperatriz conferiu materialidade à promoção da saúde e prevenção de agravos. A sequência cronológica das intervenções, sistematizada no Quadro 1, evidencia as ações desenvolvidas.

Quadro 1 – Mapeamento cronológico das intervenções territoriais e estratégias de educação em saúde executadas pelo projeto IMPERASUS (2025.1 – 2026.1)

Data	Cenário de Prática	Eixo Temático	Público Alvo
27/08/2025	UBS Milton Lopes	Saúde da Mulher e ISTs	Gestantes e puérperas. Ação de rastreio e orientações preventivas na gestação.
18/09/2025	UFMA, Campus Bom Jesus	Cobertura Vacinal	Discentes e servidores. Triagem e imunização em massa (Tríplice Viral, Hep B, DT) com a Divisão Municipal.
29/09/2025	FUNAC	Setembro Vermelho	Adolescentes em cumprimento de medida. Roda de conversa sobre prevenção cardiovascular.
10/10/2025	Imperial Shopping	Outubro Rosa	População geral. Sensibilização e prevenção do câncer de mama e colo uterino.
25/11/2025	FUNAC	Novembro Azul	Adolescentes e servidores. Dinâmica de conscientização sobre saúde masculina e câncer de próstata.
05/12/2025	UFMA/CCim	Pesquisa e Extensão	Acadêmicos e pesquisadores. Curso teórico-prático sobre caminhos metodológicos e iniciação científica.
17/12/2025	UBS Milton Lopes	Dezembro Vermelho	Usuários da UBS. Educação sobre prevenção combinada, testagem e desconstrução do estigma do HIV.
06/03/2026	IEMA Imperatriz	Saúde do Adolescente	Alunos do ensino médio. Oficina interativa sobre direitos reprodutivos e prevenção da gravidez.
26/03/2026	Multicenter Sebrae	Disseminação Científica	Comunidade científica. Submissão e apresentação de trabalhos nos congressos de Saúde Coletiva da SES/MA.
24/04/2026	CRAS Bacuri	Prevenção de DCNTs	Famílias assistidas. Educação em saúde, aferição de PA, glicemia capilar e ginástica aeróbica.

16/05/2026	UFMA/CCim	Inovação em Enfermagem	Acadêmicos. Exposição tecnológica e debate sobre protagonismo estudantil na mostra do Centro Acadêmico.
22/06/2026	CEREST/Imperatriz	Saúde Ocupacional	Trabalhadores. Ação educativa focada na prevenção de lesões e promoção da qualidade de vida laboral.

Fonte: acervo IMPERASUS (2026).

Figura 1 – Intervenções territoriais do IMPERASUS: articulação do saber acadêmico com a promoção da saúde e rastreio clínico junto à comunidade assistida



Fonte: acervo IMPERASUS (2026).

No âmbito pedagógico, os aprendizados evidenciaram-se pela consolidação de competências que transcendem a matriz curricular convencional. O projeto permitiu o amadurecimento do raciocínio clínico-epidemiológico ao inserir ativamente os 36 acadêmicos na elaboração das dinâmicas ativas. Em ações como a desenvolvida no CRAS Bacuri e na UBS Milton Lopes, os discentes gerenciaram a abordagem a pacientes crônicos e gestantes, aperfeiçoando habilidades essenciais como a comunicação horizontalizada, o acolhimento empático e o manejo técnico de instrumentos (esfigmomanômetros e glicosímetros). Esse processo transformou o paradigma assistencial abstrato em uma responsabilidade palpável.

Para a comunidade e os serviços públicos de saúde, as estratégias aplicadas funcionaram como pontes intersetoriais, atuando na elevação dos indicadores de adesão terapêutica e na ampliação da literacia em saúde. O fomento à produção científica foi outra meta rigorosamente alcançada. O curso de metodologias de pesquisa ministrado em dezembro de 2025 subsidiou a inserção qualificada da equipe na geração de artigos, resumos e relatos primários, culminando em apresentações no 1º Congresso Internacional de Saúde Coletiva e no 3º Congresso Cuidar de Todos e 1º Congresso de Atenção Primária e Vigilância em Saúde da Região Tocantina do

Maranhão, fechando com excelência a tríade ensino-pesquisa-extensão.

Figura 2 – Indissociabilidade entre extensão e pesquisa: acadêmicos do projeto na disseminação do conhecimento científico em eventos regionais e capacitações de campo



Fonte: Acervo IMPERASUS (2026).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resgate analítico do projeto IMPERASUS corrobora o papel nuclear da extensão universitária na consolidação do patrimônio formativo e imaterial do Centro de Ciências de Imperatriz (CCim/UFMA). O desenvolvimento sistemático da iniciativa comprovou que a curricularização da extensão, legitimada e regulamentada pela Resolução nº 2.503-CONSEPE/2022, não se restringe a uma obrigação normativa, estabelecendo-se como uma política de vanguarda que revitaliza a formação em saúde, tornando-a crítica, humana e estritamente atrelada à realidade do Sistema Único de Saúde.

O IMPERASUS demonstrou que a inserção da universidade de forma horizontal e planejada nos equipamentos sociais descentraliza o acesso à informação e fortalece o controle social em saúde. Celebrar o sexagenário da Universidade Federal do Maranhão por meio do registro desta vivência é salvaguardar o compromisso histórico dos docentes e discentes do curso de Enfermagem de Imperatriz, que, dia após dia, contribuem ativamente para a melhoria dos determinantes de saúde da Região Tocantina do Maranhão, garantindo que o conhecimento gerado na academia cumpra seu objetivo de transformar realidades

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. C.; LOPES, M. B. L. Atuação do enfermeiro na atenção básica de saúde. **Revista de Saúde Dom Alberto**, v. 4, n. 1, p. 169-186, 2019.

ALVARENGA, J. da P. O. et al. Modelos de formação para a Atenção Primária à Saúde: evidências no contexto do Ensino de Enfermagem. **Enfermagem em Foco**, v. 12, n. 7 (Supl. 1), 2021.

BÁFICA, A. C. M. F. et al. Atenção primária à saúde abrangente: ampliando acesso para uma enfermagem forte e resolutiva. **Enfermagem em Foco**, v. 12, n. 7 (Supl. 1), 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 22 set. 2017.

PIRES, R. de C. C.; LUCENA, A. D.; MANTESSO, J. B. de O. Atuação do enfermeiro na atenção primária à saúde (APS): uma revisão integrativa da literatura. **Revista Recien - Revista Científica de Enfermagem**, v. 12, n. 37, p. 107-114, 2022.

THUMÉ, E. et al. Formação e prática de enfermeiros para a Atenção Primária à Saúde: avanços, desafios e estratégias para fortalecimento do Sistema Único de Saúde. **Saúde em Debate**, v. 42, p. 275-288, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Conselho de Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação. **Resolução nº 2.503-CONSEPE, de 1º de abril de 2022**. Regulamenta a inserção da extensão nos currículos dos cursos de graduação da Universidade Federal do Maranhão. São Luís: UFMA, 2022.

PELO INTERIOR, PELA MEMÓRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PRODUÇÃO DE UM LIVRO-REPORTAGEM COMEMORATIVO AOS 40 ANOS DA UFMA EM IMPERATRIZ

João Carlos Andrade Alcântara Sousa[1]

RESUMO

Este relato de experiência segue esse princípio ao descrever a trajetória de concepção, apuração e escrita do livro-reportagem "Pelo interior: 40 anos de UFMA em Imperatriz", produto experimental que reconstitui a instalação e a expansão do Centro de Ciências de Imperatriz (CCIM) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), a partir de fontes documentais e de entrevistas com professores, técnicos-administrativos e egressos. Percorre-se o caminho que vai da iniciação científica ao projeto de conclusão de curso, os métodos de entrevista qualitativa em profundidade e de análise documental empregados, os obstáculos impostos pela escassez de acervos e pela pandemia da Covid-19, e as escolhas editoriais que orientaram a escrita e o projeto gráfico da obra. Ao revisitar essas etapas, o texto evidencia como a construção de uma narrativa sobre a memória institucional é também, em si, um exercício de organização e de síntese, e reafirma a humanização como princípio central do trabalho jornalístico realizado.

Palavras-chave: Livro-reportagem; Memória institucional; UFMA; Interiorização; Jornalismo narrativo.

1 INTRODUÇÃO

Registrar a história de uma instituição de ensino superior no interior do Maranhão é tarefa que exige mais do que o levantamento cronológico de datas e resoluções administrativas. Exige, sobretudo, a disposição de ouvir, de esperar e de reconstituir, a partir de memórias fragmentadas, um patrimônio que o tempo e a escassez documental insistem em apagar. É dessa premissa que nasce este relato de experiência, construído a partir do processo de produção do livro-reportagem "Pelo interior: 40 anos da UFMA em Imperatriz", produto experimental que resultou de um projeto de conclusão de curso em Jornalismo.

A escolha do tema não foi arbitrária. Imperatriz, cidade que já concentrava expressiva pujança econômica na região do sudoeste maranhense, tornou-se, em 1981, a primeira unidade da Universidade Federal do Maranhão fora da capital, São Luís. Ainda assim, o histórico institucional dedicado a esse processo permanecia disperso, incompleto e, em boa medida, silenciado. Este relato busca sistematizar as reflexões, os aprendizados e os dilemas éticos e metodológicos vivenciados ao longo da produção de uma obra que se propôs a preencher essa lacuna, entrelaçando fontes documentais e testemunhos orais em uma narrativa jornalística de fôlego.

Mais do que descrever etapas, este texto pretende compartilhar uma experiência de

[1] Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal do Maranhão, Câmpus de Imperatriz. E-mail: alcantara.joao@alumni.ufma.br

apuração que se converteu, também, em experiência de formação profissional e humana. Ao reconstituir mais de quatro décadas de história por meio da voz de professores, técnicos-administrativos e egressos, foi possível compreender, na prática, o alcance do livro-reportagem como instrumento de preservação da memória institucional e como exercício de humanização do ofício jornalístico, tal como preconizam Ijuim (2012; 2017) e Medina (2003).

2 O PONTO DE PARTIDA: DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA AO LIVRO-REPORTAGEM

A gênese deste trabalho remonta a 2017, quando um projeto de iniciação científica, coordenado pelo professor Marcos Fábio Belo Matos, reuniu uma pequena equipe disposta a investigar os primórdios da presença universitária federal em Imperatriz. Àquela altura, a pesquisa se debruçava sobre o acervo de jornais impressos preservados na Biblioteca Pública Professor Oswaldo Ferreira de Carvalho e na Academia Imperatrizense de Letras, ao mesmo tempo em que se produziam as primeiras entrevistas em áudio e vídeo com personagens ligados à instalação do então Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia (CCSST), atualmente intitulado Centro de Ciências de Imperatriz (CCIm).

Herdar essa base de dados e transformá-la em um produto jornalístico de maior fôlego foi o desafio assumido ao ingressar no projeto experimental de conclusão de curso. Tratava-se de conferir organicidade a informações dispersas, tecidas por diferentes mãos e em diferentes momentos, e de somar a esse acervo novas entrevistas, capazes de atualizar a narrativa até os dias correntes. A experiência, portanto, não se iniciou do zero: ela nasceu do compromisso de dar continuidade a um esforço coletivo, o que impôs uma responsabilidade adicional, a de honrar o trabalho de quem já havia percorrido parte desse caminho.

Nesse sentido, a escolha pelo formato de livro-reportagem se justificou pela compreensão de que apenas um produto de maior extensão seria capaz de comportar a densidade de vozes e documentos reunidos. Como observa Lima (2009, p. 4), o livro-reportagem cumpre a função de preencher os vazios deixados pelos veículos de comunicação cotidianos, contribuindo para eliminar o aspecto efêmero da notícia. Foi exatamente esse caráter de permanência que orientou a decisão de transformar uma pesquisa acadêmica em uma obra destinada à comunidade universitária e à cidade.

3 O CAMINHO METODOLÓGICO: ENTRE ARQUIVOS E MEMÓRIAS

A produção do livro-reportagem articulou dois procedimentos jornalísticos fundamentais: a entrevista qualitativa em profundidade e a análise documental. A opção pela entrevista em profundidade, fundamentada em Duarte (2005), permitiu a elaboração de um roteiro-guia de questões-chave, capaz de orientar o diálogo com professores, ex-diretores, ex-estudantes e técnicos, sem, contudo, engessar a conversa. Ao final de cada entrevista, duas perguntas

se repetiam, indispensáveis para a construção do desfecho de cada capítulo: quais eram as melhores e as piores memórias vividas na universidade.

A adoção desse método revelou, na prática, o que Duarte (2005, p. 68) descreve como a possibilidade de interligar pedaços de fatos expostos de maneira fragmentada. Cada entrevistado contribuía com uma peça de um mosaico maior, e cabia ao repórter reorganizar essas peças em uma cronologia coerente, respeitando as singularidades de cada relato. Essa tarefa exigiu flexibilidade constante: perguntas eram desdobradas, reorganizadas ou reagrupadas a depender do fluxo de cada conversa, confirmando a advertência de Belo (2013) de que o roteiro inicial dificilmente é o mesmo com que se conclui a apuração.

Paralelamente às entrevistas, o trabalho documental impôs desafios de outra natureza. A pesquisa em jornais impressos como O Progresso, Correio Popular e Jornal Capital, somada à consulta de resoluções, portarias e relatórios institucionais, exigiu paciência diante de acervos incompletos, mal-conservados ou de acesso restrito. A análise desse material seguiu a orientação de Moreira (2005), que compreende a análise documental como processo de identificação, verificação e apreciação de fontes para uma finalidade específica. Mais do que localizar e organizar textos, imagens e registros sonoros, buscou-se contextualizar cada documento em seu tempo, atribuindo-lhe o peso histórico adequado.

A humanização, princípio defendido por Ijuim (2012; 2017), permeou toda essa trajetória metodológica. Aproximar-se das fontes exigiu o esvaziamento de pré-julgamentos e estereótipos, de modo a acolher cada testemunho em sua singularidade. Esse cuidado se mostrou decisivo em momentos de forte carga emocional, quando memórias de conquistas e de perdas pessoais se entrelaçavam à própria história institucional, confirmando a percepção de Moraes e Gouveia (2018) sobre a responsabilidade do repórter frente à representação humana de sentimentos e emoções.

4 OS BASTIDORES: DESAFIOS, ENCONTROS E A PANDEMIA

Se a metodologia forneceu a estrutura, os bastidores da produção revelaram a dimensão mais desafiadora da experiência. A escassez documental, identificada já na fase de iniciação científica, se acentuou ao longo da apuração. Instituições parceiras, como a Universidade Federal do Paraná (UFPR), responsável pela operação do Projeto Rondon em Imperatriz durante a década de 1970, guardavam um acervo significativo, mas de acesso limitado, restrito a fragmentos disponíveis em suporte digital. Já a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e o Sistema Integrado de Bibliotecas da própria UFMA pouco responderam às solicitações formais, contrastando com a prontidão da Superintendência de Comunicação, que compartilhou parte de seu acervo fotográfico.

A pandemia da Covid-19, entre 2020 e 2021, impôs a mais severa das interrupções. O fechamento de espaços de preservação documental, como a Biblioteca Municipal e a Academia Imperatrizense de Letras, suspendeu o acesso a fontes impressas. Ao mesmo tempo,

o distanciamento social dificultou o contato pessoal com os personagens da pesquisa, em sua maioria pertencentes a grupos de risco e pouco familiarizados com ferramentas digitais de comunicação. Diante desse cenário, foi necessário redirecionar parte da apuração para acervos digitais, como o do Grupo de Pesquisa em Jornalismo, Mídia e Memória (Joimp) e o do Arquivo Nacional, ampliando o alcance de informações sobre o período da ditadura militar sem, contudo, substituir o valor insubstituível do encontro presencial com as fontes.

Esses percalços, todavia, não impediram que a apuração revelasse, aos poucos, um patrimônio de memórias singular. O universo de personagens permaneceu restrito, condicionado pela idade e pela disponibilidade dos entrevistados, muitos dos quais continuaram vinculados ao Centro de Ciências de Imperatriz em diferentes funções ao longo de suas trajetórias profissionais. Esse entrelaçamento de papéis, longe de ser um obstáculo, tornou-se um recurso narrativo: personagens que foram estudantes tornaram-se docentes, e docentes tornaram-se gestores, compondo uma rede de relações que reforça a coesão da própria história institucional.

Entre os episódios mais emblemáticos dos bastidores, destaca-se o momento em que a professora Sirlene Menezes relembrou, emocionada, a invalidação temporária de seu diploma em Direito, obtido nos primórdios do curso. A escuta atenta e o cuidado em conduzir a entrevista sem interromper o fluxo de memória, ainda que diante do choro da entrevistada, ilustram a aplicação prática dos princípios da humanização defendidos por Ijuim (2017) e Medina (2003). Em contraponto, a comemoração da professora Franciana Pedrochi, da Engenharia de Alimentos, ao relembrar a conquista de editais de fomento à pesquisa, evidenciou a outra face dessa trajetória: a de superação e reconhecimento.

5 A ESCRITA COMO TECEDURA: PERSONAGENS, DOCUMENTOS E FORMA

Reunidas as fontes orais e documentais, o desafio seguinte consistiu em tecer, com esse material heterogêneo, uma narrativa una e coerente. A opção metodológica foi a de organizar o fluxo de memórias de forma cronológica e contextual, dividindo o livro em cinco capítulos correspondentes a distintos períodos da história do campus, do final da década de 1970, com o Projeto Rondon, até os desdobramentos mais recentes, incluindo a criação da Unidade Bom Jesus e a retomada da pauta pela desanexação administrativa do Centro de Ciências de Imperatriz.

Essa disposição cronológica buscou seguir os fundamentos de Lima (2009), que reconhece no livro-reportagem a possibilidade de conjugar profundidade extensiva e intensiva: de um lado, ampliar o volume de informações disponíveis sobre a história da instituição; de outro, propiciar uma análise multiangular de causas, consequências e repercussões dos fatos narrados. Também se procurou, como recomenda Catalão (2010), imprimir uma marca autoral reconhecível ao longo de toda a obra, ainda que fundamentada na colaboração de terceiros na apuração e no tratamento de imagens.

A escrita, nesse contexto, funcionou como um efetivo processo de costura. Cada capítulo reuniu, em um único texto corrido, os fragmentos de memória de personagens distintos,

entrelaçados às informações extraídas de resoluções, jornais e relatórios técnicos. O resultado buscado foi uma prosa fluida e contínua, características do jornalismo narrativo, capaz de transportar o leitor para o clima histórico de cada década sem perder o rigor da apuração factual.

Some-se a essa costura textual a dimensão gráfica do produto, também amadurecida ao longo da experiência. A escolha por uma identidade visual própria, distinta das diretrizes oficiais de marca da universidade, buscou dialogar com a arquitetura e a paleta cromática do próprio campus e da cidade, associando tipografias e cores capazes de expressar a sobriedade e a profundidade da narrativa. Tal decisão reforça a compreensão de que o livro-reportagem, mais do que um texto, é um projeto editorial integral, cuja forma também comunica sentido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de produzir o livro-reportagem ultrapassou os limites de um exercício acadêmico de conclusão de curso. Tratou-se, antes de tudo, de um processo formativo que reafirmou, na prática, os fundamentos teóricos do livro-reportagem e do jornalismo humanizado, tal como discutidos por Lima (2009), Belo (2013), Catalão (2010), Duarte (2005), Ijuim (2012; 2017) e Medina (2003). A convivência com fontes documentais escassas e com memórias por vezes dolorosas exigiu, além de rigor metodológico, sensibilidade e responsabilidade ética diante das histórias compartilhadas.

Os desafios enfrentados, da fragmentação dos acervos institucionais à interrupção provocada pela pandemia, não impediram a conclusão de um produto inédito, capaz de consolidar um patrimônio memorialístico até então disperso ou inexistente. Mais do que registrar datas e resoluções administrativas, a obra buscou dar voz às pessoas que, ao longo de mais de quatro décadas, construíram a trajetória do Centro de Ciências de Imperatriz, reconhecendo nelas a própria substância da história institucional.

Este relato de experiência, portanto, pretende contribuir para reflexões futuras sobre a produção de livros-reportagem de temática histórico-institucional, especialmente em contextos regionais marcados pela escassez de fontes preservadas. Espera-se, ainda, que a experiência aqui compartilhada estimule novos pesquisadores e comunicadores a investir na preservação da memória de suas próprias instituições, reafirmando o compromisso do jornalismo com a construção e a guarda da história.

REFERÊNCIAS

BELO, Marcos Fábio. **Jornalismo e literatura**: a experiência do livro-reportagem. 2013.

CATALÃO JÚNIOR, Antônio Heriberto. **Jornalismo Best-seller**: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo. 2010. 252 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62-83.

IJUIM, Jorge. **Humanização e desumanização no jornalismo**: algumas saídas. Revista Comunicação Midiática, v. 7, n. 2, maio/ago. 2012.

IJUIM, Jorge K. **Por que humanizar o jornalismo (?)**. Revista Verso e Reverso, Florianópolis, v. 31, n. 78, p. 235-243, 2017.

LIMA, Edivaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri: Manole, 2009.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: jornalismo e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MORAES, Fabiana; GOUVEIA, Diego. **Para além do robô, a reportagem**: pavimentando uma metodologia do jornalismo de subjetividade. In: MAIA, Marta; MARTINEZ, Mônica (org.). Narrativas midiáticas contemporâneas. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2018.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

SEÇÃO III



Dia do Servidor na Unidade Prof. José Batista. Fonte: Site da UFMA (2025).

DEPOIMENTOS, VÍNCULOS E MEMÓRIA

UM RESGATE HISTÓRICO DO PIONEIRO DA UFMA IMPERATRIZ: JOSÉ RODRIGUES LIMA

Joana Damasceno Pinto Lima[1]

É uma honra, como egressa da UFMA em Serviço Social e Direito, participar desta produção científica e de resgate institucional daqueles que contribuíram para esta comemoração de seus 60 anos, nosso Jubileu de Diamantes.

Por reflexo, fui integrante desta trajetória, oportunidade pelos idos de 1980. O magnífico, combativo e visionário reitor, Dr. Cabral Marques, instaurou uma portaria determinando a interiorização com a implantação dos cursos de Direito e Filosofia na Região Tocatina, estabelecendo ao funcionário José Rodrigues Lima, habilitado em Comunicação Social, a árdua e proveitosa tarefa, cuja missão viria a impactar a nossa própria família.

Partiu levando a citada portaria nas mãos e perspectivas aos desafios. Imperatriz era uma cidade promissora, mas a universidade pública ainda parecia distante para muitos sedentos candidatos da região. Apenas a coragem de começar da UFMA e o perfil proativo do indicado chegaram lá. Tive que me deslocar de São Luís para acompanhá-lo em transferência para o INSS, onde exercia o cargo de Assistente Social. Acompanhei de perto cada etapa. Vi Direito e Pedagogia se tornarem realidade com suas primeiras aulas em sala cedida do Colégio Graça Aranha e, graças à intervenção e pedido do José Rodrigues, a UFMA foi contemplada com a doação de áreas para possibilidade de construção em sede própria por um casal de fazendeiros e escritores não levada a efeito, muito trabalhado na época.

Foram anos de intenso trabalho e produtividade acadêmica. Recebíamos e ciceroneávamos os professores de São Luís que ministravam os módulos, a exemplo: Desembargador Castro, Professor Expedito Alves de Melo, Agostinho Ramalho, Alaide Pavão, Ericera, Sebastião Duarte e tantos outros, especialmente, Professor Aldy Melo sempre envolvido com essa nobre causa.

Nesse processo cultural, recordo da presença amiga do Dr. Fiquene, educador, além do entrosamento permanente com D. Arquimedes Maranhão e Luís Carles, representantes do Projeto Rondon do Paraná em atividades afins. Havia parceria em atividades correlatas com reuniões integradas, que envolvia a natureza do Rio Tocantins, visitas in loco da região Xambioá, etc., UFMA x Paraná.

Foi também em Imperatriz que nasceram nossas filhas, e por isso essa história é, para nós, também pessoal. Nossas meninas crescem sabendo que seu pai ajudou a construir algo maior do que ele mesmo. Hoje também egressa da UFMA, a primeira, Joseana, funcionária do

[1] Mestre em Administração pela Universidade FUME-MG. Professores em Nível Superior, Serviço Social e Direito, todos pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Advogada OAB/MA 3.915. E-mail: joanadamascenop07@yahoo.com.br

Tribunal de Justiça (atualmente à disposição do Supremo Tribunal de Justiça - STJ) e Naiana Rodrigues, servidora da Justiça Federal do Maranhão.

Quando o Ministério da Educação o convidou para exercer um cargo de grande importância, foi justamente em virtude do seu dinamismo à frente da UFMA O que mais me emociona é ver que a semente plantada naquele começo não parou de crescer. Nesses anos, a UFMA em Imperatriz só avançou: ganhou estrutura, ampliou seu alcance, fortaleceu sua presença na região e chegou a um marco que parecia quase impossível, mudando o horizonte de uma cidade e de toda a macrorregião e excelência acadêmica.

Por isso, quero parabenizar a equipe responsável por essa trajetória e mantiveram vivo o compromisso de fazer da universidade um instrumento de transformação. Seus registros estão nas memórias dos alunos e no que a UFMA tem de legado não está só nas paredes, está nas pessoas que passaram por ali e seguiram transformando, a exemplo do egresso Juiz Milvan Gedeon.

São divagações como esposa, testemunha e admiradora. Meu marido partiu levando uma portaria e deixou uma universidade. Mas o mérito não é de uma pessoa só: é de uma construção coletiva, feita por muitas mãos, que continua a crescer, — inclusive eu, hoje pertencente à geração prateada, aos 77 anos, tema do meu mestrado sobre envelhecimento global com o uso do método 'Retrato de Vida', identificado nesta fala universalmente utilizada Neste evento, louvo seus empenhados organizadores pela buscas de localização de seus integrantes pioneiros, a exemplo de Lígia Guimarães, que diligenciou até o STJ, em prol deste objetivo comemorativo que homenageia os pioneiros.

Que a UFMA, em qualquer torrão maranhense, especialmente em Imperatriz, siga abrindo portas, formando cidadãos e honrando a história de quem acreditou nela desde o princípio.

Com gratidão e orgulho, Joana Damasceno, esposa, em resgate histórico do pioneiro da UFMA - Câmpus Imperatriz: **JOSÉ RODRIGUES LIMA**.

DA MEMÓRIA À HISTÓRIA, UM RESGATE SEMPRE ATUAL...

Maria Tereza Bom-Fim Pereira[1]

O MEU SIM À UFMA FOI HÁ 28 ANOS...

Sabemos que nossos pensamentos vão se constituindo à medida que nossas inquietações e questionamentos vão se reorganizando, se reestruturando numa dinâmica contínua e gradual. O processo de construção do conhecimento, a elaboração de teorias se dá por meio da observação, reflexão, escuta, vivências e intuições. Pois estas vão muito além de simples divagações ou achismos infundados.

Meu intento na elaboração deste texto-memória é trazer à baila um passado. Um passado presente nas lembranças que carrego dos 'meus' 28 anos de atuação profissional com dedicação exclusiva (DE), na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), especificamente, no Centro de Ciências de Imperatriz (CCIm). Bem mais do que contar sobre 'meus ditos e feitos', quero testemunhar o que constitui a minha mais autêntica vocação - Ser Professora!

Meu sim à UFMA, foi há 28 anos. Em junho de **1998**, participei de um concurso para professora do curso de Pedagogia da UFMA (câmpus II). Naquela época, não havia mestres na cidade. Eu havia concluído o curso de mestrado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em São Paulo.

Em **1999,** trabalhei como subcoordenadora do curso de Especialização em Metodologia do Ensino Superior - Cemes, na UFMA (*campus* de Imperatriz). Tivemos mais de cem candidatos e duas turmas foram formadas, perfazendo um total de 72 estudantes. Como para exercer a subcoordenação era exigido mestrado, assumi essa função e tive a oportunidade de ministrar parte da disciplina Didática, juntamente com a Mestra Lílian Leda Saldanha, efetiva do quadro de professores da UFMA de São Luís (MA).

Em **1999 e 2000**, realizei oficinas de leitura e escrita literária para graduandos de Pedagogia. Essas oficinas aconteciam uma hora antes do início das aulas, na turma em que eu ministrava a disciplina de Fundamentos e Metodologias do Ensino de Língua Portuguesa. Organizei e ministrei um curso de extensão – "*O livro-de-imagem: estratégias para leitura e escrita*" – para duas turmas de professores da rede pública municipal. Foram mais de cinquenta participantes.

Trabalhei no programa Alfabetização Solidária, em duas ocasiões: no câmpus da UFMA, em Imperatriz, em **1998**, quando esse programa estava ainda em fase inicial de desenvolvimento em todo o país, em parceria com instituições de ensino superior.

Em **2007**, ministrei aulas para alfabetizadores do Alfabetização Solidária, no distrito de Pequiá, em Açailândia (MA).

[1] Doutora em Educação (UFC), Professora Titular lotada no Curso de Pedagogia (UFMA/CCIm), desde 1998. E-mail: maria.tereza@ufma.br.

De **2001 a 2004,** morei em Fortaleza (CE), para cursar doutorado em Educação Brasileira - área de concentração: Pensamento, Linguagem, Educação da Criança e Formação de Professores, na Universidade Federal do Ceará (UFC). Tive direito ao afastamento remunerado e recebi uma bolsa de estudos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

No período de **2005 a 2007**, assumi a subcoordenação do Mestrado em Educação, no *campus II* da UFMA, em Imperatriz, atendendo à solicitação do diretor, na época o Prof. Dr. Antônio Jeferson de Deus Moreno. Para assumir essa função, era preciso possuir doutorado.

De **2007 a 2009**, fui coordenadora do curso de Pedagogia, uma experiência importante e desafiadora, já que boa parte do trabalho era cumprido de forma manual, pois havia poucos recursos tecnológicos.

Em **2012**, foi realizada a 1ª Amostra Artística Educacional (AmAE) com a turma a que eu ministrava a disciplina Arte e Educação. Senti que era importante elaborar um roteiro constituído de orientações para facilitar a compreensão e o envolvimento da turma na concretização da proposta.

Em **2025**, foi realizada a VI AmAE, no auditório do CCIm. Música, Dança, Literatura, Teatro, Pintura, Escultura e outras modalidades do fazer artístico são contempladas em cada edição.

Foi em **2014** que a Brinquedoteca do curso de Pedagogia foi criada. Os professores participaram alegremente, cada um(a) doava alguma coisa: brinquedos novos e/ou bem conservados; peça de mobiliário, tatame, pufe; livros e o que mais fosse necessário. Nesse período eu só voltava pra casa para dormir (risos) pois, sempre havia o que fazer no espaço. Lembro-me de ter levado muitos objetos de minha casa, além de centenas de livros de literatura (livros-brinquedo, os de tipo *pop-up*, livros-de-imagem e outros livros ilustrados e de textos curtos que mais agradaria às crianças pequenas). A Brinquedoteca tornou-se um lugar de visitação para estudantes dos diversos cursos, e principalmente para os graduandos de pedagogia. Mediante agendamento, cada professor(a) poderia utilizar o espaço, com o intuito de enriquecer sua experiência educativa.

Em abril de **2016,** solicitei à UFMA licença-capacitação seguida de afastamento por um ano para cursar o pós-doutorado na Unesp/Araraquara (SP). Sob a supervisão da Profª Drª Maria do Rosario Valencise Gregolin, realizei o trabalho científico intitulado "A Literatura Infantil para maiores de dezoitos anos - Sob a ótica da análise do discurso foucaultiano". No Simpósio Latino-Americano de Estudos Linguísticos, na Universidade de Santiago, Chile, realizado em outubro de 2017, apresentei o seguinte trabalho: "Inês, de Roger Mello e Mariana Massarani - o melhor livro para criança em 2016". Um artigo com o mesmo título foi publicado na *Revista Latino-Americana de Estudos Literários - RALED*, em 2018.

No biênio **2018/2019,** atuei como supervisora no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, com o projeto: *Letramento: uma proposta de (des)envolvimento para crianças e professores*. Foi formada uma turma de vinte e quatro graduandos de Pedagogia

e atendemos a três escolas públicas municipais em Imperatriz.

De 17 de março a 8 de setembro de **2020**, tivemos uma paralização do trabalho presencial na UFMA, devido à Covid-19. Em 9 de setembro de **2020**, retornamos ao trabalho, na modalidade remota.

Em **2021,** continuamos com o trabalho *online*, ao mesmo tempo em que buscávamos ajustar o calendário da universidade. A partir de **2022**, o trabalho na UFMA voltou a ser presencial. Tivemos uma greve de 75 dias em **2024**, de 15 de abril a 30 de julho.

Em **2018**, participei das reuniões de planejamento e elaboração de ementas de disciplinas, relacionados com a implementação do Mestrado em Educação e Práticas Educativas (PPGFOPRED), integrado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEPE), em nossa Unidade Prof. José Batista(CCIm). Embora eu tenha participado desse momento inicial, não senti o chamado a trabalhar com a pós-graduação. Sinto-me mais atraída e realizada com o trabalho que faço na graduação, as disciplinas que me permitem fazer uma articulação maior com a rotina escolar, por meio do estágio, as atividades práticas com arte e educação etc.

Acerca do currículo de Pedagogia, há um aspecto importante a destacar: a disciplina Literatura Infantil consta em nosso Projeto Pedagógico de Curso (PPC), como disciplina optativa, no rol dos Estudos Diversificados. Em outubro de **2024**, em reunião do Núcleo Docente Estruturante (NDE), do qual faço parte, defendi veementemente que a Literatura Infantojuvenil seja instituída como disciplina obrigatória. Por decisão em assembleia, em breve isto será realidade.

DO MESTRADO AO PÓS-DOUTORADO – LIVROS PUBLICADOS

A seguir, exponho uma síntese do conteúdo de cada livro, deste modo, confirmo minhas intenções, propósitos e posturas que adoto na prática educacional:

1. BOM FIM, Tereza. **O livro-de-imagem:** *um (pre)texto para contar histórias*[2]*,* 4ª ed. Imperatriz: Estampa Editora, 2019. (Dissertação de mestrado.)

Se "são as perguntas que movem o mundo", a busca de respostas é o que dá sentido à atividade investigativa. E, sendo assim, lancei as seguintes questões: Que contribuição a leitura do texto não verbal pode oferecer ao desenvolvimento da oralidade da criança? Por se apresentarem sob a forma de narrativa, a leitura dos livros-de-imagem facilita a ordenação do pensamento da criança? Como são empregadas por ela as noções de espaço e tempo? Elas conseguirão perceber os componentes estruturantes de uma narrativa (introdução, desenvolvimento e desfecho) a partir da leitura desses livros?

[2] Em 2001, essa obra recebeu menção honrosa: "Livro Altamente Recomendável na Categoria Teórico", por meio do Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ.

2. BOM FIM, Tereza. **A Literatura Infantil para maiores de dezoito anos** – *Sob a ótica da análise do discurso foucaultiana*. Imperatriz: Estampa Editora, 2019. (Relatório Científico pós-doutorado).

À luz do que Foucault chama de "a ordem do discurso", indago: De que forma os leitores votantes modalizam aspectos que dizem respeito às concepções de leitura e de criança? Eis que estão na ordem desse discurso os seguintes pressupostos: i) os leitores votantes são considerados sujeitos competentes para assumir a palavra em relação a uma literatura de boa qualidade; ii) seus pareceres constituem acontecimentos discursivos; e iii) todo enunciado tem uma materialidade.

3. BOM-FIM, Tereza. **Professor-leitor:** *de um olhar ingênuo a um olhar plural*, 2ª ed. São Luís: Viegas Editora, 2022.

Nessa pesquisa, busco analisar as situações de leitura e escrita vividas pelas professoras, quando crianças, no contexto familiar e escolar. Reflito acerca da repercussão que essas experiências poderiam ter no desenvolvimento do trabalho pedagógico. Os dados colhidos me forneceram bases para buscar respostas para as seguintes indagações: (I) Que situações de leitura e escrita viveram as professoras, da infância à prática profissional? (II) De que maneira as professoras conduzem o trabalho de leitura e escrita com as crianças e de que modo elas articulam, na prática pedagógica, os saberes de formação e experienciais? (III) Essa proposta de leitura da literatura infantil que visa explorar as relações intertextuais pode contribuir para a formação do professor-leitor?

4. TÉKA, Bõm Fim. **Um lobo total mente mau?** São Luís: Viegas Editora, 2021.

Teço considerações acerca da literatura infantil, com ênfase nos livros-de-imagem. Discorro sobre a educação da criança no tocante ao ensino da arte e destaco o valor dos brinquedos e brincadeiras. Compartilho conhecimentos, ideias e experiências com quem lida com a leitura e a escrita da criança.

5. BOM FIM, Tereza. **Asas da Imaginação:** *leituras sobre a criança que lê*, 2ª ed. São Luís: Viegas Editora, 2022.

Na segunda edição, trago reflexões que fazem uma incursão intertextual no objeto texto, para, além da leitura do conteúdo, lermos o plano da expressão.

6. TÉKA, Bõm Fim. **Ditos e feitos**. São Luís: Viegas Editora, 20221. (Diversos

poemas.)

Esse é meu primeiro livro de poemas. A escolha do título se deve às lembranças dos dizeres de minha mãe de quando eu era uma menina sapeca, tal como retrato na dedicatória: Minha mãe sempre dizia -- Dito e Feito! Bem Feito! Justamente, quando algum malfeito eu fazia. Este livro é pra senhora, mãe, com gratidão e alegria!

7. AURORA, Bella. **À Flor da Pele**. Viegas Editora, São Luís, 2022. (Narrativa em versos)

Quando eu era uma menininha de mais ou menos três anos de idade, sentar-me no colo de minha avó Bela era uma curtição... Eu passava horas 'viajando' por entre as nervuras de sua pele engelhada... Foi a lembrança desse episódio que me trouxe os versos que compõem essa narrativa.

8. TÉKA, Bõm Fim. **Parte de mim, o Sim!** Viegas Editora: São Luís, 2023. (Narrativa em versos.)

Meu décimo livro traz uma narrativa sensível, delicada, intimista. Cada verso representa uma parcela do que estava oculto em mim. Uma oportunidade de revisitar lugares, sentimentos e emoções que estavam nebulosos interiormente.

9. AURORA, Bella. **Você sabe, você viu?** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2023.

Nesse livro de texto rimado e belas aquarelas de Cris Eich, o leitor vai conhecer uma vaca mansa, sorridente e formosa que deseja se casar. Os textos – verbal e não verbal, fazem referência ao Bumba-meu-boi, que acontece nos meses de junho e julho no Maranhão; e à festa popular do Boi-bumbá, que ocorre no Festival de Parintins (AM) em junho.

Antes de finalizar este texto, quero dizer que ele se abre para diversas possibilidades de aprofundamento e ampliação. Pois, dentro de mim moram muitas histórias, e eu não paro de escrevê-las, isso é o que me faz viver. Cada história que escrevo revela a poesia que vem brotando em mim, singela, como um novelo que se vai desenrolando pelo caminho do autoconhecimento...

REMINISCÊNCIAS DE UMA EGRESSA DO CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ

Lucivania Silva de Melo[1]

A chegada da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) na cidade de Imperatriz foi um acontecimento que movimentou o meio educacional no início da década de 1980. Eu ainda estava na educação básica e os professores começaram a noticiar e incentivar seus alunos a fazer vestibular quando chegasse o momento. Recordo que uma professora dizia: "Não importa o curso, se não tem o que você pretende fazer, faça o que está sendo oferecido". E, assim, fui sendo convencida a escolher o que tinha na cidade para dar continuidade aos estudos, visto que nem a Universidade Federal, nem a Estadual, presentes com seus câmpus na cidade de Imperatriz, ofereciam o curso por mim pretendido. E, assim, ao concluir o Ensino Médio (2º grau) fiz o vestibular para o curso que mais se aproximava do que pretendia, Pedagogia. Infelizmente, não consegui aprovação nessa primeira tentativa. Logo após, no ano seguinte, quis fazer outra tentativa, no entanto, o curso de Pedagogia não foi oferecido. Passaram-se alguns anos e tive notícias que a UFMA havia voltado a oferecer vagas para o curso de Pedagogia.

Foi, então, que em 1992 consegui aprovação para um curso superior, e esta foi uma das maiores conquistas e realização pessoal naquele momento da vida. Eu mal acreditei quando vi meu nome estampado no jornal impresso. Após muito esforço, eu estava iniciando o curso de Pedagogia na Universidade Federal do Maranhão – Câmpus Imperatriz. Segundo a ideologia dominante, curso superior era privilégio dos que detinham o poder cultural e econômico, principalmente em se tratando de instituição pública federal. A educação básica formal, em instituição pública, era forjada para que se cumprisse essa ideologia. E eu havia rompido essa bolha! A construção de saberes é uma via de mão dupla, visto que favorece a construção pessoal e coletiva nos dois sentidos. Ressaltando, ainda, que a possibilidade de fazer um curso superior em uma instituição pública federal que tem reconhecimento social da qualidade da formação profissional que oferece, favorece ao sujeito dar um salto na sua qualidade de vida, visto que lhe oportuniza adquirir uma formação consolidada na área de conhecimento escolhida e concluída, podendo buscar no mercado de trabalho oportunidade de ocupação em emprego digno, elevando seu nível de entendimento do mundo, seu padrão de vida nos vários aspectos. E a UFMA representa exatamente tudo isso. Fiquei muito feliz por iniciar a realização de um sonho que havia sido adiado.

Este fato me faz recordar toda uma trajetória anterior a esse período. Sou fruto de uma fase da história em que se vivia a "pedagogia do medo", marcada pela repressão imposta pela Ditadura Militar. A escola era o lugar em que, via de regra, se "domesticavam" os seres humanos, dos quais havia sido retirado o direito de conhecer a verdadeira história do seu país, ficando velada, escamoteada, e a escola exercendo o papel de aparelho ideológico do Estado, servindo

[1] Mestra em Educação. Técnica em Assuntos Educacionais CCIM/UFMA. E-mail: lucivania.melo@ufma.br

quase que exclusivamente ao poder dominante estabelecido. Apesar de vivenciar essa realidade na prática, somente quando cheguei à UFMA, estudando a história da educação, a sociologia, a filosofia consegui me apropriar dos conceitos e teorias que envolvem essa realidade e suas subjetividades. Hoje, como egressa, reconheço o legado construído pela Universidade Federal do Maranhão ao longo das últimas quatro décadas de sua presença no município de Imperatriz (MA).

Ainda recordando os tempos da educação básica, na universidade entendi que a educação escolar, especialmente a básica, contribuía para a passividade, não trabalhava com a intencionalidade de desenvolver o senso crítico. Porém, a dialética também se fazia presente naquele chão, e o desejo natural de forjar-se como sujeito das próprias ideias fazia surgir pessoas, grupos, que desafiavam a "ordem estabelecida", questionando e se indignando com o que estava posto, e em suas inquietações buscavam fazer história, tornando-se sujeitos dela. Geralmente estavam envolvidas com grupos religiosos da Igreja Católica, lugar onde ainda se ousava sonhar com a liberdade de expressão e discutir meios para garantir os direitos do cidadão. E foi nesse espaço que boa parte da minha formação para a cidadania aconteceu. No entanto, a consolidação das convicções, construção e apropriação de conceitos ocorreram na academia, a UFMA garantiu todo esse aprendizado.

Conforme iniciei esse relato sobre a chegada da universidade em Imperatriz, e a minha chegada nela, consegui ingressar na UFMA no segundo semestre de 1992, começava orgulhosa a estudar em uma instituição de educação superior. Aqui cabe um parêntese. Apesar de já conhecer a estrutura física do Câmpus de Imperatriz por fora, foi somente quando entrei como acadêmica que observei o quanto a construção não condizia com o significado que certamente aquele lugar tinha para mim e para todos que estavam ingressando. Era um espaço improvisado, um conglomerado de pequenas salas construídas de madeira. Carteiras desconfortáveis, salas de aula somente com ventiladores e em quantidade insuficiente para refrescar e reduzir o calor. Situação que impulsionou a minha turma a buscar melhorias, juntamente com colegas das outras turmas e cursos. E muita coisa aconteceu durante os cinco anos de estudo, e ajudamos a promover melhorias em nosso Câmpus, em nossa Universidade que muito nos orgulhava.

Logo no primeiro ano de estudo percebi que a licenciatura em Pedagogia era um excelente curso e que eu poderia me tornar uma profissional competente da área educacional. Que poderia trabalhar na perspectiva do desenvolvimento do senso crítico dos sujeitos educandos, buscando mostrar a realidade vivenciada e apontando para a que se desejava alcançar. Que poderia contribuir com a mudança que se pretendia após tantos anos de "mordaça", tantos anos de Ditadura Militar. Assim, procurei me dedicar ao estudo das disciplinas e sempre me envolvi nas questões da universidade, tanto pedagógicas e estruturais quanto políticas. E a universidade respondeu prontamente, suprindo as necessidades e lacunas deixadas pela educação básica. Como sou oriunda da escola pública, sendo toda minha formação educacional construída nesse espaço, muito cedo decidi que meu trabalho como profissional da educação seria naquele lugar que me possibilitou galgar novos horizontes, que daria minha contribuição profissional em

instituições públicas.

Durante todo o curso, empenhei-me para que se cumprisse aquele desejo, pois queria dar o melhor de mim como profissional da educação, de modo que pudesse contribuir com muitas crianças, jovens e adultos a conseguir mudar os rumos da sua história por meio da educação formal. E foi com esse propósito que ao longo da faculdade fui me engajando nos mais diversos eventos e oportunidades que entendia serviriam para meu crescimento pessoal e profissional. Nessa construção passaram por mim muitos profissionais que contribuíram muito nesse processo, dentre eles, recordo os professores Vito Milesi (in memoriam), José Batista (in memoriam), Francisco Almada, as professoras Simone Omizzolo, Francimar Carvalho, Lélia Cristina e tantos outros. Todos comprometidos com seu ofício e com a Universidade Federal do Maranhão – Câmpus Imperatriz, deixando um legado de honestidade e profissionalismo para seus estudantes.

Em 1995 participei de um projeto, fruto de uma parceria entre UFMA e Ministério da Educação (MEC), juntamente com uma professora do curso de Pedagogia, ministrando o curso de Produção Textual, para professores da rede estadual de ensino, atuantes no ensino fundamental. Foi possível conhecer e conviver mais de perto com o ambiente de trabalho para o qual estava me preparando para atuar. Neste mesmo ano o curso de Pedagogia, por meio do Centro Acadêmico, iniciou a realização da Semana da Pedagogia. A primeira com o tema: Educação: alternativa ou continuidade...? E tornou-se um evento anual da instituição.

Busquei estar envolvida nestes momentos que foram ricos de aprendizagem e crescimento pessoal e acadêmico. Durante os cinco anos que estive na graduação o curso de Pedagogia conseguiu movimentar, levar a universidade à comunidade. Apesar de após graduada não me conceber pronta e sentir necessidade de estar em permanente aprimoramento e ampliação dos conhecimentos, reconheço que estes foram anos de muita aprendizagem e realizações, e, a Universidade Federal do Maranhão – Câmpus Imperatriz, me possibilitou superar limites e potencializar habilidades e competências, sempre acreditando no potencial dos seus acadêmicos. Ingressei na docência antes mesmo de concluir a graduação, buscando me manter fiel a tudo que aprendi com os mestres de excelência que compõem o quadro desta instituição, e mantendo a convicção de que a permanente formação é fundamental para o exercício consciente e competente da profissão escolhida. Minha identidade profissional foi construída ao longo da formação acadêmica. Mediante tudo isso, ao comemorar seis décadas de existência no Maranhão e mais de quatro décadas em Imperatriz, é importante resgatar as contribuições e o legado que a instituição tem deixado ao longo dos anos no desenvolvimento da sociedade imperatrizense e da Região Tocantina do Maranhão, bem como, para a formação pessoal dos sujeitos que passam por esta instituição de ensino superior.

Retornei à Universidade Federal do Maranhão, Câmpus Imperatriz, em março de 2007, dessa vez fazendo parte do quadro de servidores, após aprovação em concurso público, ocupando o cargo de Técnico em Assuntos Educacionais. Até aquele momento não existia nenhum profissional ocupante desse cargo neste Centro, visto que esse era um cargo novo na

educação superior, mas o Centro se encontrava em expansão com a implantação de novos cursos e ampliação do seu quadro de servidores. Este foi outro momento de grande realização pessoal e profissional. Apesar de ainda não contar com grandes mudanças na estrutura física, muita coisa havia melhorado por aqui! Esse reencontro foi marcante na minha trajetória profissional. Este legado é motivo de orgulho por proporcionar a possibilidade de servir à comunidade acadêmica e imperatrizense como servidora da instituição que foi responsável pela minha educação formal em nível superior, exercendo o papel de mediadora e colaboradora na formação de muitos acadêmicos. Gosto do trabalho que desenvolvo nesta instituição pelo ambiente agradável e o significado dela na minha vida e para a sociedade.

Desde quando retornei para a UFMA como servidora, busquei dar continuidade ao meu processo de formação. E a instituição me oportunizou alavancar esse processo. Participei de muitas capacitações, formações, durante os dezenove (19) anos que estou aqui. Posso destacar a especialização em Gestão Escolar e o Mestrado em Educação oferecidos pela UFMA. Ambas as formações contribuíram para uma melhor compreensão sobre a dinâmica da gestão na educação, bem como, o funcionamento da política, organização, planejamento e prática educacional e o papel do gestor na manutenção da qualidade da educação, contribuindo, assim, na condução do meu trabalho. Certamente todo esse aprendizado foi aplicado nas minhas ações na instituição todas as vezes que estive coordenando equipes e atividades, colaborando para que conseguisse conduzir com responsabilidade, eficiência, eficácia e inovação as diversas ações realizadas. Poder participar da construção de projetos educacionais junto à direção e coordenações de cursos, e ter a oportunidade de conduzir processos que auxiliam os acadêmicos a permanecerem na instituição, mantendo-se com mais leveza até a conclusão do seu curso, são fazeres que muito me sensibilizam e orgulham. E o reconhecimento pelo trabalho que venho desempenhando ao longo dos anos na instituição chegou de forma contundente quando fui indicada por meus pares para receber a Distinção Honorífica – Palmas Universitárias em 2019.

Enfim, o desafio a que me submeti, da elaboração do presente depoimento, tornou possível uma reflexão sobre a prática profissional a partir da formação escolar e percebendo as influências de cada momento histórico, analisando posturas e concepções que conduzem para a sistematização da práxis. Tudo isso, atravessado por uma instituição que, com muito cuidado, zelo e responsabilidade, sempre soube conduzir com maestria os processos de aprendizagem. O mundo hoje, marcado pela cultura da globalização, tem o conhecimento como essencial e traz consigo novas necessidades e demandas inovadoras. No campo educacional não é diferente, além dessa motivação inerente a qualquer área profissional, tem-se o grande diferencial de ser oficialmente responsável pela formação de pessoas, e com o grande desafio de viabilizar a educação formal, garantindo qualidade em todas as suas dimensões e de forma atualizada. E, nesse aspecto, a UFMA cumpre com primazia seu papel de instituição educacional.

Ao longo de mais de quatro décadas, é possível observar o quanto o Centro de Ciências de Imperatriz avançou e continua avançando em suas várias dimensões. Sempre buscando acompanhar a evolução da ciência e da sociedade. Aquele Câmpus que nasceu com o curso

de Direito seguido pelo de Pedagogia, à luz de velas (que não tem significado romântico, mas sim, retrata a condição vivenciada pela constante falta de energia elétrica na cidade), em prédio emprestado, hoje conta com duas unidades onde funcionam nove cursos de graduação, seis cursos de mestrado e três cursos de doutorado. Possui um quadro muito ampliado de professores doutores e mestres e quantidade considerável de técnicos -administrativos, sendo que a maioria possui formação superior à exigência do cargo ocupado, e todos são muito competentes. Tem, ainda, uma vasta quantidade de projetos de pesquisa, ensino e extensão, contribuindo com o desenvolvimento da ciência e da comunidade acadêmica e imperatrizense, muitos deles premiados por instituições de fomento. Oferece ensino de excelência, com inclusão. Ofertando meios pedagógicos e socioeconômicos aos que necessitam para que possam entrar, permanecer e concluir no tempo certo um curso superior na Universidade Federal do Maranhão – Centro de Ciências de Imperatriz.

Portanto, mediante tudo isso, tanto no que se refere aos aspectos da formação e da vida profissional, quanto à prática da cidadania de forma plena, continua muito forte em mim o desejo de continuar colaborando com a construção dessa instituição que muito me orgulha, por oferecer educação pública e de qualidade, sendo vocacionada a fortalecer o ensino superior e contribuindo com o desenvolvimento científico, social, cultural e econômico do lugar em que se encontra instalada, a Região Tocantina do Maranhão. Que o ensino e a aprendizagem sejam sempre uma realidade presente e constante, buscando dar visibilidade para a importância da educação formal para o desenvolvimento de uma comunidade e da humanidade, cooperando, assim, com a construção de uma sociedade mais justa, honesta, igualitária e democrática.

MINHA HISTÓRIA COM A UFMA: MEMÓRIAS QUE PERMANECEM

Ivetilde Nascimento Delgado Mota[1]

— Não, não pode. Mãe não estuda.

Lembro-me dessa cena como se tivesse acontecido ontem. Minha filha tinha apenas três anos quando fui aprovada no vestibular e lhe expliquei que, durante as noites, ela ficaria com o pai porque sua mãe iria para a universidade. Com as mãozinhas apoiadas na cintura e uma expressão séria no rosto, respondeu de forma categórica aquilo que, provavelmente, fazia sentido para uma criança daquela idade, acostumada a ter a presença da mãe em casa todas as noites. Naquele instante, ela não compreendia que sua mãe estava prestes a realizar um dos maiores sonhos de sua vida.

Era 1992, e eu ingressava no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de Imperatriz, atual Centro de Ciências de Imperatriz (CCIm), no segundo semestre daquele ano. Aos 23 anos, já era esposa e mãe, condição que tornava aquela conquista ainda mais significativa. Entrar no câmpus como estudante universitária representava a realização de um sonho alimentado por muitos anos. Recordo da emoção que senti ao atravessar seus espaços pela primeira vez. Meu coração pulsava entre alegria, orgulho e esperança. Eu sabia que estava iniciando uma nova etapa de vida, embora ainda não pudesse imaginar o quanto aquela experiência transformaria minha história.

No início da década de 1990, o acesso ao ensino superior ainda era uma realidade distante para muitas famílias maranhenses, especialmente para mulheres que já haviam constituído família e assumido responsabilidades domésticas e maternas. Em meu contexto social, cursar uma universidade pública era um sonho que parecia reservado a poucos. Por isso, o ingresso na UFMA representou não apenas uma conquista individual, mas também uma vitória compartilhada por todas as pessoas que acreditavam no poder transformador da educação. Ao atravessar os portões da universidade, sentia-me parte de algo maior, a UFMA representava um universo novo de conhecimentos, experiências e possibilidades.

Os anos que se seguiram, entre 1992 a 1997, foram marcados por descobertas, aprendizados e desafios. A universidade era muito mais do que um espaço de formação acadêmica; era um lugar de crescimento humano, de ampliação de horizontes e de construção de identidades. Cada disciplina cursada, cada trabalho realizado, cada debate em sala de aula e cada convivência estabelecida contribuíram para formar a profissional e a pessoa que hoje sou. Cada aula assistida reforçou a certeza de que a educação pode ampliar horizontes e transformar destinos. As lembranças desses anos permanecem vivas. Recordo com carinho da sala de aula, das aulas, dos corredores movimentados, da convivência com colegas e professores, e das conversas que se prolongavam após os trabalhos em grupo nos fins de semana. Meu grupo de

[1] Pedagoga - CCIM/UFMA. ivetilde.delgado@ufma.br

estudo era formado por seis mulheres.

Ao longo da graduação, encontrei docentes que marcaram profundamente minha formação humana e profissional. Cada disciplina oferecia novas possibilidades de compreender a educação, a sociedade e o papel transformador da professora, do professor. Muitas vezes, as reflexões iniciadas em sala de aula prosseguiam pelos corredores da universidade ou nos encontros dos grupos de estudo. Eram momentos em que aprendíamos não apenas os conteúdos acadêmicos, mas também a argumentar, ouvir diferentes pontos de vista, construir pensamento crítico e fortalecer nossa identidade como futuras educadoras.

Houve professoras e professores que ultrapassaram os limites da sala de aula e permanecem vivos em minha memória mesmo décadas depois. Não apenas pelo conhecimento que compartilharam, mas pela forma como despertaram inquietações, ampliaram horizontes e nos ensinaram a olhar o mundo com mais sensibilidade e senso crítico. Com o passar dos anos, compreendi que a influência desses mestres ultrapassou o período da graduação. Muitos de seus ensinamentos permanecem presentes em minha prática profissional e na maneira como compreendo a educação e as relações humanas.

Guardo especial admiração pelas professoras Lélia, Iracy, Francimar, Rosa Nunes e Simone, entre outras que contribuíram para minha formação e deixaram marcas em minha trajetória acadêmica. De modo muito particular, recordo o professor José Batista de Oliveira, cujas aulas de Filosofia e História da Educação ampliaram minha visão de mundo e despertaram reflexões que permanecem atuais em minha prática. Tive ainda o privilégio de contar com sua orientação na elaboração da monografia, etapa decisiva da minha formação, conduzida com competência, generosidade e incentivo constante.

As amizades construídas na universidade atravessaram o tempo. Algumas colegas dos grupos de estudo tornaram-se amigas para a vida inteira. Compartilhamos sonhos, preocupações, conquistas e desafios. Com o passar dos anos, tornaram-se também companheiras de profissão, comadres e parceiras nas alegrias e nos dissabores que fazem parte da caminhada humana. A universidade nos formou academicamente, mas também teceu laços afetivos que permanecem vivos até hoje.

A vida universitária, entretanto, não foi construída sem dificuldades. Eu morava em um bairro periférico, distante do câmpus, onde sequer havia iluminação pública adequada. Muitas residências dependiam de ligações improvisadas de energia elétrica. Existia apenas uma linha de transporte coletivo para atender a comunidade. O ônibus frequentemente atrasava na ida, mas nunca no último horário da noite. Quando eu o perdia, começava uma verdadeira operação para conseguir voltar para casa. Dependia da solidariedade de colegas que moravam em bairros próximos e, algumas vezes, da bondade da professora Francimar, que, em seu fusquinha, ajudava alguns estudantes a encurtar o caminho até seus lares.

Em meio a essas dificuldades, enfrentei também os desafios de conciliar os estudos com a maternidade. Durante o curso, vivi a experiência do nascimento do meu filho, em pleno semestre letivo, o que trouxe novos desafios e exigiu uma reorganização completa da rotina. Foram

tempos de cansaço, reorganizações e persistência. Conciliar maternidade e vida universitária exigiu uma capacidade de organização que, muitas vezes, eu nem sabia que possuía. Os dias começavam cedo e terminavam tarde. Entre os cuidados com a casa, as responsabilidades familiares, as demandas acadêmicas e o trabalho, era preciso encontrar tempo para estudar, elaborar trabalhos e preparar apresentações.

Muitas leituras foram realizadas enquanto as crianças dormiam. Diversos textos foram estudados durante madrugadas silenciosas, quando finalmente a casa repousava e eu podia dedicar algumas horas aos livros. Houve momentos de cansaço extremo, em que parecia impossível atender a todas as exigências daquele período. Ainda assim, o desejo de concluir a graduação sempre falava mais alto. E todas as dificuldades, em vez de me afastar do sonho, fortaleciam minha determinação. Eu queria que meus filhos crescessem compreendendo o valor da educação, do esforço e da persistência diante das dificuldades. Hoje compreendo que cada obstáculo enfrentado fortaleceu minha capacidade de seguir adiante e reafirmou meu compromisso com a educação.

Recordo ainda que minha turma teve a oportunidade de participar de momentos importantes da história do câmpus. Estivemos à frente da criação, planejamento e organização da primeira e da segunda Semana da Pedagogia, eventos que abriram as portas da universidade para a comunidade externa, oferecendo palestras, debates e minicursos destinados a professoras e professores das redes pública e privada de ensino. Também participamos de importantes movimentos institucionais, entre eles a primeira eleição local para a direção do câmpus, contribuindo para o fortalecimento da gestão democrática universitária.

Entre tantas recordações, permanecem vivas as emoções da defesa da monografia, da conclusão do curso e da formatura, celebrada em um lindo baile no mês de outubro de 1997. Aquele momento representava muito mais que a obtenção de um diploma. Era a concretização de um sonho construído entre maternidade, estudos, limitações financeiras, longos deslocamentos e muita determinação.

O tempo passou, mas minha ligação com a UFMA nunca se desfez. Retornei à instituição como professora substituta no início dos anos 2000. Mais tarde, entre 2011 e 2016, atuei no Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), contribuindo para a formação de docentes em exercício. Cada reencontro com a universidade revigorava em mim o sentimento de pertencimento.

Hoje, tenho o privilégio de atuar como Pedagoga no mesmo câmpus onde me formei. Caminhar diariamente pelos espaços, mesmo com algumas mudanças, que fizeram parte da minha juventude, provoca uma sensação difícil de traduzir em palavras. É como encontrar, em cada corredor, fragmentos da jovem sonhadora que fui um dia e perceber que ela continua presente em mim. Voltar à UFMA como servidora concursada confirmou a escolha profissional que fiz ainda na casa dos vinte anos. A instituição que me acolheu como estudante tornou-se também o lugar onde fortaleci minha carreira e reafirmei meu compromisso com a educação pública.

Atualmente, integro a equipe da Assistência Estudantil, vinculada à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis. Tenho profundo apreço pelo trabalho que realizo, pois participo de uma equipe multiprofissional comprometida com a permanência e o sucesso acadêmico dos estudantes. Nossa atuação busca assegurar, prioritariamente, que discentes em situação de vulnerabilidade social e/ou com deficiência encontrem condições para permanecer na universidade e concluir sua formação. Ao acompanhar suas trajetórias, frequentemente reencontro aspectos da minha própria história.

Embora as realidades tenham mudado ao longo das décadas, continuo reconhecendo a força transformadora da educação e a importância das oportunidades oferecidas pela universidade pública. Em muitos momentos, sinto que estou retribuindo à instituição parte do que ela me proporcionou. Quando observo os/as estudantes que chegam carregando sonhos, inseguranças e expectativas, lembro daquela jovem mãe que, em 1992, atravessou os portões da universidade acreditando que a educação poderia transformar sua vida. E transformou.

Hoje, olhando para trás, percebo que a UFMA representa muito mais do que o lugar onde me graduei. Ela é parte da minha história, da minha identidade e do meu projeto de vida. Foi o espaço onde cresci como estudante, educadora, mãe e cidadã. E, ao revisitar minha trajetória, também volto o olhar para a UFMA dos dias atuais. A Universidade que um dia acolheu meus sonhos continua a se reinventar, reafirmando seu compromisso com a formação acadêmica, a produção científica, a extensão universitária e a transformação social. Atualmente, a instituição investe na modernização de sua infraestrutura, no fortalecimento da pesquisa, da inovação e da internacionalização, além da ampliação das políticas de assistência estudantil, buscando oferecer uma formação cada vez mais qualificada, inclusiva e socialmente comprometida. Ao acompanhar essa evolução, percebo que a UFMA preserva sua essência como universidade pública voltada para o desenvolvimento do Maranhão, sem deixar de responder aos desafios de um mundo em constante transformação.

Ao contemplar essa universidade que busca crescer, inevitavelmente reencontro a jovem que, em 1992, atravessou seus portões carregando sonhos, inseguranças e o desejo de construir um futuro por meio da educação. Aquela estudante de Pedagogia talvez não imaginasse que as experiências vividas em suas salas de aula, corredores, biblioteca e espaços de convivência ultrapassariam os limites da formação acadêmica para se tornarem parte indissociável de sua identidade. Como já dito, foi na UFMA que aprendi a olhar a educação como prática transformadora, desenvolvi o pensamento crítico, compreendi o valor do compromisso social e fortaleci convicções que continuam orientando minha caminhada.

E então, recentemente, ao retornar à vida universitária para cursar Psicologia, percebi que muito da profissional e pesquisadora que me tornei teve suas raízes lançadas naquele primeiro encontro com a universidade. Os conhecimentos adquiridos, as relações construídas e os valores cultivados ao longo daqueles anos permaneceram vivos, servindo de alicerce para novos desafios acadêmicos e profissionais. Hoje compreendo que minha história não se divide entre a pedagoga e a psicóloga recém-formada; ao contrário, ambas se entrelaçam em uma

trajetória marcada pelo compromisso com a educação, com o desenvolvimento humano e com a transformação social.

Encerrar estas memórias é reconhecer que o tempo passou, que a universidade mudou e que eu também mudei. Entretanto, algumas experiências permanecem intactas na memória e no coração. A UFMA, Câmpus Imperatriz, não foi apenas o lugar onde cursei uma graduação; foi o espaço onde amadureci, construí amizades, encontrei mestres inspiradores, aprendi a pensar criticamente e descobri que o conhecimento é capaz de transformar vidas. Por isso, ao olhar para trás, sinto profunda gratidão pela instituição que contribuiu decisivamente para minha formação humana e profissional. As memórias aqui registradas não pertencem apenas ao passado; elas continuam presentes em cada escolha que faço, em cada estudante que acompanho, que acolho em minha prática profissional. Afinal, algumas universidades formam profissionais; outras, como a UFMA, ajudam a formar histórias de vida. Entre as memórias do passado e os desafios do presente, permanece vivo o sentimento de gratidão por fazer parte dessa história e por continuar escrevendo, todos os dias, novos capítulos dessa caminhada iniciada há mais de três décadas.

Se minha filha (hoje doutoranda, pesquisadora em laboratórios da UFMA) estivesse novamente diante de mim, naquela cena de tantos anos atrás, eu reafirmaria sorrindo o que lhe respondi na época: “Sim, minha filha. Mãe estuda. E continua aprendendo até hoje.”

ENTRE MALOTES E PROCESSOS DIGITAIS: MEMÓRIAS DE UMA ADMINISTRADORA DA UFMA EM IMPERATRIZ

Eliziane Lima Rosa[1]

Contar um pouco dessa história significa também revisitar parte da minha trajetória. Sou imperatrizense e, ainda na graduação, tive como professora uma servidora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), cuja trajetória profissional despertou em mim o desejo de construir uma carreira em uma universidade federal.

Anos depois, já servidora de uma universidade federal, retornei, em 2015, à minha cidade natal, por meio da redistribuição para a UFMA. Uma coincidência tornou esse retorno ainda mais significativo: passei a ocupar justamente a mesa que havia pertencido àquela professora.

Cheguei à UFMA durante a gestão da professora Nair Portela, primeira mulher a assumir a Reitoria da Universidade. Em Imperatriz, o professor Gabriel Leite exercia, naquele momento, a direção *pro tempore* do câmpus. Dele, guardo a lembrança de um professor experiente, sereno e de trato simples.

A ADMINISTRAÇÃO QUE ENCONTREI

A rotina administrativa da UFMA em Imperatriz era diferente daquela que eu conhecia na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), onde trabalhava no câmpus da Reitoria, na Pró-Reitoria de Administração. Em Imperatriz, muitas demandas precisavam seguir para São Luís, tornando a espera parte do cotidiano. Com o tempo, a modernização dos processos reduziu essas distâncias, embora muitas decisões permaneçam centralizadas na sede.

Quando cheguei à UFMA, boa parte da rotina da Administração envolvia demandas de infraestrutura e o acompanhamento de contratos de serviços continuados. O câmpus de Imperatriz já contava com uma estrutura descentralizada da Superintendência de Infraestrutura, que permanece até hoje e, naquele período, estava sob a responsabilidade do professor Alan Ribeiro, de quem guardo boas lembranças pela forma leve e aberta ao diálogo com que conduzia o trabalho.

Naquele início, eu dividia minha rotina entre as unidades Prof. José Batista e Bom Jesus. Com a chegada de Thaís Silva, também administradora, encontrei uma parceira sempre aberta ao diálogo e ao trabalho conjunto. Passamos então a dividir essa atuação: ela ficou mais diretamente no Bom Jesus e eu na Unidade Prof. José Batista (antigamente denominada Unidade Centro), mantendo o trabalho conjunto nas demandas das duas unidades.

[1] Mestre em Planejamento e Desenvolvimento Regional. Administradora do CCIm/UFMA. E-mail: eliziane.rosa@ufma.br.

A ADMINISTRAÇÃO EM TRANSFORMAÇÃO

Ao olhar para aquela época, algumas rotinas mostram de maneira muito concreta o quanto a administração mudou. As reservas são um exemplo. Quando cheguei, o controle era feito em cadernos. Posteriormente, migramos para planilhas eletrônicas. Mais adiante, buscamos uma forma de não apenas organizar internamente essas informações, mas também dar publicidade a elas. Atualmente, a comunidade acadêmica consegue consultar a disponibilidade dos espaços por meio de link disponibilizado no site institucional antes mesmo de solicitar uma reserva.

Essa transformação fica evidente quando me lembro dos processos físicos. Antes do Sistema Eletrônico de Informações (SEI), os processos eram montados em papel e enviados a São Luís por malote, em dias determinados. Se não ficassem prontos a tempo, precisavam aguardar o envio seguinte.

A implantação do SEI modificou profundamente essa dinâmica. A tramitação eletrônica tornou os processos mais rápidos e facilitou o acompanhamento e a comunicação com os setores da sede. Quando comparo um processo volumoso aguardando o próximo malote com um processo que hoje pode ser encaminhado eletronicamente, consigo dimensionar o tamanho da mudança que vivenciamos em poucos anos.

A gestão dos materiais de expediente passou por transformação semelhante. Quando cheguei, encaminhávamos ao Almoxarifado Central, vinculado à então Pró-Reitoria de Gestão e Finanças (PROGF), uma relação dos materiais de que necessitávamos. Recebíamos os materiais que o Almoxarifado Central conseguia disponibilizar, transportados pelo caminhão da Universidade. Como a rota atendia também outros campi, a entrega em Imperatriz, por vezes, demorava. Nem sempre era fácil consultar previamente o que havia disponível e, muitas vezes, fazíamos nossas solicitações sem ter essa informação completa do que tinha o que não tinha.

Além da espera pelos materiais, precisávamos manter um almoxarifado local para armazená-los e distribuí-los aos setores à medida que eram requisitados. Como não dispúnhamos, no sistema da Universidade, de uma ferramenta para esse controle, acompanhávamos os estoques por meio de planilhas.

A implantação do almoxarifado virtual modificou significativamente essa realidade. As unidades passaram a administrar um orçamento destinado a essas aquisições ao longo do ano, os pedidos passaram a chegar em menor prazo e diminuiu a necessidade de manter estoques locais.

Em 2017, vivemos também uma mudança na organização dos setores administrativos. A partir de uma proposta que tive a oportunidade de elaborar, foi criada uma unidade para articular essas atividades. Hugo Marini assumiu inicialmente a função e, após sua redistribuição, passei a exercê-la. No dia a dia, essa organização facilitava a comunicação entre os setores e nos ajudava a encaminhar e resolver com mais rapidez muitas das demandas que surgiam. Essa estrutura permaneceu até 2021, quando os setores voltaram a ficar diretamente vinculados à Direção de Centro.

As aquisições também foram mudando ao longo dos anos. Durante muito tempo, encaminhávamos nossas demandas para São Luís e éramos atendidos conforme a disponibilidade da administração central. A partir de 2024, com o Plano de Contratações Anual (PCA), passamos a planejar com antecedência as necessidades da unidade e a definir as prioridades para o ano seguinte.

Ao longo dos anos, a Administração passou também a acompanhar a elaboração dos relatórios de gestão dos setores administrativos e das coordenações de curso, contribuindo para o registro das ações desenvolvidas na Universidade. Nesse período, acompanhei ainda mudanças nos espaços físicos, melhorias na acessibilidade e a expansão da pós-graduação, contribuindo, nos bastidores, para a organização dos espaços, mobiliários e equipamentos necessários aos novos programas.

MEMÓRIAS PARA ALÉM DA ROTINA ADMINISTRATIVA

Em 2018, a coleta seletiva passou a fazer parte da rotina das unidades Prof. José Batista e Bom Jesus e, durante um período, conseguimos mantê-la em funcionamento. A iniciativa contou com a parceria da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e da ASCOM, hoje Núcleo de Comunicação, conduzida por Lígia Guimarães, profissional criativa e dedicada, sempre com boas ideias para aproximar nossas ações da comunidade. Foi dela o nome da campanha "Acerte a lata: recicle seus hábitos".

Lembro-me com carinho da Comenda Alberto Franklin, cujo projeto elaborei durante a gestão do professor Daniel Duarte, um diretor que acolhia e incentivava nossas ideias. Foi um daqueles momentos especiais em que reunimos os servidores para reconhecer as trajetórias de quem ajudava a construir a Universidade.

O acolhimento aos estudantes também foi se transformando. Em 2020, durante a gestão do professor Natalino Salgado, foi realizado o primeiro Show de Acolhida. Em Imperatriz, participei de sua organização junto com o então diretor, professor Daniel. A iniciativa reuniu atividades artísticas e culturais e, ao longo dos anos, o acolhimento aos novos estudantes foi se consolidando no calendário da Universidade.

Outro momento marcante foi a demolição de dois blocos de madeira da Unidade Prof. José Batista, com a perda de pelo menos sete salas de aula. Foi preciso reorganizar os espaços e utilizar salas da Escola Municipal Tocantins, parceria que permanece até hoje. Atualmente, novas salas de aula estão sendo construídas na Unidade Prof. José Batista.

Outras mudanças foram acontecendo no próprio cotidiano da Universidade. Lembro-me de quando alguns setores administrativos deixaram as salas separadas e passaram a funcionar em um espaço integrado, no formato *open space*. Foi uma mudança significativa na forma de trabalhar, já que passamos a compartilhar o mesmo ambiente.

Até o nome do Centro mudou: de Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia (CCSST) para Centro de Ciências de Imperatriz (CCIm). Depois de tantos anos, levamos meses

para nos acostumar com a nova sigla.

Mais recentemente, na gestão do professor Leonardo Hunaldo, destaco sua capacidade de articulação, que trouxe importantes parcerias para a Universidade. Em uma delas, tive a oportunidade de elaborar com ele um projeto a partir de uma iniciativa do Ministério Público do Trabalho, que possibilitou a aquisição de equipamentos e mobiliários para as unidades Prof. José Batista e Bom Jesus. Foi muito bom acompanhar a chegada desses materiais e vê-los sendo incorporados aos espaços da Universidade.

A UNIVERSIDADE QUE VI SE TRANSFORMAR

Não seria possível, entretanto, falar das transformações vividas nesse período sem mencionar a pandemia de Covid-19. A pandemia também marcou uma mudança importante nas rotinas administrativas. O atendimento, antes predominantemente presencial, passou a incorporar de forma mais intensa o e-mail institucional, os processos eletrônicos e outras formas de comunicação a distância. Muitas dessas práticas permaneceram após o retorno presencial, ampliando o registro e a rastreabilidade das demandas e acelerando uma transformação digital que já estava em curso.

Quando comparo a UFMA em Imperatriz que encontrei em 2015 com a de hoje, reconheço uma Universidade que se transformou diante dos meus olhos. Entre malotes e processos digitais, estão as histórias de muitas pessoas que ajudaram a construir essa trajetória. A minha é uma delas - e tenho orgulho de ter vivido essa história por dentro.

COMUNICAÇÃO E MEMÓRIA: O DESAFIO DE CELEBRAR O PASSADO

Lígia Regina Guimarães Clemente[1]

Já no fechamento desta obra, após ler com cuidado os mais de 40 textos, percebi que seria interessante deixar também o registro memorialístico do trabalho do setor de Comunicação do Centro de Ciências de Imperatriz (CCIm) e, de forma particular, o nosso trabalho coletivo para que pudéssemos construir esse livro que registrasse as memórias de uma Universidade em movimento.

Começo dizendo que é muito difícil celebrar o passado, referenciar os que fizeram parte e buscar as lacunas da história. Digo isso porque estamos imersos nas demandas do presente e no planejamento do futuro a curto e médio prazo. Isso vale para todas as instituições, mas no trabalho específico em uma Universidade, precisamos atender uma demanda ampla, complexa e permanente. Precisamos sempre garantir a qualidade e o rigor em todos os processos que dizem respeito a uma instituição de credibilidade como a nossa, buscamos a inovação, a inclusão, a permanência estudantil, o retorno social, a qualidade das pesquisas, a transparência, o compromisso com o público e tantos atributos que precisam sempre ser priorizados e alcançados. E como, no meio disso tudo, olhar para trás e celebrar o passado? É, sem dúvida, um grande desafio.

As ações memorialísticas, as homenagens e os agradecimentos costumam ficar ali, guardadinhos, para um momento oportuno. Mas é preciso espremer a agenda, cavar um espaço e construir os monumentos da história. A memória institucional precisa do seu espaço. Ela precisa ser buscada, registrada e cuidada enquanto as vozes ainda podem ser ouvidas e enquanto os documentos, as fotografias e as lembranças ainda podem nos contar quem fomos. Toda instituição é também feita de memórias e preservar essas memórias é uma forma de reconhecer aqueles que a construíram e celebrar as marcas de uma trajetória.

Resolvi realizar este depoimento para contar, a partir da nossa perspectiva particular, sobre como Comunicação e Memória se entrecruzam.

UM POUCO DA HISTÓRIA DO SETOR DE COMUNICAÇÃO NO CCIM

Sou jornalista, egressa da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) - São Luís. Quando cheguei em Imperatriz, em 2011, como Editora de Publicações concursada da Universidade, com a proposta de organizar o setor de comunicação de um câmpus que estava em plena expansão, tomei um susto. Notei que as pessoas da cidade não sabiam ao certo onde era a UFMA, confundiam com a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) ou com instituições privadas, não sabiam exatamente de que instituição se tratava. Eu vinha de São Luís, outra

[1] Doutora em Comunicação (UFG). Editora de Publicações CCIM/UFMA. E-mail: ligia.guimaraes@ufma.br

realidade. Na capital, a UFMA era a principal referência de ensino superior, era a melhor, uma das poucas, era aquela que se sonhava entrar desde a infância (como era meu caso), era quase inalcançável, era sinônimo de qualidade e credibilidade. Entendi que um câmpus no interior enfrentava muitos desafios (além de infraestrutura, pessoal, entre tantos outros) também o de visibilidade e de referencialidade.

Àquela época, o curso de Jornalismo da UFMA em Imperatriz já estava formando seus primeiros profissionais e eles precisavam de um campo de estágio para atuar, supervisionados por um profissional da área. Havia pouquíssimos campos de estágio na cidade que atendessem aos requisitos naquele momento. Ali começamos uma parceria importante que perdura até hoje (15 anos depois).

Começamos a construir um Núcleo de Assessoria de Comunicação na UFMA em Imperatriz. Ele serviria tanto como campo de estágio quanto para dar visibilidade à Universidade. A profª Roseane Arcanjo Pinheiro já vinha abrindo o espaço, realizando as atividades de assessoria de comunicação como um projeto de extensão vinculado ao curso de Jornalismo. Naquele primeiro ano, recebi 11 estagiários no setor. Trabalhamos com as poucas ferramentas que tínhamos para fazer a UFMA ser vista, aparecer na mídia e ser conhecida. O mundo ainda era outro, as instituições não estavam muito nas redes sociais. Estávamos quase todos os dias nos jornais impressos da cidade, tínhamos coluna fixa, cavávamos pautas, nossos professores davam entrevistas para TV e rádio e, aos poucos, fomos institucionalizando, organizando e planejando estrategicamente o trabalho de comunicação do câmpus. Estávamos vinculados ao Centro de Ciências de Imperatriz (antes chamado Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia), mas alinhados às diretrizes do setor em São Luís, hoje a Diretoria de Comunicação (DCOM). A UFMA de Imperatriz precisava aparecer no mapa, tanto para a sociedade local, quanto para a própria UFMA.

Ainda hoje sou a única servidora do setor. Coordeno uma equipe composta por um colaborador da área de audiovisual e alguns bolsistas e estagiários, estudantes do curso de Jornalismo. Eles dão forma e cor às atividades da instituição na mídia e nos nossos canais institucionais. Ao longo desse tempo já passaram pelo Núcleo, sob minha supervisão, quase cem estudantes do curso. Preciso deixar registrado o quanto é delicioso trabalhar com os jovens que estão com um pé na universidade e com o outro, no mercado de trabalho. Fico muito feliz em ver o quanto eles aprendem, contribuem, dão um fôlego novo, um olhar jovial, se espantam com o mundo real, escrevem um pouquinho da história da UFMA e depois alçam seus próprios voos, quando se formam e conquistam novos espaços. Às vezes, eles voltam rapidinho para comer um bolo e dar um abraço. Também deixo o registro da atuação importante do querido prof. Ricardo Alvarenga como coordenador no Núcleo enquanto eu estive afastada para o doutorado, com uma contribuição inovadora e criativa.

A comunicação nos dias de hoje é outra, é dinâmica, é audiovisual, é interativa. Produzimos conteúdos em fluxo contínuo em diversos formatos, para site, redes sociais, vídeos, TV UFMA, rádio, podcast, revista, boletins eletrônicos, panfletos, fanzines, livros e tantas

outras plataformas que se façam necessárias. Vamos nos adaptando às inovações tecnológicas, mas o mais importante é a qualidade do conteúdo, como eu sempre digo para a nossa equipe. A gente não pode errar nunca. Estamos na linha de frente. Se a gente escrever algo errado em um post na rede social, por exemplo, não fui eu que errei, foi a UFMA que errou. É uma instituição séria, com credibilidade, e isso precisa chegar antes do nosso trabalho. Antes de publicar algo, sempre primamos por checar as informações, revisar, manter o rigor, o bom senso e a qualidade. Somos fonte primária de informação. Então a gente checa mais uma vez.

A Universidade também é outra. Aquela UFMA que não se sabia ao certo onde ficava hoje é uma instituição referenciada. Está mais perto da sociedade, oferece nove possibilidades de cursos de graduação, seis mestrados, três doutorados, tem cursinho popular, uma Unidade Básica de Saúde que funciona dentro do câmpus e oferta tantas outras atividades e ações para a comunidade. É uma instituição enorme, faz pesquisa de ponta, ganha prêmios, pratica esporte, é inclusiva e, às vezes, até repercute em nível nacional. O trabalho de comunicação é importante, mas ele sozinho não faz milagre. Hoje a UFMA em Imperatriz é reconhecida pela qualidade de seu capital humano, qualificado e empenhado.

Figura 1- Reunião de Pauta do Núcleo de Comunicação do CCIM em março de 2026



Fonte: Acervo da Universidade (2026).

E A MEMÓRIA? JÁ IA ESQUECENDO

Não há *glamour* no percurso. Como lembra Michel de Certeau, esse percurso se faz enquanto caminhamos, nas práticas cotidianas. E, muitas vezes, esse caminho cotidiano é desgastante e, por vezes, desmotivador.

O trunfo, o prêmio ou a honraria coroam o trabalho árduo e, às vezes, até quase invisível

(solitário ou coletivo) do pesquisador, do gestor e do corpo técnico. E quando não vem um trunfo memorável? Fica só o percurso.

Ao longo do processo de consolidar a imagem da UFMA na região, eu percebia o quanto a memória institucional precisava de atenção. Esse passado precisava ser resgatado e celebrado. Mas sempre foi difícil, no meio de tantas novidades, parar para celebrar o que já passou. Em 2020, o Centro de Ciências de Imperatriz comemorou 40 anos de atividades. No ano anterior, em 2019, elaborei um projeto na modalidade Foco Acadêmico[2], com objetivo de fazer o resgate da memória da instituição. A proposta era vasculhar documentos antigos e digitalizá-los, buscar os pedaços da história da Universidade, realizar entrevistas com personagens que fizeram parte da instituição, além de também realizar ações comemorativas ao longo do ano de 2020. A parte documental e de entrevistas conseguimos realizar, inclusive rendeu alguns artigos; já a parte comemorativa não foi possível executar muito em razão da pandemia de Covid-19. Ficou guardada para um momento oportuno.

Nesse trabalho quase arqueológico de ir buscar documentos, entrevistar os personagens, percebi que essa história estava muito dispersa, com lacunas e que muito mais gente precisava ser ouvida. Era uma história de muitas dificuldades e desafios. Percebi também, por parte de algumas pessoas que fizeram parte dessa história, um certo ressentimento por não ter seu trabalho tão reconhecido e valorizado como gostariam. A universidade talvez deveria dizer a eles: "nos desculpem, é que, às vezes, a gente não consegue celebrar o passado! A universidade tem crescido muito. Olha aonde chegamos! Estamos no futuro". Mas é preciso espremer a agenda, cavar um espaço e construir os monumentos da história.

Em 2026, na ocasião da comemoração dos 60 anos da Universidade, decidimos reverenciar a relevância da UFMA em Imperatriz e celebrar o passado. Juntamente com o diretor do CCIm Leonardo Hunaldo dos Santos e o técnico Bruno Almeida dos Santos Barros, pensamos em uma agenda comemorativa e, dentre outras ações, de forma muita entusiasmada, priorizamos escrever um livro que contasse a história da Universidade a várias mãos.

Esse livro precisava ser escrito e fico feliz com o trabalho da comissão organizadora da obra, que fez acontecer. A comunidade acadêmica aderiu à nossa proposta de coletânea e tivemos como resultado não somente um, mas dois volumes complementares. Nossa obra conta essa história sob diversas perspectivas, de diferentes lugares institucionais (gestores, ex-gestores, docentes, técnicos-administrativos, discentes, egressos e aposentados) e sob uma rica pluralidade de tipologia textual (artigos estruturados, depoimentos, homenagens, relatos, entrevistas e ensaios), com espaços para análises críticas e subjetividades. São mais de 40 possibilidades e recortes sobre a história da UFMA em Imperatriz.

Aproveito para registrar brevemente o processo de construção da Galeria de Gestores e

[2] Fizeram parte do projeto, coordenado por Lígia Regina Guimarães Clemente - editora do Núcleo de Comunicação do CCIM: Daniel Duarte Costa, professor e ex-diretor do CCIM, Eliziane Rosa, administradora do CCIM, e os estudantes bolsistas do projeto Gabriel Pereira de Araújo, Marcelo Nunes Sousa Silva, Natália Paulo da Silva, Rafaela da Silva Carvalho e Susane Gomes dos Santos, dos cursos de Comunicação Social, Ciências Humanas e Direito.

Diretores do CCIM, no primeiro capítulo do Volume 1 desta obra. Organizar cronologicamente os nomes dos gestores parecia, a princípio, uma tarefa quase burocrática, mas revelou-se um exercício de investigação histórica e esforço humano para a reconstrução da memória institucional. Como as eleições para a direção começaram a ser realizadas somente em 1997, reconstituir a trajetória dos gestores que estiveram à frente da instituição entre 1980 e 1996 exigiu um cuidadoso trabalho de cruzamento de informações, consulta a documentos e escuta de relatos. Diante da ausência de registros conclusivos, recorremos à memória dos servidores mais antigos e, em alguns casos, à busca por familiares, na tentativa de preencher lacunas que o tempo havia deixado.

Destaco, nesse percurso, a busca das informações sobre o primeiro servidor que chegou a Imperatriz, em 1980, portando a portaria que lhe atribuía a missão de implantar a UFMA no município: José Rodrigues Lima. Seu nome não havia sido mencionado nos registros comemorativos da instituição até então. Falecido em 2010, havia poucas informações disponíveis sobre sua trajetória. Comecei, então, a cruzar dados e buscar possíveis contatos com seus familiares, especialmente sua viúva e sua filha. Depois de algumas tentativas por e-mail e redes sociais, consegui estabelecer contato ao ligar para o Superior Tribunal de Justiça (STJ), em Brasília, onde sua filha trabalha, e deixar um recado. Poucos minutos depois, ela retornou a ligação. Confirmou ser filha de José Rodrigues Lima e disse: "Que alegria, estou emocionada. É meu pai! Ele sempre amou essa Universidade". Era como se a família sempre estivesse aguardando aquela ligação. O contato deu um novo significado à pesquisa. Mais do que recuperar um nome para uma galeria, foi possível resgatar uma história familiar e reconhecer a participação de alguém cuja contribuição para a implantação da UFMA em Imperatriz corria o risco de permanecer esquecida. Os relatos, documentos e fotografias gentilmente compartilhados pela família passaram a integrar esta obra.

Nesses mais de 40 anos de história, esse é um dos nossos pequenos tijolinhos no monumento da história da universidade. Claro que ainda fica aquela sensação de que nem todo mundo foi contemplado e que partes da história podem ter ficado de fora. E com certeza ficaram. Mas o percurso se faz na tentativa, no risco e na certeza da incompletude. Alguém lá na frente pode e deve preencher as lacunas que faltam.

Comunicação e Memória se entrecruzam. Talvez seja essa uma das maiores contribuições da memória institucional: impedir que aquilo que foi construído cotidianamente, muitas vezes de forma silenciosa e quase invisível, desapareça com o tempo. Registrar é permitir que as histórias de quem construiu a instituição continuem a fazer parte dela. A comunicação dá visibilidade aos sujeitos, às experiências e às suas trajetórias; a memória impede que sejam apagados pelo tempo. Entre uma e outra, está o reconhecimento de que nenhuma instituição se faz apenas de grandes acontecimentos, prêmios ou homenagens, mas, sobretudo, das pessoas que, dia após dia, colocam seus passos no caminho e ajudam a construir a sua história. É nesse sentido que Comunicação e Memória se encontram: uma dá voz ao que foi vivido; a outra garante que essa voz continue ecoando.

POSFÁCIO

DO LEGADO AO FUTURO

Os dois volumes de "**UFMA em Imperatriz: mais de quatro décadas de legado**" representam um esforço coletivo de olhar para trás, reconhecer caminhos percorridos e registrar parte das muitas histórias que constituem a presença da Universidade Federal do Maranhão em Imperatriz. Ao reunir diferentes vozes, experiências, documentos, pesquisas, relatos e memórias, esta obra procurou construir não uma história definitiva, mas um registro possível de uma trajetória que permanece em expansão.

Percebemos que construímos não somente um registro memorialístico de uma instituição, mas produzimos um material robusto sobre Educação. Os dois volumes trazem um exemplo empírico e bem-sucedido do processo de interiorização e consolidação da educação superior no país.

Nos relatos presentes na obra, ninguém mencionou que foi fácil. Todos enfrentaram desafios e se dispuseram a continuar. Houve professor que enfrentou a falta de estrutura e frequentes quedas de energia e levou sua vela no bolso para acender e continuar a dar aula. E anos depois, houve professor com brilho nos olhos ao ver um equipamento de alta complexidade, como o difratômetro Empyrean, em pleno funcionamento em um câmpus no interior do Maranhão, materializando o sonho do avanço da pesquisa e da pós-graduação na Universidade.

Ao longo da organização desta coletânea, fomos percebendo que a história da Universidade não está apenas nos documentos oficiais, nas datas, nos atos administrativos ou nos grandes marcos institucionais. Ela também está nas salas de aula, nos laboratórios, nos projetos de extensão, nas pesquisas, nos corredores, na biblioteca, nos encontros, nas dificuldades enfrentadas, nas conquistas compartilhadas e nas relações construídas com a sociedade.

Está, sobretudo, nas pessoas.

Nos dois volumes, diferentes sujeitos assumem a palavra para contar aquilo que viram, viveram, pesquisaram, construíram e ajudaram a transformar. Docentes, técnicos-administrativos, estudantes, egressos, aposentados, gestores e colaboradores aparecem não apenas como personagens de uma história institucional, mas como sujeitos que produziram essa história.

Por isso, talvez o maior legado desta obra não esteja somente no que ela conseguiu reunir, mas na possibilidade de fazer com que essas vozes permaneçam disponíveis para quem vier depois.

O primeiro volume percorre as bases dessa trajetória: a interiorização da Universidade, a construção institucional do Câmpus de Imperatriz, a formação acadêmica, a criação dos cursos, as políticas de acesso e permanência e as histórias de pessoas que participaram da consolidação da UFMA na região. O segundo amplia esse olhar para a pesquisa, a pós-graduação, a extensão, as experiências acadêmicas e sociais e as memórias daqueles que também ajudaram a construir essa trajetória.

Juntos, os volumes revelam uma Universidade que não chegou pronta à Imperatriz. Foi sendo construída. Construída em meio a desafios, mudanças, conquistas, disputas, aprendizagens e reinvenções. Uma Universidade que cresceu ao mesmo tempo em que a cidade e a região se transformavam, e que também participou dessas transformações por meio da formação de profissionais, da produção científica, da extensão e da presença social.

O conjunto dos textos também revela que não existe uma única maneira de contar essa história. Essa pluralidade não é apenas uma característica editorial. É, em si mesma, uma dimensão da memória institucional que desejamos preservar. E é da reunião desses diferentes olhares que emerge uma imagem mais ampla da UFMA em Imperatriz.

Ao celebrarmos os 60 anos da Universidade Federal do Maranhão e os 46 anos de sua presença institucional em Imperatriz, celebramos conquistas, mas também reconhecemos os esforços, os sonhos e os desafios que tornaram possível chegar até aqui. A história registrada nestas páginas é feita de avanços e permanências, mas também de tentativas, recomeços e caminhos que precisaram ser construídos passo a passo. É por isso que esta obra pertence, ao mesmo tempo, ao passado, ao presente e ao futuro.

Ao concluir este trabalho, fica também a gratidão. Gratidão a todos aqueles que aceitaram compartilhar suas memórias, pesquisas, experiências e conhecimentos; aos autores que confiaram à Comissão Organizadora seus textos; aos que contribuíram com documentos, informações e relatos; e a todos os que, de diferentes maneiras, ajudaram a tornar possível esta publicação.

Fica, sobretudo, o reconhecimento de que **uma universidade é uma obra coletiva e inacabada**. Seus prédios podem mudar, seus cursos podem se transformar, suas estruturas administrativas podem ser reorganizadas, mas permanece aquilo que foi construído pelas pessoas e pelas gerações que passaram por ela.

Entregamos, portanto, esta obra ao leitor com a esperança de que estes dois volumes sejam mais do que um registro das últimas quase cinco décadas. Que sejam também um convite para olhar para a Universidade que temos, compreender a Universidade que construímos e imaginar a Universidade que ainda podemos construir.

A história continua. E, como toda história construída coletivamente, continuará sendo escrita por muitas mãos.

Comissão Organizadora

Lígia Regina Guimarães Clemente
Bruno Almeida dos Santos Barros
Leonardo Hunaldo dos Santos

Fonte: Ilustração visual (2026).

Realizado o Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme
a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

TÍTULO
UFMA EM IMPERATRIZ: MAIS DE QUATRO DÉCADAS DE LEGADO
Volume 2: Pesquisa, Extensão e Desenvolvimento Social

ORGANIZADORES	Lígia Regina Guimarães Clemente Bruno Almeida dos Santos Barros Leonardo Hunaldo dos Santos
SUPORTE	Digital
PROJETO GRÁFICO E CAPA	Rubem Rodrigues Silva Junior
PÁGINAS	190
TIPOGRAFIA	Times New Roman | CORPO Times New Roman | TÍTULOS Plus Jakarta Sans | CABEÇALHO

1966 ANOS 2026
SEMPRE MAIS

SIBi
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

EDITORA ASSOCIADA À ABEU
abeu.org.br

ISBN 978-65-5363-620-0